REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2026 – Nº 64 ISSN 1518-1766



DIRETORIA

Presidente:
Aleilton Santana da Fonseca
Vice-Presidente:
Edvaldo Pereira de Brito
1ª Secretário:
Carlos Jesus Ribeiro
2ª Secretária:
Heloísa Prata e Prazeres

1º Tesoureiro:
Nelson Cerqueira
2ª Tesoureiro:
Paulo Ormindo de Azevedo
Diretora do Arquivo:
Edilene Dias Matos
Diretor da Biblioteca:
Armando Avena Filho
Diretor de Informática:
Décio Torres Cruz
Diretor da Revista
Fernando da Rocha Peres

CONSELHO EDITORIAL

Cleise Furtado Mendes
Mirella Márcia Longo Vieira Lima
Ruy Espinheira Filho

CONSELHO DE CONTAS E PATRIMÔNIO

Evelina de Carvalho Sá Hoisel
Lia de Carvalho Robatto
Urânia Tourinho Peres

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Patrocínio

Lei Rouanet

CAIXA Vida e Previdência

CAIXA Capitalização

CAIXA Consórcio

CAIXA Assistência

Realização

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Ministério da Cultura apresenta:

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2026 — Número 64

ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2026
ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil
Telefax (71) 3321-4308
www.academiadeletrasdabahia.org.br
revista.alb60@gmail.com

Diretor da Revista
Fernando da Rocha Peres

Coordenador Editorial
Aleilton Fonseca

Editoração
Elimarcos Santana / Via Litterarum Editora

Ilustração da capa:
Cena de Cotidiano e de Caça. Painel de azulejo. Primeira metade do século XVIII. (Academia de Letras da Bahia). Foto: Aleilton Fonseca.

Brasão da ALB:
Ir. Paulo Lachenmayer, OSB

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos, referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.
(A Direção, 2026)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.
O ISSN começou no número 44.

Anual
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia. II. Título.

CDU 869

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382
IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Artigos e Ensaios

O BRASIL QUINHENTISTA DE GABRIEL SOARES DE SOUSA
Paulo Roberto Pereira 13

CASTRO ALVES, O CAMINHO DO *GONZAGA*
Aramis Ribeiro Costa 41

AUTOFICÇÃO NA LITERATURA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
Heloísa Prazeres 61

EURICO ALVES, O POETA FUTURISTA DA BAHIA
Florisvaldo Mattos 71

DO AMOR: O PROCESSO CRIATIVO DE UM ENSAIO DE JUDITH GROSSMANN
Evelina Hoisel 85

EUCLIDES NETO: O ESCRITOR E A TERRA PROMETIDA
Emiliano José 97

TENSÃO TEMPO/ESPAÇO EM *TERRAS DO SEM FIM* E *SÃO JORGE DOS ILHÉUS*
Décio Torres Cruz 115

A FOME EM FRAGMENTOS
Antônio Torres 135

MIGUEL TORGA
Urania Tourinho-Peres 141

A RESTAURAÇÃO PORTUGUESA DA BAHIA EM 1625, EM TRÊS ILUSTRAÇÕES
Paulo Ormindo de Azevedo 149

ARIANO SUASSUNA, DA HISTÓRIA PESSOAL À MÍTICA DO SERTÃO
Antonio Maura 157

CEM ANOS DE *A LUVA* A REVISTA QUE CALÇOU UMA ÉPOCA (1925 -1932)
Krishnamurti Góes dos Anjos 173

ENTRE A POESIA E A PERIFERIA: UMA LITERATURA DO POETRY SLAM NA CIDADE DE SALVADOR
Uyara Nayri Batista de Almeida 185

IA COMO PHARMAKON E FORÇA NORMATIVA E O HORIZONTE DO PORVIR
Paola Cantarini 199

Poesia

QUATRO SONETOS
Florisvaldo Mattos 229

QUATRO POEMAS
Fernando da Rocha Peres 233

TRÊS POEMAS
Ruy Espinheira Filho 241

POESIA DE BOLSO
Cyro de Mattos 245

QUATRO POEMAS
Vera Duarte 251

POETRIX: UMA PROPOSTA LITERÁRIA PARA ESTE MILÊNIO
Goulart Gomes (Organizador) 259

CINCO POETRIX
António Agostinho Luamba 261

CINCO POETRIX
Goulart Gomes 263

CINCO POETRIX
Martinho Branco 265

CINCO POETRIX
Saulo Pessato 267

CINCO POETRIX
Ximo Dolz 269

Ficção

DUAS HISTÓRIAS E UMA CIDADE
Carlos Ribeiro 273

ELIOT EM NOVA YORK, TREZE ANOS DEPOIS
Armando Avena 283

MEU PRIMO DO BENIM
Marcia Camargos 289

Discursos I

HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE MARIA STELLA DE AZEVEDO SANTOS (MÃE STELLA DE OXÓSSI)

ODÉ KAYODÉ, CEM ANOS
Muniz Sodré 305

MÃE STELLA DE OXÓSSI, DEFENSORA DA LIBERDADE RELIGIOSA
Edvaldo Brito 311

MÃE STELLA: UMA VIDA, UMA LUZ
Adriano de Azevedo Santos Filho 319

VIDA LONGA AO INSTITUTO MÃE STELLA DE OXÓSSI
Suely Melo 325

Discursos II

ENTREGA DA MEDALHA ARLINDO FRAGOSO AO ATOR OTHON BASTOS
Mirella Márcia Longo Vieira Lima 333

SESSÃO ESPECIAL DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA – HOMENAGEM A EDVALDO BRITO E ANTONIO BRITO
Ivana Bastos 341

DISCURSO EM AGRADECIMENTO ÀS COMENDAS RECEBIDAS, COM O DEPUTADO FEDERAL ANTONIO BRITO, NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA, EM 03 DE OUTUBRO DE 2025
Edvaldo Brito 347

DISCURSO DE ABERTURA DO ANO ACADÊMICO – 2026
Aleilton Fonseca 355

Diversos

Atividades Acadêmicas 2025 367

Quadro Social da ALB 385

Endereços dos Acadêmicos 405

Artigos e ensaios

O BRASIL QUINHENTISTA DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

Paulo Roberto Pereira

Dos diversos escritos em língua portuguesa produzidos durante o século XVI que retratam a realidade do Brasil quinhentista, um se destaca por seu sentido enciclopédico: *Notícia do Brasil* ou *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. É um dos livros capitais sobre o primeiro século de colonização da terra como literatura de informação, pois registra de maneira vasta a natureza e o homem dos trópicos, servindo de modelo a inúmeras obras que lhe seguiram os passos.

Cerca de dez anos após o aparecimento, em 1576, da *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, estava concluída a verdadeira enciclopédia da realidade geográfica e humana do Brasil. Escrito por Gabriel Soares de Sousa, o *Tratado descritivo do Brasil em 1587* foi entregue em Madrid a Cristóvão de Moura, ministro e o mais íntimo auxiliar do rei Filipe II de Espanha. A publicação da *Notícia do Brasil* retirou Gabriel Soares de Sousa do anonimato a que fora relegado por cerca de três séculos, tornando-se uma das principais figuras lusitanas que soube perceber o sentido grandioso, ufanista, da terra brasileira como um "novo reino, pois está capaz para se edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano que seja um dos Estados do mundo".[1] Pois, o grande valor histórico e etnográfico deste livro,

[1] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 39.

que abrange o Brasil do estuário do Amazonas à bacia do Rio da Prata, consiste em expor vasto panorama da vida cotidiana dos povos nativos brasileiros, particularmente do *tupinambá*, com informações que até hoje nos surpreendem.[2]

Embora sejam escassos os informes biográficos a respeito de Gabriel Soares de Sousa, deve-se, sobretudo, a Francisco Adolfo de Varnhagen o que se conhece de sua trajetória pessoal e familiar.[3] Nasceu Gabriel Soares de Sousa em Portugal, no Ribatejo ou em Lisboa, em torno de 1540, mas não se sabe o nome dos seus pais. Teve um irmão, João Coelho de Sousa, que vivia no Brasil como sertanista e senhor de engenho e lhe deixou um célebre roteiro de minas de pedras preciosas. Em Lisboa tinha Gabriel Soares duas irmãs viúvas: Margarida de Sousa e Maria Velha, que foram contempladas em seu testamento. Gabriel Soares de Sousa não teve filhos nem sobrinhos a quem deixasse a fortuna que amealhou no Brasil, legando em testamento os seus bens para o Mosteiro de São Bento da Bahia. Gabriel Soares chegou ao Brasil em 1569 na armada comandada por Francisco Barreto, que partira de Lisboa a 16 de abril, e se dirigia às minas de ouro do reino de Sofala, em Moçambique, na região africana do império Monomotapa. Por problemas de navegação, a nau comandada por Francisco Barreto arribou na Bahia a 5 de agosto de 1569, tendo Gabriel Soares ficado na terra onde já se encontrava o seu irmão João Coelho de Sousa que o ajudou a se estabelecer no negócio de açúcar, que se expandia com velocidade por Pernambuco e pela Bahia. Não demorou e Gabriel Soares de Sousa casou-se com Ana de Argolo, filha do primeiro provedor da Bahia, Rodrigo de Argolo, enriquecendo rapidamente.

---

[2] PEREIRA, Paulo Roberto. O Brasil dos Viajantes / Viajantes do século XVI. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 25-43, especialmente p. 28.

[3] VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memória – Gabriel Soares de Sousa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 21, 1858, pp. 413- 424.

Em pouco tempo se tornou próspero senhor de engenho no Recôncavo baiano, tendo uma fazenda em Jaguaripe e um engenho de cana-de-açúcar em Jequiriçá. Nomeado vereador do Senado da Câmara de Salvador, foi um dos que autorizaram a fundação do Mosteiro de São Bento na Bahia, em 1581. E, como representante desse poder na Colônia, foi um dos que assinaram, a 25 de maio de 1582, o auto de aclamação e juramento de fidelidade a Filipe II como rei de Portugal. Terminou seu testamento a 10 de agosto de 1584, escolhendo como seus testamenteiros a sua mulher Ana de Argolo e o padre abade Frei Antônio Ventura, que fundou em 1582 o Mosteiro de São Bento da Bahia, primeiro mosteiro beneditino no Novo Mundo.[4]

Em setembro de 1584 Gabriel Soares estava em Pernambuco, onde permaneceu até 1586, quando partiu para Lisboa e de lá para Madrid, a fim de requerer títulos e direitos junto ao monarca espanhol. Em carta dirigida ao fidalgo português Cristóvão de Moura, datada de Madrid, de 1º de março de 1587, entregou a este conselheiro do rei Filipe II o seu vasto *Roteiro* sobre o Brasil. Afirmava Gabriel Soares que vivera no Brasil 17 anos, até 1586, tempo suficiente para percorrer a maioria das capitanias, conforme se deduz pelo seu extenso "Roteiro Geral da Costa Brasílica", que abrange do delta amazônico ao estuário do Rio da Prata. Este "Roteiro Geral da Costa Brasílica" guarda muita afinidade com o do geógrafo Luís Teixeira, seu contemporâneo, como salientaram Jaime Cortesão[5] e Max Justo Guedes.[6]

---

[4] *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*: editando 430 anos de história. LOSE, Alícia Duhá e PAIXÃO, OSB, Dom Gregório. (Org.). Salvador: Memória & Arte, 2016, 5 volumes, vol. II (Livro Velho do Tombo), pp. 352-356.

[5] SOUZA, Gabriel Soares de. *Derrotero general de la costa del Brasil*. Introducción de Claudio Ganns e notas finales de F.A. Varnhagen. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1958, p. XXVI.

[6] ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.) e DOMINGUES, Francisco Contente (Coord.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho,

Foi, aliás, devido a um famoso roteiro, deixado por seu irmão João Coelho de Sousa, que Gabriel Soares seguiu para a Europa em 1586 a tentar conseguir concessões para desbravar a inóspita região do Paraguaçu e a conquista do sertão junto às cabeceiras do rio São Francisco, onde acreditava existirem minas de pedras preciosas. Assim, Gabriel Soares de Sousa utilizou-se da retórica da sedução, convencendo Cristóvão de Moura e Felipe II a aceitarem o seu projeto de exploração mineral no sertão da Bahia.[7]

Nos seus vagares junto à corte filipina em Madrid, Gabriel Soares foi revisando os cadernos manuscritos do seu *Roteiro*, verdadeira enciclopédia da realidade indígena do Brasil quinhentista. Pois, a *Notícia do Brasil* ou *Tratado descritivo do Brasil em 1587* é uma obra que louva as virtudes da terra brasileira com suas riquezas do reino vegetal, animal e mineral, valendo-se do conhecimento direto de suas observações pessoais, sem utilizar fontes conhecidas.

Finalmente, entre 18 de dezembro de 1590 e 27 de janeiro de 1591, Gabriel Soares de Sousa conseguiu as concessões régias com os privilégios que requerera para empreender a conquista do sertão baiano, como capitão-mor e governador do descobrimento e conquista do Rio São Francisco. A 7 de abril de 1591, já em Portugal, embarcou de Lisboa para o Brasil na urca flamenga "Grifo Dourado" com cerca de 360 homens e quatro religiosos carmelitas. Avista o litoral brasileiro em 15 de junho, porém a embarcação em que viajava naufragou na enseada do rio Vaza-Barris, na altura de Sergipe, que descrevera no capítulo XXI do seu livro. Gabriel Soares salvou-se com os seus e não esmoreceu, marchando a pé até Salvador, onde se reuniu com o novo governador-geral do Brasil, dom Francisco de Sousa, que cumpriu as ordens reais lhe entregando, inclusive,

---

1994, volume II, pp. 1001-1003. (MJG-Max Justo Guedes)

[7] LIMA, Francisco Ferreira de. *O Brasil de Gabriel Soares de Sousa e outras viagens*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Feira de Santana: UEFS, 2009, pp. 35-54.

200 índios flecheiros das aldeias jesuíticas. Em maio de 1592 partiu Gabriel Soares numa viagem sem volta, pois morre de malária neste ano, provavelmente próximo às nascentes do Paraguaçu, sem encontrar as ambicionadas minas de ouro e pedras preciosas. Mais tarde seu corpo foi levado a Salvador a mando de Bernardo Ribeiro, seu sobrinho, filho da irmã da sua esposa, e foi enterrado, conforme rezava seu testamento, na sacristia do mosteiro de São Bento, cuja lápide contém as palavras: "Aqui jaz um pecador".

A obra de Gabriel Soares de Sousa teve admiradores desde quando passou a circular em manuscritos, mesmo mantendo no anonimato o nome do autor. Dela se utilizaram, entre outros, Pedro de Mariz, na segunda edição dos seus *Diálogos de vária história*, de 1597; Frei Vicente do Salvador, que terminou de escrever a sua *História do Brasil,* em 1627; Simão de Vasconcelos, nas suas *Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil*, de 1668.

As bibliografias publicadas a partir do século XVII, em espanhol e português, de Antonio de León Pinelo (*Epitome de la Biblioteca Oriental y Occidental*... Madrid, 1ª ed 1629 e 2ª ed 1738.); Diogo Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*. Lisboa, 1745.); e Nicolas Antonio (*Biblioteca Hispanica sive hispaniorum*. Madrid, 1783.) já ofereciam notícias sobre Gabriel Soares de Sousa, o sertanista preador dos povos nativos, o senhor de engenho e vereador, mas, em especial, o meticuloso cronista do Brasil quinhentista, particularmente da Bahia. Quanto à importância de *Notícia do Brasil*, afirmava Francisco Adolfo de Varnhagen: "a presente obra de Gabriel Soares [é] talvez a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista".[8]

[8] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 11.

Capistrano de Abreu afirmou que "Gabriel Soares é o geógrafo, o historiador, o etnologista, a enciclopédia viva do nosso século XVI".[9] Na sua edição de *Notícia do Brasil*, lembrava Pirajá da Silva a afirmação de Alfred Métraux: "Soares de Sousa tem um espírito científico surpreendente para sua época."[10] Por outro lado, Jorge Couto ressalta que "este é o mais completo texto quinhentista sobre o Brasil."[11]

A história editorial dessa obra é curiosa a começar pelos diversos títulos que recebeu, conforme a cópia publicada: *Descrição geográfica da América Portuguesa, Notícia do Brasil, Roteiro Geral do Brasil* e *Tratado descritivo do Brasil*. Não se lhe conhece o original, mas, segundo Varnhagen, existem cerca de vinte apógrafos, sem o nome do autor, espalhados entre Brasil, Portugal, Espanha, França e Alemanha. No entanto, não custa lembrar que "em nenhum dos códices existentes, em qualquer uma das bibliotecas, há no escrito qualquer assinatura de Gabriel Soares de Sousa."[12] A Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui em seu acervo quatro desses manuscritos[13] da obra de

[9] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Edgard de Cerqueira Falcão e comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, Pirajá da Silva e Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974, p. 256.

[10] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Pirajá da Silva. São Paulo: Martins, s/d [1945]. 2 vols, vol 1, pp. 13-14. "Soares de Sousa a un esprit scientifique étonnante pour son époque." In: MÉTRAUX, Alfred. *La Civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*. Paris, 1928.

[11] DOMINGUES, Francisco Contente (Dir.). *Dicionário da expansão portuguesa*, 1415-1600. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, 2 vols., II volume, pp. 963-965. (J.C.-Jorge Couto)

[12] AZEVEDO, Gabriela Soares de. *O avesso da costura: uma análise dos escritos de Gabriel Soares de Sousa* (c.1540-1591). Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015, p. 110.

[13] AZEVEDO, Gabriela Soares de. *O avesso da costura: uma análise dos escritos de Gabriel Soares de Sousa* (c.1540-1591). Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015, p. 125.

Gabriel Soares de Sousa, um deles por nós examinado.[14] A Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo também possui um exemplar manuscrito do *Roteiro* de Gabriel Soares de Sousa, ricamente encadernado em pergaminho da época,[15] que motivou acurada análise linguística.[16]

O livro de Gabriel Soares circulou em cópias anônimas e, devido ao longo ineditismo e à ausência de autógrafo, estudiosos, como Basílio de Magalhães, acreditaram ser "esta obra uma espécie de relatório geral da colônia lusa americana mandada fazer pelo governo de Filipe II".[17] A primeira tentativa de editar a obra de Gabriel Soares partiu do naturalista brasileiro e padre franciscano José Mariano da Conceição Veloso, que dirigiu, no princípio do século XIX, a Tipografia do Arco do Cego em Lisboa, imprimindo-a sem o nome do autor, entre 1800/1801, com o título de *Descrição geográfica da América Portuguesa*. A obra não teve circulação devido ao desentendimento entre Frei Mariano Veloso e o ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conforme demonstraram Darcy

[14] SOUSA, Gabriel Soares de (1540?-1591). *Notícia do Brasil* ou *Tratado Descritivo do Brasil*. "Descrição verdadeira da Costa de todo o Estado pertencente à Coroa de Portugal, da fertilidade dessa província, de todas as aves, animais, peixes, bichos, plantas, que nelas há, e dos costumes dos seus naturais." S.l., 1587. Original. Manuscrito. 640f. Consta na lombada: "G.S. de Souza/Notícias do Brasil, 1587."

[15] OUSA, Gabriel Soares de. *Roteiro geral com largas informações de toda a Costa que pertence ao estado do Brasil, e a decripção de muitos lugares dessa especialmente da Bahia de todos os Sanctos*. Manuscrito de 1587, pertencente à Biblioteca Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo.

[16] MIRANDA, Bruna Baldini de. *A trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2015.

[17] MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. 3 ed. Rio de Janeiro: Epasa, 1944, p. 54.

Damasceno,[18] Edgar de Cerqueira Falcão[19] e José Honório Rodrigues.[20]

De posse de um dos apógrafos da obra de Gabriel Soares, a Academia Real das Ciências de Lisboa publicou, em 1825, como texto anônimo, uma versão denominada *Notícia do Brasil*, na "Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas" com 196 capítulos. Essa edição, que contém muitas falhas, permitiu que o historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen empreendesse um profundo estudo sobre a obra e o seu autor, publicando, em 1839, o seu trabalho capital: *Reflexões críticas sobre o escripto do século XIV (sic.) impresso com o título Notícia do Brasil*. Em 1830, na capital francesa, foram publicados 29 capítulos da obra com o título de *Roteiro Geral do Brasil*, no jornal O *Patriota Brasileiro,* utilizando-se do manuscrito da Biblioteca de Paris, também sem o nome do autor. Em seu primeiro tomo, de 1839, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicou os capítulos LI e LXX, com o título de *Descrição geográfica da América Portuguesa,* sem indicar a autoria.

Finalmente, em 1851, Francisco Adolfo de Varnhagen apresentou o texto revisto e completo da obra Gabriel Soares de Sousa com o título de *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, como resultado do exame de 21 apógrafos conhecidos, confrontando as cópias existentes numa edição verdadeiramente modelar.[21] Essa publicação foi, simultaneamente,

[18] DAMASCENO, Darcy. *Biblioteca Nacional: manuscritos séculos XII-XVIII*. Pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Rio de Janeiro: MEC/FBN/Divisão de Publicações e Divulgação, 1973, pp. 15-16.

[19] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Edgard de Cerqueira Falcão e comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, Pirajá da Silva e Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974, p. 483.

[20] RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. Primeira parte: Historiografia colonial*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979, p. 436.

[21] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. Edição por Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia Universal de

impressa na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.[22] Varnhagen continuou a trabalhar no texto de Gabriel Soares e, em 1879, após sua morte no ano anterior, foi lançada outra edição mais correta com aditamento, que é a que vem sendo seguidamente reimpressa.

Paralelamente à modelar edição de Varnhagen, a obra de Gabriel Soares de Sousa foi publicada em 1945, embora sem trazer data, com o título de *Notícia do Brasil*, na Biblioteca Histórica Brasileira, em dois volumes, dirigida por Rubens Borba de Moraes, trazendo copiosos comentários do professor Pirajá da Silva.[23] Em 1958, Claudio Ganns publicou em Madrid nova versão da obra com o título *Derrotero general de la costa del Brasil*, baseando-se em inédito manuscrito espanhol do século XVI,[24] acompanhado de abrangente estudo introdutório que sana muitas dúvidas sobre o *Roteiro* de Gabriel Soares. Contudo, a edição espanhola de Claudio Ganns, quanto ao texto de Gabriel Soares, omite vários parágrafos existentes na edição apresentada por Varnhagen, tornando-se truncada. Em 1974 veio a público, pelo incansável trabalho de Edgard de Cerqueira Falcão, paradigmática edição com o título de *Notícia do Brasil,* que se utilizou dos trabalhos realizados por Varnhagen e Pirajá da Silva sobre o texto de Gabriel Soares, contendo extensa revisão das etimologias tupis pelo professor Frederico G. Edelweiss.[25] Finalmente,

---

Laemmert, 1851.

[22] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. Edição por Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIV, pp. 01-423, 1851.

[23] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Pirajá da Silva. São Paulo: Martins, s/d [1945], 2 vols.

[24] SOUZA, Gabriel Soares de. *Derrotero general de la costa del Brasil*. Introducción de Claudio Ganns e notas finales de F.A. Varnhagen. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1958.

[25] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Edgard de Cerqueira

em 2010 a pesquisadora Fernanda Trindade Luciani lançou uma nova edição do *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, baseado no manuscrito pertencente à Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo.[26]

Além da *Notícia do Brasil*, escreveu o senhor de engenho e sertanista os "Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil", trazido a público por Serafim Leite, historiador da Companhia de Jesus no Brasil.[27] Esse libelo de Gabriel Soares, com 44 *Capítulos*, desagradou aos críticos da época, a começar pelo seu editor, padre Serafim Leite, que entendia que "a razão fundamental de Gabriel Soares, contra a Companhia, está na defesa dos índios, oficialmente a cargo dela."[28] Por fim, considerava "estes mesmos *Capítulos* de Gabriel Soares (como) o documento mais antijesuítico do Brasil no século XVI."[29]

Naturalmente, os padres jesuítas, reunidos na Bahia para a quarta Congregação provincial, convocada para 25 de maio de 1592, ao tomarem conhecimento dos *Capítulos* de Soares de Sousa, responderam às acusações apresentadas a D. Cristóvão de Moura. Alguns dos principais jesuítas do Brasil quinhentista, como José de Anchieta, Quirício Caxa e Fernão Cardim participaram da elaboração das respostas dadas aos *Capítulos* de Gabriel Soares. Por exemplo, no capítulo 35 Gabriel Soares acusa os padres jesuítas de viverem nas aldeias com as índias nuas,

---

Falcão e comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, Pirajá da Silva e Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais 1974.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Introdução de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010.

[27] SOUSA, Gabriel Soares de. *Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil.* Introdução de Serafim Leite, S.I. In: *Anais da Biblioteca Nacional.* Rio de Janeiro, volume LXII, 1940, pp. 339-381.

[28] Idem, p. 343.

[29] Ibidem, p. 345.

colocando em perigo a honra da Companhia de Jesus: "E andam entre mulheres nuas assim como nasceram e não se pode vigiar um a outro, de maneira que não tenham tempo pera obedecer à tentação".[30] Os inacianos, extremamente ofendidos, responderam: "Não haverá peito cristão que não aborreça e se escandalize de tão baixas palavras, e torpes juízos."[31] Assim, pode-se dizer que os "Capítulos de Gabriel Soares de Sousa", formado por dois textos – a acusação e a defesa – é dos escritos que melhor revelam a mentalidade do colonizador português representado pela visão escravocrata de Gabriel Soares ante a questão da mão de obra indígena. Por outro lado, os *Capítulos* expõem o ideário de evangelização dos povos nativos propugnado pelos principais representantes da Companhia de Jesus no Brasil na defesa intransigente do indígena, seja ele forro ou escravo, ante a cobiça desenfreada dos colonos portugueses que queriam a todos escravizar. Por isso, a acusação de que os jesuítas utilizavam-se dos indígenas, mas não queriam que os colonos os usassem em suas fazendas, alegando que eram escravizados, foi uma queixa constante dos colonizadores e também dos governantes do Brasil durante o período colonial, até a expulsão dos inacianos da América Portuguesa. Ou como lembra Gabriela Soares de Azevedo, autora do melhor estudo sobre os *Capítulos* de Gabriel Soares de Sousa:

> Os Capítulos não foram a única manifestação dos moradores da colônia portuguesa contra os religiosos inacianos no século XVI, mas antecederam uma longa série de conflitos contra a mediação dos jesuítas em relação ao uso do trabalho indígena que iria se prolongar durante dois séculos. O libelo constitui principalmente um dos raros testemunhos escritos

[30] SOUSA, Gabriel Soares de. *Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil*. Introdução de Serafim Leite, S.I. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, volume LXII, 1940, p. 372.

[31] Idem p. 372.

> a relatar claramente as queixas dos colonos e, sem dúvida alguma, é o mais violento em suas incriminações.[32]

Gabriel Soares de Sousa, ao terminar de rever os cadernos do seu Roteiro, ofertou a obra ao maior privado do rei Felipe II, D. Cristóvão de Moura, através de uma carta datada de Madrid, 1º de março de 1587. Coincidentemente, Francisco Adolfo de Varnhagen, ao preparar a primeira edição completa do texto de Gabriel Soares, apresentando o *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, também datou de Madrid, 1º de março de 1851, a carta que escreveu ao Instituto Histórico do Brasil, atual Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ou seja, transcorreram-se 264 anos para ser editado na sua forma correta, próxima do original perdido, o livro que pela primeira vez fez uma descrição exaustiva e completa da costa marítima brasileira.

O livro de Gabriel Soares de Sousa, dividido em duas partes, começa pelo "Roteiro Geral da Costa Brasílica", que contém 74 capítulos, abrangendo o Brasil do delta amazônico ao estuário do Rio da Prata. Em todo o *Roteiro* Gabriel Soares enfatiza as ações efetuadas por D. João III ao dividir o Brasil em capitanias hereditárias.

O primeiro capítulo do *Roteiro* narra o descobrimento do Brasil com as datas erradas, o que só se corrigiu no século XIX com a publicação da Carta de Caminha.[33] O colono e sertanista Gabriel Soares descreve de cada capitania hereditária,

---

[32] AZEVEDO, Gabriela Soares de. *O avesso da costura: uma análise dos escritos de Gabriel Soares de Sousa* (c.1540-1591). Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015, p. 40.

[33] *Corografia brazílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brazil*. Composta e dedicada a sua Magestade Fidelissima por hum presbítero secular do Gram Priorado do Crato. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817, 2 volumes. O volume I, pág. 12-34, contém a primeira edição da Carta de Caminha. A *Corografia brazílica*, de autoria do padre Manuel Aires do Casal, saiu anônima. A edição mais acessível é a fac-similar de 1945, com introdução de Caio Prado Júnior.

seus possuidores e a dificuldade que cada um teve para colonizar a terra, especialmente no enfrentamento dos povos indígenas. A narrativa de Gabriel Soares corre solta detalhando plantações e algumas das famosas tribos indígenas que os conquistadores portugueses tiveram que enfrentar. A primeira parte do livro termina com a descrição do Rio da Prata até a baía de São Matias, já em território argentino. Impressiona a quantidade de informações oferecidas, pois Gabriel Soares não cita nenhuma obra ou autor que pudesse auxiliá-lo nesse levantamento de baías, rios, regiões geográficas, estuário marítimo, plantações, criação de animais por todo o Brasil em que tudo é descrito com minúcias. Há uma única exceção, que cita mais de uma vez e certamente consultou que é o matemático Pedro Nunes, "o maior especialista português de cosmografia no século XVI".[34] Embora Pedro Nunes nunca tenha estado no Brasil, Gabriel Soares considera que ele "foi em seu tempo o maior homem de Espanha",[35] maneira abrangente de se referir a Portugal e à Espanha.

Algumas das principais personagens da história portuguesa do século XVI, que transitaram pela costa brasileira entre 1500 e 1580, são aqui descritas, muitas vezes, pela primeira vez. Assim, se detalha as ações praticadas por Pedro Álvares Cabral, Gonçalo Coelho, Cristóvão Jacques, Pero Lopes de Sousa, Martim Afonso de Sousa, os filhos de João de Barros, general Diogo Flores de Valdez, Jerônimo de Albuquerque, Duarte Coelho, Jorge de Albuquerque Coelho, Pero Fernandes Sardinha, Garcia d´ Ávila, Francisco Pereira Coutinho, Diogo Álvares, o "Caramuru", Mem de Sá, Antônio Dias Adorno, Pedro de Campos Tourinho, Vasco Fernandes Coutinho, Tomé de Sousa, João Coelho de Sousa,

[34] ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.) e DOMINGUES, Francisco Contente (Coord.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994, volume II, p. 812. (APM-Alfredo Pinheiro Marques)

[35] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 124.

irmão de Gabriel Soares, entre tantos outros, além de Gabriel Soares citar a si mesmo. A narrativa é às vezes interrompida para relatar casos curiosos, como o do espanhol encontrado pelos portugueses entre os povos nativos, vivendo nu com os lábios furados completamente indianizado. Ou a história de Vasco Fernandes Coutinho, que recebeu do rei d. João III a capitania do Espírito Santo. Embora fundando a vila de Nossa Senhora da Vitória e construindo 4 engenhos de açúcar, não conseguiu povoá-la pela reação violenta dos indígenas da região. Esta foi uma das capitanias do Brasil onde os portugueses mais sofreram derrotas diante dos povos nativos. A tentativa de colonizar o Espírito Santo resultou na morte de Fernão de Sá, filho do governador-geral Mem de Sá, que fora ao território com grande número de homens, mas que os indígenas do Espírito Santo, principalmente os goitacazes, impuseram duras derrotas até serem vencidos. Gabriel Soares relata o triste fim de Vasco Fernandes Coutinho:

> No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados, que adquiriu na Índia, e todo o patrimônio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nela tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu, em que o amortalhassem.[36]

A descrição que Gabriel Soares faz dos europeus que queriam traficar, comerciar com os selvagens centra-se basicamente nos franceses que vinham resgatar ou adquirir o pau-tinta, o nosso pau-brasil. Os franceses se davam melhor com os silvícolas do que os portugueses, chegando ao ponto de se integrarem culturalmente ao universo indígena, casando e vivendo nos seus hábitos, inclusive comendo carne humana.

[36] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 93.

A segunda parte do livro *Notícia do Brasil* ou *Tratado descritivo do Brasil em 1587* recebeu o título de "Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem". É o trecho mais extenso, contendo 196 capítulos. Gabriel Soares de Sousa dividiu a obra por temas, certamente para facilitar a leitura de tantos assuntos dessa segunda parte. Do capítulo um ao dezenove é construída uma narrativa histórica acerca da fundação da cidade do Salvador por Tomé de Sousa, detalhando como se deu o seu crescimento, o luxo com que viviam os moradores ricos da cidade, a vinda dos outros governadores. Elogia o clima da Bahia e a região onde está situada a antiga capital do Brasil por possuir uma "baía que é a maior e mais formosa que se sabe pelo mundo." O interessante nesses primeiros capítulos, especialmente o IX, é o elogio que Gabriel Soares de Sousa faz à Companhia de Jesus, sendo ele, como se sabe, um acérrimo crítico dos jesuítas, conforme relata nos seus *Capítulos*.

Do capítulo XX ao XXXI descreve os engenhos de cana-de-açúcar do Recôncavo baiano, inclusive o famoso engenho pertencente a Mem de Sá. O levantamento efetuado por Gabriel Soares revela como a nobreza portuguesa, representada pelos governadores-gerais e por figuras como o conde de Linhares, o conde de Castanheira e dom Álvaro da Costa, filho do governador Duarte da Costa, passou a ser proprietária do principal negócio do Brasil: os engenhos de cana-de-açúcar. No conjunto a maioria dos engenhos baianos pertencia a burgueses que começaram muitas vezes do nada e foram ascendendo socialmente.

Do capítulo XXXII ao LIV relata assuntos variados concentrando-se depois na alimentação. Começa pela cana-de-açúcar. A seguir enumera uvas, laranjas, limões, cocos. Lembra também das verduras: abóbora, alface, cebola. Reserva alguns capítulos para descrever a mandioca ou aipim, a célebre farinha de pau dos portugueses, destacando os vários tipos encontrados

na Terra de Santa Cruz. Como se sabe, a mandioca substituiu o trigo na alimentação dos próprios governantes da Colônia. Este é, provavelmente, o principal texto escrito no Brasil a detalhar a importância da mandioca na alimentação dos indígenas, dos portugueses e dos africanos escravizados.

Gabriel Soares valoriza os produtos alimentícios nativos da terra brasileira, além da mandioca, realçando também o amendoim e o caju. Essa enumeração de alimentos termina com o jenipapo e sua utilidade como alimento e produto de pintura corporal.

Do capítulo LV ao LXIII dedica-se Gabriel Soares a elencar a existência na Bahia de produtos medicinais nativos retirados da floresta. Descreve as palmeiras e os coqueiros com inúmeras utilidades alimentícias, além da construção de habitação para indígenas, portugueses e africanos. A seguir abre um capítulo dedicado exclusivamente ao maracujá, listando o emprego variado desta fruta nativa das Américas com a simbologia religiosa da sua flor, associada no cristianismo à Paixão de Cristo.

A partir do capítulo LVIII trata das árvores medicinais, destacando o óleo da copaíba como um bálsamo milagroso para cura de diversas doenças. Causa admiração a atualidade dessa análise sobre o efeito curativo da copaíba que não foi desmentido, mesmo quatro séculos transcorridos. Enumera outras árvores cuja resina exerce forte poder curativo auxiliando a população, especialmente o segmento mais pobre, que se vale das mezinhas utilizadas pelos indígenas.

O tabaco, designado em tupi como *petyma*, mereceu de Gabriel Soares um capítulo especial, ressaltando as virtudes terapêuticas da "erva santa". Lembra Pirajá da Silva que "o tabaco também era mascado e fumado. Tragar a fumaça do charuto era o que naquela época se chamava beber o fumo."[37]

[37] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Pirajá da Silva. São Paulo: Martins, s/d [1945]. 2 vols, vol II, p. 44.

Embora o capítulo dedicado ao fumo por Gabriel Soares não apresente nenhuma novidade, pois se deve a Manuel da Nóbrega a divulgação, em carta de 1550, da existência do tabaco,[38] foi através desse senhor de engenho de Jeriquiçá que o fumo teve mais ampla divulgação.

Do capítulo LXIV ao LXXVII são descritos os diversos tipos de árvores existentes na Bahia e de sua utilidade prática. Após o inventário das árvores que dão frutos e as que curam enfermidades, apresenta o vinhático e o cedro, das mais nobres árvores da imensa diversidade da floresta brasileira, finaliza apresentado o jacarandá.

Do capítulo LXXVIII ao XC descreve diversos tipos de aves existentes na província da Bahia. Impressiona a variedade de pássaros e seus diferentes tipos, tamanhos e cantos. Começa com a águia, a rainha dos ares; continua com as emas, os jacus e os pássaros de penas vistosas, alguns falantes: canindé, arara, tucano, além de rolas e pombas. Descreve com entusiasmo a diversidade de papagaios encontrados, mas não deixa de fora aves de rapina como o urubu, incluindo nessa lista até o morcego, que não é propriamente ave, embora voe. Retorna aos pássaros pequenos fazendo referência àqueles familiares que muitas vezes são mantidos em gaiolas, como o sabiá. Termina o capítulo dedicado às aves discorrendo sobre bichos menores que têm asas e certa semelhança com aves como gafanhotos e borboletas. Não fica difícil calcular o espanto de Gabriel Soares ao descrever os papagaios da Bahia que quase um século antes também causaram admiração a Pero Vaz de Caminha pelo colorido de suas penas e a algazarra que faziam.

Os capítulos XCI, XCII e XCIII tratam de insetos úteis, como as abelhas; e de inúteis, como vespas, moscas, mosquitos, grilos, besouros.

[38] NÓBREGA, Manuel da. *Obra completa*. Edição do 5º centenário. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2017, pp. 98-99.

Do capítulo XCIV ao CVIII descreve os mamíferos existentes na Bahia. A lista começa pelas antas, descrevendo cada alimária com detalhes, como é o caso da onça que no século XVI os portugueses chamavam de tigre, certamente por influência dos verdadeiros tigres da Índia que conheciam através das viagens marítimas. Chega a impressionar os diversos tipos de onça listados por Gabriel Soares. A seguir apresenta o veado, o tamanduá, o quati e alguns gatos bravos como os maracajás. Descreve diferentes tipos de porcos-do-mato, assim como as capivaras, os tatus, as pacas e as cutias. Abre um capítulo especial para falar dos bugios, os macacos, e também dos jabutis ou cágados, para encerrar com a preguiça, animal exótico que até hoje causa espanto.

Do capítulo CIX ao CXXIV são descritas cobras, lagartos, rãs, sapos, lagartas, aranhas, concluindo com os diversos tipos de formigas. Ou seja, é uma variedade tão imensa que só um grande entomólogo poderia listar e descrever. Começa, naturalmente, pela cobra mais famosa do Brasil: a jiboia. Gabriel Soares ajuda a divulgar algumas lendas em torno desse ofídio, descrevendo também a cobra coral, a jararaca, a famosa cobra cascavel e muitas outras.

Os lagartos, como jacarés ou crocodilos, camaleões, mas também batráquios como as rãs e os sapos, além de aranhas, são apresentados por Gabriel Soares que comenta, através de vasta informação, características dessa diversidade da fauna brasileira. Talvez querendo evitar soberba na sua narração tão cheia de informes curiosos, o sertanista e senhor de engenho de Jericoacoara interrompe o seu "Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem" para apresentar uma pausa meditativa:

> Como não há ouro sem fezes, nem tudo é a vontade dos homens, ordenou Deus que entre tantas coisas proveitosas para o serviço dele, como fez na Bahia, houvesse algumas imundícias que os enfadassem muito, para que

> não cuidassem que estavam em outro paraíso terreal, de que diremos daqui por diante, começando no capítulo que se segue das lagartas.[39]

Gabriel Soares, no seu arrazoado sobre lagartas, lucernas, aranhas, lacraus, encerra com diversos tipos de formigas que ajudaram a divulgar na Europa quinhentista a imagem da terra brasileira como perigosa para se viver, pois a saúva poderia acabar com a vida das pessoas: "Mais não fosse para associar a formiga de Soares de Sousa à presença do Mal, bastava o fato de sabê-la animal noturno."[40] Essa visão, oriunda do século XVI, que permaneceu no imaginário brasileiro sobre a praga das formigas, foi observada no século XVII pelo notável naturalista George Marcgrave, como consta no livro *História natural do Brasil*, editado em 1648: "Aqui há tantas formigas que os portugueses as chamam de rei do Brasil, devastando todas as plantações o mais rápido possível."[41]

No século XIX o naturalista Auguste de Saint-Hilaire retomou a história da formiga saúva com a célebre frase: "Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil.". Varnhagen alertava, nos "Comentários" à edição por ele preparada, que "é sem verdade que Soares afirma que não havia noutro tempo formigas em São Paulo. Já Anchieta dá delas conta.

---

[39] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 265.

[40] LIMA, Francisco Ferreira de. *O Brasil de Gabriel Soares de Sousa e outras viagens*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 31.

[41] PISO, Willem, MARCGRAVI,Georgi, *Historia Naturalis Brasilieae*. Edição de Joannes de Laet. Amsterdam: Elzevier, 1648, Libr VII, p. 258. "Formicae hic sunt tanto numero ut a Lusitanis Rey do Brasil appellentur, sata omnia quam citissime consumunt." Esse livro clássico do "Brasil holandês" possui uma excelente tradução: MARCGRAVE, Jorge. *História natural do Brasil* [1648]. Tradução de José Procópio de Magalhães. São Paulo: Museu Paulista, 1942, p. 252.

E São Paulo é, desgraçadamente, terra proverbial, quanto às tanajuras, às saúvas e às tocas de cupins."[42] No século XX Mário de Andrade criou uma variante da frase de Saint-Hilaire e a pôs na boca de Macunaíma: "Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são."[43]

Os capítulos CXXV ao CXLVI são dedicados exclusivamente a nomear a imensa variedade de peixes e mariscos dos mares e rios da Bahia. Descreve as baleias e suas inúmeras utilidades, como o azeite que retiram dela para uso na iluminação. Lista uma infinidade de peixes: espadarte, tubarão, cavalas, xaréu, cações como o *panapaná*, bagres e a moreia, conhecida também como *caramuru*; arraias, dourados, tartarugas que não são propriamente peixes, tainhas, baiacu. O chamado fruto do mar inclui uma infinidade de mariscos, crustáceos e moluscos: camarões, lagostins, caranguejos, siris, ostras para comer e fazer cal das cascas, mexilhões, os polvos e os búzios que servem de alimento e depois são utilizados pelos indígenas como buzinas. Dos peixes de água doce o mais famoso talvez seja a piranha, que é descrita em detalhes que continuam válidos ainda hoje. Descreve também o guaiamu, uma espécie grande de caranguejo terrestre. E detalha como esses diversos tipos de peixe são apanhados por linha, anzol, rede, puçá e o samburá, cesto feito de cipó. Soares de Sousa conclui seu relato sobre as espécies que vivem no mundo das águas, destacando também o peixe-boi e o homem marinho ou *upupiara*. O peixe-boi ou manatim vem sendo estudado desde o século XVI e atualmente há uma luta para preservar a espécie que se encontra a caminho da extinção, devido à caça predatória.

---

[42] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 362.

[43] ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: SCCT, 1978, p. 77.

No capítulo CXXVII Gabriel Soares narra a história do homem marinho, conhecido entre os indígenas como *upupiara* – que em tupi significa o que vive dentro d´água ou gênio da água -, lenda que os colonizadores herdaram dos povos nativos. Viajantes que percorreram o Brasil quinhentista se referem ao *upupiara* que saía do mar para assustar e matar gente. Foi Pero de Magalhães de Gândavo o primeiro a publicar um relato sobre o homem marinho: "Do monstro marinho que se matou na Capitania de São Vicente, ano 1564", no Capítulo IX do seu livro *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*.[44] O interessante sobre o upupiara é que Gândavo coloca em seu livro um retrato desse monstro marinho, ficando evidente que se tratava de leões-marinhos do Polo Sul que, arrastados pelas correntes marítimas, chegavam à extensa costa brasileira. Conforme demonstrou Pirajá da Silva, a história do upupiara ou monstro marinho se entronca com as lendas europeias e as americanas a respeito de seduzir e matar pessoas, que inclui também a lenda a respeito do boto e o seu poder de encantamento.[45]

Os capítulos CXLVII ao CLXXXVI são dedicados a listar, analisar e comentar a presença dos povos originários do Brasil. Desde o século XVII leitores do Roteiro de Gabriel Soares consideram a parte dedicada aos costumes dos nativos do Brasil a mais importante do livro, ressaltando sua contribuição fundamental para o conhecimento dos povos primitivos. Américo Jacobina Lacombe destaca que Gabriel Soares "constrói todo um panorama do mundo indígena dos primeiros tempos,

[44] GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Edição fac-similar da 1ª edição de 1576. Nota prévia de Francisco Leite de Faria. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984. Na edição quinhentista a numeração de páginas é confusa. O texto com a ilustração do monstro marinho começa após a página 30 e termina antes da página 33 porque as páginas à esquerda não são numeradas.

[45] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Pirajá da Silva. São Paulo: Martins, s/d [1945]. 2 vols, vol II, pp. 190-194.

como não se encontra em qualquer outro documento."[46] Por outro lado, algumas abordagens são bem críticas a respeito do exaustivo olhar de Soares de Sousa sobre os tupinambás. Porque, para muitos, o "seu objetivo, como o de todo projeto imperial, era o de ver para conhecer, e o de conhecer para dominar, e o de dominar para apropriar-se."[47]

Observou John Manuel Monteiro que "o relato de Gabriel Soares de Sousa sobre os tupinambás justapôs imagens da grandeza pré-colonial com aquelas da decomposição pós-conquista. Estribadas nos relatos de índios aldeados, escravizados e cristianizados, as descrições nos fornecem uma autoimagem dos tupinambás através da lente da situação colonial que os oprimia e, lentamente, os destruía."[48] No entanto, sem deixar de reconhecer o débito com Varnhagen, tanto pela identificação de Gabriel Soares de Sousa como autor do *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, quanto pela edição que preparou dessa obra, critica John Manuel Monteiro o grande historiador por sua leitura depreciativa dos tupinambás: "Em suas notas ao texto de Gabriel Soares, Varnhagen oscilava entre as observações sóbrias e neutras que se esperaria de um cientista da época e os comentários tendenciosos de alguém buscando desqualificar os índios enquanto terríveis selvagens."[49] Por outro lado, lembra Fernanda Trindade Luciani que "o complexo panorama etnográfico sugerido por

[46] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 7.

[47] LIMA, Francisco Ferreira de. *O Brasil de Gabriel Soares de Sousa e outras viagens*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 104.

[48] MONTEIRO, John Manuel. Unidade, diversidade e a invenção dos índios: Entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. *Revista de História*, USP, 149, 2003, pp. 109-137, especialmente p. 120.

[49] MONTEIRO, John Manuel. Unidade, diversidade e a invenção dos índios: Entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. *Revista de História*, USP, 149, 2003, pp. 109-137, especialmente p. 128.

Gabriel Soares não deixa dúvidas de sua longa convivência com os índios, que formavam a maior parte da mão-de-obra escrava colonial até meados do século XVII."[50]

A descrição sobre os indígenas inicia-se pelos tupinambás, o principal povo nativo do Brasil, motivo de pesquisas desde a época colonial. A análise sobre a vida material e espiritual dos tupinambás abrange do capítulo CXLVII ao CLXXVII. A história dos tupinambás na Bahia começa quando eles, vindos do sertão, sentiram-se atraídos pela fertilidade da terra e expulsaram os antigos possuidores dela: os tapuias e os tupinaés. Gabriel Soares é minucioso na descrição física dos indígenas; descreve a luta entre diferentes grupos tupis pelo controle do território e que acabavam se tornando inimigos entre si. Analisa de maneira muito atual a língua dos tupinambás, ressaltando ser ela a língua geral da costa do Brasil e repete um comentário que consta na maioria dos textos quinhentistas: de que no alfabeto tupi faltam as letras F, L e R.

A crítica aos costumes dos tupinambás, a partir das classes sociais, mereceu uma análise cuidadosa. Destaca-se o papel do principal, o chefe guerreiro conhecido como morubixaba; os feiticeiros, conhecidos como pajés, que utilizavam os maracás, um tipo de chocalho; a família, em especial o casamento; o parto da índia na solidão; a cena da *couvade* em que o marido deita na rede e recebe os cumprimentos pelo nascimento do filho; e a crítica sobre a criação dos filhos, que não sofriam castigo nem eram orientados.

Os enfeites de penas na cabeça, a *acangaoba*; as tintas de jenipapo e urucum; as pedras nos beiços inferiores, o *tembetá*; as incisões na pele que marcavam algum ato vitorioso, motivo de orgulho entre os tupinambás. Sobre a atividade sexual dos tupinambás é revelada muita novidade a ponto de Gabriel Soares

[50] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Introdução de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010, p. 21.

dizer que "são os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam".[51]

Muito importante é a descrição da alimentação dos tupinambás, pois, embora vistos como bárbaros pelos colonizadores, inclusive por Gabriel Soares, eles possuíam uma visão socializadora da divisão dos bens, a começar pela comida, em que todos participavam até mesmo os estranhos, que também podiam chegar e, inclusive, comer. Essa socialização começava na preparação do terreno para o plantio da alimentação em que o homem e a mulher dividiam as tarefas. Embora houvesse tarefas específicas, como o homem ir à caça, somente a mulher podia preparar o cauim, bebida fermentada num pote de barro, a *ygaçaba*, feita de frutas e raízes, especialmente aipim, milho, caju e ananás. Gabriel Soares relaciona diversos tipos de alimentos dos indígenas, como os peixes, que eram pescados com o timbó, erva que paralisa. Também há a caça aos porcos, veados, abatidos a flechadas. Numa sequência descreve o poder dos feiticeiros sobre as tribos, mas também a desesperança do índio que resolve acabar com a vida comendo terra.

Por outro lado, talvez caso único na história humana, descreve como os tupinambás recebiam os hóspedes em que as mulheres, sobretudo as mais velhas, choravam de alegria com a chegada de alguém na aldeia, especialmente um estranho; ou depois de demorada ausência de alguém da própria tribo. É a famosa *saudação lacrimosa*, uma espécie de saudade entre os tupinambás. Narra também Soares a importância da música na vida do indígena e seus instrumentos musicais. Destaca ainda o emprego do fumo entre os tupinambás e a importância do seu uso durante as reuniões dos conselhos e em suas cerimônias tribais quando utilizavam entre si a *cangüera*,[52]

[51] SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 5 ed., São Paulo: Nacional, 1987, p. 308.

[52] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Edgard de Cerqueira

espécie de grande charuto indígena feito de folhas de fumo colocadas dentro de um canudo.

À guerra, uma das principais atividades da vida indígena, dedicou Soares uma análise da sua presença na vida dos tupinambás. Ressaltou a cuidadosa preparação para enfrentar os contrários, os inimigos. Descreve a guerra com toda a sua violência e os vencidos que ficam cativos. É célebre na cultura brasileira a história de prisioneiros levados para as aldeias dos vencedores para serem mortos em cerimônias que culminavam com o ritual antropofágico. O relato de Gabriel Soares sobre a cerimônia canibal não é diferente dos descritos por Hans Staden, Jean de Léry, José de Anchieta e Fernão Cardim. Mas, antes de ser morto, o prisioneiro vivia na tribo como se a ela pertencesse, recebendo boa alimentação para engordar e uma mulher para amar. Até que é chegado o momento da festa da antropofagia. Então se preparavam os vinhos, as comidas e se chamava a vizinhança para participar da encenação no terreiro do sacrifício ritual. Ali estava o prisioneiro, amarrado por extensa corda, a *muçurana*, diante do matador, todo enfeitado com a *nhanduaba*, tanga de penas de ema nas ancas, trazendo uma pesada espada de pau na mão, o tacape ou a *tangapema*, para quebrar a sua cabeça e entregar seu corpo para ser repartido entre os presentes. Então, após quebrar a cabeça do prisioneiro, o matador recebia um novo nome e se recolhia em sua tenda para cumprir o jejum que o absolveria da morte praticada. Os tupinambás guardavam parte do corpo do inimigo a ser preparada no moquém, espécie de grelha que assa e seca a carne, que seria consumida mais adiante, em lembrança vingativa do contrário que mataram.

Do capítulo CLXXVIII ao CLXXXVI, Gabriel Soares trata das nações dos tupinaés e dos tapuias que já tinham sido apresentados no início do estudo sobre os indígenas da Bahia.

Falcão e comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, Pirajá da Silva e Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974, p. 409, nota 586.

Não traz grandes novidades sobre os tupinaés porque na verdade são parte da grande nação tupinambá, mas que se tornaram inimigos dentro do próprio grupo dos tupis, que passaram a dominar a maioria da costa marítima brasileira, especialmente da Bahia.

Assim, os tupinaés, os tapuias e os amoitipiras foram expulsos da costa pela nação principal dos tupinambás. Ao descrever os costumes desses povos Gabriel Soares dá por terminado o seu vasto levantamento das nações indígenas da Bahia que, sem dúvida, serve de modelo para conhecimento dos povos nativos do Brasil.

A derradeira parte da *Notícia do Brasil* ou *Tratado descritivo do Brasil em 1587* transita do capítulo CLXXXVII ao capítulo CXCVI, que encerra a narrativa apresentada por Gabriel Soares de Sousa, visando sempre a alguma utilidade ou interesse público. A prova disso é a lista dos diferentes tipos de material para construção de casas, embarcações, fortificações existentes na Bahia, que são intensamente utilizados, como a pedra, a cal, a madeira e o ferro.

Os três últimos capítulos do livro, CXCIV ao CXCVI, são dedicados aos minerais, especialmente as pedras preciosas, como diamantes e esmeraldas, e também ao ouro.

De certo modo o final do livro de Gabriel Soares coincide com a sua trajetória biográfica, pois o senhor de engenho morreu no sertão em busca de metais e pedras preciosas, que acreditava existirem na terra baiana. O tempo confirmou sua intuição, pois a Bahia é de longa data um dos principais produtores brasileiros de diamantes, esmeraldas e ouro. Mas a aventura do bandeirante Gabriel Soares de Sousa pela "auri sacra fames" (maldita fome do ouro) revela a frustração ocorrida no período colonial em que os desbravadores do vasto território desconhecido que, pretensamente, guardava fabulosos tesouros, tendo como miragem as incalculáveis riquezas minerais encontradas pelos espanhóis no México e no Peru, não encontraram no Brasil minerais preciosos até o final do século XVII quando chegaram ao rio das Mortes, em Minas Gerais.

Parece que Gabriel Soares não deixou opulentos bens materiais, apesar da riqueza detalhada no seu testamento. E, muito rapidamente, foi esquecido como mais um aventureiro fracassado. Entretanto, lembra Varnhagen:

> Do homem superior que tinha entregue grande parte do seu tempo a observar, a meditar e a escrever, nenhum caso naturalmente se fez. O seu livro esteve quase dois séculos e meio sem publicar-se, e o autor naturalmente depois da dilação (como ele diz) de seus requerimentos em Madrid, veio a passar a vida tão obscura que nem sabido é quando, nem onde morreu.[53]

Diz José Honório Rodrigues que "o *Tratado* é a enciclopédia do século XVI, o maior livro que se escreveu sobre o Brasil dos quinhentos".[54] Ao tentar compreender, cinco séculos depois, essa vasta *Notícia do Brasil* não é difícil subscrever a afirmação de José Honório porque ela situa Gabriel Soares de Sousa como o primeiro intérprete da realidade multifacetada do Brasil quinhentista.

---

[53] SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Edição de Edgard de Cerqueira Falcão e comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, Pirajá da Silva e Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974, p. 238.

[54] RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. Primeira parte: Historiografia colonial*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979, p. 439.

Paulo Roberto Pereira. Doutor pela UFRJ. Professor na UFF. Sócio Honorário do IHGB. Correspondente da ALB. Curador da exposição "500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional". Diretor Científico do "Seminário Internacional 5º Centenário da Primeira Volta ao Mundo". Publicou: *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil*; *As comédias de Antônio José, O Judeu*; *Obra completa de Manuel da Nóbrega, edição do 5º centenário*.

CASTRO ALVES, O CAMINHO DO *GONZAGA*

Aramis Ribeiro Costa

A partir de 1866, com dezenove anos de idade, Castro Alves passou a tomar certas decisões que certamente não tomaria se o pai, morto em janeiro desse mesmo ano, estivesse vivo. Essas decisões, bastante impetuosas e atrevidas, algumas verdadeiramente surpreendentes, alteravam os rumos planejados na casa paterna e estabeleciam uma nova perspectiva à própria vida. Determinante para isso foi o encontro com Eugênia Infante da Câmara, a atriz portuguesa que disputava com a brasileira Adelaide do Amaral a admiração do público que lotava o Theatro Santa Isabel, no Recife.

Sabe-se que seu entusiasmo pelo curso jurídico, ao contrário do que acontecia com o conterrâneo Ruy Barbosa, era o mínimo possível. Enquanto o outro, com sua vida recatada e suas leituras, preparava-se para se tornar o maior jurista brasileiro, a ele interessava a poesia, a admiração das pessoas à sua volta, os amores, vislumbrando, desde aqueles anos, a consagração futura, porém não como advogado ou profissional de qualquer outra área do Direito, mas como poeta.

De repente, em 1866, também já não interessavam os amores, mas um único amor: Eugênia. Com Eugênia, que ele quase sequestrou para morarem juntos, os dois e mais a filha dela, numa casinha no arrabalde do Barro, nos arredores do Recife, surgiu um novo interesse: o teatro. No início do ano seguinte, decidiu escrever uma peça de teatro que pudesse ser protagonizada pela amante. Sendo um poeta, e um altíssimo poeta,

habituado às rimas e à métrica, à melodia da frase e ao ritmo das estrofes, podia construir o seu enredo em versos, como Victor Hugo em *Cromwell*, *Hernani* e *Ruy Blas*, mas ele quis escrevê-lo em prosa. Há quem afirme que a ideia e, quem sabe, o esboço dessa peça, é anterior a esse período, mas o fato é que a versão definitiva, com toda a sua complexidade, é mesmo do início de 1867. Trabalhou nessa escrita dia e noite durante todo o mês de fevereiro desse ano. No final de fevereiro estava pronto o drama *Gonzaga*, ou *A Revolução de Minas*. Uma página de teatro histórico-dramático surpreendente pela concepção, pelo estilo fluente, pela linguagem, pela erudição, pela ousadia de certos conceitos, mas, por outro lado, bastante questionável do ponto de vista de sua finalidade, que era a encenação, e não a simples leitura: muito longa, em quatro atos, com sugestões de cenários trabalhosos, figurinos de época, muitos personagens, figurantes, tramas paralelas, duplicidade de ambiente e ação em cena aberta, um enredo um tanto complexo, em certos momentos de difícil acompanhamento pelo público, com falas excessivamente extensas, dificílimas para um ator decorar, embora, sobre tudo isso, deva-se considerar o gosto teatral da época. Apontaram-lhe outros excessos, logo atribuídos aos arroubos da idade. Entretanto, para ele, e é provável que também para Eugênia, ali estava a pedra de toque para a sua pretendida glória nacional. E, de fato, a sociedade, incluindo a intelectual, girava bem mais em torno do teatro do que do livro.

Naquele final de fevereiro Castro Alves estava prestes a completar vinte anos de idade, e deveria estar se preparando para cursar o terceiro ano do curso jurídico na Faculdade de Direito do Recife. Chegou a matricular-se. Mas o seu pensamento estava no drama que havia escrito. A encenação de *Gonzaga* e a glória que viria disso, para ele e para a sua amada Eugênia, era tudo o que o interessava.

Em março, dias após concluir a escrita da peça, leu-a com muita emoção no Theatro Santa Isabel, para o recém-reaberto Conservatório Dramático, presidido pelo Dr. Manuel Clementino Carneiro, vice-presidente da província em exercício, e constituído por pessoas

como o ator Coimbra, o lente Aprígio Guimarães, os doutores José Soares de Azevedo, Torres Bandeira, Franklin Távora, Ulisses Viana e outros. O entusiasmo dos ouvintes foi grande, e cogitou-se, ali mesmo, de encenar o drama imediatamente no Recife. Luís Ferreira Maciel Pinheiro, o colega a quem ele dedicara, dois anos antes, um vibrante poema com o título "A Maciel Pinheiro", que faria parte de *Espumas flutuantes*, chegou a anunciá-lo pela imprensa. Escreveu: "é por esse lado uma verdadeira epopeia do patriotismo e devotamento à liberdade e um protesto contra as misérias da escravidão".

Estava em pleno curso a Guerra do Paraguai, os ânimos patrióticos encontravam-se exaltados, e *Gonzaga*, ou *A Revolução de Minas*, tratava principalmente de patriotismo. Afinal, o que se dera em Minas a pouco mais de um decênio do término do século XVIII, fora para tornar o Brasil um país independente de Portugal, o que por fim aconteceria pouco mais de três décadas depois. Assim, no final de 1864, quando Solano López invadiu a província de Mato Grosso, os brios patrióticos, que ainda estavam exaltados, foram ao máximo. Sobre esse sentimento não havia discordâncias, pelo contrário, em poucos momentos de sua história o povo brasileiro esteve tão patrioticamente unido, quanto nesses anos em que se viu obrigado a repelir e responder com vigor à invasão do ditador paraguaio. Mas, o drama tratava também, e com inusitada ênfase, da escravidão, de seus horrores e crueldades, dentro da humana visão dos abolicionistas. Esse aspecto era manifestado pelo sofrimento do liberto Luiz, cuja mulher suicidara-se em consequência das atrocidades do cativeiro, e cuja filha, Carlota, separada do pai, tornara-se escrava de senhores cruéis, sendo levada a situações de desespero. Carlota é uma das duas heroínas, em contraponto com Maria, desse drama particularmente enaltecedor dos conjurados mineiros, mas também denunciador dos horrores da escravização, denúncia que não tinha, naquele meio de século, uma aceitação unânime, nem na sociedade, nem entre intelectuais e políticos. Pelo contrário, incomodava a muitos, e expor tais ideias num teatro,

diante de uma plateia de pensamentos e tendências tão diversos, representava uma temeridade. Assim, *Gonzaga* era também um ato de livre pensamento e de grande audácia.

Apesar disso, e com todas as suas dificuldades de montagem e representação, a peça teria sido facilmente encenada no Recife, celeiro de moços acadêmicos em sua maioria abolicionistas, e teria uma plateia certa. Admiradores ali não faltavam, nem para Eugênia, que faria D. Maria Dorotea de Seixas Brandão, o grande amor do Dr. Tomás Antônio Gonzaga, nem para ele, o autor, que já conquistara a mocidade acadêmica com os seus versos e a sua carismática presença. Porém, uma ideia surgiu: transferir o curso jurídico para São Paulo, como, aliás, estava fazendo Ruy Barbosa por determinação do pai, nesse mesmo ano, e, aproveitando a viagem, que passava obrigatoriamente pela Bahia, fazer a estreia de *Gonzaga* em Salvador. Além dele próprio ser baiano, Eugênia já estivera como atriz na capital da província da Bahia cinco anos antes, apresentara-se com grande êxito no Theatro São João, como protagonista de *Dalila*, drama de Octave Feuillet, fora ovacionada, conquistara admiradores no exigente público baiano, que incluía um núcleo intelectual mais amadurecido que o do Recife, formado mais por jovens acadêmicos. Em outras palavras, estrear com êxito em Salvador assumia uma relevância maior, com repercussão maior e maiores consequências, que no pequeno Recife da época.

Essa audaciosa mudança de rumos fora particularmente uma conquista de Eugênia. Ela ansiava por sair do Recife, só não o fizera um ano atrás por causa dele, visava retomar o aplauso das prestigiosas plateias da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Dez anos mais velha do que Castro Alves, profissional experimentada, mulher vivida e ambiciosa, ela sustentava que naqueles centros de maior prestígio podiam ambos consagrar-se nacionalmente, ele como autor dramático, ela com seus desempenhos no palco. Ele, com a sua paixão por ela, a sua própria vaidade e o seu drama escrito e aprovado pelos primeiros que o ouviram, aceitou com entusiasmo a atrevida proposta:

fariam aquele roteiro de glórias a caminho da faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Mas a partida para a Bahia demorou um pouco. Só em 29 de maio, quando o ano acadêmico já ia em seu segundo mês, é que embarcaram ambos, com a filha dela, no vapor "Tocantins" com destino a Salvador, onde aportaram em 1º de junho. Então, o que era para ser somente uma passagem, uma escala de *tournée* com a estreia do *Gonzaga*, tornou-se todo um ano de férias do curso jurídico, embora apenas do curso jurídico, porque, na Bahia, tanto Eugênia no teatro, quanto ele próprio na poesia, trabalharam bastante.

Logo esbarraram nas dificuldades. Não era apenas chegar em Salvador, e estrear *Gonzaga* no Theatro São João. Verdade que ela trazia o seu nome conhecido de atriz, embora alguns já lhe apontassem certa decadência, e não faltasse quem lhe criticasse duramente a vida livre, tão afrontosa à moralidade da época. Criticavam também o carregado sotaque português, que a fazia dizer coisas como "apisar" e "churadeira". Quanto a ele, filho de um falecido médico famoso, professor da Faculdade de Medicina, o que não era pouco, tinha escassa vivência em Salvador, mas os ecos de seus sucessos como poeta no Recife haviam chegado à mocidade acadêmica da Bahia, formada principalmente pelos estudantes de medicina, chegado também a alguns escritores, poetas, jornalistas e intelectuais baianos, alguns deles amigos e admiradores do pai, sendo visto como um fenômeno que surgia nas letras nacionais, a despertar, por conseguinte, grande curiosidade. E aqui é interessante observar que, naquela nação imensa e praticamente deserta, que era o Brasil do segundo Império, com recursos de comunicação precaríssimos, só a carta manuscrita e o jornal impresso, além da comunicação pessoa a pessoa, havia uma surpreendente repercussão dos meios intelectuais e acadêmicos de uma província para outra, além de um particular interesse nos assuntos ligados à literatura e ao teatro. Assim, sabia-se quem era Eugênia, e tinha-se notícia de quem era Castro Alves, não mais apenas o filho do Dr. Alves e inteligente aluno do colégio do Dr. Abílio César Borges, mas o talentoso moço,

acadêmico, poeta, abolicionista e impetuoso amante. Eram, porém, atriz e autor, considerados com desconfiança. Há de tê-lo magoado, por exemplo, as duas primeiras linhas da nota maldosa do jornal satírico de Severiano e Brício Cardoso, *A Bahia Ilustrada*, logo após a chegada do casal a Salvador: "Entrou neste porto a Sra. D. Eugênia Câmara, astro rutilante do céu da cena, que vem acompanhada com o seu satélite..."

Apesar disso, e do inevitável escândalo que o acintoso casal, hospedado não no casarão do Sodré, da madrasta dele, mas no Hotel Figueredo, no Largo do Teatro, um dos melhores da cidade, foram bem recebidos. Dali, passariam para o desabitado Solar da Boa Vista, no Engenho Velho de Brotas, que a família ainda não conseguira vender ao Estado, como pretendia desde os últimos anos do Dr. Alves. Mas, desde a chegada, ele se viu rodeado de amigos como João de Britto, Lapa Pinto, Melo Moraes Filho, Silva Sena e outros, passando a frequentar a vida literária da cidade. Declamou pela primeira vez no Theatro São João no dia 2 de julho, quando os baianos lotavam esse teatro, estrondando com palmas e vivas, num verdadeiro clamor cívico pela data maior da Bahia. Fez ouvir o seu quinto poema "Ao Dois de Julho", que também iria, mais tarde, para *Espumas flutuantes*. Logo, o que mais interessava tendo em vista a montagem do *Gonzaga*, foi eleito sócio honorário do Conservatório Dramático. Isso facilitava. Mas não excluía as dificuldades, a começar pelo crivo desse próprio colegiado, que devia julgar a peça para aprovar ou não a sua representação naquele teatro.

Vê-se que esse era um tipo de censura prévia da época, o mais terrível tipo de censura, porque sequer deixava que a obra viesse a público, obtendo livremente o juízo do público. Adotado em todo o Império, sem essa aprovação nada ia adiante no meio teatral. Como fizera no Recife, e como era de praxe, ele próprio procedeu à leitura do seu drama no salão de honra do teatro com a assistência cheia, e a comissão incumbida do julgamento fez-lhe, no parecer final, assinado por Frederico Marinho d'Araújo,

Jaime Pombo Brício e Bellarmino Barreto, um elogio crítico ultra lisonjeiro, aprovando a encenação. Não foi um parecer unânime. Trazia restrições de um dos três signatários, o crítico e jornalista Bellarmino Barreto que, aliás, já havia sido um voto contrário e vencido à concessão do seu título de sócio honorário do Conservatório. Essa oposição, que se repetia, e que não era francamente explicada pelo opositor, irritou Castro Alves, feriu a sua vaidade. Outro do Conservatório, Olímpio Rabelo, acompanhou as restrições de Bellarmino. Mas o drama estava aprovado, com louvores, e isso era o mais importante. Para completar, houve elogios na imprensa. Então, ele seguiu com grande ânimo. Relacionou-se, promoveu encontros na Quinta da Boa Vista, fez-se presente, tornou-se colaborador de revistas literárias, e havia várias na cidade.

Enquanto isso, Eugênia também se movimentava. Incorporando-se à companhia dramática que ia encenar, no Theatro São João, *O Gaiato de Lisboa*, versão portuguesa da comédia-*vaudeville* francesa *Le Gamin de Paris*, de J.F. Bayard e E. Vanderburch, encarregou-se da interpretação do próprio "Gaiato", obtendo, com sua interpretação, elogios e críticas na imprensa, mas, de qualquer modo, abrindo mais uma importante perspectiva para a encenação que os dois pretendiam. Além disso, no dia 3 de agosto, também nesse teatro, foi ela quem declamou "O Livro e a América", mais um poema que integraria *Espumas flutuantes*, e que ele escreveu especialmente para essa noite, numa festa em benefício do Grêmio Literário.

Gonzaga, ou *A Revolução de Minas*, foi finalmente levado à cena em espetáculo de gala e plateia lotada no Theatro São João, onde não faltava o presidente da província, José Bonifácio Nascente de Azambuja, na noite de 7 de setembro daquele 1867. A data não podia ser mais bem escolhida, pois que era a da comemoração nacional da Independência. O elenco foi improvisado, o poeta e funcionário público Elisiário Prudente de Lapa Pinto fez o papel de Gonzaga, e Eugênia o de Maria. A boa madrasta, D. Maria Lourença Ramos Guimarães Alves, emprestou os brincos com que a atriz se adornou

para interpretar a rica Maria, grande amor de Gonzaga. Apesar de ter sido encenado por amadores, com exceção de Eugênia, e de ter sido mal ensaiado e mal representado, o que desgostou a atriz principal, o sucesso foi estrondoso. O entusiasmo foi o maior possível, os aplausos foram frenéticos, o público ficou de pé, senhoras acenaram lenços brancos dos camarotes. O autor foi chamado à cena e aplaudido ao fim de cada ato, os poetas João de Brito, Silva Sena e Paulo Marques, além do irmão Guilherme, também poeta, declamaram em seu louvor, e ao final, em cena aberta, o empresário Cirilo Eloy Pessoa de Barros, que havia "empresado" o teatro, era este o termo que se usava, lhe pôs uma coroa de louros à cabeça, com uma fita azul onde estava escrito "Ao gênio", fita que, várias décadas depois, foi oferecida ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Dali, os amigos o levaram em triunfo ao casarão da família, à Rua do Sodré.

Gonzaga foi encenado mais duas vezes no Theatro São João. A segunda em 2 de outubro, em benefício do autor, e a terceira e última no dia 6 desse mesmo mês. Nas duas vezes, a aceitação e o aplauso mantiveram-se unânimes, embora, na última, houvesse menos de meia plateia, o que desgostou o autor do drama. Mas é que não havia, na cidade, público para mais representações da mesma peça.

A ideia continuava sendo seguir adiante. No Rio de Janeiro, capital do Brasil há um século, estavam a corte de D. Pedro II e os intelectuais de maior prestígio do Império. O Rio precisava assistir *Gonzaga*. Mas a desejada viagem não pôde ser realizada imediatamente. Passaram-se ainda alguns meses, Eugênia apresentando-se num improvisado teatrinho na Baixa do Bonfim, que foi denominado Ginásio Bonfim, ele a trabalhar num livro de poemas abolicionistas, que intitulava *Os escravos*, e a participar intensamente da vida literária da cidade, que incluía, naturalmente, o Theatro São João. Seus triunfos como poeta e declamador de seus próprios poemas nesse teatro, nesse período, foram vários e marcantes. O mais notável deles foi no dia 31 de outubro,

quando o Gabinete Português de Leitura, instituição portuguesa criada em Salvador quatro anos antes, tendo como primeiro presidente o comendador Manoel Joaquim Rodrigues, promoveu uma festa em benefício das famílias dos soldados mortos na então chamada Campanha do Paraguai, e ele declamou o seu "Quem Dá aos Pobres Empresta a Deus", outro que iria para *Espumas flutuantes*, escrito especialmente para essa ocasião.

Até que, em 8 de fevereiro de 1868, embarcou com Eugênia, a filha dela, Emília, e uma criada, no vapor francês *Picardie*, rumo ao Rio de Janeiro. Não ia desarmado. No bolso, levava duas cartas de recomendação do parlamentar Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha.

Esse homem, baiano de Juazeiro, que se tornou de fundamental importância na biografia de Castro Alves, estava com quarenta anos de idade. Havia se diplomado bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Olinda, que passaria a ser Faculdade de Direito do Recife, da qual vinha o autor do *Gonzaga*, mas preferira seguir a carreira política, fora deputado provincial e, àquela época, era deputado geral pela Bahia. Viria a ser senador a partir do ano da morte de Castro Alves. Mas já era uma das grandes figuras da política nacional, considerado um notável orador, de grande destaque e importância no Partido Conservador, o mesmo de José de Alencar, tendo ainda a particularidade de ter sido um grande amigo do pai de Castro Alves, o Dr. Antônio José Alves, ao ponto de lhe batizar a filha Amélia. Fora com uma apresentação dele que Castro Alves chegara, em sua estada baiana, ao prestigioso redator do *Diário da Bahia*, ensaísta e crítico literário Pedro Eunápio da Silva Deiró, que daria importante contribuição à divulgação do poeta, escrevendo e publicando, em 1867, a sua "Notícia Sobre as Poesias do Doutor Antônio de Castro Alves". Agora, era com as recomendações de Fernandes da Cunha que pretendia abrir as portas do reconhecimento e da fama no Rio de Janeiro.

É pena que se tenha perdido a extensa carta em que comunicou ao Dr. Franco Meirelles, médico baiano colega e muito amigo do pai e de toda a família, as impressões da chegada e das primeiras conversas na capital do Império, onde aportaram no cais *Pharoux* no dia 13 de fevereiro, indo hospedar-se no Hotel *Aux Frères Provenceaux*, na Rua do Ouvidor, uma hospedaria de artistas e viajantes, de fama não muito boa. Nem ele nem Eugênia eram completos desconhecidos, ela do público de teatro, desde que já se apresentara anos antes tanto no Rio quanto em São Paulo, e fora aplaudida, e ele dos meios intelectuais, considerando que jornais da Corte já haviam publicado poemas seus, e Fagundes Varela, um entusiasmado de sua poesia, recitava alguns de seus poemas para os amigos. Além disso, alguma repercussão houvera do sucesso da encenação do *Gonzaga* na Bahia. Mas era muito pouco. Nada disso os tornavam celebridades, nem a ela nem a ele. Muito discretamente e sem qualquer comentário, um importante jornal, o *Correio Mercantil*, registrou, no dia 14, os passageiros do *Picardie* desembarcados na véspera: "...Antônio de Castro Alves, D. Eugênia Infante da Câmara, e uma filha e uma criada..."

A primeira das duas cartas que levava no bolso era para José de Alencar. O que pedira a Fernandes da Cunha fora que ele conseguisse a publicação de uma determinada crítica favorável ao *Gonzaga* no *Jornal do Rio de Janeiro*, como uma forma de compensá-lo pelas restrições, leia-se aqui Bellarmino Barreto e Olímpio Rabelo, que vinha sofrendo no Conservatório Dramático da Bahia. A iniciativa de apresentá-lo a Alencar, seu colega de política e de partido, fora do parlamentar baiano, bem como a outra apresentação.

Sozinho, sem a companhia de Eugênia, no início da tarde do dia 17, portanto quatro dias após a chegada, rumou para a Tijuca. O caminho era bucólico, e devia ser belo: após a estação inicial, na Rua do Conde, a carruagem puxada por parelhas de burros seguia pelo Campo da Aclamação, entrava pela Rua do Sabão, São Cristóvão, a Rua do Imperador, Engenho Velho e pela estrada velha, para afinal alcançar o Alto da Boa Vista,

fim dos trilhos. Dali, um tílburi conduzia pelo caminho tortuoso da montanha à provisória residência do romancista.

José Martiniano de Alencar estava com trinta e oito anos de idade. Formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, para a qual se dirigia Castro Alves, porém tendo cursado alguns anos a de Olinda, primeira fase da Faculdade de Direito do Recife, de onde vinha o poeta baiano, Alencar, além de advogado e jurista, também jornalista, tornara-se, naquelas poucas décadas de vida, um notável político e, ao mesmo tempo, a maior referência da literatura brasileira. Como político, deputado geral pelo Ceará, encontrava-se naquele início de 1868 numa espécie de ostracismo, considerando que o Partido Liberal, opositor ao seu, estava no poder, e ele, pessoalmente, havia, até dois anos atrás, publicado contundentes cartas de censura ao imperador e à condução política do país, as *Cartas de Erasmo*. Casado há pouco mais de três anos com Georgiana Augusta, filha do médico escocês Dr. Thomas Cochrane, concessionário da Companhia de Carros para a Tijuca, entristecido com a política, refugiara-se naquela chácara de propriedade do sogro, onde podia ler, pensar e escrever, além de viver intensamente o seu amor por Georgiana, com quem já tinha um filho. Assim, se o político se desgostava, o homem e o escritor encontravam-se em sua melhor forma. Desde 1856 vinha publicando romances de grande agrado popular, e já eram sete àquela altura. *O guarani* dera-lhe enorme popularidade. Lançado inicialmente em folhetins, fora avidamente lido até mesmo nas ruas, à luz dos lampiões. *Iracema* não fora um sucesso menor. Mas havia *Cinco minutos*, *A viuvinha*, *Lucíola*, *Diva*, e estava bem viva a impressão causada pelo mais extraordinário romance histórico brasileiro, *As minas de prata.* Porém, no caso de alguém que estava recebendo Castro Alves com o manuscrito do *Gonzaga* nas mãos, não se pode esquecer que Alencar era igualmente um autor teatral aclamado, até ali contavam-se também sete as suas comédias e dramas de costume, entre eles o polêmico *Mãe*, cuja protagonista é uma escrava – uma excepcionalidade para a época.

Recebeu Castro Alves com alegria, particularmente por ter sido enviado por Fernandes da Cunha, que ele admirava. Na antessala, Castro Alves apresentou-lhe a carta de recomendação, e fez menção de entregar-lhe o *Gonzaga* e algumas poesias, manifestando o desejo de que o romancista lesse aqueles escritos. Porém Alencar fez questão de que o próprio poeta lesse em voz alta tudo aquilo para ele ouvir. E é incrível que, durante horas, porque, pela extensão do *Gonzaga* e tendo em vista que ainda foram lidos os poemas "A Cascata de Paulo Afonso", era esse ainda o título, e "A Visão dos Mortos", que fariam parte do projetado *Os escravos*, e "As Duas Ilhas", que seria incluído no futuro *Espumas flutuantes*, tivessem levado toda a tarde sentados um em frente ao outro, Castro Alves a ler, Alencar a ouvir.

Não há dúvida de que, independentemente da recomendação de Fernandes da Cunha, o romancista se deixou impressionar pelo autor daquele drama e daqueles poemas. Naquele tempo era comum que até assuntos particulares fossem tratados por missivas publicadas em jornais, mas aquele não era um assunto particular, pelo contrário, tratava-se de um acontecimento que se devia tornar público, e quanto mais público e mais difundido, melhor. No dia seguinte Alencar escreveu uma longa carta a Machado de Assis. Mas não a enviou diretamente a Machado. Com o título "Um Poeta", publicou-a, no dia 22 de fevereiro, no *Correio Mercantil*.

O estilo é aquele mesmo derramado e encantador do mestre de *Iracema*, a paisagem, nos mínimos pormenores, está presente banhada em poesia, e a generosidade do escritor não mede a mão sobre o talento do jovem autor, embora não dispense o olhar crítico. Identifica Hugo nas influências de Castro Alves, mas não vê nisso um defeito, pelo contrário. Aponta excessos e "pequenos senões" no drama, mas os atribui à idade. Entusiasma-se mais com os poemas. E diz, com a convicção de quem não tem inveja nem teme concorrências: "é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento

cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade". E é justo nesse ponto que se lembra de Machado de Assis, que ele vê quase que exclusivamente como um crítico, "o primeiro crítico brasileiro": "O senhor foi o único dos nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica". Uma curiosidade: o próprio Alencar ainda não sabia que daí a poucos meses cairia o gabinete do Partido Liberal, com Zacarias, subiria o Partido Conservador, com Itaboraí, e ele, Alencar, seria o ministro da Justiça, o que o colocaria mais uma vez, e de maneira brilhante, no cenário político nacional.

Joaquim Maria Machado de Assis estava com vinte e oito anos de idade, ou seja, apenas oito anos mais do que Castro Alves, que ainda ia completar vinte e um no mês seguinte. De origem humilde, sem qualquer formação acadêmica, autodidata, ainda solteiro, funcionário público, Machado estava bem longe do grande escritor no qual se tornaria, sendo considerado, já em vida, o maior vulto das letras nacionais. Não havia escrito nem publicado um único de seus romances. Embora já fosse autor de contos, que estampara com êxito em revistas, não havia publicado um único livro de contos e, igualmente, estava bem longe do excepcional contista que viria a se tornar a partir de *Papéis avulsos*, de 1882. Até ali, em livro, mandara editar apenas, quatro anos antes, *Crisálidas*, reunião de poesias, e assinara, como Alencar, sete peças de teatro, sátiras sociais de discutível sucesso. Realizara traduções do francês, uma língua que aprendeu sozinho, como tudo o mais na vida, sendo o mais notável de seus trabalhos a tradução d'*Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Entretanto, fizera-se bastante conhecido nos meios intelectuais e mesmo do público, graças à sua participação na vida literária e à intensa colaboração em jornais e revistas, embora, no início, em vários deles, usasse pseudônimos. Mas ficara conhecido principalmente a partir da sua atuação no prestigioso *Diário do Rio de Janeiro*, outrora dirigido pelo próprio José de Alencar, e no qual entrara oito anos antes pelas mãos de Quintino Bocaiuva. Ali – daí o motivo de Alencar apontá-lo como crítico –, passou a escrever,

nem sempre concomitantemente, crítica teatral – a peça *Mãe*, de Alencar, foi objeto de sua crítica –, crônica parlamentar, sem assinar, crônica geral, que era chamada de folhetim, e crítica literária. Graças à crítica teatral, fora admitido como membro do Conservatório Dramático Brasileiro, onde atuara até 1864, e onde se mostrara um severo sensor.

Naquele início de 1868, quando Alencar o convocou, pela imprensa, a ser "o Virgílio do jovem Dante", não exercia a crítica teatral ou qualquer outra. Desligara-se do *Diário do Rio de Janeiro* desde o ano anterior, ao ser nomeado funcionário público, ajudante do diretor do *Diário Oficial*. Apenas colaborava com a *Semana Ilustrada* e com o *Jornal das Famílias*, publicando contos, sob pseudônimo. Mas, não podia deixar de atender à convocação do romancista, por quem nutria uma elevada admiração e uma respeitosa estima.

Não esperou que Castro Alves o procurasse. Foi, ele próprio, ao encontro do poeta no Hotel *Aux Frères Provenceaux*. E o fez logo na tarde do dia imediato à publicação da carta de Alencar, um domingo de carnaval.

Podia-se dizer que Machado de Assis e Castro Alves eram opostos em quase tudo. E, é inegável, Machado era um moralista. Porém, se havia alguém capaz de entender o jovem poeta baiano era justamente ele. Até ali o escritor carioca, declaradamente fascinado pelo teatro, apresentara-se como poeta e autor teatral – como Castro Alves. Aos vinte anos de idade, a que tinha Castro Alves, deixara-se apaixonar, segundo ele próprio tendo sido correspondido, por uma famosa cantora lírica italiana dezoito anos mais velha e separada, Augusta Candiani – como Castro Alves por Eugênia. Depois, apaixonara-se por uma atriz portuguesa, Gabriela Augusta da Cunha, da mesma idade da cantora lírica, essa casada. Assim, não devia se sentir muito constrangido em ir encontrar-se com Castro Alves no hotel onde o protegido de Alencar, com vinte anos de idade, hospedava-se com a amante, uma atriz portuguesa dez anos mais velha, e a filha dela.

Como Alencar, passou horas na companhia do poeta e autor do drama. Ouviu pacientemente a leitura de todo o extenso *Gonzaga*, e mais a dos poemas. Segundo ele próprio, além de ter ouvido, ainda leu e releu a peça. E deu a resposta pelo mesmo *Correio Mercantil*. Escreveu no dia 29 de fevereiro, e a matéria saiu publicada no dia 1º de março. Era uma carta três vezes maior que aquela que o romancista lhe enviara. Praticamente concordava com Alencar em tudo, tanto nos "senões" que, não se sabe, mas talvez fossem os mesmos que motivaram as restrições de Bellarmino Barreto e Olímpio Rabelo, quanto no reconhecer o talento do jovem autor, para quem preconizava "um belo futuro diante de si".

A segunda carta de recomendação de Fernandes da Cunha foi para o baiano de Salvador conselheiro José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, pai do futuro Barão do Rio Branco, jornalista e estadista de imenso prestígio, do mesmo tamanho do de Alencar, ou maior. Paranhos recebeu-o afetuosamente. E logo promoveu uma reunião de jornalistas e intelectuais para ouvi-lo ler a sua peça. A leitura pública do *Gonzaga* deu-se na noite de 19 de fevereiro, uma quarta-feira, na sala de redação do *Diário do Rio de Janeiro*, o número 89 daquela mesma Rua do Ouvidor onde ficava o Hotel *Provenceaux*, onde se encontrava também a velha livraria Garnier, ponto de encontro de intelectuais, incluindo Machado. Presentes estavam, além do próprio Paranhos, o jornalista e poeta luso-brasileiro Augusto Emílio Zaluar, o advogado, jornalista e político Joaquim Saldanha Marinho, o jornalista e político Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva, o poeta, autor teatral, jornalista, advogado e abolicionista José Inácio Gomes Ferreira de Menezes, o médico Pinheiro Guimarães, também autor teatral, o poeta Fagundes Varela, o advogado, jornalista, diplomata, romancista, ensaísta, poeta e teatrólogo Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça, que seria, ao lado do irmão Lúcio e de Machado, um dos principais fundadores da Academia Brasileira de Letras, o médico baiano, poeta,

militar, escritor, crítico literário Rozendo Moniz Barreto, o poeta e jornalista Joaquim Serra, César Muzzio e vários outros. Castro Alves foi grandemente aplaudido, e Emílio Zaluar ofereceu-lhe um banquete. A notícia desse encontro saiu publicada na *Vida Fluminense*.

Abertas as portas do prestigioso jornal carioca, ali na mesma rua do seu hotel, Castro Alves tomou-o como seu quartel-general. Porém, por aqueles dias, um grande acontecimento fez exultar o povo brasileiro: a esquadra brasileira conseguira finalmente romper a difícil passagem de Humaitá naquela tormentosa Campanha do Paraguai, que parecia não acabar nunca. O povo manifestou-se, foi às ruas festejar a vitória de seus bravos marinheiros. No dia 4 de março, de uma janela do prédio do *Diário do Rio de Janeiro*, cinco oradores falaram à passagem de um préstito patriótico. Um deles, Castro Alves, que declamou o seu "Pesadelo de Humaitá", escrito para a ocasião, pois desde o dia 1º de março o Rio de Janeiro já sabia do acontecido em 19 de fevereiro. Esse poema foi publicado naquele jornal no dia seguinte, mas o poeta, numa decisão que não ficou bem explicada, escreveu à margem: "não se publica". Incluiria, entretanto, em *Espumas flutuantes*, o poema "A Luís", que compôs também por aqueles dias, em homenagem ao aniversário do amigo e ex-colega Luís Cornélio dos Santos, que residia no Rio.

Foi muito bom para ele, o Rio de Janeiro. Projetou-o e alimentou a sua vaidade de um modo excepcional e raro. Para Eugênia, não. Passou pela corte completamente apagada, tornada "satélite" de seu antigo "satélite". Mas ele, apesar de beneficiado, queixava-se. É que tinha uma forte esperança de, na capital do país, publicar o *Gonzaga*, e encená-lo. Não foi possível realizar nem uma coisa nem outra. Quem, ali, poderia viabilizar a encenação, porque tinha uma companhia capaz de fazê-lo, era o ator, dramaturgo, compositor, pianista, poeta e empresário português Luís Cândido Furtado Coelho, por sinal que muito próximo de Machado de Assis. Mas Castro Alves estava com a sua ex-amante,

ex-primeira atriz da sua companhia, e com a sua filha, pois Emília, a Mimi, a filha de Eugênia, era filha dele. Então, não houve jeito. Furtado Coelho, com visível má vontade, manteve-se na recusa. Por outro lado, no dia 15 de março encerrava-se a matrícula na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Então, embarcaram no dia 11 de março, uma quarta-feira, no vapor "Santa Maria", e chegaram em Santos no dia seguinte. Desembarcaram naquele porto e tomaram o trem da ferrovia Santos-Jundiaí, que os deixou na Estação da Luz. Dali, seguiram de carruagem, até o destino.

Como fizeram quando chegaram a Salvador e ao Rio de Janeiro, hospedaram-se num hotel: o Hotel d'Itália, que ficava num largo chamado "Quatro Cantos", convenientemente não muito distante da Faculdade de Direito e do Theatro São José.

Embora os cafezais já se multiplicassem à sua volta, trazendo, à vida paulistana, a riqueza e a perspectiva de rápidas mudanças, a Cidade de São Paulo, capital da província do mesmo nome, era, a esse tempo, pequena e pouco populosa. Menor do que Recife, e bem menor do que Salvador. O que a movimentava era justamente a Faculdade de Direito, do mesmo ano da de Olinda, 1828, e que, instalada no Convento de São Francisco, com suas arcadas setecentistas e lentes de brilho, como José Bonifácio, o Moço, atraía os moços de todo o Império, mais do que a do Recife. Nessa outra Coimbra, à qual não faltavam sequer bucólicos rios, outros Mondegos, o Theatro São José, inaugurado quatro anos antes, era a sala de visitas da sociedade e da municipalidade, abrindo também as portas para as festas da mocidade acadêmica.

Ao contrário do que acontecera a respeito do Rio de Janeiro, quando suas anotações foram perdidas, tem-se hoje as impressões de Castro Alves ao amigo Augusto Guimarães. Chamou-a de "bela cidade das névoas e das mantilhas", falou de "gerais limpos e infinitos como oceanos de juncos", registrou que "lá fora o vento enfumaça o espaço com a garoa",

explicou que "é uma névoa espessa como nuvem que se arrastasse pelas ruas", e foi duro ao dizer "aqui não há senão frio, mas frio de Sibéria", "casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas, que parecem feitas depois do mundo – tanto são desertas". Apesar disso, concluiu: "Entretanto, inclino-me a preferir São Paulo ao Recife".

Não ficaram no Hotel d'Itália muito tempo, como não ficaram muito tempo morando juntos. A relação, agravada no Rio, mas que vinha se desgastando desde Salvador entre tédios, ciúmes de ambas as partes e inveja por parte dela, que se via diminuída à medida que crescia a admiração e o aplauso dos outros, particularmente das outras, dirigidos a ele, tornava-se difícil e, a partir de certo ponto, tornou-se impossível. Há demonstrações de que Castro Alves verdadeiramente amava Eugênia, ela não era unicamente uma fascinação de juventude, um deslumbramento de poeta, como algumas outras que lhe passaram pela vida. Mas ele era moço, sentia em si o "borbulhar do gênio", certamente também o apontar do destino, esse deus inclemente, e bem mais que cumprir um currículo na Faculdade de Direito, ou sucumbir a um amor que naufragava, o que o animava era a reafirmação da fama e da glória por meio da poesia, da declamação, e do *Gonzaga*.

Precedido por crescente reputação, pelo que já lhe acontecera de triunfo, destaque e notícia em duas destacadas capitais de província e na capital do Império, comportou-se em São Paulo como se comportara em Salvador. Foi fácil. Estava mais seguro, e o ambiente era ainda mais propício. A faculdade, que não se reduzia ao convento das arcadas, espalhava-se nas repúblicas, povoava ruas, largos, ladeiras e tabernas, agitava o teatro, era um universo de mentes brilhantes, irreverentes e atrevidas. Lentes como José Bonifácio, no Direito Civil, e Manuel Dias de Toledo, no Direito Criminal, fascinavam moços excepcionais, como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, José Felizardo Júnior, Ferreira de Menezes e Carlos Augusto Ferreira, sem contar Rodrigues Alves

e Afonso Pena, dois futuros presidentes da República. Fez-se amigo de todos. Passou a colaborar com jornais e periódicos, como o *Ipiranga*, a *Imprensa Acadêmica* e o *Correio Paulistano*. Participava de tudo, declamava em toda parte, em particular na Academia e no teatro. Produzia muito. Tentava concluir *Os Escravos*. Mas não desistia do *Gonzaga*, pelo contrário. Desde a sua chegada a São Paulo, dedicou-se a encontrar meios de organizar uma companhia para Eugênia, uma companhia que pudesse não apenas reintegrá-la à sua condição de valorizada atriz, como, ou principalmente, encenar o seu drama.

Ela também não permaneceu inativa. Aproximou-se da companhia que atuava no Theatro São José, começou a trabalhar como atriz. Logo passaram a morar separados. Porém, mesmo com a relação destruída, e as queixas e o peso da amargura que restava das traições de ambos, a meta era o *Gonzaga*. Isso só foi possível graças à contratação do ator, ensaiador, diretor e empresário de teatro carioca Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, tido por alguns como o maior ator do seu tempo.

Gonzaga foi à cena no Theatro São José na noite de 25 de outubro de 1868, um domingo, tendo Joaquim Augusto como Gonzaga e Eugênia como Maria. Com o teatro lotado, o sucesso foi estrondoso. A mocidade acadêmica reagiu com entusiasmo à mensagem patriótica do drama da Inconfidência, e ainda mais à denúncia dos sofrimentos do cativeiro, nas figuras de Luiz e Carlota. Se os barões do café e a sociedade paulistana, dependentes da mão de obra escrava nos cafezais, agarravam-se ao sistema escravocrata como imprescindível ao próprio negócio, aqueles moços eram, pelo contrário, exaltados abolicionistas. E apoiavam e aplaudiam Castro Alves, seus devaneios líricos, seus arroubos patrióticos e suas ideias de liberdade. O espetáculo repetiu-se na noite do dia 29 com o mesmo sucesso, e nunca mais foi à cena, enquanto o poeta e autor do drama viveu. Ele também não o viu jamais impresso, como pretendia.

A glória e a fama de Castro Alves passaram, daí por diante, a decorrer bem mais da sua poesia. Porém, o *Gonzaga* foi o seu caminho de triunfos, um caminho que foi também o arrebatador caminho de Eugênia na sua vida, a construir o pedestal da sua imortalidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norlândio Meirelles de. *Cronologia de Castro Alves*. Guarulhos: Editora D. Pedro II, 1960.

ALVES, Castro. *O Gonzaga*, in: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

CALMON, Pedro. *Castro Alves*. Rio de Janeiro / Brasília: Livraria José Olympio Editora / Editora MEC, 1973.

COSTA, Aramis Ribeiro. "Amores e Musas de Castro Alves", artigo. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 46. Salvador: set. 2004.

COSTA, Aramis Ribeiro. "A Morte na Vida e na Poesia de Castro Alves", artigo. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 52. Salvador: março de 2014.

MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*. 3. ed. rev. e com. Rio de Janeiro: Topbooks; Salvador: Universidade Católica do Salvador; Academia de Letras da Bahia, 1997.

Aramis de Almada Ribeiro Costa é baiano de Salvador, de 1950, autor de mais de duas dezenas de livros de literatura, sendo o mais recente o livro de novelas *Do Jeito Insensato de Ser*. Médico, formado em Letras, é sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e titular do Instituto Genealógico da Bahia. Desde 1999 ocupa a Cadeira nº 12 da Academia de Letras da Bahia.

AUTOFICÇÃO NA LITERATURA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Heloísa Prazeres

O conceito de autoficção tem sido marcado por incertezas, confusões e contradições que acabaram por cristalizar um argumento que sustenta sua impossibilidade de defini-lo e passou a caracterizar todos os tipos de obras pertencentes ao campo das "escritas do eu".

Para Beatriz Sarlo (2015), chegamos ao auge da literatura do "Eu", o que significa que estamos perto do seu esgotamento. "A subjetivação crescente reflete uma configuração social da nossa época". (Moser, 2015).

Neste texto, acompanho características antecipatórias desta tendência, retomando o trabalho de um precursor em língua portuguesa, a saber, a poesia de Mário de Sá-Carneiro.

Às vésperas dos 110 anos de sua morte (19 de maio de 1980 - 26 de abril de 1916) pode-se, talvez, avaliar, como, desejando fundar o novo, em contacto com a comunidade artística dos "modernismos", Mário de Sá-Carneiro esteve à frente do seu tempo.

Parte expressiva da fortuna crítica inicial de Mário de Sá-Carneiro é assinada por escritores, seus contemporâneos ou procedentes de gerações que se seguiram à do Orpheu: Luís de Montalvor, João Gaspar Simões, Adolfo C. Monteiro, Vitorino Nemésio, todos estes se manifestaram consensualmente sobre a obra de Sá-Carneiro como resultado imediato ou tenso das relações entre ficção e identidade:

"São os primeiros ecos desse drama, que começa a deixar de ser metafisico e abstrato, para se tornar psicológico e moral" (Simões *apud* Sá-Carneiro,1946, p.33).

Poeta do estreme ressentimento, os temas da sua poesia lírica, por fulgurantes e lúcidos que sejam, sangram (Nemésio, V, 1958, p.215).

A crítica posterior confirma a perspectiva desses depoimentos de época, traduzindo a obra Sá-Carneiriana como em todos os momentos, a manifestação da sua personalidade ou Registro vivo do seu caso pessoal (Moisés,1994, p.305). É certo que, na obra completa de Mário de Sá-Carneiro, essa distinção se esbate: a obra toda é o espaço de ficção que o revela – "espelho de água" − o poeta mostrando-se na plenitude do texto.

A poesia de Mário de Sá-Carneiro (1946) não convida à anedota que questiona: onde acaba e/ou onde começa a pequena estória do homem? Onde reside a grandeza da poesia? Toda a obra é substância regida pela eliminação de diferenças: pela dedicação da vida à arte.

Exatamente como o fizeram alguns de seus pares, o poeta queimou a vida no fogo da poesia, administrando o próprio fim, pelo reclamo de eternidade no transitório da vida moderna.

No contexto dos anos 1960, com a "morte do autor" barthesiana (Barthes, 2004) em que se perdia o poder sobre o texto publicado, o texto e o leitor ganhando autonomia, iniciou-se um estudo sobre a prática autobiográfica típica da cultura francesa. Quando se questiona a possibilidade de representar a realidade por meio da linguagem ou de relativizar a verdade, cai-se na tentação de considerar tudo ficção. Afirmar que toda escrita do eu é uma prática autoficcional, justificando-a como a impossibilidade de não inventar e preencher as lacunas da memória com ficção, equivale a negar à autoficção sua especificidade e a intenção do autor.

Mário de Sá-Carneiro, após escrever, em Paris, os seus primeiros versos, em fevereiro de 1913, crendo-se até dramaturgo ou contista, revelaria, a seguir, que fora assaltado pela poesia. Participa a experiência ao amigo Fernando Pessoa e demonstra, ele mesmo, pasmo e inocência:

... pus-me a fazer bonecos num papel ... e de súbito comecei a escrever versos, mas como que automaticamente. (Simões,1950, p.340).

Teorizando sobre as relações entre poesia e prosa, Ezra Pound (1970) associa a experiência poética a uma comoção do intelecto: "[...] no verso algo aconteceu à inteligência. Na prosa a inteligência encontrou um objeto para suas observações. O fato poético pré-existe" (Pound. 1970, p.83).

Nesse contexto, pensamos no Sá-Carneiro (1946) prosador dos contos de "Princípio" (1912) e das novelas: "A Confissão de Lúcio" (1914) e "Céu em Fogo" (1915), como alguém que buscasse às cegas, prematuramente, aos vinte e poucos anos, dar vazão criadora fluida, lírica, numa forma artística que reclamasse composição refletida, regida por uma autoria.

Acredito que, quando o artista formaliza a sua criação num texto, titulado e autorizado à publicação, já o configura como arte (um narciso que pensa), dá forma e circulação a uma poética: [...] a vida, a natureza, que são para o artista? Coisa alguma. O que devemos é saltar na bruma, correr no azul à busca da beleza (Sá-Carneiro,1946, p.52).

Paris era a "Capital assombrosa" (Sá-Carneiro, 1945 p.57) e o poeta testemunhava, nesse impacto de experimentalismo e tradição, como as tendências da modernidade iam-se plasmando em aspectos, negando a retórica: no dinamismo característico da nova sensibilidade que combinou luxo, sensação e cosmopolitismo.

Em trabalho dedicado à poesia portuguesa do final do século, procurei refletir sobre o que distingue da série literária vigente a poesia de Cesário Verde (Prazeres, 1980) e encontrei

a dissidência: a criação poética sendo também ruptura e crítica da linguagem, da estética, da moral do seu tempo.

Nos poetas emergentes dos anos iniciais do século XX, observa-se que a poesia foi também desejo de diferença, cada vez mais acentuado:

Meus olhos ungidos de Novo, Sim! − meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos interseccionistas, não param de fremir, de sorver e faiscar. (Sá-Carneiro, 1946).

Em post-scriptum à carta que comunica a Pessoa a aparição em si do poeta, Sá-Carneiro anotou: "depois de composta a poesia, vi que ela era sincera [...]"(SIMÕES, 1950, p.341). Essa anotação não é circunstancial, o problema da "sinceridade" na obra de Sá -Carneiro está, permanentemente, associado ao seu modo de apresentação do material literário apreendido. O referencial de "sinceridade" é análogo ao de "ungido", "eleito", a ressonância é ritualística e remete à recepção do sacramento, a um contexto quase litúrgico.

Sá-Carneiro passará a criar sistemática e condensadamente, ao longo do mês de maio de 1913, os 12 poemas que compõem o livro de estreia de poesia, Dispersão. Nele, dominam técnicas contextuais, vastíssimas correspondências, onde tudo se encontra cifrado, relacionado – a imaginação é exacerbada pela analogia irrestrita das imagens. O poeta é agente de transmissão, disperso em formas, cores, vibrações, sabendo e comunicando que, apesar do seu exasperado individualismo (atenuado pelo decoro formal), "ele não afirma a própria alma, mas a alma do mundo" (Paz, 1980, p.28).

O título Dispersão é indicativo dos conteúdos mais constantes da poesia de Sá-Carneiro. O eu (poético) exorbita-se, o poeta quer transcender-se, desdobrar-se. Esse esforço de busca da outra margem eclodirá como dominância na obra. As vivências, introspecções e meditações metafísico-existenciais da sua poesia resolvem-se em profundidade na linguagem: operação que confere às palavras uma essencialidade e uma ostentação

apenas encontráveis na poesia portuguesa de maiores como António Nobre e Camilo Pessanha.

Entregando-se às audácias da nova sensibilidade Sá-Carneiro incorporou a lição de seu tempo: o "eu" é "outro". A dimensão de alteridade, que explora forças subjacentes ao consciente, deflagrada em sua poesia, antecipa a maneira mais caracteristicamente primitiva do Surrealismo, com a qual sua linguagem está em contacto em muitos aspectos.

Ao aderir sem restrição à abolição do esforço ordenador, liberando como poeta o "querer dizer da linguagem" e dando-se ao fluir pensante da fantasia espontânea: "Oh! regressar a mim profundamente:/E ser o que já fui no meu delírio [...]" (Sá-Carneiro, 1946, p.116).

Nota-se como não se transmuda a inocência da linguagem. Igual procedimento, retornará à poesia lírica de Portugal, apenas três décadas depois, na obra surrealista de Antonio Maria Lisboa (1928-1953).

Mário de Sã-Carneiro viveu sempre de olhos abertos para a vida, sobretudo a vida interior, que viveu com os sentidos atentos às ressonâncias, às analogias entre o mundo de fora e o mundo de dentro e o sobremundo do inefável. Essa disposição poética o colocou à vontade também frente aos exercícios de "blague" e sistematizações do experimentalismo proposto pelos – ISMOS culturais procedentes de Fernando Pessoa, na época do Orpheu. Dele, teria afirmado Pessoa, ser o melhor e mais original poeta do Paulismo.

Do laboratório cultural que caracteriza as primeiras décadas do século XX ressalta o experimentalismo como dominância alternativa, que muda a face da arte. Mário de Sá-Carneiro, tendo vivido esse tempo assiste à "queda da aura" da obra de arte, ameaçando-se o seu "castelo", a sua "torre", pela fatal sedução da nova cidade.

Vivendo espiritual e visualmente essa desunião o encontraremos refratário e/ou atraído como a um vício, a uma

"ânsia cosmopolita" que assinalou com o estigma de "ser civilizado" os da sua geração. Traços dessa descompensação percorrem-lhe a obra completa.

Esforços lúdicos e solidários, porque presos a pacto do "orpheísmo", são os poemas . "Manucure" e "Apoteose".

O experimentalismo de esforço tem especial importância do ponto de vista histórico. A vontade de modernidade vaza pela estrutura, aparecendo na linguagem, que como um mosaico, deixa-se entrecruzar por jogos de combinação, de onde sobressaem gritos, gemidos, cicios, ruídos vários do referencial urbano (Schwartz, Jorge, 1979).

O sistema expande-se com o surgimento de elementos que remetem a códigos comerciais. É importante observar como, nestes mesmos textos, opera-se o cruzamento de tempos, espaços e linguagens convivendo a sensibilidade que reclama pelo eterno com a fugacidade, a transitoriedade da vida moderna.

Esta literatura registrada nas páginas da Revista Orpheu (que foi o órgão de difusão da introdução do Modernismo em Portugal, em 1915) era a tentativa visionária, futurista, de conciliar o clima de belle-époque (como forma de expressão agonizante do final do século) com a objetividade absolutamente dinâmica da civilização tecnológica.

A literatura da Revista revela peculiaridades comuns ao clima cultural no qual se formou. Através de suas páginas, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro manifestaram um "desejo de escândalo" cujo solo espiritual, principalmente estrangeiro, fornecia-lhes a ideia que eles, junto com os demais companheiros, dramaticamente iam dando forma.

O grupo logo se dissipou pelo peso da inserção do novo: em abril de 1915, sai o primeiro número da revista, em julho o segundo e o último. O poeta Mário de Sá-Carneiro surge e desaparece com o tempo do Orpheu. Por volta de sua morte, 1916, ele era quase completamente ignorado do grande público.

O grau de inteligibilidade de sua arte estava além do receptor médio. Numa perspectiva internacional, seus modelos de criação e o arrojo de sua forma são completamente atuais (ele próprio previra a sua futuridade). Como prosador, deixou "Princípio" (1912), "A Confissão de Lúcio" (1914) e "Céu em Fogo" (1915). Sua poesia soma apenas 51 poemas, tendo publicado os 12 sob o título de "Dispersão" (1914) e deixado inéditos os "Indícios de Oiro" (que confiou a publicação a Fernando Pessoa), além dos chamados Os "Últimos Poemas" de Mário de Sá-Carneiro. Suas várias dicções de neologismos, cultismos, ritmos novos, sonoridade requintada – o caráter absolutamente plástico de seus versos – em diálogo livre com a tendência ao tom mordaz e coloquial do prosaísmo dos poemas longos: "Em Paris, é preferível, por causa da legenda / [...] De aqui a vinte anos a minha literatura talvezse entenda" (Sá-Carneiro,1946, p.159).

As vocações do seu texto captaram diversidade de influxos, respiração nova, "golpe de asa", metáfora que hoje lemos não mais como a do "errante", "confundido", "triste" e "Interditado", mas como equivalente de voo pleno, passagem conquistada pela alegoria da obra no tempo.

Pequena quantitativamente sua poesia monumentaliza-se como emblema de resistência lírica, como a lição do poético como restaurador do humano, que o grande poeta ensina.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A escrita do romance. *In*: BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. Tradução Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Le degré zero de l'écriture, Editions du Seuil, 1953).

BERARDINELLI, Cleonice. Introdução. *In*: SÁ-CARNEIRO, M. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

LIND, G. Rudolf. *Teoria Poética de Fernando Pessoa*. Porto: Inova, 1970.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 27. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1994.

MOISÉS, Massaud. Forma e Cosmovisão. In: Literatura: mundo e forma. São Paulo: Cultrix, 1982.

NEMÉSIO, Vitorino. O caso e dispersão de Mário de Sá-Carneiro. In: Conhecimento de Poesia. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia:1958.

PAZ, Octavio. EI caracol y la syrena (Rubén Dario). *In*: *Quadrivio*. 5. ed. México: Joaquím Mortiz, 1980.

POUND, Ezra. El artista formal. In: El arte de lapoesia. México: Joaquín Mortiz, 1970.

PRAZERES, H. A oficina de Cesário Verde. In: Literatura e transformação. Dissertação de Mestrado,Salvador: UFBa,1980.

SÁ-CARNEIRO, Mário. A confissão de Lúcio. Lisboa: Ática, 1946.

SARLO, Beatriz. In: Moser, Sandro. Chegamos ao auge da literatura do eu. Gazeta do povo. 06/07/2015.Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/chegamos-ao-auge-da-literatura-do-eu-60c39kk4ch8k7suz6e5s0nqrh/amp/. Acesso em: 14 mar. 2025.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardia y Cosmopolitismo enla década del veinte*: Oliverio Girondo y Oswald de Andrade. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1979.

SIMÕES, João Gaspar. Introdução. *In*: SÁ-CARNEIRO, Mário. Poesias (dir.) *Luís de Montalvor*. Lisboa: Ática, 1946.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*: História de uma geração. Lisboa: Bertrand, 1950. p. 340.

Texto publicado na Rev Exu, Salvador, Ano V, p 38-41, 1990. Rev. atualizado e aumentado pela autora

---

Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, desenvolve sua escrita principalmente no gênero lírico. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS) e coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia (2004 - 2007). Heloísa Prazeres possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020), *A vigília dos peixes, poemas* (2021), *O tempo não detém a vida* (2023) e *Nossa casa alheia* (2024). Desde 2021 ocupa a Cadeira nº 26 da Academia de Letras da Bahia e, em 2022, assume a Cadeira nº 14, como membro titular da Academia de Letras de Itabuna, Alita.

EURICO ALVES, O POETA FUTURISTA DA BAHIA

Florisvaldo Mattos

O poeta Eurico Alves (1909-1974) formou com Godofredo Filho (1904-1992) e Carvalho Filho (1908-1994) a trinda-de inaugural do modernismo na Bahia, seguindo a revolução estética deflagrada pela Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, e com isso enfrentando, mesmo que ainda civilizadamente (sem a virulência da Academia dos Rebeldes, a partir de 1928), a barreira do conservadorismo então vigente, não só na literatura e nas artes, mas em tudo. Arrisco-me a dizer que Eurico Alves foi, senão o mais avançado modernista baiano, talvez o nosso único e autêntico poeta realmente futurista, na linha de Fernando Pessoa, pela voz de seu heterônimo Álvaro de Campos ("Ode triunfal", "Ode marítima", "Ode a Walt Whitman", "Dois excertos de odes", entre outros), com os seus *Poemas metálicos*, escritos entre 1926 e 1932, que falavam oniricamente de fábricas, chaminés, eletricidade, velocidade, transeuntes operários, lampejantes avenidas congestionadas de automóveis, num tempo em que habitantes saudavam a instalação de novas linhas de bondes e, por isso, na esteira também do italiano pregador do movimento, Giuseppe Tommaso Marinetti (por sinal, sobrenome inspirador do apelido que era dado, na pujante região cacaueira, aos ônibus da Companhia Viação Sul-Baiano, as então "marinetes", entre os anos 1940-1960).

Quem lesse estas suas ousadas aventuras verbais certamente admitiria que o lastro imaginativo de Eurico Alves provinha de publicações em francês, desde que esse idioma,

nos inícios do século XX, ainda funcionava, em países da América do Sul, como uma língua de forte peso cultural, ao ponto de um escritor do porte do argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), ainda jovem, definir os sul-americanos, segundo Bella Jozef (1996), como "europeus no desterro", pelo tanto que persistia neles de países da Europa.

No entanto, Eurico Alves parece ter-se distanciado desse comportamento adotado pelos modernistas de 1922. Tanto assim que, em 1968, numa carta ao escritor Hélio Simões, seu companheiro dos tempos do movimento *Arco e Flexa* (1928), além de revelar quanto lhe foi altamente positiva a leitura de um futurista flamengo, confessa, a respeito de sua poética:

> "Pretendi, certo tempo, formar uma plaqueta – *Poemas metálicos* – com *Petróleo, Bahia, Raça, Usina, Barragens, Dínamo, Arado e Sertanejo*. Reminiscência de leituras dos versos encandecidos do flamengo Émile Verhaeren. Ainda sinto a mesma alegria quando leio qualquer dos livros deste poeta".

Por isso, não será demais admitir-se que, na imaginação sonhadora do jovem feirense, a Cidade da Bahia, na época, não se via apenas como símbolo de atraso, patenteado por ruas estreitas, praças e becos, de calçamento rústico, por bondes assobiando e rangendo sobre trilhos, postes com lâmpadas de pouca luminosidade, comércio rastejante, sem nem mesmo ostentar reclames a gás neon, e o mais com que seus olhos cotidianamente se deparavam. O que seu estro demandava eram versos que sugerissem cenário idêntico aos de países cuja paisagem, já celebrada por muitos escritores, filósofos e políticos, indubitavelmente, apontava para a modernidade, com trabalhadores e transeuntes a congestionar os espaços urbanos, anonimamente.

Um olho agudo voltado, não para praias e mar azul, florestas e campinas verdejantes, para ramos povoados de guriatãs cantantes ou de curiós pousados em cercas de arame farpado, porém,

mais precisamente, para paisagens que atestavam a consciência e as especulações sensíveis de um poeta, em contraste com a Salvador, da época, vista como a terra do "já foi". As ousadas cogitações desse jovem poeta mais afluíam para uma cidade imersa na volúpia fumacenta de locomotivas, de longas avenidas ladeadas por arranha-céus, ruas largas, pulsação mágica de fábricas e ardentes chaminés, lanchas e transatlânticos nos portos, guindastes, automóveis, buzinas, apitos, sirenas, guinchos, com céu cinzento sobre massas enormes de cimento armado, reclames, títulos e dísticos luminosos – enfim, uma festa de nítido sonho futurista" (Mattos, 2022). Eram os conteúdos reais desse mundo, que alimentavam a mente dos transeuntes, como se vê nesses versos de Eurico Alves:

E a pulsação mágica das fábricas
cantando;
e a gritaria ensurdecedora de lanchas e transatlânticos no porto,
guindastes rilhando, arquejando...
Buzinas, apitos, sirenas, guinchos.
E o céu cinzento das massas enorme de cimento armado...

Assim, oniricamente, o poeta Eurico Alves imaginava a Cidade da Bahia de seu tempo. E não havia como não supor que elocuções poéticas desse teor advieram após ele ter conhecimento das ideias de Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), contidas em seu manifesto sobre o Futurismo, publicado no jornal *Le Figaro,* de Paris, em fevereiro de 1909. "O esplendor do mundo foi enriquecido por uma nova forma de beleza, a beleza da velocidade", exortava o italiano, na sua pregação. Todavia, já se observava então no ambiente citadino um clima de forte aspiração por mudanças, principalmente no que se referia ao sistema de bondes, o transporte moderno, há já mais de uma década servindo aos habitantes, mas na ocasião já em processo de acelerada reformulação, como decorrência das reformas empreendidas pelos dois governos Seabra (1912-1916 e 1920-1924).

O pensamento de Marinetti centrava-se em alguns princípios essenciais, tais como: a apologia da velocidade, do automóvel em disparada; o canto inebriado da modernidade das fábricas, aviões, estradas de ferro, de tudo quanto parecesse *moderno*, nas suas formas avançadas e imprevistas; a recusa de tudo o que representasse passadismo, sentimentalismo, lirismo amoroso e mais o que significasse preservação cultural, como bibliotecas, museus e feitos da arqueologia, assim como a defesa da destruição total da tradição. Tudo isso está alicerçado nos onze princípios do manifesto lançado em 1900, que tornaram o Futurismo a sensação das artes e especialmente da literatura, espalhando-se pelo mundo.

Para situar o poeta Eurico Alves na perspectiva desta rápida abordagem, parece de boa luz reproduzir uma seleção dos princípios do Manifesto Futurista. Seguem.

Nº 1 - Nós queremos cantar o amor do perigo, o hábito da energia e da ousadia. Nº 2 - A coragem, a audácia e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia. Nº 4 - Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu com uma nova beleza: a beleza da velocidade. (Um automóvel de corrida (...), um automóvel que ruge, parece correr debaixo do fogo, é mais belo do que a Vitória de Samotrácia. Nº 5 - Queremos glorificar o homem que segura o volante, cujo eixo ideal atravessa a Terra (...) Nº 8 - Estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que razão devemos acautelar, se queremos arrombar as misteriosas portas do impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos agora no absoluto, pois criamos a velocidade onipresente. Nº 11 - Cantaremos as grandes multidões agitadas, pelo trabalho, pelo prazer ou pela rebelião; (...) as marés multicolores ou polifônicas das capitais modernas; (..) o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; (...) as locomotivas de peito amplo que atropelam os carris, como enormes cavalos de aço com freios de tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice rasga o vento como uma multidão entusiasta.

Diante de tais cogitações, torna-se inadiável volver ao modo como o Futurismo, cuja pregação tanto se difundiu mundo afora, foi encarado pelos principais nomes da famosa Semana de Arte Moderna de 1922. Segundo o crítico baiano Afrânio Coutinho, mesmo sendo a fonte deste movimento que revolucionou a literatura e as artes, no Brasil, a palavra Futurismo foi "grandemente repudiada pelos escritores e artistas da época, que preferiram, em seu lugar, usar a palavra Modernismo", e que "o próprio Marinetti foi objeto de desatenção, em sua passagem por Rio e São Paulo, em 1906", com a impressão negativa que teve dele Mário de Andrade, líder da erupção modernista: "Sem vivacidade nenhuma, maníaco, mau recitador, gritalhão e italianissimamente francescabertini, repetindo o mesmo que fala desde 1900 e por isso dando a impressão do sujeito que fala de cor".

Afrânio Coutinho conclui suas observações com esse registro: "Assim agiram outros, na rejeição ao termo futurista, como entre eles Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo e Tristão de Ataíde. Dessa maneira, fixaram-se definitivamente as denominações de Modernismo e modernista".

No entanto, esse repúdio ocorria em outros países, inclusive em Portugal, quando Fernando Pessoa, diferentemente de seu amigo e correligionário Almada Negreiros, preferiu para si a denominação de sensacionista, em lugar de futurista, especialmente nas odes proferidas pelo seu heterônimo Álvaro de Campos, em que tomava por base a convicção de que "nada existe, não existe realidade, apenas sensação", que se apresenta ao mundo como invenção.

"O sensacionismo prende-se à atitude enérgica, vibrante, cheia de admiração pela Vida, pela Matéria e pela Força, que têm lá fora representantes, como Verhaeren, Marinetti, a Condessa de Noailles e Kipling – tantos gêneros diferentes dentro da mesma corrente! (...) O sensacionismo é um grande progresso sobre tudo quanto lá fora na mesma orientação se faz" (Pessoa, apud Amélia Pinto Pais, 2012).

Na América do Sul, além da paulista Semana de Arte Moderna, houve dois casos, que antecipadamente seguiram esta mesma orientação: o do poeta Vicente Huidobro, que, entre 1912 e 1915, introduziu a novidade do Criacionismo, e o do argentino Jorge Luis Borges, que transportou o Ultraismo, da Espanha para Buenos Aires, em 1921. Assim o chileno justificava a sua aventura estética:

> "O reinado da literatura acabou. O século XX verá nascer o reinado da poesia no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, no da criação como o chamaram os gregos, embora jamais tenham conseguido realizar sua definição". E mais: "Se o homem submeteu para si os três reinos da natureza, o reino mineral, o vegetal e o animal, por que razão não poderá agregar aos reinos do universo seu próprio reino, o reino de suas criações? O homem já inventou toda uma fauna nova que anda, voa, nada e enche a terra, o espaço e os mares com seus galopes desenfreados, com seus gritos e seus gemidos."

Já Borges decidiu viajar no mesmo comboio opcional, após anos de proveitoso convívio intelectual com o escritor espanhol Rafael Cansinos Assens, que lançou e liderou o movimento ultraísta, na Espanha. No manifesto de lançamento do Ultraismo, assinado por ele e mais três argentinos e publicado numa revista espanhola, em fevereiro de 1921, finca-se a ideia de que a arte, ao deixar de ser "uma cópia da objetividade do meio ambiente e da história psíquica do indivíduo", redime-se e "torna o mundo seu instrumento e cria – bem além de cárceres espaciais e temporais – sua visão própria".

"Esta é a estética do Ultra. Sua vontade é criar: é impor insuspeitas faces no universo. Pede aos poetas uma visão desnuda das coisas, ausente de estigmas ancestrais; uma visão patente, como se diante de seus olhos fosse surgindo originalmente o mundo. E, para conquistar esta visão, é necessário

lançar todo o pretérito para a margem." (...) "Os ultraístas existiram sempre: são os que, adiantando-se a seu tempo, aportaram no mundo aspectos e expressões novas. A eles devemos a existência da evolução, que é a *vitalidade das coisas*. Sem eles seguiríamos girando em torno de uma luz única, como as borboletas. (...) "*A criação pela criação* pode ser nosso lema. A poesia ultraísta possui tanta cadência e musicalidade como a secular. Possui igual ternura. Possui alta visualidade, e tem mais imaginação. Porém, o que muda é a modalidade estrutural. Nesse ponto, enraíza-se uma de suas mais essenciais inovações. (...) "Não pretendemos purificar a alma, nem sequer a natureza. O que renovamos são os meios de expressão". (Borges, *Manifesto do Ultra*, 1921. Tradução livre).

O Ultraismo fluiu sobre suas principais características, assim dispostas, em sua pregação: sobrevalorização da imagem e da metáfora, tornando-as muitas vezes múltiplas (várias incluídas em uma só); inovação na tipografia: o uso de espaços em branco e ausência de sinais de pontuação; supressão da rima e até mesmo do ritmo.

E o que dizer do norte-americano Ezra Pound, com o lançamento de seu Vorticismo, na Londres, de 1915, em plena marcha ruidosa das Vanguardas artísticas, e visto como uma combinação de Cubismo e Futurismo? "O movimento tem esse nome pelo fato de apresentar imagens sucessivas aceleradas em profundidade, promovendo um sorvedouro de perspectivas, um vórtice, daí Vorticismo. Há também outra explicação, com base na ideia de que toda geração artística surge de um vórtice emocional." (Gabriella Porto).

O que o jovem Eurico Alves cogitava, em plena adolescência, está nos versos metálicos, de alguns de seus principais poemas:

Ralam o ar, rodopiando em roucos ronrons rudos,
as ruivas, rúbidas rodas raivosas, rápidas, ao fogaréu ...

Negras fauces monstros de fornalhas, abocanhando as sombras,
num doido torvelinho desordenadamente bruto,
de permeio às turbinas, aos êmbolos, às válvulas e a loucura
de mil garras de fogo – as alavancas víboras –
no vai-e-vem, vem-e-volta,
subindo, descendo, afogando-se na fofa negrura do óleo chiando ...
(Dínamo, 1926)

*****

estridula e apita e jazzbandiza ferros,
numa alucinação fantástica de mil músculos de aço
tinindo e retinindo, zoando e retumbando no abandono do vale.

Macabra mistura de polias, cordames, manivelas e rodas dentadas, furiosamente, diabolicamente, alucinadamente ... (Usina, 1929)

*

E a pulsação mágica das fábricas
cantando;
e a gritaria ensurdecedora de lanchas e transatlânticos no porto,
guindastes rilhando, arquejando...
Buzinas, apitos, sirenas, guinchos.
E o céu cinzento das massas enorme de cimento armado...(Bahia, 1930)

*

Penso:
quando escuto ao lusco fusco o teu canto selvagem.
a bárbara musicalidade do teu ritmo moderno,
esse soberbo estribilho incansável
dos apitos agudos e repetidos das fábricas,
a risada vibrátil de te ares rodando, movendo... (Raça, 1930)

*

Rola no campo molemente o arado,
numa fanhosa música de ferraria nova.
Molas azeitadas,
rodas ruidosamente perfurando o solo,
rodando, movendo compassadamente (Arado, 1931)

*

Sob o crespo céu onduloso, a locomotiva que arfa,
que arfa e arfa, suflando e ruflando fogosa o
fôlego de fogo da fornalha
furiosa, aflando fanhosa e fina... (Asa negra, 1932)

*

As altivas chaminés olham o céu e pensam
na aleluia das vidas que arquejam aos seus pés,
no triunfo dos cérebros que vibram à sua sombra longa.
Masculinamente, as chaminés pensam na noite escura... (As chaminés, 1932)

*

Rodam ruidosas rodas ríspidas raivosamente roendo o chão, roendo a areia,
e descem rudes sondas rombudas metálicas rompendo a lama...
os segredos profundos do fundo da terra...
(...)
A fornalha da tarde se escancara
e saem tostados homens sujos de pó,
lambuzados de lama, enfeitados de óleo virgem. (Petróleo)

Múltiplos fatores contribuíram para que a poesia de Eurico Alves viesse a obter a merecida repercussão, porém tardia, depois de sua morte em 1974, aos 65 anos de idade, quando sua filha, Maria Eugênia Boaventura, então professora da Unicamp, em São Paulo,

reuniu uma coletânea de poemas, publicada sob o título de *Poesia*, com apresentação do poeta Carvalho Filho, companheiro de geração de seu pai, sob patrocínio da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). Foi a partir daí que se acendeu alguma luz de natureza crítica sobre a poesia desse ilustre feirense, mas na maioria voltada para o lirismo de lastro modernista.

Coube ao poeta, ensaísta e professor Silvério Duque seguir o mesmo caminho, mas com uma exceção: dedicou parte de sua abordagem à separatriz do livro, intitulada *Poemas Metálicos*, como uma aventura futurista, decorrente de variadas influências, constituindo-se, por isso, num "grande defeito".

"Os poemas que compõem esta primeira fase de sua obra poética nada mais são que exemplos bem elaborados de um artista à procura de caminhos próprios, exercícios verborrágicos de uma obra tão jovem e incerta quanto o seu autor, àquela época, e, por isso mesmo, não passam de tropeços comuns na longa caminhada rumo ao amadurecimento que não se lhe tardaria chegar, mas não seria nos anos de 1926 a 1932".

Depois de identificar nesses versos "grande aparato verbal", adotado "para minimizar os excessos descritivos e gongóricos", Duque reconhece que "são consequências da busca por uma linguagem moderna", mas, mesmo assim, "esses primeiros poemas não passariam de meros exercícios inglórios do mais puro artificialismo", para desaguar no positivo reconhecimento de que "a grandeza da poesia de Eurico Alves Boaventura só acontece com o abandono da linguagem futuristicamente verhaereniana para uma poética onde imperam o regionalismo das idílicas vilas sertanejas e a tradição poética", tornando o livro editado pela Fundeb "um resgate literário significativo".

Esta menção de que esses versos, de Eurico Alves, denotam "puro artificialismo" parece remeter a exemplos de *arte naïf,* isto é, de *primitivismo*, assentados na ideia, que irrompeu no período das vanguardas ou do modernismo literário do século XX,

especialmente no âmbito das artes plásticas, quando muitos artistas se mostravam encantados com a descoberta da arte produzida por artistas de perfil não acadêmico e autodidatas, sem conhecimento teórico, em várias regiões, de África, Ásia, Oceania e América Latina, casos patentes dos pintores Pablo Picasso, Paul Gauguin e Paul Klee, de que o mais consagrado exemplo reside na tela *Les Mademoiselles de Avignon* (1907), em que o andaluz introduziu formas de arte primitiva oriundas de países da África abrindo as portas para o Cubismo (1908).

Este grandioso exemplo nos faz transportar para o universo popular da poesia de cordel, que tanto engrandeceu os sertões do Nordeste, de que Salvador teve, como exemplo máximo, os versos de Cuíca de Santo Amaro (1907-1964), tão incômodo politicamente, que certa feita o então governador Antonio Balbino se viu forçado a mandar comprar todo o estoque de um de seus livretos espalhados pela cidade, para evitar o tanto de imagístico que os versos dele podiam gerar. Até aí vai, mas há de se ver em quanto a elocução *naïf* (ingênuo) alcançou na poesia de mais ampla formulação estética. Para não ficar somente em solo baiano, descobre-se o que pode acontecer no âmbito da chamada poesia maior, como neste poema, revestido de falsa inocência, do cuiabano, consagrado pela inteligência e a mídia do Centro-Sul, Manoel de Barros (1916-2014):

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.

Os *Poemas Metálicos*, de Eurico Alves, não se encaixam em nenhuma dessas mecânicas criativas. O poeta Carvalho Filho, seu companheiro de geração modernista, no prefácio ao livro *Poesia*, por ele rotulado de "textos ora revelados, inéditos na sua quase totalidade", parece confirmar, na análise que dele faz.

"É que o poema autêntico traz, congênita, desde o seu impulso subjetivo, a sua própria expressão formal. Foi que Eurico Alves encontrou, na poesia, o processo ideal de transmissão, ao meio, da sua insatisfação espiritual. Nessa poesia, porque criada em estado permanente de consciência, surpreende-se por igual a justa adequação da linguagem metafórica à linguagem poética usual" (...), diz Carvalho, para logo arrematar, numa clara alusão às vanguardas artísticas e literárias:

"Sem esquecer que o poeta não foi insensível aos movimentos de ideias correntes em seus dias, deve-se dizer que o que nos legou reflete convicções culturais, com marcas positivas em sua sensibilidade. Admitindo-se a semelhança ou a analogia entre o comportamento do espírito que cria e o futuro da obra criada, vamos aceitar que a dele, construída em silenciosa vigília, será certamente, em ocasião oportuna, reconhecida em sua irrecusável validade".

Há de se observar que essa "irrecusável validade", da poesia de Eurico Alves, demorou basicamente de ser reconhecida, devido à opção do poeta, por motivos de origem e profissionais (professor e jurista), de fixar-se, por toda a vida, em sua amada Feira de Santana, obviamente distante de instituições e de decisórios centros editoriais, levando-o a difundi-la por variados meios de comunicação social, como jornais e revistas, o que iria tardar a sua publicação em livro. A evidência desta circunstância consumou-se no singular diálogo que o jovem poeta travou com Manuel Bandeira, uma das estrelas maiores do movimento modernista, convidando-o a visitar a cidade, onde vivia confinado, por opção própria, através do poema "Elegia para Manuel Bandeira", que lhe respondeu, recusando, fraternalmente, com esta joia satírica, de elocução quase *naïf,* que vale transcrever:

ESCUSA
Manuel Bandeira

Eurico Alves, poeta baiano,
Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito.
Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Ana.

Sou poeta da cidade. Meus pulmões viraram máquinas inumanas
e aprenderam a respirar o gás carbônico das salas de cinema.
Como o pão que o diabo amassou.
Bebo leite de lata. Falo com A., que é ladrão.
Aperto a mão de B., que é assassino.
Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo os olhos nas cores
[das madrugadas.

Eurico Alves, poeta baiano, Não sou mais digno de respirar o ar puro
[dos currais da roça.

Mais do que uma recusa, percebe-se uma homenagem, um prêmio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eurico. *Poesia*. Salvador: Fundação da Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990. Org. de Maria Eugênia Boaventura.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2011. Trecho de *O Apanhador de Desperdícios*.

BORGES, Jorge Luis. *Textos Recobrados (1919-1929)*. Buenos Aires: Emecê Editores, p. 106, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, segunda edição revista e ampliada, vol. I, p. 742, verbete: *Futurismo*, 2001.

DUQUE, Silvério. *A Poesia de Eurico Alves Boaventura ou a revolução às avessas*. https://www.arquivors.com/sduque2.htm. Acessado em 27/11/2025.

HUIDOBRO, Vicente. *O Criacionismo*. https://triplov.pt/revistaTriplov/o-criacionismo/ Acessado em 30/11/2025.

MATTOS, Florisvaldo. *Academia dos Rebeldes e outros exercícios redacionais*. Salvador: ALBA Cultural, 2022.

PAIS, Amélia Pinto. *Para compreender Fernando Pessoa*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

PORTO, Gabriella. Vorticismo - Movimento Artístico. https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/vorticismo/. Acesso em 30.11.2025.

Florisvaldo Mattos é poeta e jornalista; professor aposentado da Universidade Federal da Bahia; exerceu cargos em vários jornais, inclusive a editoria do suplemento *A Tarde Cultural*. Entre 1987-89 ocupou a presidência da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). Possui obras publicadas, de poesia e ensaios, sendo as três últimas: *CACAUEIROS. Poesia. Conto. Teatro*; *Academia dos Rebeldes e outros exercícios redacionais*, ambos de 2022, e *Catorze Janelas Abertas – Sonetos Reunidos, com inéditos, 1953-2023*, 2025. Participou de antologias poéticas, na Bahia, no Brasil e no Exterior (Portugal, Espanha, França e Alemanha). Desde 1995 ocupa a Cadeira nº 31 da Academia de Letras da Bahia.

DO AMOR: O PROCESSO CRIATIVO DE UM ENSAIO DE JUDITH GROSSMANN

Evelina Hoisel

Em setembro de 1981, na *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 29, foi publicado um artigo de Judith Grossmann intitulado "A mulher na poesia de Castro Alves" (p.71-84). Trata-se de um longo texto no qual Grossmann estabelece uma galeria de figuras masculinas e femininas na poesia do poeta, configurando oito tipos de mulheres que se destacam na lírica amorosa de Castro Alves: 1. A virgem; 2. A estrangeira; 3.A amante; 4. A mulher perdição; 5.A mulher artista; 6. A mulher polimorfa; 7.A mulher interiorizada; 8.A mulher ideal.

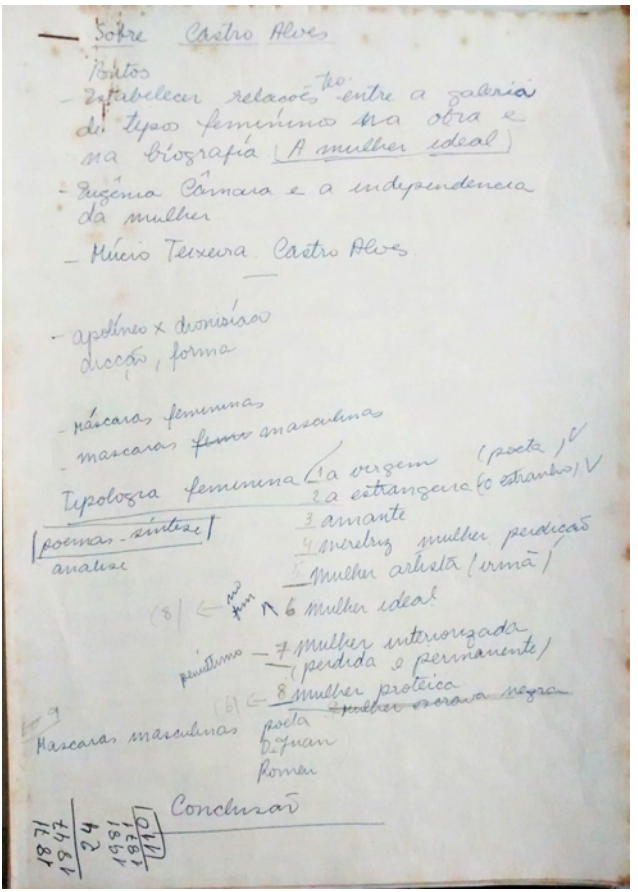
Ao refletir sobre essa tipologia das mulheres amadas pelo poeta, Grossmann aponta como o eu poético encorpa-se também em uma variedade de máscaras masculinas, as quais são assumidas de acordo com a característica da parceira. Se, por um lado, este procedimento tão marcante nos poemas de Castro Alves confere um caráter dramático à sua lírica amorosa em moventes procedimentos, tornando abstratos o personagem masculino no Homem e a personagem feminina na Mulher (com letras maiúsculas), por outro, esses personagens tipificam também figuras concretas, sensuais, carnais, com possibilidade de doação ilimitada de um ao outro, sem aviltamento de suas condições individuais, configurando assim uma ideologia das relações entre homem e mulher como um dos objetivos do estudo critico de Judith Grossmann.

A experiência poética e amorosa é articulada a partir da afirmação de que Castro Alves viveu os tipos femininos constituídos na sua obra. Embora essa leitura não se fundamente em uma relação de causa e efeito entre a biografia e a obra, ela procura estabelecer uma relação com a maneira pela qual o homem dá expressão à sua sexualidade e à sua afetividade, considerando esses fatores como manifestação do seu espirito e sua vida mental, transformados em texto, estilo e ideologia. Declara, assim, que "o poeta se mostrava receptivo para a infinitude de tipos femininos com que se deparasse, pois somente esta infinitude poderia corresponder à riqueza do seu eu projetado nas personagens femininas" (Grossmann, 1981, p.71). Segundo Grossmann, o poeta aspira a uma parceira com quem possa se relacionar de igual para igual, e esse aspecto é uma "postura pioneira" e "altamente revolucionária" nas relações entre homem e mulher, dramatizada na lírica amorosa por Castro Alves. Considerando esse aspecto, Grossmann destaca e valoriza a conotação social e política da poesia amorosa castroalvina, declarando ser ela tão importante quanto a lírica social propriamente dita, vertente privilegiada pelas leituras até então desenvolvidas sobre a obra do poeta.

Na *Revista da Academia de Letras,* na qual foi publicado o artigo, não se encontra qualquer referência se ele foi uma conferência pronunciada na ALB, como geralmente fica registrado nos números mais recentes desta publicação, o que também não foi possível comprovar nas pesquisas realizadas na Academia de Letras da Bahia. Entretanto, no arquivo literário de Judith Grossmann, situado na Biblioteca Reitor Macedo Costa – Lugares de Memória, estão: a versão datiloscrita do artigo, seguida de duas folhas também datiloscritas, enumerando os tipos femininos e o título dos trinta poemas selecionados e analisados na versão final do texto crítico; uma sinopse datiloscrita; e um documento manuscrito de nove folhas, com as anotações do processo de leitura e análise dos poemas, sendo a primeira das folhas um roteiro – sobre Castro Alves – com as questões propostas, no qual já constam os oito tipos femininos descritos no artigo. Nas oito folhas seguintes, os poemas são distribuídos conforme as tipologias encontradas nos cinquenta e dois poemas da lírica amorosa, descrição que segue a mesma lógica

em todas as folhas, obedecendo a ordem numérica das páginas da edição consultada pela autora: Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. Os poemas analisados nestas oito folhas manuscritas são de "Espumas Flutuantes", "Cachoeira de Paulo Afonso" e "Poesias Coligidas". Todavia, são utilizados na composição do artigo apenas os poemas de "Espumas Flutuantes" e de "Poesias Coligidas".

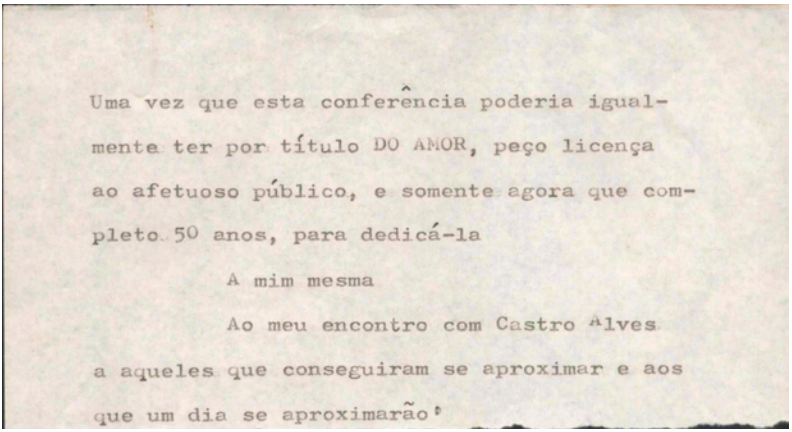
Figura 1 - Manuscrito de Judith Grossmann – Roteiro sobre Castro Alves (1981)



Fonte: Arquivo literário de Judith Grossmann (Biblioteca Reitor Macedo Costa – Lugares de Memória).

Nesta apresentação, não me adentrarei na interpretação das anotações contidas nessas fontes. Interessa-me particularmente destacar um pequeno fragmento textual que não consta do texto publicado na *Revista da Academia de Letras da Bahia*, mas aparece em uma folha colada à primeira página do original datilografado, antecedendo o título do artigo, sobre o qual me deterei para investir na sua produtividade a fim de criar conexões e expor a pulsão arquivística de Judith Grossmann. Meu intuito, assim, é traçar o seu projeto intelectual, entrelaçando a atividade teórica, crítica, pedagógica e ficcional. Trata-se de uma dedicatória, datilografada no sentido horizontal de uma folha de papel A4, em uma fonte maior do que a utilizada no texto do artigo. Insiro a cópia:

Figura 2 - Cópia de texto datilografado: dedicatória anexada à primeira folha da cópia do artigo lido na conferência da ALB



Uma vez que esta conferência poderia igualmente ter por título DO AMOR, peço licença ao afetuoso público, e somente agora que completo 50 anos, para dedicá-la

A mim mesma

Ao meu encontro com Castro Alves

a aqueles que conseguiram se aproximar e aos que um dia se aproximarão.

Fonte: Arquivo literário de Judith Grossmann (Biblioteca Reitor Macedo Costa – Lugares de Memória).

Temos, nessa dedicatória, um dado esclarecedor, não localizado anteriormente: o texto foi produzido para ser lido em uma conferência, indicação que é anunciada explicitamente logo na sua primeira linha. Entretanto não há indicação da data nem do local onde a conferência aconteceu. Todavia, posso especular

sobre esses elementos, oferecendo uma hipótese interpretativa um tanto plausível a partir da confrontação de dados biográficos de Grossmann, inscritos no texto da própria dedicatória. Trata-se de uma conferência pronunciada provavelmente no mês de julho, no "Curso Castro Alves" da Academia de Letras, que tradicionalmente publica o material das conferências e palestras na sua Revista, onde o artigo foi publicado em setembro de 1981, em seu número 29.

Reflexões e correlações podem ser estabelecidas a partir dessa inusitada dedicatória da conferencista a ela mesma, ao completar seus 50 anos de vida. Judith Grossmann nasceu em 4 de julho de 1931, celebrando, portanto, em 1981, cinquenta anos, oportunidade que ela elege para comemorar, celebrando também o seu encontro amoroso com o poeta Castro Alves, tradicionalmente homenageado pela ALB na semana da data de sua morte – 6 de julho. Estrategicamente, por meio dessa dedicatória, e seduzida pela poesia, Judith inclui-se na galeria das mulheres amantes do poeta baiano, numa relação amorosa vivenciada no espaço da lírica, propiciada pela força encantatória da palavra poética, capaz de inseminar paixões moduladas pela libido e pela afetividade do poeta e das personagens envolvidas nas tramas amorosas. Afinal, o poeta se mostrava receptivo para uma infinitude de tipos femininos, como Judith declara no seu artigo ao constatar:

> Castro Alves viveu a sua poesia [...] quanto mais experiência amorosa, mais poesia, quanto mais poesia, mais experiência amorosa. [...] Podemos mesmo falar de uma libido enquanto tal e de uma libido poética, que se devoram mutuamente. (Grossmann, 1981, p. 72).

Estão assim tecidos os enlaces amorosos do poeta com suas parceiras, disseminando-se também para a relação da poesia com seus leitores – "aqueles que conseguiram se aproximar – como ela, Judith Grossmann – e os que um dia se aproximarão"

para procriar inusitadas e copiosas cenas de amor. O leitor, à semelhança do poeta, mobilizado pela força irruptiva de Eros enxertada nas palavras e nas imagens do poema, vive a poesia e se enlaça nas encantatórias e inebriantes seduções do amor, como o poeta, que louco de amores prendia seus afetos e se enroscava em um laço de fita. Não é à toa que Judith declara que a conferência poderia ter por título DO AMOR, apropriando-se do título do romance do escritor francês Stendhal – *De L'Amour* – ao colocar em circulação uma temática que constitui uma vertiginosa vertente da sua própria produção literária e teórico-crítica.

Do Amor, o livro de Stendhal, aparecerá explicitamente citado na narrativa de *Meu Amigo Marcel Proust: Romance,* publicado em 1995, à página 52. Como já observado por Ligia Telles, em seu livro *O périplo de Judith Grossmann* (2011), a concepção de amor de Stendhal está na base da construção desse romance, ofertado ao leitor, segundo declaração da escritora Judith Grossmann na sua dedicatória – "Do Autor ao Leitor"– de *Meu amigo Marcel Proust Romance* como

> [...] um monumento todo feito de palavras, erigido como uma dedicatória estendida, tanto ao ser amado quanto à arte e à literatura dos predecessores [...] Este romance acompanha, por alguns meses, o nascimento e o desabrochar de uma paixão amorosa, sangrada ao vivo numa escritura, para que você [leitor] possa bebê-la, como um vinho capitoso de um graal, e espreitá-lo como por um olho mágico. (Grossmann, 1995, p. 15).

Além da vivência amorosa que entrelaça as relações entre o poeta/escritor e o leitor, uma importante temática das narrativas grossmannianas, destaca-se também a sua concepção da arte e da literatura como um ato de amor, caracterizando o labor poético e artístico como uma oficina amorosa.

> Amor – energia nuclear, atômica, única capaz de transformar mulheres e homens com sua força subvertedora, e por Amor é necessário ativar novas palavras. [...] Para isso é preciso que o trabalho seja não apenas necessidade, mas também prazer, que Eros esteja presente no próprio trabalho, unindo amor e trabalho, como no meu caso, trabalhar é pensar amor, dizer amor, para você, amado interlocutor. (Grossmann, 1995, p. 62).

> O amor é a minha matéria-prima, por sua vez realimentado pelo meu trabalho, o que equivale a dizer que o trabalho é a matéria-prima do amor. (Grossmann, 1995, p.63).

Embora essas citações sejam retiradas de *Meu Amigo Marcel Proust: Romance* (1995) podemos considerá-las como um manifesto, uma declaração de princípios sobre o amor, um hino ao amor, e a consagração da atividade literária e artística como um ato amoroso. Declara a narradora de *Meu Amigo Marcel Proust,* que inscreve a voz da escritora na narrativa: "Trago o Amor, objeto de arte para criar um mundo novo e sem idade, presidido não pela utilidade, mas pelo prazer ético e estético, e pelo gozo, não apenas do sentido, mas do coração." (Grossmann, 1995, p.61).

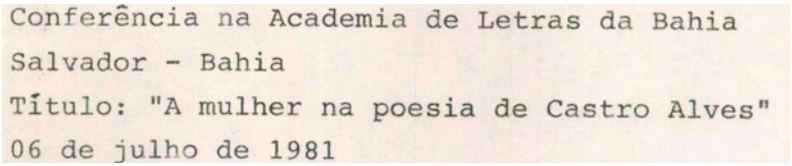
Se considerarmos que existe na escrita grossmaniana uma *potência arquivística,* como concebe Henrique Júlio Vieira, em seu ensaio "A potência arquivística da escrita de Judith Grossmann" (2020, p. 178-206), à medida que os seus textos literários também se constituem como formas de arquivamento, são depositários de rastros, restos, fragmentos de textos de variadas procedências da cultura, inclusive de sua própria produção ficcional e teórico-crítica, pode-se constatar a prevalência DO AMOR como um vigoroso fio – a energia máxima – a tecer as produções grossmannianas: a sua atuação intelectual como ficcionista, docente, teórica e crítica, exercendo ainda, diante de sua monumental obra, o papel de zeladora da memória de suas múltiplas atividades na

Universidade Federal da Bahia, promotora dos registros pessoais que evidenciam o impulso humano fundamental de dar testemunho, fornecer provas, deixar rastros de um percurso pessoal.

Neste sentido, recorro a outro documento que se encontra também no arquivo literário Lugares de Memória e traz a informação necessária para confirmar local e data da conferência, mas principalmente para atestar a pulsão arquivística de Grossmann. Trata-se de um *Curriculum Vitae*, organizado pela professora Judith Grossmann, datado de 23 de agosto de 1990. O *Curriculum* está datilografado – apenas a data e a assinatura são manuscritas –, contém 27 páginas, e foi elaborado para ser publicado na *Revista Universitas* (n.34), segundo registro inscrito na própria capa. Na página 24, item 5.3 – Congressos, Seminários e Conferências, encontra-se a informação que confirma que o texto foi escrito para uma conferência no curso Castro Alves, da Academia de Letras da Bahia, proferida no dia 6 de julho, dia da morte do poeta. Além desse esclarecimento, o documento traduz e ratifica a intenção da professora de divulgar a sua profícua produção acadêmica em um alentado *Curriculum Vitae* a ser publicado em uma revista da Universidade Federal da Bahia, seu local de trabalho, e de preservá-lo para a posteridade, arquivando-o como peça importante para testemunhar e atestar a sua trajetória profissional desde que iniciou sua atividade pedagógica no Instituto de Letras e na Escola de Teatro, em 1966.

Transcrevo a indicação no *Curriculum*:

Figura 3 - Indicação sobre Conferência na ABL


Conferência na Academia de Letras da Bahia
Salvador - Bahia
Título: "A mulher na poesia de Castro Alves"
06 de julho de 1981

Fonte: *Curriculum Vitae* da Profa. Judith Grossmann (23 ago. 1990).

Judith Grossmann conhecia o valor autobiográfico que há por trás da formação de um arquivo e constantemente nos apresenta aquilo que, segundo Sue McKemmish (2013), constitui "as provas de mim". Todavia, se os registros oferecem testemunhos da interação do eu com os outros, no contexto de suas próprias vidas, como ainda assinala Sue McKemmish (2013, p.29), as "provas de mim" transformam-se em "provas de nós". Uma biografia, para ser entendida, necessita que seu objeto singular seja posto em relação com as outras pessoas e seu lugar seja definido nas intrincadas redes que compõem a vida dos outros. Nesse circuito, as transformações das "provas de mim" para as "provas de nós" rompem as fronteiras entre o particular e o público, o pessoal e o institucional. Dessa perspectiva, os documentos dos arquivos de Judith Grossmann possibilitam esse movimento do individual para o institucional, do particular para o público, sendo muitas vezes difícil estabelecer o limite que traça as fronteiras que demarcam os espaços de cada um deles,

Se o "desejo de arquivo é um desejo que arde" (McKemmish, 2013, p.21), a pulsão arquivística de Grossmann, este seu ímpeto de atestar, de tudo registrar, pode ser aferido nos arquivos e coleções que construiu e legou para a posteridade: inicialmente, o arquivo acadêmico, situado na sala do setor de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da UFBA, no qual estão guardados os documentos que reconstituem a sua atividade como professora de Teoria da Literatura, Literatura Dramática e Dramaturgia, disciplinas que ela introduziu nos currículos dos Cursos de Letras e de Teatro. Sua atuação coincide com a história dessas disciplinas na UFBA. Neste arquivo, encontram-se projetos de pesquisa, planejamento semestral, ementas de disciplinas, ofícios, convocatórias de reuniões, correspondências com outras instituições e com editoras, bibliografias adotadas nas disciplinas. Esta vasta documentação guardada inicialmente em pastas de A a Z, obedece rigorosamente a um critério de arquivamento estabelecido pela própria Judith Grossmann,

seguindo a ordem cronológica – a qual não poderia ser alterada, cada documento deveria permanecer onde foi depositado –, e possibilita identificar as suas opções literárias, teóricas, críticas e administrativas, além de revelar traços peculiares da personalidade dessa Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia, fascinada pela ordem, pela organização, pela preservação da memória, embora, paradoxalmente, sempre pensando antecipadamente e com entusiasmo, cem anos à frente de sua época.

Já o arquivo literário está localizado no espaço Lugares de Memória da Biblioteca Reitor Macedo Costa da UFBA: a biblioteca pessoal de Grossmann, doada à UFBA, além de originais e manuscritos de textos literários, teóricos e críticos. Além disso, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, desde 1990, encontram-se também manuscritos literários, fotografias, correspondências e recortes de jornais.

Se os arquivos estão sempre em estado de devir, como coloca McKemmish (2013), significa que eles se submetem a interpretações, confrontação de dados documentais, interlocução de uma rede de informações que podem confirmar, alterar, subtrair, ampliar, retificar, suprir as significações já estabelecidas. Isso significa que o arquivo não é um depósito de enunciados mortos, acumulados de maneira amorfa, como documentos do passado e reduzidos a testemunhos.

Para finalizar, ato os diversos fios destas reflexões.

Judith Grossmann me seduziu com a sua declaração de amor à poesia de Castro Alves, ao poeta Castro Alves, que viveu intensamente a poesia de forma histriônica, e esse fio poético também me enlaçou, me levou a expandir a pulsão amorosa de Judith para sua própria escrita literária e para sua vida. A dedicatória me conduziu a visitar e melhor compreender as práticas de arquivamento desta intelectual em suas múltiplas manifestações DO AMOR: da teórica, da crítica, da ficcionista, da docente e, por que não, da arquivista. Seus gestos de arquivamento não significam apenas uma prática de construção de si mesma. São uma forma

de resistência, como afirma Philippe Artières (2013). E é ainda uma forma de preparar o futuro. Então, encerro aqui retomando a citação de Judith Grossmann, o seu hino ao amor:

> O amor é a minha matéria-prima, por sua vez realimentado pelo meu trabalho, o que equivale a dizer que o trabalho é a matéria-prima do amor. (Grossmann, 1995, p. 63)
> [...] trago Amor, objeto de arte, para criar um mundo novo e sem idade, presidido, não pela utilidade, mas pelo prazer, ético e estético, e pelo gozo, não apenas do sentido, mas do coração."(Grossmann, 1995, p.61)

Resistir é preciso! Viver!

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de arquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joële; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais:* reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013. p.45-54.

CASTRO ALVES. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

GROSSMANN, Judith. A mulher na poesia de Castro Alves. *Revista da Academia de Letras da Bahia***,** Salvador, n.29, p.71-84, 1981.

GROSSMANN, Judith, *Meu* amigo Marcel Proust Romance. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1995 (Col. Casa de Palavras, Série Ficção, 1).

McKEMMISH, Sue. Provas de mim: novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joële; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais:* reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013. p.17-43.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

REVISTA UNIVERSITAS: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia – 1968-1991. Salvador: Núcleo de Publicação de Centro Editorial e Didático da UFBA.

STENDHAL. *Do Amor***.** São Paulo**:** Martins Fontes, 1999.

TELLES, Lígia Guimarães. *O périplo de Judith Grossmann.* Salvador: EDUFBA, 2011

VIEIRA, Henrique Júlio. A potência arquivística da escrita de Judith Grossmann. *Estudos Linguísticos e Literários*, UFBA

Evelina Hoisel é Professora Titular da UFBA (aposentada), Pesquisadora CNPq1D, Líder do Grupo de Pesquisa de Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Criação Literária. Coordenadora do Projeto Acervos de Escritores Baianos/CNPq (2017-2022) e do Projeto Rede de Pesquisa em Arquivos Literários (UFBA/UFMG/AMLB/FCRB/CEFET-MG) 2023-2025. e É membro da Academia de Ciências da Bahia. Desde 2005 ocupa a Cadeira nº 34 da Academia de Letras da Bahia.

EUCLIDES NETO: O ESCRITOR E A TERRA PROMETIDA

EMILIANO JOSÉ

A Eugênio Lira, advogado
de trabalhadores rurais,
assassinado num início de
noite em Santa Maria da
Vitória, em 1977, a
mando de latifundiários

Emiliano José

É um exercício da memória, este. E por isso, e logo de cara, vou pedindo desculpas, como se pronto a uma travessura. A memória é senhora travessa. Costuma pregar peças em quem dela se quer valer. Arrisco. Viver é arriscoso: a lição é de Guimarães Rosa, a quem se aconselha sempre ler ereler. Falar, nesse exercício, de um homem extraordinário, memorável, e por isso, por ser tudo isso, difícil de ser decifrado, memorializado.

Estamos falando do doutor Euclides Neto. Quem for da literatura, saberá de quem falo. Quem for da política, sem dúvida dele se lembrará. Quem tiver tido o privilégio de com ele conviver, e dele desfrutar de amizade, jamais o terá esquecido, por impossível. Eu sou tudo isso, junto e misturado. Escritor, da política, e bafejado pela fortuna, me tornei amigo dele.

Eu disso "doutor Euclides Neto". Assim, todos os conheciam. Tento mergulhar no tempo, e entender isso. E não parece simples. Falo de dois doutores: dele e de doutor Waldir. Por acaso, e vou falar dos dois ainda um pouco, a trajetória deles foi de amizade,

desde os tempos de juventude, e a se estender na fase madura da vida, quando se encontram nas trilhas da reforma agrária.

O ***doutor***, aqui, carregava uma boa dose de reverência, de respeito, de afeto, tudo conquistado pelos dois, especialmente junto aos mais simples, junto às donas de casa, junto aos camponeses, aos trabalhadores, às trabalhadoras.

Não era por um presumível diploma, e os dois carregavam canudo debaixo do braço, nem pela autoridade, mas por respeito àqueles dois apóstolos da igualdade, homens dedicados à luta pelos mais pobres. Por isso, mereceram ser chamados de doutor, algo superior ao que o dicionário pode indicar.

Não se fala de **um** Euclides.

Euclides são vários.

Primeiro Euclides: estudante de Direito

Parto do **primeiro** Euclides, e primeiro no meu exercício de memória, ninguém precisa subscrever tal classificação. Falo do que fui conhecendo, as sucessivas aproximações, propiciada pelos encontros e por leituras, uns e outros inscritos na alma.

Nos anos 1940, os dois, doutor Euclides e doutor Waldir, só mais tarde assim conhecidos, se encontram. Nos bancos escolares. Os dois, cursando Direito. Na tradicional Faculdade de Direito, mais tarde integrante da Universidade Federal da Bahia, prédio próximo à Praça da Piedade, onde funciona atualmente sede da Ordem dos Advogados, seção da Bahia.

A amizade se desenvolve, cresce.
Chega o tempo da formatura.
Escolha do orador.
De um lado, um comunista (quase) ortodoxo.
De outro, um socialista (quase) ortodoxo.
Comunista, doutor Euclides.
Socialista, doutor Waldir.

Destino: os dois tinham de se enfrentar.
Waldir, preocupado com aquela disputa.
Euclides Neto, também.
Eram tão amigos, e envolvidos agora naquela contenda.
Era outubro de 1949.
Os dois, recém-chegados aos 20 anos de idade.
Waldir venceu.
Não foi uma formatura qualquer.

Com ela, no dia 5 de novembro daquele ano, inaugurava-se o majestoso Fórum Ruy Barbosa, construído pelo governador Octávio Mangabeira e era celebrado o centenário de nascimento de Ruy Barbosa, nascido a 8 de novembro de 1849.

Tudo junto e misturado, uma grande solenidade.

Waldir, a honrar a história, produziu memorável discurso. Honrava o mestre de todos eles. No título: *Ruy e novos rumos do Direito.*

Não se pretende, aqui, revelar a grandiosidade daquele discurso.

Apenas evidenciar rapidamente o quanto doutor Waldir tinha de proximidade com doutor Euclides. O quanto tal proximidade aparecia no discurso.

Waldir, um jovem de 23 anos, faz a crítica do trabalho sob o capitalismo, transformado no que se denomina lucro, a redundar "em benefício exclusivo dos sujeitos de direito privado, os senhores dos instrumentos de produção".

O resultado da atividade dos trabalhadores do campo e na cidade, favorecerá apenas "a bolsa de quem lhe paga a energia dispendida". Difícil não enxergar aí uma visão marxista, não localizar a mais-valia, o conceito central de Marx.

Quando trata do conceito de propriedade, da ideia de ela servir ao bem da comunidade, constata ter a propriedade se afastado daquela ideia. E por isso, por ter fugido àquele conceito, "perdeu a sua razão de existir e não deve permanecer vigente nas ordens jurídicas modernas, senão sob a forma de propriedade socializada".

O socialista se revelava.

Doutor Euclides, certamente atento, muito atento, deverá, naquele momento, ter sentido uma ponta de orgulho por ser tão amigo de doutor Waldir, ter pensado, no íntimo, não ser capaz de oratória tão brilhante como a dele porque, desde então, ele, doutor Waldir, se revelara extraordinário orador.

Não lia apenas: interpretava, como fosse um grande, extraordinário ator. Era. Político e ator, no melhor sentido. Tudo junto e misturado.

Não, doutor Euclides não se sentia derrotado. Que bom ter assistido a um discurso como aquele, ver a revelação da memorável contribuição de Ruy ao Direito, hoje às vezes subestimada. E pela voz, pela erudição, conhecimento daquele amigo tão querido.

Meu primeiro doutor Euclides, este. Numa derrota, selou-se amizade eterna.

Segundo Euclides: secretário da Reforma Agrária

O segundo doutor Euclides, Waldir já eleito. Chama o velho amigo. Quer porque quer fazer algo inédito: no governo dele, uma secretaria da Reforma Agrária. Por que de suas convicções. Por que, imperiosa necessidade dos trabalhadores do campo. E não abria mão: o secretário devia ser doutor Euclides, o velho companheiro, comunista, convicto, como ele, do caráter imprescindível da reforma agrária.

Esse segundo doutor Euclides se mistura com tantos outros, mas faço de conta ser apenas um, este segundo. Misturado a outros, no entanto. Muitos anos passaram, desde aquele já longínquo 1949.

Para doutor Waldir, os intricados e perigosos caminhos da política, escolheu tais caminhos, por toda a vida.

Doutor Euclides, de uma forma bem diferente, também, porque termina prefeito de Ipiaú, a terra querida. Este doutor Euclides, no entanto, se mistura a vários outros.

Àquele acostumado a ouvir o balido do rebanho, pastor de cabras, homem da roça, e escritor, menino traquino, capaz de ouvir os sinais do tempo, de quando vinha a chuva, de quando sobrevinha a seca, de quando o tempo era chegado para tudo, e como escritor vasculhava o comercinho do Poço Fundo, puxava a enxada, dissecava o patrão e as tantas maldades dele, ia atrás de vidas mortas, de gente magra, do mundo.

Não sabe se Paulinho da Viola, as coisas estão no mundo, minha nega, só que eu preciso aprender, se Gabriel García Marquez, cuja produção advinha sempre daquilo que o cercava, dita realidade: o fato é que o escritor, cuja produção chega à casa de uma dúzia de livros, principalmente romances, emerge da vida do cacau, do mundo do trabalho, do sofrimento de quem entregava a força de trabalho em troca de alguns vinténs, e da reforma agrária, preocupação de uma vida inteira.

Waldir, governador, o queria secretário da Reforma Agrária. Doutor Euclides ainda relutou. Duro pra ele não escutar todo dia o balido do rebanho, as cabras ao lado, duro não ter de consertar as cercas do curral, não dar milho às galinhas. Pensou, e pensou. Voltou no tempo, voltou à reforma agrária, quando prefeito de sua cidade, quando pôde fazer uma vitoriosa experimentação, uma reforma agrária municipal.

Doutor Euclides sempre lembrou dessa experiência com carinho imenso. Ao lembrar, era como dissesse ser perfeitamente possível realizar a reforma agrária. Esta, uma reivindicação ancestral dos povos, seja antes do advento do capitalismo, seja, e com muita ênfase, com o início do modo de produção da mercadoria, o modo de produção da extração da mais-valia, a concentrar renda e terra, onde os patrões viviam, vivem, da renda da terra e da exploração do trabalho.

O homem da roça, doutor Euclides, sabia de história, e de modo especial, história da Reforma Agrária, no mundo. Começa com Rômulo, primeiro rei de Roma, 753 anos antes de Cristo. Ao fundar a cidade, distribui o solo. Um deus-nos-acuda.

Projeto não anda. Muitos anos depois, 454 antes de Cristo, Lei Icília de Aventino reserva o Monte Aventino para os sem-terra da época, e aí houve avanço significativo para a plebe.

Tibério Graco volta com a ideia da Reforma Agrária. Patrícios o derrotam, como derrotam depois, o irmão Caio Graco. César, por volta de 59 antes de Cristo, consegue fazer uma distribuição de terras públicas para beneficiar camponeses empobrecidos, cujas terras haviam tomadas por grandes latifundiários. Consegue assentar 100 mil famílias, uma façanha, então. Dizse tudo isso, doutor Euclides diz no livro "Trilhas da Reforma Agrária", para demonstrar o quanto vem de longe a ideia fundamental da distribuição da terra, reforma agrária.

Terceiro Euclides: prefeito de Ipiaú

Falei no segundo doutor Euclides, e devo misturar com o terceiro, e depois voltar ao segundo: o terceiro é o prefeito.

Doutor Euclides fizera ver como era possível reforma agrária, ali em Ipiaú, onde é prefeito de 1962 a 1966, quando então cria a Fazenda do Povo, e desenvolve inédito projeto de reforma agrária municipal, bem-sucedido, capaz de convencer muita gente sobre o quanto tal reforma era importante, e a beneficiar os sem-terra do município.

No prefácio ao livro "64: um prefeito, a revolução e os jumentos", riquíssimo depoimento sobre as circunstâncias daquele momento histórico, divertido, também, porque Euclides tinha uma veia irônica acentuada, naquele prefácio, ao tempo em que tento contextualizar o quadro político de então, falo um bocado do "homem simples e de convicções profundas", do homem sereno, incapaz de alterar a voz, e capaz de respeitar adversários, sem jamais transigir com os princípios defendidos por ele, doutor Euclides.

Naquele livro, desponta não apenas o prefeito, mas os sentimentos, princípios, a integridade, o espírito público, o olhar

e a prática socialistas, a firmeza serena diante do arbítrio, a insubordinação permanente diante das injustiças. Mas desponta também o prefeito, capaz de administrar o município com honestidade, obrigação de qualquer homem público, com o que ele nunca transigiu, com capacidade e especialmente com os olhos voltados para os mais pobres.

Durante os anos como prefeito de uma cidade a contar então com apenas 16 mil habitantes, escandalizou muitos com a preferência dele pelos pequenos. Sem falar no carinho dispensado aos jumentos, os quais deixaram de serem presos em cercados, como antes. Foi um escândalo para as famílias e para as moças de fino trato.

Os homens e as mulheres de bem, as aspas ficam por conta dos leitores, não queriam aqueles bichos soltos pelas ruas, capazes de todas as travessuras, inclusive as naturais, incluídas a sexuais. Euclides, não obstante tantos protestos, não recuou. Os bichinhos, não estivessem trabalhando, deviam gozar de toda liberdade, circular pela cidade. As mulheres pudicas, e os homens, também, incomodados com a liberdade e a exibição da nudez dos jumentinhos, não olhassem. Simples assim.

Euclides e a Fazenda do Povo

O terceiro são muitos.

Doutor Euclides se perguntava: por que os camponeses não podiam ter um pedaço de terra? Fez a Fazenda do Povo. Reforma agrária num pequeno município, por que não?

Aquela fazenda, pequena, a cobrir uma área de 167 hectares apenas, acolheu todos os acostumados a lavrar a terra e outros, querendo aprender. Acolheu os mais jovens, mais velhos, acolheu prostitutas, deserdados de toda natureza, todos aqueles rejeitados pelos grandes proprietários, pelos milionários do cacau.

Reanimados, voltaram a trabalhar, a surpreender, autoestima recuperada. Na fase inicial, abrigou 300 pessoas.

Estas, cedo, cultivaram a roça delas, tinham vaquinha no quintal para fornecer o leite, e sobretudo estampavam novamente no rosto a alegria de viver. A produção era dirigida à merenda e à comercialização em feiras livres.

Nasceu, a fazenda, segundo o próprio Euclides, "da vontade de fazer uma experiência socialista de distribuição da terra e do trabalho". Era o espírito do velho comunista, querendo se expressar.

Preocupação com os mais pobres, o tempo todo, aquele prefeito. Milagres: realizou um programa habitacional para os necessitados. Coisa de 200 casas, muita coisa num município daquele tamanho. Deu jeito na Saúde e na Educação, juntando esforços da comunidade e pedindo ajuda ao governo do Estado e ao governo federal. Despachava cartas uma atrás da outra às autoridades, exigindo de modo sereno e firme o atendimento das reivindicações.

Quem sabe, eu dizia naquele prefácio, doutor Euclides não se inspirasse em Graciliano Ramos? A administração do autor de *Vidas Secas*, em Palmeiras dos Índios, Alagoas, onde ele foi prefeito no final dos anos 1920, produzia relatórios, escritos pelo próprio Graciliano, reivindicando melhorias, providências para o município. Exemplos de administradores, a serem estudados.

Proibido menino calçado na escola

Há histórias notáveis, notáveis, na administração de doutor Euclides. Se não forem olhadas com zelo, com apuro histórico, podem até assustar. Não preciso alertar: as coisas devem ser olhadas a seu tempo, evitar visões anacrônicas. O caso eu conto como foi, e está lá no prefácio. E o episódio deu até filme.

Doutor Euclides construiu uma escola numa área muito pobre da cidade. As elites não gostaram muito. Prefeitura devia concentrar os investimentos no centro, nada de se preocupar com a periferia. Os pobres já estavam acostumados com a miséria,

que assim continuassem. Doutor Euclides não pensava assim, de modo nenhum. Com muito esforço, o prefeito conseguiu a matrícula de 50 crianças na nova escola.

Primeiro dia de aula, e a escola lotou. Estavam lá os 50 alunos. Dia seguinte, estupefação: faltaram 48 alunos. Só duas presenças. Doutor Euclides quis saber por quê. Chamou a professora.

– Compareceram dois alunos calçados, que arreliaram os demais.

Doutor Euclides coçou a cabeça. Fez a pergunta leninista: o que fazer?

Resolveu: mandou afixar surpreendente portaria na porta da escola:

"De hoje em diante, fica terminantemente proibido aluno entrar calçado na sala".

A frequência voltou ao normal.

Como não havia dinheiro para garantir sapatos para todos, garantir calçados para os 48 pés-descalços, melhor determinar aos dois afortunados alunos calçados deixarem os sapatos em casa. Depois se veriam os passos seguintes. O essencial: estivessem todos os alunos presentes à sala e aula. Estavam. E ninguém pôde mais arreliar ninguém. Hoje seria chamado de bullying, com essa estranha mania de desprezar o português – doutor Euclides é autor de um dicionário só com as palavras utilizadas na região cacaueira e redondezas: um dicionareco, segundo ele. O episódio deu até filme, de Edson Bastos.

Fez muito, doutor Euclides à frente da Prefeitura. Até uma reforma bancária. Acreditem. Eleito, percebeu: a administração até ali dava preferência aos cofres do Banco da Bahia, cujos lucros, sempre carreados para outras praças, sobretudo Salvador. Não, isso não estava certo. Rebelou-se: dinheiro da Prefeitura passaria a ser depositado na Cooperativa de Crédito de Ipiaú.

Os recursos voltariam aos associados em forma de empréstimos, e o rateio beneficiaria a todos. Banco da Bahia não gostou, mas nada podia fazer.

Doutor Euclides não fez pouca coisa pelo município. Construiu o Ginásio Agrícola, construiu hospital, acabou com o favoritismo, criou inimigos pelas atitudes, por aquilo chamado hoje de inversão de prioridades. Ou numa leitura mais nítida, os inimigos cresceram porque ele provocara redução de pobreza, distribuição de renda, melhoria da qualidade de vida do povo. Havia, no entanto, muita gente ao lado dele. E não apenas os mais pobres.

Algumas das figuras conservadoras do município gostaram da administração dele, passaram a apoiá-lo, tal a serenidade com que explicava todas as iniciativas da Prefeitura, as razões delas. Mesmo sob a ditadura, o município, tal o volume de realizações voltadas à melhoria da vida do povo, pelo muito realizado foi considerado município modelo da Bahia.

Euclides, um general e Lomanto Júnior

Com o golpe, viveu dias de tormento. Tinha fama de comunista, e não era fama injusta. Quando de ditaduras, sempre há os interessados em prestar serviço. A mãe, apavorada, enterrou ou queimou livros publicados por ele. Diante dos interrogadores, doutor Euclides falava a verdade da administração dele. E não negava tomada de posições. Como o telegrama enviado ao presidente João Goulart, hipotecando-lhe solidariedade, no momento do golpe.

O relatório final das investigações feitas pela ditadura é surpreendente e termina por ser uma preciosidade, pelo reconhecimento da correção das atitudes de doutor Euclides à frente da Prefeitura. E tal reconhecimento era decorrente principalmente de declarações não dos amigos, mas de adversários políticos. Estes, não conseguiam negar estar à frente de um homem incapaz de subtrair um centavo do dinheiro público. Atestavam a honestidade, a integridade de doutor Euclides.

Conto um caso, e conto como foi. Está dito lá no meu prefácio. Um general, como de costume naqueles tempos, visita o município. Juntos, no carro, o militar e o governador Lomanto Júnior. Passavam pela cidade, em visita à região.

– Que cidade é esta? – pergunta o general.

– Ipiaú – responde Lomanto.

– Ah! É daqui a Fazenda do Povo, e do prefeito comunista, o que soltou os jumentos na rua?

Lomanto, firme:

– Se o prefeito é comunista, também sou.

O general surpreendeu-se com a resposta do governador e, incrédulo, perguntou:

– Como?

Lomanto não titubeou:

– Se o prefeito é comunista, também sou.

General se retou: pediu fosse levado imediatamente de volta a Jequié, onde pegaria o avião e voltaria a Salvador.

Doutor Euclides, digo no prefácio, fez da aldeia, a universidade dele. Ipiaú lhe deu régua e compasso. Os muitos livros dele nasceram a partir dali. As sementes de sabedoria espalhadas ao longo da existência dele, para nunca mais serem esquecidas, vieram de Ipiaú e de toda aquela rica e desigual região cacaueira

Doutor Euclides, secretário

E só agora, então, voltamos ao segundo doutor Euclides. Relutou, mas aceitou. Como recusar convite de amigo, companheiro tão querido, como Waldir Pires? Não tinha o direito. Chegou de mansinho, procurando informações em meio ao cipoal da política.

Sabia: ia mexer num vespeiro. Tinha não tinha dúvidas. Pouco conhecia, como chegou a dizer, daquele ninho de mafagafes, cheios de mafagafinhos. Me chama para uma conversa, na qual disse a ele: não dispense a proximidade, os serviços de João Saturnino,

um sociólogo voltado à questão da terra, profundamente comprometido com os trabalhadores do campo. Ele relata esse encontro e recomendação logo nas primeiras páginas de "Trilhas da Reforma agrária".

Saturnino será o braço direito dele durante todo o tempo de sua gestão à frente da Secretaria, não obstante as insatisfações, rugas na testa, os olhares de banda por aqueles a vê-lo como obstáculo às pretensões deles, ancorados na velha política. Eu o conhecia bem, e dele gostava muito – pela seriedade, intransigência, firmeza de princípios. E conhecimento da questão agrária, e amor pela reforma agrária. Doutor Euclides acertara.

Obviamente, Saturnino era homem de esquerda. Eu o conheci morando numa casa, no Nordeste de Amaralina, bairro popular de Salvador. Ana Guedes, desde há muito dirigente do PCdoB, foi preparada profissionalmente por ele. Construiu sólida amizade, entremeada por muitas broncas – leveza não era um traço muito forte dele. Uma vez, Ana Guedes, então militante de AP, precisou de um local para uma reunião da direção de AP, atendendo a uma solicitação de Haroldo Lima. Procura Saturnino. Ele cedeu a casa. Dia seguinte, Ana Guedes, pra perder o costume, leva um esporro:

– Como deixam a casa assim? Ponta de cigarro pra todo lado, uma sujeira dos diabos, bando de gente sem educação...

Saturnino.

Na secretaria, doutor Euclides ficaria quase três anos. Até maio de 1989, ainda governo Waldir. Depois, ainda permanece algum tempo sob o governo Nilo Coelho, mas sai do cargo ainda naquele ano.

Não é muito tempo para uma tarefa de tamanho imenso. Havia um exército fortemente armado à espera do Dom Quixote e seu Sancho Pança, Saturnino.

Exército de armas nas mãos, muito reais, empunhadas pelo latifúndio, pela grande propriedade, com marcas ancestrais fortíssimas, oriundas desde os primeiros dias de Brasil. Que fez do campo brasileiro um mar de exploração e sangue. Não, não se trata de metáfora: o latifúndio matou impunemente pelos séculos afora, transformou a terra num mar vermelho, inundado do sangue de camponeses e trabalhadores.

E o exército da cultura, da ideologia da Casa Grande, cujos tentáculos nos circundam até os dias atuais, e não se sabe qual o pior, se o exército dos fuzis, se o exército da cultura, dos hábitos arraigados. Se os tiros disparados ou se a cultura fincada no coração de tanta gente, ao longo do tempo acostumada à dominação, naturalizando a opressão. Talvez os dois, tudo junto e misturado, a massacrar os camponeses e os trabalhadores rurais.

Já homem experimentado, calejado, temperado pelas dificuldades e belezas da existência, não se assustava com cara feia. E se o amigo Waldir Pires quisera lhe dar tarefa tão gloriosa, e difícil, fosse. Encarar, sem titubear. Faz a primeira reunião, com os funcionários, incluídos os mais graduados. Alto e bom som, de modo sereno e firme, dá a primeira recomendação, para alguns, assustadora:

– O trabalhador sem-terra sempre tem razão, mesmo quando aparentemente não a tenha.

Vacinou de pronto, contra argumentos contrários.

– Se ele cometer uma violência, um furto, até roubo, um ato condenável, é só conferir a sua história de vida, como e onde foi criado, o pai assassinado, a família em total promiscuidade, a mãe violentada, a fome, as irmãs prostituídas, a expulsão da terra, a ancestral injustiça contra os seus. Encontraremos sempre a explicação para o seu comportamento antissocial no presente.

E aí ele seguiu, palavra por palavra: a secretaria de Reforma Agrária não julgava questões entre posseiros e grileiros. Sempre estaria ao lado dos trabalhadores, defendendo-os, presumindo o direito e a razão deles acima de tudo, inclusive da lei.

Em terceiro lugar, receber trabalhadores, trabalhadoras com paciência, cordialidade, educação doméstica. A casa era dos sem-terra, e eles deviam ser recebido com a mesma atenção de um senador, ou maior até.

Doutor Euclides, nas memórias dele, não esquece do time. Eram eles e elas, a garantir a movimentação daquela secretaria, realizar aquela inédita política pública. Já falei de Saturnino. Falo de outros, lembrados por ele.

Gumercindo Martins de Sá Filho, aplicado engenheiro agrônomo, pesquisador da Ceplac, coordenador estadual do projeto de reforma agrária na Bahia, assessor do Ibama na Amazônia ocidental, dentre outras atribuições e competências. E, claro, amante da terra e de sua gente, como o qualifica o próprio doutor Euclides.

Outro dos capitães: **Lourival Gusmão**. Agrônomo. Com ele, convivi muito. Muita história pra contar das bandas de Angical, sobretudo da desapropriação das terras de Antônio Balbino, quando estávamos juntos no Incra, episódio chamado por mim de "A queda da Bastilha" em artigo na Tribuna da Bahia. Doutor Euclides, dele, dizia: conseguia juntar ideologia, competência e praticidade.

Teresa do MOC. Encontrei-a recentemente, aniversário de 80 anos do incansável Waldemar Oliveira, exemplo de lutador da área urbana. Provinha do Movimento de Organização Comunitária (MOC), obra liderada por padre Albertino, outra inesquecível figura das lutas do semi-árido. Com Teresa, convivi muito. Ternura, firmeza, compromisso, capaz de gastar os parcos tostões com os trabalhadores do campo, e com eles correr todos os riscos. Santa Teresa, assim chega a chamá-la doutor Euclides, tal o reconhecimento à dedicação e desprendimento dela.

Podia chamá-los "Os três mosqueteiros": Saturnino, Gumercindo, Lourival e Teresa. Decidam quem era D'Artagnan, pois mosqueteiros mesmo eram Athos, Aramis e Portos. Aqueles quatro tocavam o trabalho, sob o comando de doutor Euclides. Com abnegação, entusiasmo, amor pelos camponeses, pelos trabalhadores, trabalhadoras, respeito profundo por cada um deles.

Muitos outros podem ser lembrados, e doutor Euclides faz. Simbolizo homenagem a milhares de heróis anônimos lembrando "Os três mosqueteiros", Saturnino e, por obviedade, doutor Euclides, amantes da Reforma Agrária.

Gumercindo, o grande Gumercindo, faz breve balanço da experiência da secretaria de Reforma Agrária. Um texto curto, a compor o "Trilhas da Reforma Agrária", e mais curta a síntese produzida por mim. Com a secretaria e aquele secretário, aquele doutor Euclides, passou a se pensar assim: a reforma agrária deve ser compreendida como essencialmente política, as ocupações realizadas pelos trabalhadores são muito inferiores em termos numéricos à grilagem praticada pelos latifundiários, uma secretaria de Reforma Agrária deve funcionar como apoio incondicional aos excluídos secularmente da terra.

A secretaria contava com o Incra, na Bahia dirigido por José Carlos Arruti Rey, a comungar da mesma visão de doutor Euclides. A organização dos trabalhadores ganhou impulso, a ocupação de terras, cresceu.

Doutor Euclides lutava em duas frentes: apoio incondicional às organizações dos trabalhadores sem terra e intensa atividade política no relacionamento com os secretários estaduais de reforma agrária.

Foi o mais ativo dos secretários na criação do Fórum Nacional de Reforma Agrária, terminando por ser o coordenador do órgão.

Fez política o tempo todo. De modo sereno e firme, soube conduzir uma secretaria, cuja atividade mexia com interesses seculares. Um vespeiro. Uma **Comissão da Terra** composta paritariamente por fazendeiros, trabalhadores, universidade e governo, presidida pelo Incra e contando com a sábia voz de Doutor Euclides, realizou a façanha de promover 86% das desapropriações para fins de reforma agrária por unanimidade, negando a afirmativa da natureza produtiva das propriedades.

Negociou com Deus e o mundo. Com paciência de Jó. A ancestralidade comunista não o fez ignorar a necessidade de negociações permanentes. Mas foi ela, também, a garantir não transigisse

com princípios, nunca deixasse de colocar o interesse dos camponeses e trabalhadores acima de tudo e de todos. Sabia viver no mundo do capital, muitas vezes um capitalismo incapaz de chegar à contemporaneidade porque sem visão para entender o papel fundamental da reforma agrária para o próprio desenvolvimento daquele modo de produção, como os EUA haviam entendido desde meados do século XIX.

Não deixou de ir atrás de recursos oriundos dos centros imperialistas, agências do capital. Como o Banco Mundial. Este, aliás, depois de avaliar desempenho da secretaria de Reforma Agrária dirigida por ele, abriu-se em elogios, a deixar doutor Euclides acabrunhado. Prezava, sempre prezou o pensamento acadêmico, mas nunca deixou de desenvolver a crítica sobre "o eterno gozo dos intelectualoides que não querem ir para o mato lavar a cara com água apanhada no tambor da goteira".

Homem de dar razão a quem tem razão. Como o fez numa pendência entre trabalhadores rurais e a fazenda Retiro, pertencente ao doutor Waldemar Moura, com 43 mil hectares. Concluiu, depois de muito estudo, ser propriedade a cumprir inteiramente a função social, incluindo a manutenção de impressionante parque ecológico. "Nenhum parque administrado pelo governo é tão bem protegido". Era muito mais aquela fazenda, e é precioso o capítulo "A palavra tem que ser cumprida", no "Trilhas da Reforma Agrária". Ah, Waldemar Moura é parente de Haroldo Lima, há uma carta dele, no livro, dando testemunho da inteireza de caráter do velho fazendeiro.

Doutor Euclides nunca se impressionou com os trabalhadores, homens, mulheres, gato, cachorro ocupando a secretaria, cheios de ousadia e agressividade. Sempre soube recebê-los. Com atenção e carinho. Casa cheia, ia dormir em casa, e dizia: tomem conta, a secretaria é de vocês. E se ia. No dia seguinte, tudo estava no lugar. Nunca temeu os camponeses.

Foi um exemplo, aquela secretaria. Deu ânimo aos trabalhadores. Permitiu a continuidade mais vigorosa da luta pela terra, nos anos seguintes. Pouco tempo, nem três anos. Pouco para produzir mudanças estruturais. O suficiente para muita melhoria,

muitas desapropriações. O MST cresceu. Os sindicatos se fortaleceram. Nada é rápido nesse Brasil. A mudança vem aos poucos.

Houve momentos comoventes. Um deles, vivi. Waldemar Gertner, fazendeiro em Tucano, homem de esquerda, dedicou-se a organizar trabalhadores, e uma cooperativa organizada por ele fez diferença para a vida dos agricultores familiares. A capacidade de trabalho, o senso de organização, espírito empreendedor de Waldemar, deu vida a um dos melhores projetos da secretaria. Visitei a área com doutor Euclides. Terreiro cheio de milho e feijão, não cabia tudo no rancho. Observei: galinhas e porcos passavam pra lá e pra cá sem comer, empanturrados. Eu estranhei. Doutor Euclides, a quem sempre chamei de sábio, filosofou, a sério:

– É a completa cidadania, que começa no estômago.

– Como? – perguntei.

– Se os bichos estão fartos, é sinal de que dos donos nem se fala. A lata que você viu no rancho, está cheia de ovos.

Mais guerra de posição que de movimento, a velha lição gramsciana. Waldir Pires, com aquela iniciativa, plantou uma semente. E ela germinou sob os cuidados de doutor Euclides. Doutor Euclides e doutor Waldir: dois homens voltados à luta pela democracia, voltados ao combate à fome, empenhados na distribuição da terra. Não importava isso fosse demorado. Era. É, continua a ser. A luta, no entanto, valeu a pena. Vale. Segue a luta pela reforma agrária. Ontem, hoje.

O latifúndio, se continua a existir, não é dominante, se pensamos a economia, no campo. Hoje, o domínio é do agronegócio. A explorar a mais-valia dos trabalhadores. O capitalismo chegou já tem muito tempo no mundo rural. O latifúndio, no entanto, está aí. A terra ainda não foi distribuída. A reforma agrária ainda está por ser feita no Brasil, ao menos se a pensamos de modo ampliada, a atender aos milhões de trabalhadores sem-terra. Fazê-la é, também, uma forma de fazer chegar alimento saudável na mesa dos brasileiros, é atender a uma demanda mundial por um meio ambiente equilibrado antes que a voragem do modo produtor de mercadorias destrua a casa onde moramos.

Doutor Euclides e doutor Waldir foram homens do seu tempo, antenados às questões essenciais da democracia e do socialismo, e sabiam: uma vida não bastava para enfrentar tantos desafios. Nós, e especialmente as novas gerações, as novas classes trabalhadoras, os trabalhadores da agricultura familiar, os espalhados em tantos acampamentos pelos sertões afora, nós, é nossa a tarefa de levar à frente os sonhos sonhados por eles dois e por tantos lutadores da reforma agrária, levar à frente os sonhos sonhados pelos que inundaram o campo com sangue, mártires da luta pela terra, pela reforma agrária. Que as novas gerações sejam dignas de todos aqueles sonhos. Saibamos honrar os nossos mártires. E seguir na luta em busca da terra prometida.

REFERÊNCIAS

NETO, Euclides. Trilhas da reforma agrária : relato. / Euclides Neto ; apresentação, Lourival Gusmão : posfácio, Gumercindo Martins de Sá Filho. -2. ed. rev. – Salvador : EDUFBA : São Paulo : Littera Criações Ltda, 2014, 283 p.

NETO, Euclides. Um prefeito, a revolução e os jumentos. Salvador : EDUFBA : São Paulo : Littera Criações Ltda, 2014, 298 p.

JOSÉ, Emiliano. A política como território do bem comum. Apresentação de "Um prefeito, a revolução e os jumentos".

JOSÉ, Emiliano. Em carne viva / Emiliano José. – Salvador : Assembleia Legislativa da Bahia, 2022, 344 p. Ver, de modo especial, capítulo "Ana", p. 184-260.

Emiliano José é jornalista,político e escritor, tem graduação em Jornalismo, com mestrado e doutorado pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, da qual foi professor. Entre os seus vários livros, destaca-se*Lamarca: o capitão da guerrilha*, escrito em parceria com o jornalista Oldack Miranda, sobre Carlos Lamarca, que foi base para o roteiro do filme Lamarca,de Sérgio Rezende. Desde 2021 ocupa a Cadeira nº 1 da Academia de Letras da Bahia.

TENSÃO TEMPO/ESPAÇO EM *TERRAS DO SEM FIM* E *SÃO JORGE DOS ILHÉUS*[1]

Décio Torres Cruz

A opção pelo espaço

A literatura brasileira sempre esteve à procura de uma idiossincrasia, uma identidade e uma autonomia que a libertassem do modelo europeu. Nessa busca, o escritor do chamado período regionalista penetra no âmago da cultura de sua região, colocando em destaque a sua topografia, linguagem, costumes, tradições, o tipo humano, os seus anseios, as suas dúvidas e as suas paixões, enaltecendo todos esses elementos através de uma valoração do seu espaço. O que decorre dessa valoração é um choque entre o tempo e o espaço, o espaço das personagens e o tempo cultural do narrador. Esse choque está bastante explícito em *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado. Nesses livros, Amado retoma o tema iniciado dez anos antes, com seu romance *Cacau*, escrito quando ele tinha apenas 19 anos e começava sua carreira, segundo declara em prefácio de *Terras do Sem Fim*.[2]

[1] Este artigo é parte de um texto mais amplo (aqui revisado e atualizado), intitulado "O regionalismo do cacau", escrito para o Prof. Dr. David Sales na disciplina "Literatura Brasileira" do Mestrado em Letras da Ufba na década de 1980. Salles foi o primeiro professor a introduzir um curso sobre a obra de Jorge Amado na Ufba, fruto de sua tese de doutorado na USP.

[2] Na edição mais recente de *Cacau*, o editor declara que o livro foi publicado em 1933, quando Amado tinha entre 20 a 21 anos de idade (Amado nasceu em 1912).

No capítulo "A Mata", de *Terras do Sem Fim*, o espaço se apresenta virgem, em um tempo estático, numa alusão ao início do mundo, ou até mesmo, ao Brasil antes do seu descobrimento. Da mesma forma que o continente americano se apresentava como uma mulher, a dimensão sexual do encontro entre Américo Vespúcio e a nova terra ficou visual e linguisticamente explícita no quadro "América" (c. 1600) do artista flamengo Jan van der Straet (ou Johannes Stradanus),[3] uma famosa alegoria do "descobrimento" do Novo Mundo, com as diversas interpretações e estereótipos culturais da época em que foi produzida, como podemos ver na figura a seguir.[4]



Américo Vespúcio desperta a América de seu sono. Fonte: Wikimedia / Creative Commons

[3] Cf. HULME, Peter. *Colonial Encounters: Europe and the Native Caribbean 1492-1797*. London & New York, Routledge, 1992. p. xii.

[4] "O quadro *America* (c. 1575-1600), gravura de Theodor Galle (1571–1633) sobre desenho de Jan van der Straet (Stradanus, 1523-1604), reflete o modo como os europeus percebiam as novas terras americanas recém-descobertas: luxúria e desejo se mesclam na imagem de uma mulher atraente, sentada sobre uma rede, à espera de ser conquistada pelo homem europeu, que viria fincar a bandeira (um símbolo e um gesto fálicos) de seu país nas novas terras, tomando-a para si, e possuindo-a literalmente.

Esta ideia seria tematizada de forma literal no início da década de 1970 por Michel Tournier em *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*,[5] onde os personagens literalmente possuem a terra como se fosse uma mulher:

> Ao reescrever a história de Robinson Crusoé, personagem do escritor inglês Daniel Defoe, Tournier oferece uma variação sobre o mito de Robinson Crusoé, baseando essa versão na relação entre o náufrago Crusoé e o selvagem Sexta-feira. Sobrevivente do naufrágio do navio Virginia em uma ilha deserta, que ele chamou Speranza, Robinson se apossa da ilha na criação de seu império, escolhe um local da ilha para satisfazer seus desejos sexuais e literalmente copula com a terra, possuindo-a como se essa fosse uma mulher. Sua relação com Sexta-feira começa a deteriorar quando este se utiliza do mesmo espaço para também se satisfazer sexualmente. A visão da terra e da mulher na condição de submissão, como algo a serviço do homem branco europeu para ser literalmente estuprada ou usada de acordo com a sua conveniência foi a imagem trazida pelos colonizadores e disseminada ao longo do processo colonial. Muitos séculos depois, essa visão machista ainda perdura nas ex-colônias europeias nas Américas.[6]

Contudo, em 1943, data anterior à publicação deste romance, Jorge Amado já havia apresentado a mata em *Terras do Sem Fim* como uma virgem, desejada pelos homens, estabelecendo uma comparação entre a ambição de poder e domínio e o desejo sexual num espaço sem tempo que atrai a cobiça dos exploradores, como neste trecho:

---

[5] TOURNIER, M. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. Trad. Fernanda Botelho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

[6] CRUZ, Décio Torres. *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa*. Salvador: Edufba, 2016. pp. 228-229.

> A mata dormia o seu sono jamais interrompido. Sobre ela passavam os dias e as noites, brilhava o sol do verão, caíam as chuvas do inverno. [...] Era como um mar nunca explorado, cerrado no seu mistério. A mata era como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo. [...] E agora era desejada também.
> Ali tudo lembrava o princípio do mundo. Impenetrável e misteriosa, antiga como o tempo e jovem como a primavera, a mata aparecia diante dos homens como a mais temível das assombrações.[7]

ou neste outro trecho do capítulo "O Navio":

> [...] Antonio Vítor se aperta mais contra si mesmo, dentro dele as imagens de Estância quieta, de Ivone se entregando sem um gemido, se confundem com novas imagens de uma terra ainda inconquistada, de barulhos com tiros e mortes, dinheiro, maços de notas.[8]

O espaço impenetrado é desejado por homens que vêm de outros espaços, de um tempo mais "avançado", de matas já conquistadas, em uma alusão ao colonizador europeu que chega para dominar o espaço "não-civilizado". Note-se a comparação da mata com um mar nunca explorado, em uma referência aos primeiros versos de *Os Lusíadas*,[9] como também às viagens marítimas dos séculos XV e XVI. A alusão ao colonizador europeu está bastante explícita no seguinte trecho, onde o narrador se apropria de um discurso ecológico que mais se assemelha ao discurso dos ecologistas contemporâneos, o que demonstra a atualidade do texto e temática de Jorge Amado:

---

[7] AMADO, J. *Terras do Sem Fim*. São Paulo: Record, 1982, pp. 44-45.

[8] *Ibid*., p. 27.

[9] "As armas e os Barões assinalados / Que, da Ocidental praia Lusitana, / Por mares nunca de antes navegados [...]" CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Tecnoprint S.A., s/d.

> Vinham de outras terras, de outros mares, de próximo de outras matas. Mas de matas já conquistadas, rasgadas por estradas, diminuídas pelas queimadas. Matas de onde já haviam desaparecido as onças e onde começavam a rarear as cobras. E agora se defrontavam com a mata virgem, jamais pisada por pés de homens, sem caminhos no chão, sem estrelas no céu de tempestade.[10]

Vale ressaltar que, além do espaço, os frutos dos cacaueiros também são comparados ao seio de uma mulher, sendo tocados pelo coronel Horácio "doce e voluptuosamente como se acariciasse a carne jovem de Ester".[11]

O espaço mítico

Frente ao desconhecido, o ser humano cria mitos, numa tentativa de compreender e interpretar aquilo que cultura, ciência e civilização não conseguem explicar. Essa teoria está presente não só no romance de Jorge Amado como também na obra *Lord of the Flies* [*O senhor das Moscas*] de William Golding,[12] onde ele retrata uma mata inexplorada em uma ilha, em cujo seio vai parar um grupo de crianças inglesas que passam a mitificar aquilo que as suas consciências civilizadas não conseguem explicar, criando totens e mitos a partir do medo do desconhecido. Jorge Amado procede de maneira semelhante, ao retratar a mata como "a mais temível das assombrações", "lar e refúgio" das criações do medo, como podemos perceber no seguinte trecho:

> [...] a mata aparecia diante dos homens como a mais temível das assombrações. Lar e refúgio dos lobisomens e das caaporas. Imensa diante dos homens. Ficavam pequenos aos pés da mata, pequenos animais amedrontados.

[10] AMADO, J. *Terras do Sem Fim*. p. 45

[11] *Ibid.* p. 54.

[12] GOLDING, W. *Lord of the Flies*. London: Faber, 1958.

> Do fundo da selva vinham as vozes estranhas. E mais terrível era o espetáculo, já que a tempestade irrompia com fúria, do céu negro, onde nem a luz de uma estrela brilhava para os homens recém-chegados.
>
> [...] Nas suas terras distantes, nas noites de luar, as velhas narravam tétricas histórias de assombrações. Em alguma parte do mundo, em algum lugar que ninguém sabia onde estava, nem mesmo os andarilhos mais viajados, aqueles que cortam os caminhos dos sertões recitando profecias, nesse distante lugar têm a sua morada as assombrações. Assim diziam as velhas que possuíam a experiência do mundo. [13]

Desse espaço inexplorado surge a mitologia regional, o boitatá, a caipora, a mula de padre, o lobisomem, mitologia resultante do medo e que já faz parte daquele universo regional, apesar de alguns desses elementos também pertencerem à tradição mitológica europeia. Contudo, para o elemento nativo, a mata não possui esse caráter de medo e assombração, já que ele conhece os seus segredos. O medo seria resultante da ignorância do elemento alienígena em relação aos mistérios daquele local, pois o elemento nativo sempre convive harmonicamente com o seu espaço, como é o caso do negro Jeremias que havia fugido da escravidão e adotou a mata como sua morada, trazendo para ela os deuses das florestas africanas. Isso fica ainda comprovado no texto de Jorge Amado quando a introdução do elemento estranho naquele ambiente se processa como um prelúdio à desgraça que mais tarde se instaura, desgraça essa anunciada pelo próprio espaço que se rebela contra a intromissão do elemento forasteiro:

[13] AMADO, J. *Terras do Sem Fim*. p. 44.

> Pela primeira vez o grito dos corujões foi, nesta noite, um grito agoureiro de desgraça. Ressoou com voz estranha pela mata, acordou os animais, silvaram as cobras, miaram as onças nos seus ninhos escondidos, morreram andorinhas nos galhos, os macacos fugiram. E, com a tempestade que desabou, as assombrações despertaram na mata. Em verdade teriam elas chegado com os homens, na rabada de sua comitiva, junto com os machados e as foices, ou já estariam elas habitando na mata desde o início dos tempos?[14]

A penetração do explorador na região vem tirar a sua harmonia. A mata é como um deus ("A mata-deus na sua frente").[15] O homem, com os machados e as foices, símbolos da civilização, desperta na mata as suas assombrações, que representam as desgraças. É o negro Jeremias que, mesmo quase cego, possui a visão do futuro (como o poeta Sérgio Moura em *São Jorge dos Ilhéus*), e essa visão lhe mostra o fim da floresta do Sequeiro Grande.[16]

No capítulo "A Mata", embora o narrador pareça questionar a teoria de Rousseau acerca do bom selvagem, ou seja, de que o homem é bom em sua natureza, em sua essência, e a civilização é que o corrompe[17], ele já havia optado por ela quando coloca na voz do velho do capítulo inicial, sub-capítulo 6, a seguinte fala: "É o destino que faz a gente, dona. Ninguém nasce ruim ou bom, o destino é que entorta a gente."[18]

---

[14] AMADO, J. *Terras do Sem Fim*, p. 45.

[15] *Ibid*., p. 46.

[16] *Ibid*., p. 116.

[17] Reagindo às teorias do século XVIII de que o progresso nas ciências e artes aumenta a felicidade do homem, Rousseau afirma, em *Discurso sobre as ciências e as artes*, que, ao contrário, elas corrompem o homem. Seu segundo ensaio filosófico, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* celebra o homem natural e culpa a propriedade privada e o estado político como causas de opressão e desigualdade.

[18] *Terras do Sem Fim*, p. 32.

Essa opção é confirmada no final do romance, pois a desgraça que se instaura na região é trazida pela ambição civilizatória, refletindo a intenção do narrador de defender a sua região. O elemento alienígena tem que optar pelo espaço periférico regional no qual ele se insere. Caso contrário, só lhe restam duas alternativas: a volta para o seu local de origem ou a morte.

O narrador, contudo, é um ser dividido que oscila entre os dois tempos, buscando resolver essa tensão através de um assentimento civilizatório. Por isso ele busca uma adaptação harmônica, fato esse que não se processa e é sempre colocado como uma esperança no porvir. Desse assentimento, transposto para um plano onírico, brota a esperança de uma solução harmônica, já que o espaço se insurge contra o tempo e vice-versa.

São Jorge dos Ilhéus

Terras do Sem Fim trata do drama da conquista feudal e *São Jorge dos Ilhéus* da conquista imperialista, como o próprio autor coloca na introdução do último. No primeiro, a terra passa a pertencer aos homens que optaram por ela, os coronéis. O espaço não se insurge contra eles, pois eles possuem raízes na terra, são como árvores. O espaço se insurge contra o elemento a ele exterior e ao qual não se adaptou, como é o caso de Virgílio e Ester, que morrem exatamente por não estarem em sintonia com a região. Ester vivia sonhando com o exterior, com as grandes cidades, tendo estudado em colégio de freiras onde as alunas "liam romances franceses, histórias de princesas, de uma vida formosa"[19] e de modo algum ela se adaptou à região, sentindo-se como "uma rã na boca de uma cobra"[20], daí ter morrido, imaginando-se estrangulada por cobras.

[19] *São Jorge dos Ilhéus*, p. 55-6

[20] *Ibid*., p. 57.

Por sua vez, a paisagem de um pacífico e bucólico campo europeu, em um quadro na casa dos Badarós, contrastava com o campo da região deles, levando Sinhô Badaró a indagar por que a terra do cacau não deveria ser como aquele campo.[21] Mas ele sabia que não era, pois se a terra retratada na oleogravura fosse boa para o cultivo do cacau, ele "teria que mandar jagunços para de trás de uma árvore, para a 'tocaia', jagunços que liquidassem os pastores que tocavam gaita, a moça rosada que dançava tão alegre"[22], uma moça bonita, de faces rosadas e olhos celestes, "mais bonita talvez que Don'Ana".[23] Esquecendo a cena do quadro com a chegada dos jagunços, como em uma premonição, ele vê a mulher retratada "parando seu baile com o tiro que ele mandara dar".[24] Essa mesma cena seria vista, tempos depois, por sua filha Don'Ana, quando, defendendo sozinha sua propriedade até a última bala, ao se entregar pedindo para atirarem nela, nota que "uma bala quebrara o vidro, rasgara o peito da moça que bailava"[25], como se ela também tivesse sido atingida no peito durante a disputa final pelas terras do Sequeiro Grande. Dessa forma, ficava claro a impossibilidade do transplante daquele espaço harmonioso, mas estrangeiro, para aquela terra.

Em *São Jorge dos Ilhéus*, o progresso chega inscrevendo a região em um tempo cultural mais "avançado". Neste mesmo espaço, convivem o estrangeiro, os imigrantes, e o elemento local, nativo. Existe uma nova classe, a dos exportadores de cacau e é com eles que o progresso se instaura na região, um progresso que teve os coronéis como precursores. Porém, o exportador vem de fora e faz parte de um outro tempo e de um outro lugar.

[21] *Ibid.*, p. 63.

[22] *Ibid.*, p. 65.

[23] *Ibid.*, p. 63.

[24] *Ibid.*, p. 65.

[25] *Ibid.*, p. 256.

E se ele vem para trazer o avanço, traz com ele a derrocada do elemento local que é ligado à terra. Prevalece o urbano sobre o rural e com ele todos os males da civilização. Temos, portanto, o choque cultural de três tempos distintos: o tempo do exportador estrangeiro e dos imigrantes, o do elemento local urbano (os habitantes da cidade de Ilhéus), e o tempo dos coronéis, fazendeiros e plantadores de cacau, convivendo todos em um mesmo espaço. Essa coabitação de tempos não se processa de maneira harmônica. O elemento alienígena traz com ele uma visão de mundo diferente daquela regional. Os conceitos de moral daqueles pertencentes ao tempo cultural mais "atrasado" são abalados com as inovações trazidas pela civilização, levando as beatas a se escandalizarem com os "horrores" e "depravações" que se instalaram na região com a chegada dos imigrantes e dos exportadores e fazendo com que Maneca Dantas profetizasse o começo da destruição dentro de uma visão bíblica do apocalipse, dizendo: "É o fim do mundo".[26]

Contudo, a profecia de Maneca Dantas limitava-se a uma constatação da mudança de valores. Como uma "criança ingênua", como os coronéis foram classificados, ele não conseguiu perceber a amplitude do mal que estava por se alastrar sobre toda a região. Essa pré-visão vem através da imaginação do poeta Sérgio Moura, que constrói a imagem de um monstro milenar de cem bocas famintas que tudo engole e que representa o imperialismo. Nem mesmo Joaquim, o mecânico causador dessa imagem na cabeça do poeta, consegue prever a extensão do mal que está por se instaurar. Ele vê apenas o presente. Aqui o narrador confirma e defende a teoria de Ezra Pound acerca dos artistas como "as antenas da raça"[27],

[26] *Ibid.*, p. 166.

[27] No capítulo sobre William James em seu livro *Instigations: A Study in French Poets* (Nova York: Boni and Liveright,1920), Ezra Pound afirma: "artists are the antennae of the race, but the bullet-headed many will never learn to trust their great artists" ("Os artistas são as antenas da raça, mas muitos cabeças-duras nunca aprenderão a confiar em seus grandes artistas."), p. 109.

aquele ser cujos olhos conseguem captar os tempos (passado e presente) e projetá-los em futuro;[28] ou como nos diz Ernst Fischer, "o artista não é possuído pela besta-fera, mas doma-a."[29] Esse fato é confirmado no final do romance, quando Sérgio Moura consegue dominar aquela que seria a domadora da besta-fera, ou seja, Julieta, a mulher do "monstro" Carlos Zude, a incorporação da besta-fera, pois é através dele que se instaura o "apocalipse" na região. Se Sérgio Moura não tem a força do dinheiro para vencê-lo, por outro lado, ele acaba vencendo-o através de sua poesia que conquista o coração de Julieta, roubando-a para si.

A descrição dos coronéis como "crianças ingênuas", feita por Carlos Zude, assume grande importância para a compreensão da opção do autor pelo elemento local. Se as atitudes dos coronéis eram interpretadas pelo elemento alienígena em *Terras do Sem Fim* como bárbaras atrocidades praticadas por indivíduos não "civilizados", enquanto que para o elemento local essas atitudes eram interpretadas como um fenômeno natural, o autor assume a defensiva do elemento regional, admitindo-lhes uma ingenuidade e uma inocência pueris que de certa forma justificariam as maldades cometidas por estes para a conquista da terra, revelando, portanto, a sua preferência. A tragédia trazida pelos exportadores torna-se, assim, muito mais atroz do que aquela que se abateu sobre a região para a conquista das matas do Sequeiro Grande em *Terras do Sem Fim*, já que ela é cometida

[28] Como escreve a teatróloga Viola Spolin, "Muitos de nós ouvimos os movimentos do novo que está para nascer, mas é o artista que deve executar o parto da nova realidade que nós (platéia) impacientemente esperamos. [...] O papel do artista é dar a visão. [...] O artista capta e expressa um mundo que é físico. Transcende o objeto – mais do que informação e observação acuradas, mais do que o objeto físico m si. Mais do que seus olhos podem ver." SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva, Col. Estudos, 1982. p. 14.

[29] FISCHER, E. A função da arte. In: __. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. p. 14.

através de um plano maquiavélico de pessoas que perderam a inocência. Dessa forma, o narrador procura justificar, para os leitores (que fazem parte do tempo "civilizado"), a maldade dos coronéis como sendo fruto de uma paixão inocente, já que os compara a crianças que não possuem consciência da dicotomia bem/mal. Esse fato não só inocenta os coronéis como também os coloca dentro da linha romântica do "bom selvagem" de Rousseau, como vimos em relação a *Terras do Sem Fim*. Jorge Amado retoma essa abordagem em *São Jorge dos Ilhéus* quando acontece o encontro de Joaquim com Julieta. Repetindo, quase literalmente, a fala do velho do primeiro capítulo de *Terras do Sem Fim*, Joaquim diz: "Ninguém nasce feito, nem nasce bom ou ruim."[30]

Contudo, essa constatação leva Sérgio a estabelecer uma comparação entre os tipos de pessoas – aquelas de barro forte e aquelas feitas de lama, ao que Joaquim retruca que "toda terra é boa, só que às vezes precisa ser adubada."[31]

Esta dicotomia apresenta a civilização como o elemento ruim, destruidor, pois em ambos livros nos é mostrado que é a civilização, ou a ambição por ela, que corrompe o coração dos homens.[32] Sérgio e Julieta representam o tempo "civilizado" (lato senso), já que é ele um poeta, e como tal, representante de um dos elementos civilizatórios que é a literatura, e Julieta é a mulher do espaço urbano, esposa do exportador. Esse fato cria uma linha divisória que os separa do elemento local. Contudo, existe a possibilidade da reconciliação com a civilização que é colocada por Joaquim, mas naquele espaço; no final do romance, os dois são obrigados a optar pelo espaço mais "civilizado" da capital, confirmando mais uma vez (como em *Terras do Sem Fim*)

[30] AMADO. J. *São Jorge dos Ilhéus*. *op. cit*. p. 217

[31] *Ibid.*

[32] O termo civilização está sendo aqui empregado com a mesma acepção que lhe é conferida pelo elemento local, como sinônimo de progresso material.

a impossibilidade de convívio harmônico do tempo cultural mais "avançado" naquele espaço "atrasado". Se os dois continuassem lá em Ilhéus, decerto teriam que optar pela derrocada junto com os coronéis. Daí a mudança para a capital ter sido a solução mais sensata encontrada pelo autor para poder resolver a indecisão das duas personagens e justificar o seu posicionamento, retirando-os da lama, libertando-os da hipocrisia em que a civilização os havia colocado, transformando-os em criaturas "de barro forte". Nesse momento de decisão, é preciso ação, e é por isso que a literatura não resolvia, e Sérgio vê-se obrigado a tomar uma atitude e seguir com Julieta sem medo de enfrentar o desconhecido, pronto para lutar por uma causa (o amor por Julieta) que lhe devolva toda a dignidade que lhe faltava[33].

A personagem feminina e o seu espaço.

Outro fato que merece destaque em *São Jorge dos Ilhéus* é a força da personagem feminina. Raimunda e Don'Ana se identificam pela ligação à terra. O narrador as compara com árvores que possuem raízes no solo. Contudo, Don'Ana Badaró é levada pelo marido para o espaço de origem dele, já que ambos estavam velhos demais para resistir. Enquanto pôde lutar, Don'Ana lutou, resistiu, foi implacável (*Terras do Sem Fim*). Agora, ela resolve resignar-se e optar pelo espaço mais "avançado" (a cidade da Bahia), já que o seu espaço havia crescido demais para ela. Apesar disso, Raimunda possui o sangue dos Badarós nas veias e é a continuação de Dona'Ana, por ser mais jovem para resistir. Ela prefere sucumbir na própria terra, e sucumbir lutando, já que ela faz parte daquela geografia. É ela quem decide resistir, levando o marido (que embora tenha vindo de fora, já havia optado pela região) a decidir-se também pela resistência.

[33] No capítulo "A Baixa", sub-capítulo 17, há uma referência explícita ao nome da personagem literária de William Shakespeare que morre por amor.

Julieta, no início, parece ser uma pessoa de temperamento fraco, mas é ela quem toma a decisão de desligar-se do marido e libertar-se da podridão na qual estava mergulhada. Ela força Sérgio a tomar uma decisão, mostrando assim a força do seu caráter.

Lola Espínola, num ato de bravura, suicida-se, depois de resistir por muito tempo; desiste de lutar depois que a razão da sua existência, Pepe, se torna indiferente para com ela, definhando na prisão. Contudo, morre encorajando Julieta a libertar-se e lutar pelo seu amor, por um ideal, contribuindo grandemente, através da carta que lhe escreveu, para a decisão tomada por Julieta mais tarde.

Rosa, a personagem que não se apegara a nada, nem a ninguém, é a única que permanece à margem de tudo, imutável, representando a anarquia para Joaquim, símbolo do "lúpen-proletariado", e a liberdade para Sérgio Moura, como transcrito neste trecho, onde a referência a uma "geração fracassada" nos reporta ao termo "geração perdida", que, conforme descrito por Ernest Hemingway em *A Moveable Feast*, foi cunhado, por acaso, pelo proprietário de uma oficina mecânica na França e depois retomado por Gertrude Stein para designar a juventude pós-guerra dos anos 30 na Europa e nos Estados Unidos, e que passou a englobar escritores contemporâneos de Jorge Amado, como Hemingway e Fitzgerald[34]:

> – Somos uma geração fracassada . . .
> Não havia quem não tivesse sido atingido. Todos aqueles destinos mudavam mais uma vez, violentamente. Eram ásperos naquele ano os caminhos do cacau. Antes fora fácil estrada, os frutos de ouro pendendo das árvores plantadas sobre a terra adubada com sangue. Todos tinham sido atingidos, duramente atingidos. Apenas Rosa, trêfega e, no entanto, imutável, continuava à margem de tudo. Joaquim explicava que ela era o "lúpen-proletariado", mas Sérgio Moura que era poeta e transformava as coisas e as palavras dizia que Rosa era a liberdade

[34] HEMINGWAY, E. "'Une Génération Perdue'". *A Moveable Feast*. Harmondsworth: Penguin, 1975.

> ("anárquica, seu Sérgio, anárquica...", a voz de Joaquim) solta no cais, o único ser totalmente livre nas terras do cacau. Curioseando pelas barracas de imigrantes, rindo para os mascates sem freguesia, sírios que a baixa arruinara, vagando no cais, dormindo sob as pontes, correndo ao deus-dará. Porém só ela, unicamente ela, Rosa que ninguém sabia direito quem era nem de onde tinha vindo.[35]

E é por não ter se apegado a nada nem a ninguém que ela sobrevive imutável. Rosa representa a possibilidade da esperança de um tempo melhor, ameno e feliz, quando os homens venham a se desligar do apego mesquinho às coisas e à terra e passem, como ela, a dançar a vida, requebrando a felicidade de um viver despojado de qualquer ligação à terra ou às pessoas. A personagem masculina que mais se aproxima de Rosa é Joaquim, pois, de certa forma, ele se despoja de muita coisa para lutar por sua causa, embora jamais se prive dela. Rosa, contudo, não tem causa, não tem ideal, não tem nada que impeça a sua liberdade. O seu único compromisso é com o viver.

Assim, embora alguns personagens femininos se enquadrem nos padrões da convenção e do estereótipo, outros são o próprio símbolo da força, rebeldia e liberdade, marcando e defendendo o seu espaço sem se deixarem levar pelos caprichos do destino.

A solução do conflito

Tanto em *São Jorge dos Ilhéus* como em *Terras do Sem Fim*, a solução do conflito entre o tempo e o espaço é postergada para um futuro, um tempo anárquico e livre (simbolizado por Rosa em *São Jorge dos Ilhéus*), que ninguém sabe o que é exatamente, nem a sua origem, mas um tempo que é possível de vir a acontecer.

Se o Autor prefere optar pelo socialismo marxista como o sistema ideal para as suas personagens (que representam seu povo)

[35] *São Jorge dos Ilhéus*, p. 282.

em um tempo futuro, e se esse tempo é utópico, ao narrador[36] isso não interessa, pois ele não está preocupado com a verdade histórica, mas com a verdade estética, ou seja, a verossimilhança preconizada pela *Poética* aristotélica, já que à literatura não interessa a verdade que foi, mas sim aquela que poderia ter sido, ou aquela que poderá ser.[37] E se a solução desse conflito, que tanto na realidade factual como na ficcional não se resolve, é colocada para um futuro é porque o narrador acredita na possibilidade de uma transformação do homem fazendo com que ele possa conviver harmonicamente com o seu meio em um tempo pleno de heroísmo, beleza e poesia, como afirma o autor no prefácio de *São Jorge dos Ilhéus*:

> E se o drama da conquista feudal [*Terras do Sem Fim*] e da conquista imperialista [*São Jorge dos Ilhéus*] é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista. Diz Joaquim [personagem de *São Jorge dos Ilhéus*] que a etapa que está por vir será plena de heroísmo, beleza e poesia, eu creio.[38]

Apesar de o autor optar por uma abordagem aberta, não solucionando esse conflito no romance, ele deixa margem para a possibilidade de uma esperança e é através dela que ele expressa a sua ideologia e o seu desejo de que as pessoas venham a se libertar (como Julieta e Sérgio), passando a lutar por um ideal humanitário (como Joaquim) e que elas possam, como Rosa, encontrar a felicidade em um tempo em que beleza e poesia sejam efetivamente sinônimos de vida.

---

[36] Ou "autor implícito", segundo a definição de Vítor Manuel Aguiar e Silva (SILVA, V. M. de A. O Romance. In: __. *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1973. p. 267.

[37] "[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade." ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre, Globo, 1966. Cap. IX.

[38] AMADO, J. *São Jorge dos Ilhéus*. *op. cit*. p. 8 (as inserções em colchetes e itálico são nossas).

Conclusão

Vimos, neste trabalho, que a literatura brasileira sempre esteve à procura de uma identidade e uma autonomia que a libertasse do modelo europeu de interpretação da nossa realidade. Esta busca passa a constituir um programa preconizado pelos nossos autores (preconceituosamente denominados de regionalista pela crítica sudestina). Dentro deste programa, insere-se a literatura do cacau, que, ao se opor ao modelo europeu, procura interpretar o universo a partir da cosmovisão do elemento regional, valorizando o espaço e o tipo humano local.

Ao penetrar nesse espaço, o elemento civilizatório cria um conflito entre o tempo cultural mais "avançado" e o tempo mais "atrasado". O processo civilizatório que se instaura na região traz consigo a derrocada do elemento local, mostrando-nos a impossibilidade da convivência desses dois tempos em um mesmo espaço. Os coronéis que trouxeram o progresso para aquela região em *Terras do Sem Fim* buscavam, inocentemente, inscrevê-la em um tempo cultural mais "avançado". Contudo, o progresso rebela-se contra eles e eles são derrotados pela ambição de poder, maior que a deles, trazida pelo elemento "civilizador" em *São Jorge dos Ilhéus*. Como aconteceu com a população indígena com a chegada dos portugueses ao Brasil, o elemento local cede ante a fúria do elemento alienígena: o exportador que se instala na região com o intuito de explorá-la e não de melhorá-la, como fizeram os portugueses na era colonial.

Da mesma forma que o negro Jeremias sucumbe na mata com a penetração da ambição civilizatória que a destrói em *Terras do Sem Fim*, em *São Jorge dos Ilhéus* os coronéis sucumbem com a baixa do preço do cacau, provocada pelos exportadores. A derrocada dos coronéis nos mostra que eles, apesar de buscarem um assentimento civilizatório, haviam feito a sua opção pela região. Como o espaço se insurge contra o tempo, como a mata, eles sucumbem. O assentimento civilizatório

que o autor busca torna-se assim inviável naquele espaço, e ele é projetado para um tempo futuro e incerto, como uma frágil esperança da solução desse conflito, como declara o personagem Joaquim:

> – Primeiro a terra foi dos fazendeiros que conquistaram ela, depois mudou de dono, caiu na mão dos exportadores que vão explorar ela. Mas um dia, companheiro, a terra não vai ter mais dono . . .
> Sua voz subia para as estrelas, cobria as luzes da cidade:
> – . . . nem mais escravos . . . [39]

Se *Terras do Sem Fim* nos mostra a atualidade do discurso ecológico de Jorge Amado, trazido à tona agora com a destruição de grandes áreas da Amazônia e as disputas internacionais pelo controle de sua biodiversidade, dentro de uma perspectiva socioeconômica, o texto de *São Jorge dos Ilhéus* permanece bastante atual em seu discurso ideológico, se compararmos a dependência dos fazendeiros às firmas de exportação, que estabeleciam o preço do cacau a partir de Nova York, à nossa dependência do mercado e do desempenho da economia global e, ainda, se compararmos a apropriação das fazendas dos coronéis pelos exportadores estrangeiros na obra amadiana com às tentativas de domínio da região amazônica como "área internacional".

Estas duas obras de Jorge Amado denunciam a exploração humana e as diferenças sociais, assim como a apropriação de nosso território pelos estrangeiros. Se, em seu trajeto, a nossa história literária nos mostra a nossa dependência econômica e cultural, a ficção amadiana nos faz ver que essa dependência ainda continua até hoje. Mesmo depois de séculos de denúncia e tentativas de insurreição, ficcionais ou não, continuamos a depender da metrópole (que somente muda de nome e continente) e grande parcela

[39] AMADO, J. *São Jorge dos Ilhéus. op. cit.* p. 317.

de nossa população permanece nutrindo o ranço do complexo de inferioridade ante o estrangeiro. Assim, a solução do conflito, visualizado por Jorge Amado com o gesto libertário de Julieta, libertando o pássaro preto de Sérgio da gaiola, ou com a esperança de Joaquim por um novo tempo, continua irrealizado, ainda à espera de um porvir.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Record, 1982.

AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. São Paulo: Record, 1982.

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Tecnoprint S.A., s/d

FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GOLDING, W. *Lord of the Flies*. London: Faber, s/d.

HEMINGWAY, E. *A Moveable Feast*. Middlesex: Penguin, 1975.

HULME, Peter. *Colonial Encounters: Europe and the Native Caribbean 1492-1797*. London & New York: Routledge, 1992.

POUND, Ezra. *Instigations: A Study in French Poets*. Nova York: Boni and Liveright,1920.

ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, J. J. *Obras*. Porto Alegre: Globo, 1962.

SALLES, D. Notas de Aulas. *Literatura Brasileira*. Salvador: UFBA, 1984.

SILVA, V. M. de A. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1973.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

TOURNIER, M. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. Trad. Fernanda Botelho. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

Décio Torres Cruz é escritor, crítico literário, poeta, pesquisador e professor universitário aposentado da Ufba e da Uneb. Foi eleito para a cadeira 19 da Academia de Letras da Bahia em 11 de agosto de 2022. Ocupa a cadeira 2 da Academia Contemporânea de Letras de São Paulo. Ph.D. em Literatura Comparada pela State University of New York em Buffalo, EUA, mestre em Teoria da Literatura, especialista em Tradução e bacharel em Letras/ Língua Estrangeira pela UFBA. Fez pesquisa pós-doutoral em Londres, na Inglaterra. É autor dos livros: *Histórias roubadas* (2022), *Paisagens interiores* (2021), *The Cinematic Novel and Postmodern Pop Fiction* (2019); *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa* (2016); *Postmodern Metanarratives: Blade Runner and literature in the age of image* (2014), dentre outros livros didáticos e teóricos. Desde 2023 ocupa a Cadeira nº 19 da Academia de Letras da Bahia.

A FOME EM FRAGMENTOS

Antônio Torres

Há uma miséria maior do que morrer de fome num deserto.
É não ter o que comer na terra de Canaã.

Talvez esta frase tenha se tornado mais célebre do que o seu autor e o livro de onde ela foi tirada, um marco do ciclo da década de 1930.Trata-se de *A Bagaceira,* do paraibano José Américo de Almeida, que Jorge Amado considerava o pai de todos nós, os romancistas nordestinos.

Publicado em 1928, *A Bagaceira* baseia-se no êxodo provocado por uma seca ocorrida no ano de 1898 e revelou um Nordeste já com os primeiros sinais de modernização, em confronto com os usos e abusos dos senhores de engenho e dos políticos, enquanto a sua população, assolada pela seca, lutava pela vida.

Romance de denúncia social, como de resto todo o ciclo que a ele se seguiria, *A Bagaceira* viria a ficar um tanto para trás na fila dos que o sucederam.

Mesmo assim, ainda se lê em avaliações recentes que não se pode negar o quanto ele diz sobre um Brasil cujo interesse do poder tem sido o do usufruto – e de geração em geração.

Agora, inegável mesmo foi o poder de fogo da tropa de choque nordestina que seguiu a picada aberta por José Américo de Almeida.

Sigamo-la:

"Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

– Mãezinha, cadê a janta?

– Cala a boca, menino! Já vem!

– Vem lá o quê!..."

Lendo agora o romance de estreia da cearense Rachel de Queiroz, entende-se porque ele fez estragos nos espíritos da sua época. *O Quinze* foi publicado em Fortaleza em 1930 e causou sensação pelo drama que descreve: o embate entre o homem e a natureza no trágico destino de um povo assolado pela grande seca de 1915, que estava longe de ser a última.

Numa prosa simples, viva, comovente, Rachel de Queiroz tece o seu relato em duas linhas de força: a história de um amor irrealizado da mocinha que lê romances franceses e sonha com o moço rude entregue à faina solitária de salvar o seu gado, e a dramática marcha a pé de um retirante e sua família sonhando chegar ao Amazonas. Nesse cenário inclemente, e num quadro social deplorável, sobreviver até a redenção da chuva é uma questão de sorte.

Oito anos à frente de *O Quinze* as letras nacionais voltam a se impactar com a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca e a fome.

O título do livro já diz tudo: *Vidas Secas*. Nada mais, nada menos do que a obra prima do alagoano Graciliano Ramos, quem não sabe?

Trata-se da história de um rude vaqueiro, Fabiano, sua mulher, Sinhá Vitória, seus dois meninos, e Baleia, a cachorra, protagonista da cena que no cinema fez a plateia se contorcer na cadeira.

É quando Fabiano vê o estado em que Baleia se encontra e decide sacrificá-la. Dona Sinhá recolhe os filhos, que protestam contra o sacrifício de Baleia, mas não havia outra escolha.

O primeiro tiro acerta o traseiro dela e a deixa com as patas inutilizadas.

Baleia sente o fim próximo, e chega a querer morder o seu dono, Fabiano. Apesar da raiva que sentia dele, o vê como um companheiro de muito tempo. Em meio ao nevoeiro e à visão

de uma espécie de paraíso dos cachorros, onde ela podia caçar preás à vontade, Baleia morre, sentindo dor e arrepio.

A seca, com todos os seus sentidos trágicos para o sertanejo – inclemência, fome, sede, desespero, desterro, morte – levaria Jorge Amado a escrever um épico.

Lembremo-nos, pois, de *Seara Vermelha,* romance de 1946, no qual Jorge narra a penosa retirada de camponeses pobres rumo ao sul, expulsos pelo latifúndio. Na caminhada, uns morrem de fome, outros de doença. Poucos concluem a jornada às terras míticas do Sul.

História que segue

"Trem sujo da Leopoldina/ correndo/ correndo/ parece dizer/ tem gente com fome/ tem gente com fome/ Piiii

Estação de Caxias/ de novo a dizer/ de novo a correr/ Tem gente com fome/ tem gente com fome/ tem gente com fome

Vigário Geral/ Lucas/ Cordovil/ Brás de Pina/ Penha Circular/ Estação da Penha/ Olaria/ Ramos/ Bom Sucesso/ Carlos Chagas/ Triagem/ Mauá

Trem sujo da Leopoldina/ Correndo/ correndo/ parece dizer/ tem gente com fome/ tem gente com fome/ tem gente com fome

Só nas estações/ quando vai parando/ lentamente começa a dizer/

Se tem gente com fome/ dá de comer/ se tem gente com fome/ dá de comer/ se tem gente com fome/ dá de comer

Mas o freio de ar/ todo autoritário/ manda o trem calar

Psiuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu"

Solano Trindade, poeta do povo, saravá!

Tem gente com fome é do primeiro livro dele, *Poemas de uma vida simples,* de 1944. Proibido pela censura do Estado Novo, 31 anos depois (1975), acabaria sendo musicado por João Ricardo,

do Secos & Molhados. Em 1979 veio a ser gravado por Ney Matogrosso.

Nascido em Recife em 1908, e falecido no Rio de Janeiro em 1974, Solano Trindade foi operário, cineasta, pintor, ator de cinema (trabalhou no filme *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos), teatrólogo e ativista cultural com forte atuação em Pernambuco, Rio e São Paulo, tendo participado em Salvador, em 1936, do II Congresso Afro-Brasileiro (o primeiro foi organizado por ele no seu Recife, em 1934). Solano deixou marcas na nossa história, tanto como o poeta de *Cantares ao meu povo,* publicado em 1963 – e poeta que clamava por justiça –, quanto pela sua militância que o levou a criar o Centro de Cultura Afro-Brasileiro, o Teatro Experimental do Negro, o Teatro Folclórico Brasileiro, o Teatro Popular Brasileiro, e a juntar-se à comunidade artística do Embu, na região metropolitana de São Paulo, hoje o município de Embu das Artes, onde ele dá nome a uma escola e a um teatro, no qual a sua obra está preservada.

Foi em São Paulo também que o locutor que vos fala veio a descobrir outro poeta, também nordestino, ora lembrado pela sua contribuição ao tema destas linhas. Falamos do maranhense Ferreira Gullar, achado em meio a uma livraiada jogada na calçada da Avenida São João dentro de um volume de bolso intitulado *Violão de Rua.* Era uma antologia que trazia um poema (dele, Ferreira Gullar) assim: "Morrem quatro por minuto/ Nesta América Latina./ Não conto os que morrem velhos/ Só os que a fome extermina./ Não conto os mortos de faca/ Nem os mortos de polícia:/ Conto os mortos de febre/ e os que morrem de tísica/ Conto os que morrem de bouba/ de tifo, de verminose;/ conto os que morrem de crupe,/ de cancro e sistosomose./ Mas todos esses defuntos/ morrem de fato é de fome,/ quer a chamemos de febre/ ou de qualquer outro nome./ Morrem de fome e miséria/ quatro homens por minuto,/ embora enriqueçam outros/ que deles não sabem muito.

Autor de *Geografia da Fome, Geopolítica da Fome, O Livro Negro da Fome, Sete Palmos de Terra e um Caixão* e tantos mais, Josué de Castro concluiu que metade da humanidade não come e a outra não dorme com medo da que não come.

Fechemos com Caetano Veloso, que pegou um verso de Maiakovski – *Gente nasceu para brilhar* – e acrescentou: *E não para morrer de fome.*

Portanto:

Gente nasceu para brilhar e não para morrer de fome.
Gente nasceu para brilhar e não para morrer de fome.
Gente nasceu para brilhar e não para morrer de fome.

Antônio Torres é autor de 12 romances e mais seis livros, entre ensaio, contos e crônicas. Na sua obra, destaca-se a célebre trilogia ficcional, composta pelos romances: *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Traduzido em diversos idiomas, recebeu importantes prêmios nacionais, inclusive o Prêmio Machado de Assis, da ABL (2000), pelo conjunto da obra. Eleito em 2013, ocupa a Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras. Em 2019 tornou-se titular da Cadeira nº 1 da Academia Petropolitana de Letras. Seu romance mais recente é *Querida Cidade* (Rio de Janeiro: Record, 2021). Desde 2015 ocupa a Cadeira nº 9 da Academia de Letras da Bahia.

MIGUEL TORGA

Urania Tourinho-Peres

Não, ninguém povoa a íntima solidão de seu destino
Um poeta não tem biografia. tem destino
(Diário XV. Catalogo P.168)

Encontrei Miguel Torga em São Martinho de Anta, Concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real, região presenteada pelo Douro. Cidade pequena com a singeleza das cidades interioranas que só Portugal sabe oferecer. Primeiro, a contemplação da casinha em que nasceu: paredes brancas, janelas azuis clara, fechadas. Uma casa vazia que teve vida no passado.

Começou então uma viagem dentro da viagem, que resultou no meu encontro com Miguel Torga, sua vida, sua poesia. Uma viagem, (entre muitas idas a Portugal) no caso a minha última ida a Portugal, ou qualquer outra, propicia sempre muitas viagens de diversas naturezas: estética, sentimental, religiosa, gastronômica, intelectual, política enfim e um amor crescente

Sigo pela cidade que de fato foi a "casa" do poeta, e logo em seguida, encontro uma grande parede, um grande espaço onde se lê em letras metálicas: Museu Miguel Torga. Me surpreendi. Pensei: uma vida transformada em museu. Uma simples casinha acolheu o menino, uma grande casa acolhe o poeta.

Entrei, e me maravilhei. Não fiquei insensível à comparação entre o espaço que acolheu a entrada no mundo do bebê, que recebeu o nome de Adolfo Correia Rocha em 12 de agosto de 1907, e a suntuosidade do museu que acolhe o homem,

que se fez poeta, dos maiores em Portugal, e que se nomeou Miguel cultuando Miguel Unamuno e Miguel de Cervantes, marcando, entretanto, a força da natureza no sobrenome Torga designação da urze.

> Qual morte, homem de Deus!
> Você já viu por acaso um pinheiro suicidar-se!
> Vols I a IV pag 21

Sobre sua cidade confessará, revelando a força do berço: [...] nenhuma hora de minha vida tem significação sem esta referência: Martinho é um marco de orientação e que vejo em todas as horas de perplexidade e angustia e de todos os quadrantes do mundo. (Catalogo p.232 – Diário, XVI)

Visitei o museu com uma atenção devoradora. Uma exposição de fotos a contar a vida, poemas e textos a nos revelar o poeta.

Até os instantes que antecederam minha entrada no Museu, Torga era um nome distante, um livro na estante, um saber acadêmico, um fruir de poesia. A magia da exposição, a leitura apressada pela exigência do tempo foi agigantando em mim a necessidade de conhecer o homem-poeta na convicção antecipada que dele, seguramente receberia respostas que alimentariam a minha sofrida estranheza da vida, a dor da existência, a incompletude das palavras, a natureza e o real sempre a retornar. E, é exatamente a esta mistura confusa de sentimentos, que os poetas respondem sem nos dar respostas. É a esta mistura confusa de sentimentos que o psicanalista aguça a sua escuta, sabedor que é da importância do acolhimento à palavra, manancial de infinitas interrogações.

A exposição era rica em fotografias e textos e, assim sendo, a imagem do poeta, sua fisionomia, seu corpo, cenas familiares foram descortinando a materialidade de sua história. Poeta engajado, rebelde ao fascismo Salazarista, preso pela PID, tendo livros confiscados, mas também sendo indicado ao prêmio Nobel.

Sai da exposição silenciosa e me dirigi, juntamente com os que me acompanhavam, para a livraria do museu, pensava em comprar poesia, mas ao chegar vi estendida na vitrine os seis volumes do diário de Miguel Torga. Não tive dúvida em carregar as poesias completas e o volumoso diário que me falaria do homem e sua vida, de um cotidiano dividido entre a medicina e a poesia. Verifiquei que a primeira edição foi do autor, publicada em Coimbra em 1941, trouxe a 5 edição conjunta, de 2010, Publicações D. Quixote. Antes que o livro me pertencesse, ainda na livraria, abro o vol. I na pág. 25 e leio: "A vida não é para se escrever. A vida esta intimidade profunda, este ser sem remédio, esta noite de pesadelo que nem se chega a saber ao certo porque foi assim – é para se viver, não é para se fazer dela literatura". (Vila Nova, 7 de outubro de 1936)

Então, o que fazer com um diário tão extenso, tão pormenorizado, tão detalhado, esta vida transformada em texto e publicada? Logo percebi que mais que o relato dos acontecere da vida o diário de Torga era, sobretudo, um diário de pensamentos, de reflexões, de incredulidades e sofrimento frente à condição enigmática da vida. A sua luta entre o médico e o poeta, debruçado entre as dores do corpo e as dores da alma. E, não tive dúvidas em concluir: estes seis volumes são uma preciosidade, uma doação inimaginável. Optei em trazer a mala com o peso da poesia e das angustias de Torga. Uma melancolia transformada em poesia.

Biografia para ele é um mundo secreto: "não por ser inconfessável, mas por ser incomunicável". (diários, vol. IV).

BIOGRAFIA
Temos todos um rio na lembrança,
E alguns é um rio inteiro a sua vida.
Um rio que não seca e não descansa,
E é uma força perdida
Entre montanhas de desconfiança
(13 de março 1949, vol. I pag 360)

Trago detalhes, certamente insuficientes, apenas para marcar a trajetória na vida, incluindo os cinco anos vividos no Brasil, na Fazenda de Santa Cruz, propriedade de um tio em Minas Gerais, anos sofridos, com muitas lágrimas derramadas e que o fará dizer, alguns anos depois, referindo-se ao Brasil: ... quando me encontro diante de uma floresta tropical, é que sinto verdadeiramente o que significa toda a minha adolescência a romper no humus duma fazenda no Brasil. Foi um fermentar que nunca mais acabou, pois continua a lavrar no meu corpo, dos ossos ao coração. Nada que se possa traduzir em palavras, porque não tem expressão condigna a quentura deste lume que recebi de uma terra incendiada de vida, de força e de liberdade. vol. I P. 51

Retorna à Portugal, mas vem ao Brasil para participar do *Congresso Internacional de Escritores*, parte das comemorações do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. Entre muitos convidados estiveram presentes, Roger Bastide, João Cabral de Melo Neto, Robert Frost, William Faulkner. Torga apresenta uma comunicação sobre :*A América Vista pela Europa.* Nesta oportunidade profere várias conferências no Rio de Janeiro e viaja para Minas Gerais em busca das recordações infantis. Visita o Colégio Leopoldinense "onde o mundo da Cultura me abriu o primeiro postigo" e "o chão da fazenda que há trinta anos ensopei de lágrimas. Diário VII, 1956 Catalogo p.114.

O menino Adolfo de Barros Rocha, filho de pais camponeses, Francisco Correia Rocha e Maria da Conceição de Barros, teve dois irmãos, José que muito cedo veio para o Brasil e uma irmã, Maria que permaneceu com os pais na aldeia.

Sobre o nascimento disse: "Parece que foi um parto fácil, e que ninguém previu que eu nascesse poeta. Mas sai. E começaram então as dificuldades. Tentado pelas promessas da imaginação, muito embora a timidez objetasse, e empurrado pelas circunstâncias, a que durante muito tempo chamei destino, saltei o risco da freguesia, larguei vela ao desconhecido, e,

quando fui dar conta, estava enredado num matagal de hábitos e contradições de onde nunca mais consegui sair," é o que diz o seu diário. Diário XI Catálogo 166.

Os cinco anos na Fazenda do Tio valeram-lhe, quando do retorno do Brasil, um pagamento que iria custar-lhe os estudos de Medicina na Universidade de Coimbra.

Porque teria escolhido a medicina, prática que tanto o faria sofrer, talvez pela inexistência de uma didática para a poesia. Nasce-se poeta e exatamente por isso sentenciou: Porque sou artista, não sou médico. Entretanto, ainda que não devolvendo-lhe uma identidade, a medicina foi vivida de maneira exemplar, com dúvidas, angústias e sofrimento. E ele interroga: "Quem saberá por aí uma palavra para estes momentos? Uma palavra para um médico dizer a esta mãe, que entregou à vida a um filho vivo e recebeu da vida um filho morto." P. 20 Vol.-IV

As poesias e meditações do poeta são um precioso livro sobre a melancolia e a sua força criadora. A sua chegada ao mundo foi sofrida, um parto difícil e ele nasceu poeta. A violência de um desgarramento doloroso de uma unidade biológica e animal do útero materno e a entrada em um mundo marcado pela artificialidade das palavras, metáforas tradutoras, traduziram-se em um sentimento perene de estranheza, um matagal de hábitos e contradições que como ele mesmo disse nunca deixaram de o acompanhar.

Quero deixar clara a minha leitura da melancolia: ela está em todos e como nunca dois seres são exatamente iguais a melancolia também é a de cada um. Os manuais são pobres em querer enquadrá-la e delimitá-la, mas a poesia é rica em dizê-la, exatamente porque o poeta que é poeta encontra uma maneira singular de revelar-se uma rebeldia criadora. Trago então o pensamento de Sigmund Freud onde alicerço as minhas ideias: A melancolia é a resposta a uma perda, um sentimento de perda, carregado de desconhecimento, e de não saber sobre o perdido. A melancolia afeto ancestral.

Sim, não há saber possível que possa preencher a falta que acompanha a chegada ao mundo. Carregado de incompletude, de prematuridade e desamparo, o Bebê nasce. Acontece, como um ser em falta, possuído pelas perdas, sendo a da placenta a que primeiro pode materializar-se. E, vai traçar a vida na busca desejante de uma resposta ou preenchimento de um vazio que não se preenche. Assim, uns privilegiam o pensar e outros o fazer, e os artistas a criar. Toda criação pressupõe, um inexistente a ser tocado e traduzido em uma busca desejante. Jacques Lacan ampliou este momento teórico e nos deu um conceito para dizer um suposto objeto de preenchimento que, entretanto, não há, e deu-lhe um nome conceitual: objeto a, não encontrando melhor maneira de o qualificar, senão usando a primeira letra do alfabeto: Objeto a. A letra e sua marca fundadora.

Voltando ao poeta: não foi sem uma razão consistente que o poeta se deu o nome de Torga designação da urze, como um movimento de encontro e retorno à natureza. Os poetas sofrem o desconforto de um mundo submergido em um universo simbolizado e denunciam a inconformidade com as palavras. com o dizer. Rainer Maria Rilke nesta busca da materialidade para a palavra e de retorno à natureza dizia-se em procura de "pedra da poesia".

Mas o que é dizer: nasci poeta? Essa disposição inata de rutura ao aprisionamento da palavra? ou uma maneira singular de entrar na vida inconformado, flechado pelo desencanto, por uma incompleta transformação, se quisermos, de animal a humano. O poeta é dono de uma verdade e por isso Miguel Torga se diz ser "um farrapo". "Aparentemente ninguém diz, mas eu é que sei como caio aos bocados por dentro. Nunca devia ter nascido. Sem jeito para viver, arrasto-me no mundo como se ele não fosse o meu ambiente natural. Quando era novo, já admitia num poema *Ser qualquer desgraça acontecida/Fora do seio mãe da natureza*. Os versos dizem sempre mais o que o poeta advinha, "... e é passados muitos anos que consciencializo a verdadeira extensão daquele lamento.

Sim, sou mesmo o que então intui. Um pobre homem absurdo que nunca se acostumou a respirar fora do líquido amniótico". P.1386 vols. IX a XVI Coimbra 23 de janeiro de 1979. Miguel Torga foi e continua sendo um grande poeta, na imortalidade que a letra confere. Ao longo da vida procurou expressar sua melancolia em poesia.

Escolho uma citação para encerrar (Vol1.P2). "O dia foram as camélias e as trepadeiras que plantei com meu Pai. Poucas vezes, nestes trinta anos, me senti tão uno, tão certo, como junto daqueles setenta a plantar flores. Porque meu pai, assim magro e assim debruçado sobre a terra, enche de paz e confiança a inquietação mais desvairada.

REFERÊNCIA

Torga, Miguel Diário, vol V a VIII. Dom Quixote Edição Conjunta julho 2010. Leya

---

Urania Tourinho-Peres é psicanalista, fundou o Colégio de Psicanálise da Bahia. Tem diversos artigos publicados em coletâneas e revistas. Publicou os seguintes livros: *Mosaico de Letras*, (Ed. Escuta, 1999) e *Depressão e melancolia* (Jorge Zahar Ed., 2003). Organizou os livros: *Melancolia* (Ed. Escuta, 1996); *A culpa*, (Ed. Escuta, 2001); *Emílio Rodrigué* – Caçador de labirintos (Ed. Corrupio, 2004); *Frida Kahlo: dor e arte* (2007); Emílio Rodrigué: Velho analista do tempo novo, (Editora Edufba, 2014). É autora do posfácio do livro *Luto e melancolia* (Ed. Cosac Naify, 2011). Desde 2014 ocupa a Cadeira nº 40 da Academia de Letras da Bahia.

A RESTAURAÇÃO PORTUGUESA DA BAHIA EM 1625, EM TRÊS ILUSTRAÇÕES

Paulo Ormindo de Azevedo

Salvador comemorou em 30 de abril de 2025 quatro séculos de sua liberação da ocupação holandesa pela armada luso -espanhola comandada por Don Fadrique de Toledo y Osório. Organizado pelo Instituto Cervantes Salvador, o evento reuniu em 17/02/2025 professores e pesquisadores espanhóis e brasileiros no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Três dias antes chegou a Salvador a jovem Princesa de Asturias, Leonor de Borbón y Ortiz, a bordo do navio-escola Juan Sebastián Elcano.

Entre os espanhóis, estavam os professoras David García Hernán, catedrático de História Moderna da Universidade Carlos III de Madrid, José Manuel Santos Pérez, professor de História da América da Universidade de Salamanca, e Carlos Javier Castro Brunetto, professor de História da Arte da Universidade de La Laguna, que durante quatro anos trouxeram mais luzes sobre essa batalha.

O seminário teve como título "Jornada Acadêmica Salvador da Bahia e o seu 'sítio empresa' de 1625". "*Sitio y empresa de la ciudad del Salvador en la Baya de Todos Santos*" é um enorme quadro a óleo que retrata a nossa cidade durante o cerco de 1625 pertencente ao Museu Naval de Madri e foi um dos temas mais apreciados durante o seminário.

Para podermos compreender melhor o que foi esta batalha vamos recordar sumariamente o ocorrido. Em 9 de maio de 1624, numa terceira tentativa de tomar Salvador, uma esquadra holandesa de 26 navios e cerca de 3.400 homens,

comandada por Jacob Willekens, chegou a Salvador, bombardeou a cidade e a tomou. O Governador do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado, foi preso e assinou sua rendição em 10 de maio de 1624. Grande parte da população fugiu para o norte e se organizou em companhias de emboscadas (guerrilhas) atacando os holandeses e cortando seu abastecimento alimentar.

Em julho de 1624, a notícia da ocupação de Salvador pelos holandeses estourou como uma bomba na corte espanhola, então ligada à portuguesa. Era um desafio não só à honra espanhola e portuguesa como religiosa, militar e econômica. Militar porque a Baia de Todos os Santos era o maior porto natural do Atlântico Sul e quem a dominasse teria o controle das rotas marítimas no Atlântico Sul. Econômico, não só pela produção de açúcar do Recôncavo Baiano como pela possibilidade de apreensão do contrabando da prata de Potosí, na Bolívia, que saía pela Colônia do Sacramento.

Foram rápidos os preparativos e em agosto do mesmo ano duas frotas foram armadas, uma em Cádiz e a outra em Lisboa, com 52 navios mais de 12.500 homens e quase 1.200 peças de artilharia, a maior já vista, até então, no Atlântico sul, sob o comando do Almirante Fadrique de Toledo y Osório (1580-1634).

Encontraram-se em Cabo Verde e partiram para Salvador, chegando em 28 de março de 1625. Os espanhóis e lusos atacaram por mar e desembarcaram na enseada do Cabrito acampando na segunda linha de colinas de Salvador, do outro lado do dique construído pelos holandeses com o represamento do Rio das Tripas, atual Baixa dos Sapateiros, onde não existiam fortificações, e submeteram os holandeses a uma saraivada de artilharia. A luta durou pouco mais de um mês. Em 30 de abril, os holandeses já enfraquecidos pelas companhias de emboscadas e o desabastecimento alimentar capitularam.

As três ilustrações que vamos analizar são: "Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal", de Bartolomeu Guerreiro, gravura de Benedictus Mealius Lusitanus, de 1625, "Planta da restituição da Bahia" do Atlas Estado do Brasil de João Teixeira Albernaz, o Velho,

de 1631, e "*Sitio (cerco) y empresa*[1] *de la Ciudad del Salvador en la Baya de Todos Santos*", anônimo, de ca.1630-1650, segundo avaliação do museu naval espanhol.

Nossa tese é que esse óleo, uma panorâmica à voo de pássaro, foi pintado na Espanha com base nos dois mapas portugueses. Sua originalidade é ser tomada de leste para oeste, refletindo a estratégia espanhola de ocupar a cidade pelo lado de terra menos fortificada.

A primeira prova do que afirmamos é que "*Sitio y empresa de la ciudad del Salvador"* retrata uma cidade plana como os dois mapas planimétricos citados. Gravuras holandesas coevas também à voo de pássaro tomadas do mar para terra refletem bem a topografia da nossa cidade de dois andares (Fig. 1).



Fig. 1 – Gravura holandesa de Salvador de 1624

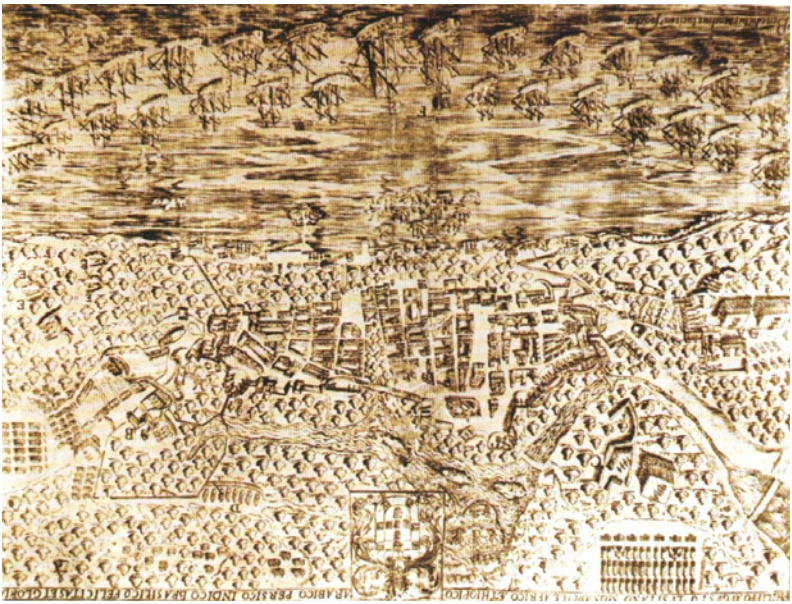
O óleo espanhol parece ser uma fusão dos dois mapas portugueses citados. De "Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal", de 1625, o pintor reproduziu a disposição da frota luso-espanhola em arco de círculo, os acampamentos da tropa, embora sem legendas da sua localização. Outra semelhança é o tratamento dado à Mata Atlântica, com árvores separadas e plantadas em linha. Esta seria a segunda prova da nossa hipótese.

Na parte superior direita deste mapa vê-se um retângulo com casas que parecem ser de uma aldeia tupinambá que existiu naquele local. Para melhor comparação das duas imagens, reproduzimos o mapa de "Jornadas dos Vassalos" de cabeça para baixo (Figs. 2 e 3, ocupando toda a largura da página).

Terceira prova. A "Planta da Restituição da Bahia", realizada seis anos depois das lutas, já assinalava os acampamentos muito reduzidos. É dessa planta que o pintor espanhol copia a fileira de navios capturados aos holandeses junto ao porto e o caminho no primeiro plano do quadro que viria a ser denominado Av. Joana Angélica. Apesar de posterior a 1631, "Sitio y empresa" mantém os acampamentos da gravura de 1625 para parecer que foi pintado no calor da batalha.

A mesma planta assinala uma bateria de canhões como sendo equivocadamente o "Quartel das Palmas". O contraforte da Palma era um ponto estratégico para atacar os batavos, mas geograficamente ficava mais próximo da porta de São Bento, que da porta do Carmo. Aquela localização assinalada tanto na gravura de 1631 quanto em "Sitio y empresa" é o bairro da Saúde, outro ponto estratégico para o ataque aos holandeses. O verdadeiro acampamento da Palma seria um conjunto de dez barracas que se vê à margem da atual Av. Joana Angélica.





Figs. 2 e 3 – Comparação de Sitio y empresa[...]
e Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal.

De qualquer modo, deve ter havido uma terceira fonte, provavelmente um mapa da Baía de Todos os Santos, para explicar a paisagem da Baia de Todos os Santos vendo-se a Ponta de Humaitá, a ilha de Itaparica exageradamente montanhosa, e o fundo da Baia de Todos os Santos. A Ponta de Humaitá foi doada pela família Garcia D'Ávila aos beneditinos, no início do século XVII, que ali construíram uma capela.

Em "Sitio y empresa" aparece um espaço vazio como uma praça, na mesma posição como assinalamos na gravura de "Jornada dos Vassalos", que teria resultado da expulsão dos índios e criação da atual Praça da Piedade onde foi erguido o Hospício de Nossa Senhora da Piedade dos capuchinhos franceses, entre os anos de 1683 e 1686. Esses dados confirmam a datação hipotética do quadro feita pelo Museu Naval de Madrid, ca. 1630-1650. Como no caso anterior, mostramos a "Planta da Restituição da Bahia" de ponta cabeça (Fig.3)

Há detalhes inteiramente sem fundamento no óleo espanhol, como a da Igreja da Sé, n. 19 da legenda – "*Yglesia mayor Catedral*" -, com sua fachada voltada para o leste e não para o mar e com torre no fundo (Fig. 4). Sem fundamento são também a cadeia de montanhas em Itaparica, ânforas com alças na cabeça de escravos, coqueiros com sua copa na mesma altura das árvores, e porcos e macacos comendo frutas redondas que parecem maçãs, como notou o historiador Prof. Luiz Mott.

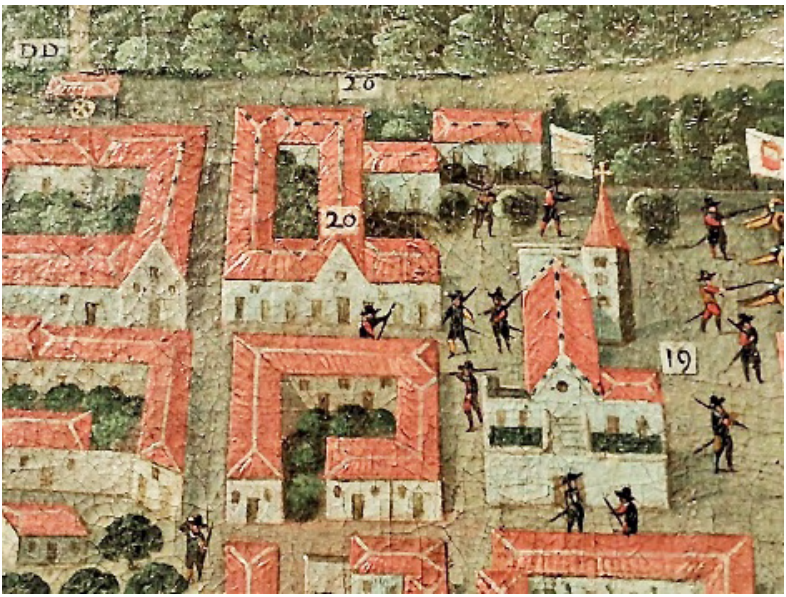


Fig. 4 – Igreja da Sé assinalada com o n. 19 em Sitio y empresa [...]

Para dar mais realismo, o pintor retrata cenas de vida cotidiana, como se ele tivesse presenciado as lutas: um padre pregando para os soldados, um enfermo numa padiola e um morto numa rede, "escravos tigres" com seu barril de excrementos, carros de boi, escravos atirando com arcos tomados aos holandeses, negras lavando roupa e uma banda de tambores festejando a vitória (Fig. 5).



Fig. 5 – Cenas de vida social de Salvador em Sitio y empresa de la ciudad del Salvador

A cidade de Salvador tem uma cópia desse quadro famoso. Dr. Luiz Viana Filho, ex-governador da Bahia, tendo conhecimento dele foi conhecê-lo no Museu Naval de Madrid. Ficou tão encantado com o óleo que mandou fazer uma cópia em tamanho melhor pelo pintor Andrés Ignácio Azaola Pelegri para sua coleção particular. Com sua morte, o Arquiteto Francisco Senna como diretor da Fundação Gregório de Matos o adquiriu da família para a fundação. Não tendo a FGM um museu, o quadro foi colocado no gabinete do então Prefeito Antônio Imbassahy.

Seu sucessor, que não gostava de "velharias", o mandou para o saguão do prédio da Associação Baiana de Imprensa, ocupado na maior parte pela Prefeitura. Lá, um pintor de parede o respingou e tentou limpar com solvente danificando-o. O quadro foi recuperado pelo restaurador José Dirson Argolo e ali permaneceu até cerca de 2020. Como a Fundação Gregório de Matos continuasse sem um museu da cidade, o quadro foi encaminhado para o Museu Náutico da Bahia, instalado no Farol da Barra, onde os baianos podem apreciá-lo.

Aparentemente o pintor de "*Sítio e empresa de la ciudad de Salvador*" nunca esteve na Bahia e se baseou para pintá-lo não só nos dois mapas portugueses citados, como em outro da Bahia de Todos os Santos e em descrições escritas e orais da cidade e de seu povo. Este quadro seria uma obra comemorativa da vitória do almirante espanhol, Don Fadrique de Toledo y Osorio, sobre as forças holandesas, mandada pintar pela sua família após sua morte ocorrida em 1634.

Esta hipótese se baseia no fato do quadro ter integrado a coleção de Alonso Álvarez de Toledo y Urquijo, Marquês de Villanueva de Valdueza, um descendente direto de Don Fadrique. Tratar-se-ia, portanto, de uma pintura de reconstrução histórica da batalha travada pelo menos dez anos antes.

Paulo Ormindo de Azevedo é baiano, arquiteto-urbanista e escritor, doutor pela Universidade de Roma. Professor titular aposentado da UFBA, ex-consultor da UNESCO para Patrimônio e do Comitê Científico da Red de Patrimonio Histórico-Cultural Iberoamericano. Desde 1991 ocupa a Cadeira n° 2 da Academia de Letras da Bahia. Ex-membro dos Conselhos: Nacional de Política Cultural, Consultivo do IPHAN, Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU) e de Cultura da Bahia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia (7 v.), foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Dep. da Bahia, e recebeu o prêmio Rodrigo M.F. de Andrade e as medalhas Mário de Andrade do IPHAN e Edgar Graef do Instituto de Arquitetos do Brasil. É autor de livros, artigos e projetos de restauração e arquitetura contemporânea e assina uma coluna de crônicas quinzenais no jornal *A Tarde*. Desde 1991 ocupa a Cadeira n° 2 da Academia de Letras da Bahia.

ARIANO SUASSUNA, DA HISTÓRIA PESSOAL À MÍTICA DO SERTÃO

Antonio Maura

"Todos os Livros são Autobiografias", observou Ariano Suassuna em uma das epígrafes de seu romance póstumo, *Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. O que essa frase afirma parece ser amplamente aceitável, pelo menos até que a Inteligência Artificial o desminta, mas, no caso do escritor pernambucano, é uma realidade incontestável. Não apenas cada um de seus livros, qualquer que seja o que escolhermos, mas toda a sua produção literária e artística, e as inúmeras obras a ela relacionadas, fazem parte de sua história pessoal, de sua autobiografia.

Ariano Suassuna foi um artista completo, capaz de construir um território fantástico ao longo dos anos, um lugar mágico que se confunde com o seu eu pessoal e com uma realidade reinventada do Nordeste brasileiro. Essa combinação do pessoal e do coletivo, do real e do imaginário, é o que desejo desvendar neste trabalho: tentar trilhar um caminho através do emaranhado de seus escritos, suas memórias, as lendas e anedotas, as experiências e sonhos, suas leituras e construções imaginárias que lhe permitiram atingir o ápice que o tornou um dos escritores mais globais da cultura brasileira.

Ariano foi poeta, dramaturgo, romancista, ensaísta, ilustrador de seus próprios livros, impulsionador de movimentos musicais e estéticos, e até mesmo criador de seu próprio alfabeto. Como um homem poderia erguer este imenso monumento ao popular,

e especificamente ao sertão nordestino? Talvez porque não estivesse sozinho e porque sua vida já estivesse inscrita, enraizada na mesma terra que deu origem a esta tradição e a esta cultura.

Mas voltemos ao início desta história de amor e morte, de ficção e realidade. Há uma data, gravada em sua memória e repetida em seus romances, discursos e poemas: o 9 de outubro de 1930. Naquela manhã, João Suassuna, pai do escritor, foi baleado nas costas ao sair do hotel onde estava hospedado no Rio de Janeiro. O crime fazia parte da disputa de poder entre proprietários rurais e a burguesia urbana e foi consequência do assassinato de João Pessoa por João Dantas, primo da mãe de Ariano. Este último matou o então governador, ou presidente, da Paraíba, na Confeitaria Glória, na tarde de 26 de julho de 1930. A causa foi uma batida policial no escritório de Dantas, onde a correspondência que ele mantinha com sua amante, a professora e escritora Anayde Beiriz, foi encontrada e posteriormente tornada pública. Foi, sem dúvida, um crime político, mas também o ato de expiação de um cavalheiro nordestino, como alegou o assassino. João Suassuna soube semanas depois que Dantas havia sido encontrado enforcado na cela onde estava detido e percebeu que sua vida corria perigo. Ele então deixou Recife para o Rio de Janeiro com a intenção de demonstrar sua inocência perante a Câmara dos Deputados. Ele nunca conseguiu provar isso, embora tenha deixado uma carta para sua esposa na qual a informava:

> *Se me tirarem a vida os parentes do presidente J. Pessoa, saibam todos os nossos que foi clamorosa a injustiça—eu não sou responsável, de qualquer forma, pela sua morte, nem de pessoa alguma neste mundo. Não alimentem, apesar disso, ideia ou sentimento de vingança contra ninguém.*

Poucas semanas depois, Getúlio Vargas assumiu o poder, pondo fim à República Velha e inaugurando um novo regime no qual permaneceria como líder por 15 anos.

Aquele 9 de outubro permanecerá na memória de Ariano como uma marca indelével, mesmo que ele tivesse apenas três anos de idade na época. A imagem do pai como vítima e herói seria o ímpeto que o levaria a construir um universo poético e narrativo que daria origem a uma nova forma de ver a cultura nordestina. Na sua obra começou a emergir não apenas um espaço imaginário, mas também um Reino, cujo monarca não era outro senão a figura do pai, como ele escreveu em seu soneto dedicado à fazenda *Acauhan*:

Aquí morava um Rei, quando eu menino:
vestia ouro e Castanho no gibão.
Pedra da sorte sobre o meu Destino,
pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu Cantar era divino,
quando, ao som da Viola e do bordão,
cantava com voz rouca o Desatino,
o sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia,
eu me vi, como um Cego, sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Efígie me queima. Eu sou a Presa,
Ele, a Brasa que impele ao Fogo, acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

Este soneto foi publicado no livro *Seleta em prosa e verso*, organizado e comentado por Silviano Santiago em 1974. Mais tarde, em 1980, foi reproduzido em edição iluminada, no estilo dos códices medievais, sob o título *Sonetos com Mote Alheio*, apresentados em caixa de madeira com tiragem de cinquenta exemplares. Posteriormente, Carlos Newton Júnior o incluiria

duas vezes na antologia de *Poemas* de Ariano, de 1999, onde se encontra tanto no capítulo *Vida-Nova Brasileira* quanto na quarta parte, *Sonetos Iluminados*, que incorpora esses poemas juntamente com os *Sonetos de Albano Cervonegro*. Esses dados podem dar uma ideia da importância que o próprio autor deu a um poema que não era apenas uma homenagem ao seu pai, mas também o ponto de partida para a elaboração de um mundo mágico e trágico, onde "o sol negro da Morte entrou no reino da vida."

Era, portanto, necessário criar um território onde seu pai pudesse reinar. Como ele fez isso? Ariano Suassuna nos deixou inúmeros relatos de como suas descobertas ocorreram e como se formou aquele reino, primeiro mágico e, mais tarde, mítico, do sertão da *Pedra do Reino*.

Na mansão Taperoá, no sertão dos Cariris, na Paraíba, onde a família se refugiou após a morte do pai, Ariano entrou em contato com a terra árida e selvagem do sertão paraibano e com os trabalhos árduos associados à criação de gado, ao pastoreio, às romarias, à seca, à fome... e às noites estreladas.

Na fazenda Acauhan, onde morava, os violeiros reuniam-se à noite. Entre eles estava um jovem compositor pernambucano, Lourenço da Fonseca Barbosa, conhecido pelo apelido de *Capiba*, que mais tarde alcançou grande fama. Havia também compositores de cantigas populares e autores da literatura de cordel de inspiração ibérica, estudados com tanto cuidado pelo antropólogo e historiador espanhol Júlio Caro Baroja. Ariano ainda era criança quando frequentou uma cantoria pela primeira vez:

> *Ouvi a minha primeira cantoria aos sete anos de idade. Fui levado pelo meu irmão Lucas para a casa de um oficial de polícia que morava em Taperoá, onde estava presente um dos maiores cantadores que já ouve no Nordeste, Antônio Marinho. Na minha primeira cantoria eu tive a sorte de ouvir essa figura mágica.*

Outra impressão que o jovem Ariano teve naquela propriedade foi o deslumbrante espetáculo circense, que desempenharia um papel tão significativo na formação de seu mundo de fantasia. Havia malabaristas, trapezistas, dançarinos e mágicos, mas acima de tudo, palhaços, entre eles um chamado Gregório, que se tornaria um dos protagonistas de seus romances. Também durante aqueles anos, na praça da cidade, ele pôde assistir a peças itinerantes e espetáculos de marionetes, chamados *mamulengos* no nordeste do Brasil: os famosos "*Bonecos de Cachiporra*", pelos quais o poeta García Lorca demonstrara tanto interesse. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, ele confessou a importância que todas essas experiências tiveram em sua obra:

> *Ainda menino, no Sertão da Paraíba, o palco mágico e festivo do Teatro, com seus violentos contrastes entre recantos sombrios, povoados de assassinatos, e zonas de luz cheias de gargalhadas, todo esse mundo me foi revelado, ao mesmo tempo, pelo Circo, onde travei conhecimento com* O terror da serra Morena *e com o palhaço Gregório; pelo auto popular* O castigo da soberba*, do Cantador paraíbano Silvino Pirauá; e pela ribalta armada, pelo autor Barreto Junior, num velho armazém de algodão deliberadamente esvaziado para esse fim. Barreto Júnior, naquela temporada, para mim memorável, encenou a comédia* O grande marido*, o drama* A ladra*, de Silvino Lopes, e* Deus lhe pague*, de Joracy Camargo. Ora, ainda hoje a receita do meu teatro continua a ser essa fórmula, para mim mágica, que entrou em meu sangue na infância com a Comédia brasileira, o Drama, o Romanceiro, os espetáculos populares e o Circo.*

A essas experiências de cultura popular se sumou o acesso à biblioteca do pai, que era como um santuário para o jovem escritor. Lá encontrou livros como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, *Eu*, de Augusto dos Anjos, *Os Lusíadas*, de Camões, os romances de

José de Alencar, Machado de Assis e Eça de Queiroz, de Alexandre Dumas. E, mais tarde, romances de cavalaria, obras picarescas, a *Divina Comédia*, de Dante, *Dom Quixote*, de Cervantes e, sobretudo, *A Vida é Sonho* e o *Grande Teatro do Mundo*, de Calderón de la Barca. Encontrou também obras como *Cantadores* (1921), *Violeros do Norte* (1925) e *Sertão Alegre* (1928), de Leonardo Mota.

Em 1945, conheceu ao artista Francisco Brennand, com quem posteriormente desenvolveria seu universo armorial. Também naquele ano, publicou seu primeiro poema, *Noturno*, que ecoa suas leituras de Shelley e Keats, mas também estabelece a identificação entre Amor e Morte, entre Luz Negra e Som de Fogo. Um ano depois, conhece a Hermilo Borba Filho, com quem fundou o TEP, o Teatro Estudantil de Pernambuco. Esses encontros são fundamentais, pois moldam o futuro *Movimento Armorial*, o teatro e a poesia que Ariano continuaria a escrever ao longo de sua vida. Na opinião de muitos críticos, ele sempre seria um poeta cuja vida se prolongaria no teatro, assim como escreveria romances, concebidos como poemas extensos.

Foi justamente no TEP que sua trajetória criativa começou: passou a colaborar com Borba Filho, a quem apresentou seus poemas—*Os Guabirabas* e *A morte do touro Mão de Pau*—, nos quais vislumbrou a esfera popular que se tornaria o leitmotiv de toda a sua obra. Foi também graças a Borba Filho que descobriu o teatro de García Lorca e, mais tarde, seu *Romancero Gitano*. Imitando ao poeta granadino, criou o grupo teatral itinerante que, em sua homenagem, receberia o nome de *A Barraca*. Essa fixação de Suassuna pela obra de Lorca foi um dos temas mais persistentes em nosso encontro em sua casa no Recife, em outubro de 2000. Guardo com carinho aquela manhã luminosa pela humanidade e hospitalidade do escritor, sua generosidade e seu interesse pela literatura espanhola, e não apenas pela de Lorca, na qual descobriria um novo tipo de herói popular espanhol: o cigano, a quem comparava ao cangaceiro nordestino.

Em 1948, o grupo apresentou uma obra de Ariano intitulada *Cantam as harpas de Sião*, posteriormente renomeada *O Desertor de Princesa*, que, sob a direção de Hermilo Borba Filho, foi estreada por *A Barraca* no Parque 13 de Maio, em Recife. No entanto, a primeira obra, vencedora do Prêmio Nicolau Carlos Magno, *Uma Mulher Vestida de Sol*, foi escrita no ano anterior, embora só tenha sido estreada ou publicada anos depois. Esta peça, que encena uma tragédia de Amor e Morte em um cenário nordestino de delimitação de terras e lutas fratricidas, inclui em seu título um texto do Apocalipse (capítulo XII, 1-2) (*Bíblia*, *Novo Testamento*: 673): "E um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de estrelas na cabeça. E estando grávida, ela gritou em dores de parto e estava em agonia enquanto dava à luz." Incluo esta citação porque esta figura, a "mulher vestida de sol", reapareceria mais tarde em *Auto da Compadecida* e, mais tarde, em *A Rainha do Meio-Dia*.

Nos anos seguintes, Ariano estreou diversas obras no TEP, como *Os Homens de Barro*, em 1949, e *Auto de João da Cruz*, em 1950, que recebeu o Prêmio Martins Pena. Essa obra apresenta uma versão popular do mito de Fausto, tema que seria de grande relevância na literatura sertaneja, como ficaria evidente no excepcional romance de Guimarães Rosa, de 1956. As semelhanças entre o escritor paraibano e o mineiro não são mera coincidência, pois estão ligados por um profundo sentimento de proximidade e afeto pelo sertão brasileiro, essa terra interiorana que pode dar origem a tantas visões mágicas, telúricas e sagradas e que constitui o cerne de suas respectivas obras.

Se o *Auto de João da Cruz* foi um ponto de virada na obra teatral de Suassuna, o sucesso veio com outra peça, o *Auto da Compadecida*, escrita em 1955. Assim como em suas outras obras, o escritor paraibano inspirou-se em textos populares para elaborar os vários episódios dramáticos e humorísticos. No *Auto de João da Cruz* e no *Auto da Compadecida* os textos em que ele se baseia

são do poeta popular Gomes de Barros e de outros autores anônimos da literatura de cordel reunidos por Leonardo Mota, mas ele também se inspira na obra de Gil Vicente. Essa forma de intertextualidade, ou apropriação de textos alheios, é uma prática comum entre Ariano Suassuna e outros cordelistas, que usam as mesmas histórias e onde o importante não são os temas, mas a habilidade e a destreza do contador de histórias, assim como é o caso do cantor popular. E é importante destacar essa semelhança entre o contador de histórias e o cantor, que o próprio escritor paraibano ressalta em seus livros e comentários.

O *Auto da Compadecida* foi um sucesso sem precedentes desde sua estreia no Teatro Santa Isabel, em Recife, em 1956, e, no ano seguinte, no Rio de Janeiro. A obra foi traduzida para o inglês, francês, alemão, holandês, italiano e espanhol, especificamente a este último idioma pelo acadêmico José María Pemán, em 1965. Em sua apresentação, o tradutor enfatizou suas "características circenses", vendo em seus dois protagonistas, Chicó e Juan Grilo, a dualidade dos palhaços Pompof e Teddy, tão populares na Espanha nas décadas de 1950 e 1960. Esse paralelo é sinalado também pelo fato de o anfitrião da farsa ser outro palhaço, uma clara alusão ao Circo e ao *El Gran Teatro del Mundo*, de Calderón, que Ariano Suassuna considerava uma das obras da literatura universal indiscutível. O *Auto da Compadecida* também é profundamente influenciado pelos chamados *Milagres de Nossa Senhora*, do século XIV, pelos autos de Gil Vicente, pelo teatro espanhol do século XVII, como foi mencionado acima, bem como pela *Commedia dell'arte* de Plauto e Goldoni. O crítico e académico espanhol, Pedro Laín Entralgo, em sua crônica da representação espanhola do *Auto da Compadecida*, escreveu: "Esta peça não só demonstra o gilvencentinismo, mas também, num sentido muito amplo e profundo do termo, o cervantinismo". Com isso, o estudioso espanhol desejava deixar clara a profunda influência da literatura ibérica na produção teatral do autor paraibano.

A presença de personagens como João Grilo e seu correspondente Chicó na obra também atesta a forte influência da tradição popular nordestina, sempre permeada de humor. A fama de João Grilo, comparado a Pedro Malasartes, cresceu gradativamente, tornando-se companheiro de Riobaldo, personagem principal do *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. O próprio escritor mineiro escreveu isso em seu breve poema em homenagem ao autor paraibano:

Em tempo duro ou tranquilo,
Riobaldo abraça João Grilo.
E já que a arte é vera e uma,
o Rosa abraça o Suassuna!

Quando o escritor mineiro dedicou esta quarteta a Ariano, um de seus maiores romances já estava sendo escrito: *Romance d'A Pedra do Reino e O Príncipe de Sangue do Vai-e-Volta*. Esse romance, juntamente com a criação do *Movimento Armorial*, são as duas maiores criações de Ariano Suassuna. A narração *A Pedra do Reino* foi concluída em 1970, em 9 de outubro, 40º aniversário da morte de seu pai. Foi publicado em agosto do ano seguinte e ganhou o *Prêmio Nacional de Ficção Literária* em 1972. Foi um sucesso editorial e garantiu a Ariano o reconhecimento como um dos autores incontestáveis de sua geração. João Cabral dedicaria a Ariano um de seus poemas mais famosos, que incluiu em seu livro de 1980, *A Escola das Facas*. O poeta Cabral escreveu:

Sertanejo, nos explicaste
como gente à beira do quase

que habita caatingas sem mel,
cria os romances de cordel:

o espaço mágico e feérico,
sem o imediato e o famélico,

fantástico espaço Suassuna,
que ensina que o deserto funda.

Esses dois poemas demonstram que dois dos mais prestigiados escritores brasileiros do século XX consideravam Ariano Suassuna o fundador de um novo conceito de cultura popular no Nordeste brasileiro. João Grilo, de *Auto da Compadecida*, é acompanhado por Pedro Dinis Ferreira Quaderna, protagonista de *A Pedra do Reino*, que pode ser considerado o alter ego do autor, mas apenas até certo ponto, pois é o "eu" de Ariano fantasiado e projetado na ficção e no mito sertanejo.

Em 1970, ano em que concluiu este romance seminal, foi criado também o *Movimento Armorial*, um dos principais empreendimentos culturais do Departamento de Extensão Cultural (DEC) da Universidade de Pernambuco, cuja direção Suassuna assumira no ano anterior. O escritor, que lecionava estética na universidade desde 1956, culminou com este projeto o sonho de uma obra abrangente em que poesia, teatro e narrativa pudessem se unir à música e às artes visuais. A alma popular do Nordeste brasileiro sempre demonstrou enorme versatilidade em todos os campos da expressão artística, o que permitiu ao escritor paraibano projetar sua imagem idílica de beleza e terror no âmbito do circo, ponto de encontro de diversas expressões artísticas: o Grande Teatro do Mundo.

O *Romance da Pedra do Reino* não é apenas uma narração das aventuras de Quaderna, mas também um tratado de cultura popular, onde os diferentes livros de cordel são catalogados com exemplos concretos—e nesse sentido recorda as diferentes categorias assinaladas por Caro Baroja em seu *Ensayo sobre la Literatura de Cordel*—e onde são narrados os grandes marcos heroicos do Nordeste: a história de Antônio Conselheiro e a comunidade de Canudos,

a dos cangaceiros Lampião e María Bonita, a do Padre Cícero de Juazeiro, a dos heróis do Contestado ou a do Quilombo de Palmares com seu rei negro Zumbí e também os terríveis acontecimentos ocorridos em Pedra Bonita. A toda essa tradição e história da realidade nordestina soma-se a do próprio autor, que reiteradamente enquadra o assassinato do pai e a sobrevivência da mãe e dos irmãos no sertão dos Cariris sob a tutela dos dois tios maternos Manuel Dantas Villar, ateu e republicano, e Joaquim Dantas, católico e monarquista, representados no romance pelo Professor Clemente e pelo Dr. Samuel Wandernes. O relato pessoal se mistura, assim, às narrativas históricas e lendárias de heróis dos romances medievais, das lendas do Rey Arturo, das fantasias populares e do picaresco, encarnado por João Grilo. Tudo isso ilustrado com imagens inspiradas nas dos "livros de cordel", brasões de nobres e até cartas de tarô. E esse panorama de raízes populares, ibéricas e medievais se complementa com aquele que deixaram os primeiros habitantes dessa região: as gravuras na Pedra de Ingá (Paraíba), que Suassuna incorpora ao seu universo mágico. E como conjugar tudo isso? Com o humor que suaviza a tragédia e humaniza a beleza, que permite que o mito se desenrole naturalmente em meio aos acontecimentos comuns e até banais da vida cotidiana, que permite que o sagrado habite entre nós.

O *Movimento Armorial* teve início, como já foi mencionado, o 18 de outubro de 1970, na Igreja dos Clérigos, no Recife, com uma exposição e um concerto inaugural da Orquestra Armorial. O objetivo desse movimento interdisciplinar era buscar o espírito nordestino.

A aspiração totalizadora que impulsou a Ariano Suassuna a lançar seu *Movimento Armorial* levou-lhe também a inventar um alfabeto inspirado nos ferros de marcar gado. É claro que ele não estava sozinho nessa empreitada: um grande número de artistas, músicos, atores, poetas e romancistas se juntaram a ele. A maioria deles nasceu entre o final da década de 1920 e o final da década de 1940. Entre eles, no campo das artes visuais, podemos destacar

Francisco Brennand (1927-2019), grande ceramista e amigo de Ariano desde a juventude; Gilvan Samico (1928-2013), gravador, desenhista e pintor; e Miguel dos Santos (1944), pintor, escultor e ceramista. No campo da literatura, merecem destaque Maximiano Campos (1941-1998), poeta e romancista, Ángelo Monteiro (1942), poeta e ensaísta, Marcus Accioly (1943-2017), poeta e dramaturgo, Janice Japiassu (1939-2019), poeta, que Ariano descreveu como a Musa Sertaneja do Movimento Armorial, e Raimundo Carrero (1947), escritor e romancista. Muitos desses escritores também fizeram parte da chamada Geração de 65. No campo da música, devemos lembrar de António José Madureira, conhecido como *Zoca* (1949), compositor, violinista e integrante do *Quinteto Armorial*, que uniu o popular ao erudito na década de 1970, ou Renato Andrade, instrumentista e improvisador de viola caipira. Também não podemos esquecer de Lourenço da Fonseca Barbosa, mais conhecido como *Capiba* (1904-1997), já mencionado, autor de frevos e mais de duzentas canções populares—choros, sambas, maracatus—, que foi um dos ídolos do *Movimento.* Ainda dentro da arte cinematográfica, podemos citar Georges Jonas, autor de *A Compadecida*, e ainda Glauber Rocha (1939-1981), que embora não tenha se integrado expressamente ao movimento, foi influenciado por ele em filmes como *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *Terra em transe* (1967), que serviriam de base para o *Cinema Novo.*

Com essa lista de criadores em diferentes disciplinas artísticas, pode-se compreender a amplitude e a grandeza do *Movimento Armorial*, que Ariano Suassuna impulsionaria a partir do DEC da Universidade de Pernambuco primeiramente e, posteriormente, da Secretaria de Educação e Cultura do Recife, cargo que ocupou entre 1975 e 1978, e posteriormente como Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco de 1995 a 1998.

Essa combinação de diferentes artes visuais, musicais, literárias e cênicas também pode ser encontrada no *Romance d'A Pedra do Reino*. Este livro é um mosaico de anedotas, cavalgadas misteriosas, romances populares e cultos, ilustrações com bandeiras

e brasões, com cenas e representações variadas de seus personagens. A obra é dividida em oitenta e cinco livretos, semelhantes à literatura impressa de cordel, ou seja, poder-se-ia imaginar uma coleção infindável de livretos que poderiam ser vendidos em uma feira nordestina. Nesse longuíssimo cordão de contas e contos, que constituem cada uma das histórias contadas, talvez se destaque como amuleto, ou símbolo, as duas pedras chamadas "Pedra do Reino", que são duas colunas paralelas de pedra medindo 30 e 33 metros de altura, localizadas na Serra do Catolé, no município de São José de Belmonte (Pernambuco). Esta formação rochosa já era conhecida como "Pedra Bonita" devido à sua coloração especial. Entre 1836 e 1838, numerosos peregrinos acorreram até lá, acreditando tratar-se de um templo natural onde D. Sebastião estava encantado, e que os salvaria da persistente fome causada pelas contínuas secas. Para isso, os seguidores da seita, que praticavam a poligamia e compartilhavam os poucos pertences e alimentos que possuíam, acreditavam ser necessário erguer uma escada de sangue para que o rei português pudesse descer. D. Sebastião faleceu em Alcácer-Quibir (Marrocos) em 1578, mas, segundo a lenda, nunca morreu, devido a que seu corpo nunca foi encontrado. Os acontecimentos da "Pedra Bonita", já conhecida na época como a "Pedra do Reino", foram ficcionalizados por Araripe Júnior (*O Reino Encantado*) em 1938 e por José Lins do Rêgo (*Pedra Bela*) em 1971. Ariano Suassuna escolheu este local como cenário natural e monárquico para seu universo narrativo. É o fundamento da loucura e da tragédia, da grandeza e da poesia de um reino onde, desde 1993, o próprio Ariano organiza um desfile no qual os participantes devem vestir os trajes de seus personagens e onde ele eventualmente foi homenageado com o título de imperador.

Maximiano Campos, membro da *Geração de 65* e do *Movimento Armorial*, escreve no posfácio do *Romance d'A Pedra do Reino* que este livro "mágico, violento e belo, e o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, são romances superiores, desses livros

que transcendem ao mero enredo e fabulação e nos fazem ficar sentados e chamá-los de epopeias." Quero mencionar esta citação porque, numa conversa com o crítico José María Guelbenzu em São Paulo há quase 20 anos, ele lembrou *Os Sertões*, a obra de Euclides da Cunha, que Benjamín de Garay traduziu para o espanhol em 1981. Essa tradução causou grande rebuliço em certos círculos literários de Madri, que giravam em torno da figura do romancista Juan Benet. Guelbenzu argumentou que, se voltássemos ao mundo clássico e comparássemos esses romances de Euclides e Rosa, poderíamos afirmar que, se *Os Sertões* fosse a *Ilíada Nordestina*, o *Grande Sertão* seria a *Odisseia*. E se essa comparação tivesse alguma credibilidade, a tríade teria que ser completada com o *Romance d'A Pedra do Reino*, que seria semelhante a *Eneida*. Se o primeiro dos mencionados, *Os Sertões*, narra a guerra de Canudos e a destruição daquela Tróia de barro e palha, o *Grande Sertão* de Rosa encobriria a viagem, ou jornada, de Riobaldo, o navegador e caminhante pelo rio árido da vida, como Ulisses fez em busca de suas origens perdidas. O romance de Suassuna representaria então a criação de um novo Reino que se tornaria um futuro império e cujo herói, Eneias ou Quaderna, seria ao mesmo tempo o narrador e o protagonista de tão grande feito. Comparar os três romances brasileiros não é trivial, pois parecem centrar-se no mesmo espaço épico: o Sertão, esse lugar aparentemente inóspito, mas que alimenta toda sorte de lendas e mitos, habitado por personagens heroicos como os jagunços e os cangaceiros, que Euclides comparava a centauros pela forma como se prendiam aos seus cavalos, e onde se oficiam cerimônias religiosas exóticas, por vezes perversas e execráveis, como as que descreveria Ariano, dirigidas por certos líderes religiosos, ou santos, como Antônio, o Conselheiro de Canudos, ou os cabecilhas da *Pedra Bonita*.

Dom Pantero no Palco dos Pecadores, o último romance de Ariano Suassuna, foi publicado em 2017 após a morte do autor, e é o testemunho textual e visual de sua vida e trajetória artística.

Dom Pantero é, além de protagonista/antagonista da história, diretor de teatro e palhaço de circo, herói e vassalo, provocador e sofredor de um livro que abarca teatro e narrativa, ilustração, arte e música. A obra é dividida em dois livros de quatro partes cada uma, como se fossem oito movimentos de uma grande composição sonora. As ilustrações têm vida própria, assim como o texto poderia ser lido como uma partitura. Música e arte, portanto, aliam-se ao teatro – à performance – e à narrativa. Em *Dom Pantero*, não há enredo com preâmbulo, meio e fim, pois todos os elementos, personagens e situações da obra estão dispostos em uma sequência harmoniosa. Os temas desta produção artística são os comuns e biográficos de seu autor: o assassinato do pai, os heróis lendários do sertão nordestino, as insígnias e estandartes do Reino de Pedra ou da Pedra do Reino, a citação ou glosa das suas inúmeras leituras que vão de Homero a Euclides da Cunha, de Camões a Cervantes e Calderón, de Shakespeare a Molière, de Dostoievski a Machado de Assis, de Dante a Proust, de Aristóteles a Plauto, e assim por diante. No que diz respeito à literatura espanhola, surpreende a sua versatilidade e conhecimento de clássicos como Cervantes e Calderón, de Joan Martorell e o seu *Tirante el Blanco*, do Lazarillo e o romance picaresco, mas também de Teresa de Jesús e Juan de la Cruz, Unamuno, Becquer e Lorca. Todos esses autores, e muitos outros que seria infinito reproduzir aqui, são apresentados como coautores do texto, personagens do grande drama do Mundo, cujas vozes se trocam e se sucedem em um continuo ao mesmo tempo musical e textual.

Que conclusão podemos tirar de tal narrativa? *Dom Pantero*, livro que seu autor levou quase trinta anos para concluir, é também um testamento e uma autobiografia, uma obra que se baseia tanto do *riso a cavalo* quanto do *galope do sonho* para descrever a vida, sua tragédia e sua comédia, sua versatilidade e sua grandeza. É o relato fantasiado da vida de Ariano Suassuna, mas também de toda a existência humana e animal, que busca encontrar uma passagem para viajar por um Reino de Pedra

sob a tutela da Rainha do Meio-Dia – *A Compadecida* e a *Mulher Vestida de Sol* – antes de encontrar a figura sombria e sedutora da *Moça Caetana*, a Dama Mortal, ou seja, uma jornada pelo Amor e pela Morte.

Ao longo de sua vida e trajetória artística, Ariano Suassuna atuou no palco como ator e autor, como poeta e contador de histórias, como músico e palhaço, como ventríloquo e memorialista, como professor e gestor, como criador compreensivo que, em última análise, desenha o mapa de um território sagrado e temporal, que se poderia confundir com o do Nordeste brasileiro e com o de sua própria existência.

Antonio Maura (1953) é membro correspondente da Academia Brasileira de Letras (2011). Diretor do Instituto Cervantes no Rio de Janeiro (2017-2022). Coordenou os encontros de "Escritores Brasileiros" na Residência de Estudiantes de Madri (2007-2019).Diretor da Cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade Complutense (2005-09). Coordenou a *Revista de Cultura Brasileña* (2005-2013). Autor da *Cartografia Literaria de Brasil* (Madrid, 2014) e dos romances *Voz de Humo*, *Ayno* e *Semilla de Eternidad*, assim como do livro de contos *Piedra y Cenizas* (2002). Entre outras obras brasileiras traduziu *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. (Madri, 2010).Obteve o doutorado cum laude em Filologia pela Universidade Complutense de Madrid com a tese *O Discurso Narrativo de Clarice Lispector* (1997).

CEM ANOS DE *A LUVA*
A REVISTA QUE CALÇOU UMA ÉPOCA
(1925 -1932)

KRISHNAMURTI GÓES DOS ANJOS

Em 15 de março do ano de 1925, começa a circular em Salvador, a Revista A Luva que possuía Redação e oficinas localizadas á rua do Cabeça nº 18, centro da cidade. Idealizada por Severo José dos Anjos, esse periódico foi um marco na produção editorial baiana no período que se estendeu de 1925 à 1932, arco temporal no qual foram impressas suas 131 edições de periodicidade quinzenal.[1]
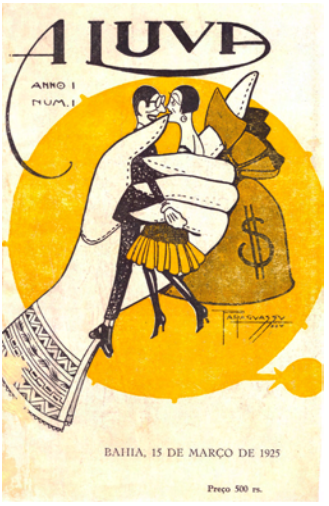


Fig. 1 – Primeira capa da revista. Ano I, nº 1 - 15-03-1925

[1] A coleção completa da revista A luva, preservada pela família do proprietário e editor Severo dos Anjos, durante esses cem anos decorridos desde a sua primeira publicação em 15/03/1925, foi doada ao acervo da Academia de Letras da Bahia. É a única coleção completa do periódico de que se tem notícia.

A Luva cativaria primeiramente um público consumidor interessado nas seções diversificadas e atraído pelas capas coloridas e pelas técnicas de ilustração; público esse ainda habituado a formas em preto e branco. Com o tempo, os leitores acompanhariam com interesse as crescentes altercações sobre a literatura modernista e a arte em geral.

A análise desse periódico como produto de uma cultura e também como entendimento histórico e estético de uma sociedade, permite o resgate de um momento literário pouco estudado no que se refere à seara baiana: o modernismo. Geralmente o que temos quanto ao assunto são ratificações sem base comprobatória, ou simplesmente inquérito documental, sobre a apatia reinante no Estado, em todas as esferas, naqueles primeiros decênios do século XX. O estudo de fontes primárias e as obras até aqui publicadas sobre a Bahia da época podem elucidar elementos inconsistentes e ajudam a eliminar muitas daquelas simplificações.



Fig. 2 – Fotografia do proprietário e editor Severo dos Anjos, 1894 - 1939

Inicialmente, a redação era composta por Severo José dos Anjos, Lúcio de Montalvão, Raymundo Aguiar (direção artística) e Manoel Paraguassu, mas ao longo do tempo muitos outros também participaram, notadamente os escritores Carlos Chiacchio, Deraldo Dias de Moraes e Gelásio de Farias. Ocasionalmente, encontramos ainda colaborações de Aloysio de Carvalho, Francisco Hermano, Pedro Calmon, Thales de Azevedo, Eurico Alves, Eugênio Gomes, Carvalho Filho, Herman Lima, Arthur de Sales, Rafaelina Chiacchio, Hélio Simões, Ramayana Cavalier, José Queiroz Júnior, Castelar Sampaio, Edson Carneiro, Pinheiro Viegas,

Sosígenes Costa e Alves Ribeiro A Luva caracteriza-se, em sua fase inicial, como um ponto de transição, e mesmo que não assumisse explicitamente a aderência ao Modernismo, já deixava entrever, em sua produção, indícios de liberdade estilística e temática condizentes com o ideário moderno. Desta forma, ainda que se firmasse como uma "revista de variedades", publicava também textos literários, ensaios, resenhas e críticas de arte, de grupos modernistas distintos, fornecendo-nos material suficiente para a análise das concepções estéticas e ideológicas daquele momento. Outro ponto alto nas páginas da publicação. As charges assinadas por Raymundo Aguiar e Manoel Paraguassu, nas quais transparecia um humor cáustico e uma ironia crítica a satirizar acontecimentos e práticas da sociedade, constituindo importantíssimo elemento de crítica social até hoje, de uma atualidade gritante.







Fig. 3 – Charge carros movidos à álcool. Ano III, nº 50 - 30-04-1927
Fig. 4 – Charge perseguição ao candomblé. Ano II, nº 34 - 17-08-1926
Fig. 5 – Charge a falta de troco - passes de bond . Ano II, nº 32 - 15-07-1926







Fig. 6 – Capa da revista Ano V, nº 100 - 15-10-1929
Fig. 7 – Charge sobre impostos. Ano IV, nº 78 - 31-07-1928
Fig. 8 – Charge sobre a corrupção. Ano V, nº 90 - 20-04-1929

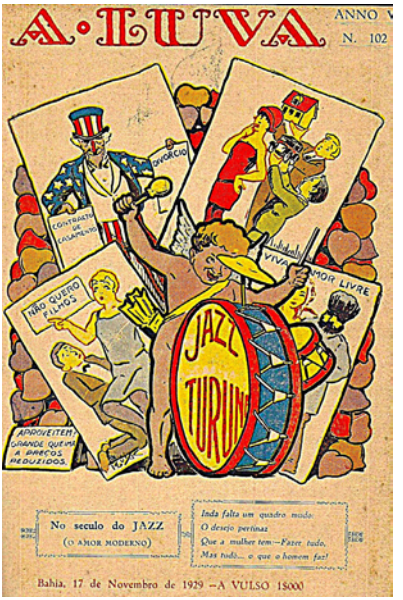


Fig. 9 – Capa de A luva.
Ano V, nº 102 - 17-11-1929

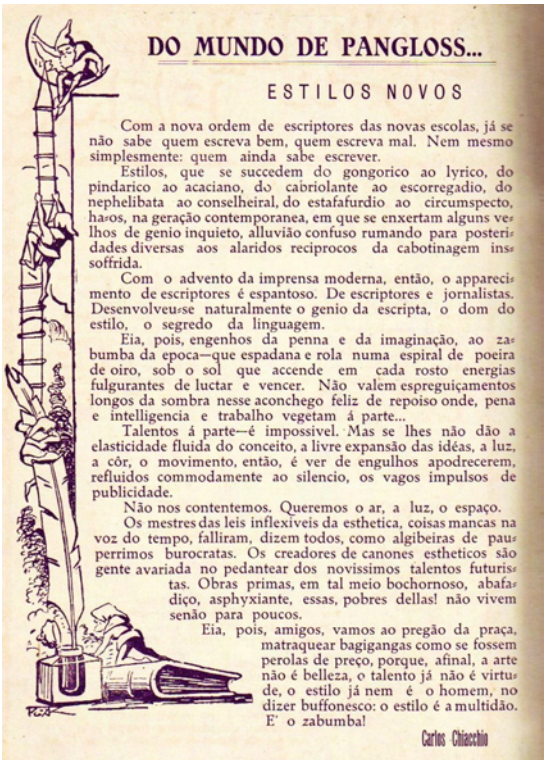
Quanto ao movimento modernista propriamente dito, a importância de delinear e/ou detectar grupos modernistas advém da percepção de figurar em A Luva, não apenas uma coexistência de linguagens, mas também, colaboradores com atitudes diferenciadas sobre o modernismo, e que se combatiam, lançando manifestos em revistas efêmeras e de pífia circulação, à exemplo de Arco & Flexa, Samba, Momento e Meridiano. A revista funcionou claramente como ponto de absorção de novos talentos, como aconteceu com Jorge Amado, que em 1928, e apenas com 15 anos de idade, teve seus primeiros textos em poesia publicados na revista. A não definição de posturas estéticas em seu programa, permitia maior liberdade de movimentação de colaboradores advindos dos diferentes grupos.

Ao longo das edições, ficou patente a força intelectual do poeta, crítico e médico Carlos Chiacchio. Considerado mentor do Modernismo baiano e com evidente influência sobre jovens literatos, era o defensor e divulgador da tese do "tradicionismo dinâmico" fundado pelo crítico espanhol Gabriel Alomar. O pressuposto teórico desta tese, consistia na incorporação de fontes inovadoras sem o aniquilamento das já existentes, por isso, pregavase o retorno à tradição como forma de renovar os elementos que se apresentavam no presente. O caminho da descontinuidade, portanto, não era o pretendido. Importava, sim, buscar nas fontes nacionais os motivos necessários para a renovação

da arte, sem impasses nem rupturas. Chiacchio procurou, assim, estabelecer as bases de discussão de arte moderna em diversos periódicos e marcar sua oposição ao grupo modernista de São Paulo. Vivendo em uma Bahia conturbada, com agitação política e descaminhos econômicos, Chiacchio procurava uma forma de manter a ordem, suspender o caos. Desta maneira, o "tradicionismo dinâmico" serviria aos seus propósitos porque nele havia um trabalho de confrontos para se chegar a um tom conciliador: o estático e o dinâmico, como essência da verdadeira renovação. Ou seja, na busca de uma literatura assentada no preexistente, embora projetada para o futuro, e diluindo a tensão. Chiacchio pretendia penetrar nas origens da formação brasileira, a partir do elemento autóctone, como forma de revisão e inovação da literatura.

Em Salvador, a dinâmica do Modernismo – inscrita em símbolos como "máquina", "eletricidade", "fábrica" e "arranha-céus" – é recebida com um sentido diferente da febre de remodelação urbana que provocou importantes transformações na cidade nas primeiras décadas do século e antecedeu a industrialização baiana que só chegaria a partir dos anos 50. A velocidade modernista não fornecia um mecanismo de compensação para o atraso e a modorra da vida insular da cidade, que traduzia a existência de um país provinciano mal ajustado à imagem idealizada. É que a ideia de modernidade artística comprometida com as novas invenções industriais, o fervilhar e a velocidade feérica das grandes cidades, era ideia europeia que seduzia o espírito industrial paulista, mas não era uma constante no pensamento e viver baiano (leia-se também nordestino). Poetas modernos marcados pela força da terra, viram algumas marcas dos novos tempos como forma de empobrecimento cultural.

Em texto assinado por Carlos Chiacchio sob o título de "Estilos novos", publicado em 31/10/1925 (Ano I, nº16) temos uma boa medida de como o Modernismo, com todas as suas facetas e incertezas foi inicialmente recebido na Bahia.



DO MUNDO DE PANGLOSS...

ESTILOS NOVOS

Com a nova ordem de escriptores das novas escolas, já se não sabe quem escreva bem, quem escreva mal. Nem mesmo simplesmente: quem ainda sabe escrever.

Estilos, que se succedem do gongorico ao lyrico, do pindarico ao acaciano, do cabriolante ao escorregadio, do nephelibata ao conselheiral, do estafafurdio ao circumspecto, ha-os, na geração contemporanea, em que se enxertam alguns ve-lhos de genio inquieto, alluvião confuso rumando para posteri-dades diversas aos alaridos reciprocos da cabotinagem ins-soffrida.

Com o advento da imprensa moderna, então, o apparecimento de escriptores é espantoso. De escriptores e jornalistas. Desenvolveu-se naturalmente o genio da escripta, o dom do estilo, o segredo da linguagem.

Eia, pois, engenhos da penna e da imaginação, ao za-bumba da epoca—que espadana e rola numa espiral de poeira de oiro, sob o sol que accende em cada rosto energias fulgurantes de luctar e vencer. Não valem espreguiçamentos longos da sombra nesse aconchego feliz de repoiso onde, pena e intelligencia e trabalho vegetam á parte...

Talentos á parte—é impossivel. Mas se lhes não dão a elasticidade fluida do conceito, a livre expansão das idéas, a luz, a côr, o movimento, então, é ver de engulhos apodrecerem, refluidos commodamente ao silencio, os vagos impulsos de publicidade.

Não nos contentemos. Queremos o ar, a luz, o espaço.

Os mestres das leis inflexiveis da esthetica, coisas mancas na voz do tempo, falliram, dizem todos, como algibeiras de pau-perrimos burocratas. Os creadores de canones estheticos são gente avariada no pedantear dos novissimos talentos futuris-tas. Obras primas, em tal meio bochornoso, abafa-diço, asphyxiante, essas, pobres dellas! não vivem senão para poucos.

Eia, pois, amigos, vamos ao pregão da praça, matraquear bagigangas como se fossem perolas de preço, porque, afinal, a arte não é belleza, o talento já não é virtu-de, o estilo já nem é o homem, no dizer buffonesco: o estilo é a multidão. E' o zabumba!

Carlos Chiacchio

Fig. 10 – Texto *Estilos novos*, assinado por Carlos Chiacchio em A luva, ano I, nº 16 - 31-10-1925

Vale referir ainda, que os jovens escritores de então, e que se propunham a construir a modernidade literária foram buscar apoio em velhos intelectuais, de formação finissecular já consolidada, como aponta o crítico Cid Seixas, o que poderia ser visto como uma conseqüência da natureza esteticamente prudente de ambos. Todos eram jovens, modernos, e... bastante cautelosos. E assim a Bahia se inscreveu, de forma ambígua e, talvez por isso mesmo, pouco estudada, no panorama modernista brasileiro. Para a historiografia literária brasileira, a topada que o modernismo levou na Bahia pesou mais do que os aspectos peculiares da modernidade resultante dos conflitos e contradições locais e nordestinas.

Mas o que parece um abismo entre o modernismo da Bahia e o de São Paulo pode se restringir ao impacto causado pelas idéias da Semana de 22. Como o progresso de São Paulo trouxe, primeiro, a inquietação, lá o modernismo logo conheceu o deslumbramento pelas novidades vindas de fora; depois trocadas pelo mergulho dos seus escritores nas raízes nacionais, especialmente a partir de 1928.

Enquanto o modernismo da Semana de 22 colocava o país em sintonia com a modernidade européia, o Nordeste passava por uma busca de libertação dos modelos europeus, em favor de uma identidade telúrica. Como o conceito de regional se confundia com o pensamento político conservador, alguns intelectuais tentavam contornar esta inconveniência, sustentando sua proposta de modernidade com a de pertencimento ou de identidade. Importante acrescentar que, quase todos os autores dos mais variados grupos de então, publicaram na revista A luva (que, repetimos, circulou até 1932 em 131 edições) portanto, antes e depois dos "rasgos fundadores" do modernismo na Bahia. Em resumo e em síntese, foi a única publicação com evidente foco em Literatura a circular num período que se constituiu como amplo painel da recepção, repúdios, acolhimentos, bifurcações e ramificações desse movimento que passou à história como o "Modernismo".

Fazemos essas considerações sobre as variadas faces que o modernismo assumiu no Brasil em inícios do século XX porque, embora os nossos dias não estejam propícios à vanguardas, foi aquele momento de grande efervescência cultural que trouxe para além de muito lixo literário, definições de novos rumos para a Literatura brasileira. De origem européia o Modernismo, como sabemos, iniciou-se, no Brasil, na década de 1920, com o marco simbólico da Semana de Arte Moderna de 1922. É verdade; posteriormente, abriu-se para vertentes indo ao encontro da construção de uma identidade

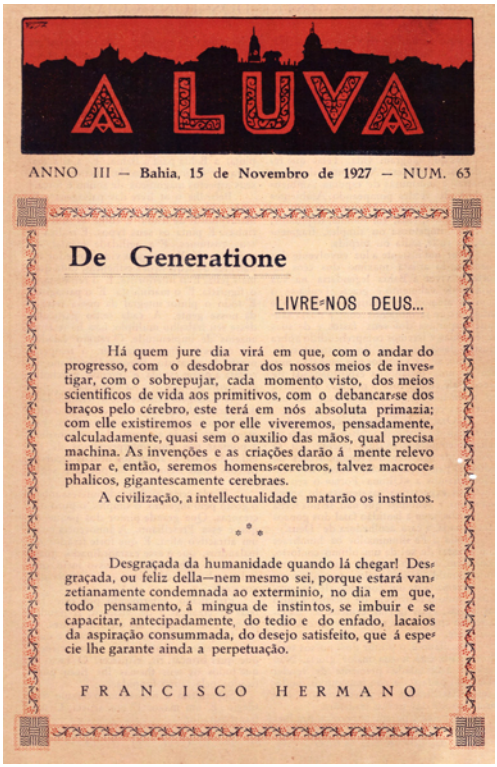
nacional – Primeiro Modernismo. Adentrou a prosa realista de temas sociais; perquiriu aspectos reflexivos e existenciais, além de uma poesia vanguardista e já num Terceiro momento, enveredou por inúmeros caminhos outros até desaguar no que hoje conhecemos como pós-modernismo.

Neste momento em que se completa cem anos da aparição de A Luva, cumpre ainda registrar dois outros aspectos que podemos abstrair do pensamento daqueles que nos precederam e que muito têm a nos dizer em nossos dias de 2025. Primeiro: qual a percepção na década de 20 do século passado sobre o estado do mundo e dos homens? A esse respeito levantamos uma pontinha do véu no texto "A Dúvida atual", assinado por Carlos Chiacchio, e que transcrevemos na íntegra com a ortografia atualizada: (Ano I, nº 8, 30-06-1925).

"Atravessamos um nevoeiro. A alma contemporânea vive sob o domínio das apreensões. De cada lado um pesadume assalta-a. O assedio dos dissabores conturba-a a cada instante. É um hesitar sem fim. É um vacilar sem termo. Vivemos, pensamos, sofremos, numa contínua oscilação de pêndulo. É um labirinto que atravessamos. É a dúvida... Mas não é a dúvida filosófica, a criadora de sistemas. Não é a dúvida científica, a construtora de teorias. Não é a dúvida religiosa, agitadora de mistérios.Não é a dúvida interior, mãe dos despautérios. É a dúvida ignorante, manancial de erros. É a dúvida econômica, manipuladora da fraude. Os homens não se compreendem à luz franca do sol, mas se despedaçam no seio abscôndito da treva. O amor causa vergonha. O ódio é que imprime caráter. Se tu estendes com afeto o braço, para bem dizer. Logo te cortarão no pulso a mão da justiça. Porém se levantas o pé com açoites epiléticos da furia, então chovem flores na arena. Hinos aos combatentes do circo. Pedras aos louvaminheiros da paz. Mais vale o bloco imundo do lodo que se atira contra o adversário, do que o punhado

de bençãos que se lança ao amigo. A declamação párvoa em vez do argumento sério. O espasmo rábico em lugar do princípio salutar. E se o espírito observador não degenera em certos temperamentos ao extremo nirvanico da resignação é que o desespero ainda lhe palpita no bojo num estado fervilhante da dúvida, que é sua melhor atitude diante das coisas e dos homens... Por quê? Porque tudo está sendo mais fácil à violência da força do que à naturalidade do direito. E revoltar-se é a lógica dos vencidos. Os nervos atingem essa tensão de quase loucura: a loucura da dúvida, de que nos falam os mestres da psicologia mórbida. Anda Hamlet as testilhas [disputas] com Pangloss. Mas não será possível um mundo melhor? Uma vida mais bela? Uma época mais feliz? Quem sabe, quem o poderá saber, sob esta pressão sombria da dúvida, a dúvida soturna que pesa como o tédio sobre a alma da gente? "Caminha" diz a esperança. Mas como é hesitante a ilusão duma esperança..."

Um segundo aspecto: de que forma os homens daquela época viam as promessas de um futuro luminoso para a humanidade, embalados que estavam por perspectivas do progresso científico e tecnológico sem freios?



A ALUVA

ANNO III — Bahia, 15 de Novembro de 1927 — NUM. 63

De Generatione

LIVRE-NOS DEUS...

Há quem jure dia virá em que, com o andar do progresso, com o desdobrar dos nossos meios de investigar, com o sobrepujar, cada momento visto, dos meios scientificos de vida aos primitivos, com o debancar-se dos braços pelo cérebro, este terá em nós absoluta primazia; com elle existiremos e por elle viveremos, pensadamente, calculadamente, quasi sem o auxilio das mãos, qual precisa machina. As invenções e as criações darão á mente relevo impar e, então, seremos homens-cerebros, talvez macrocephalicos, gigantescamente cerebraes.

A civilização, a intellectualidade matarão os instintos.

* * *

Desgraçada da humanidade quando lá chegar! Desgraçada, ou feliz della—nem mesmo sei, porque estará vanzetianamente condemnada ao exterminio, no dia em que, todo pensamento, á mingua de instintos, se imbuir e se capacitar, antecipadamente, do tedio e do enfado, lacaios da aspiração consummada, do desejo satisfeito, que á especie lhe garante ainda a perpetuação.

FRANCISCO HERMANO

Fig. 11 – Editorial da revista, assinado por Francisco Hermano. Ano III, nº 63 - 15-11-1927

E hoje, o que nos resta é perguntarmo-nos perplexos em que ponto nos perdemos? Como afinal a realidade atual ainda conseguiu ser pior do que a imaginada há cem anos? Se por um lado, vivenciamos um desenvolvimento tecnológico sem precedentes na história humana, por outro, o sentido e a prática humanista definhou a níveis alarmantes. Entretanto resta-nos sempre e ainda, a esperança de um futuro melhor, como Rodolfo Laranjeiras desejou em editorial que abria o ano de 1932.



A LUVA

ANO VII — Bahia, Janeiro de 1932 — NUM. 130

ANO BOM

A VIDA é sempre uma eterna novidade ensaiada em promessas eternamente renovadas....

Ano bom, vida nova. Quem não conhece essa velha historia? Encerrado um e começado outro, sob pipoucar de bombas, entre bençams e festas, de esperar ninguem se cansa... São vivas ao novo sól. Hosanas á esperança. E' a felicidade possivelmente a nos bater na porta. E toda a gente, a contar e medir os passos vencidos, recomeça a fabricar novos sonhos... O pobre quer ser rico. O rico redobrados os seus milhões. O politico decaido nova encenação da comedia para se ver de cima. O negociante fartos negocios. O estudante outro *decreto media*. O padre missas gordas. O funccionario uma nova tabula Lyra. O proletario aumento de salario. O desocupado o fruto do sim-posto de emergencia...»

E não é bom o ano novo com o seu alforge cheio de toda essa sorte de bens?...

Ano bom, vida nova. Derrocada de velhos sonhos e fabrico de novos «castelos». Sempre a mesma ilusão... e quem duvidar que espere a vida...

Nessa materia de esperar, leio eu por outra cartilha, por isso que aí estão as tribulações sucessivas que tem sofrido a vida nacional. Adormecemos num sonho de renovação e fartura, de liberdade e salvação, liberalidade e moralisação politica; e acordamos com *fusão*, inamovibilidade funcional, côrtes, e outras torrentes a rolarem por esses pantanos afóra sem curso certo. O que virá mais? Pandega essa vida!... Diabo que leve o ano velho e Deus que nos melhore o ano novo.

RODOLFO LARANJEIRAS

Fig. 12 – Editorial do número 130 - Ano VIII, publicado em Janeiro de 1932 e assinado por Rodolfo Laranjeiras.

Krishnamurti Góes dos Anjos tem publicados os livros: Il Crime dei Caminho Novo – Romance Histórico, Gato de Telhado – Contos, Um Novo Século – Contos, Embriagado Intelecto e outros contos, Doze Contos & meio Poema, À flor da pele – Contos e Destinos que se cruzam – Romance. Participou de 30 Coletâneas e antologias, algumas resultantes de Prêmios Literários. Há textos seus publicados em revistas no Brasil, Portugal, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Panamá, México e Espanha. Seu último romance publicado pela editora portuguesa Chiado – O Touro do rebanho – Romance histórico, obteve o primeiro lugar no Concurso Internacional – Prêmio José de Alencar, da União Brasileira de Escritores UBE/RJ em 2014, na categoria Romance. Colabora regularmente com resenhas, contos e ensaios em diversos sites e publicações. Atuando com a crítica literária, resenhou mais de 350 obras de literatura brasileira contemporânea veiculadas em diversos jornais, revistas e sites literários.

ENTRE A POESIA E A PERIFERIA: UMA LITERATURA DO POETRY SLAM NA CIDADE DE SALVADOR

Uyara Nayri Batista de Almeida

Ser uma poeta negra de 30 anos, que hoje escreve para a Revista da Academia de Letras da Bahia, me remete ao início da minha trajetória artística na Capelinha de São Caetano – bairro que, além de ser minha casa, também se destaca como um território cultural de música, poesia, grafite e gastronomia. Do alto da Capelinha é possível avistar o mar. Foi neste cenário, na periferia, que comecei a escrever e, ainda na segunda infância, conquistei meu primeiro prêmio num concurso literário, na escola. Na adolescência, estreei nos Saraus do *Fala Escritor*, realizados na antiga Livraria Saraiva, no já desativado Shopping Iguatemi. Com Valdeck Almeida de Jesus e Jorge Baptista Carrano – poetas, idealizadores do projeto – mergulhei em múltiplos universos literários, entre eles a poesia preta. A convite de Valdeck, conheci o *Sarau da Onça*, criado em 2011 no bairro da Sussuarana, em Salvador. Mais tarde, em 2014, o coletivo criou o *Slam da Onça*, o primeiro *Poetry Slam*[1] da cidade. Nele, os "slammers" – como eram chamados – subiam ao palco para apresentar poemas autorais de até três minutos, em disputas que abordavam questões de raça, gênero e identidade, amplificando vozes periféricas. No *Poetry Slam*, o público também assume o papel de jurado e compõe o próprio desafio poético. Nesse contexto,

[1] Competição de poesia falada e aborda questões de raça, gênero e identidade onde os participantes têm até três minutos para declamar seus poemas.

realizei minha primeira performance em praça pública, na Parada do Livro de 2016, no Largo do Campo Grande em Salvador. Em 2017, conheci o *Slam das Minas BA* – espaço de disputa poética em que vozes negras femininas tornam-se protagonistas ao ocupar a cena e afirmar suas próprias narrativas.

Embora já tivesse me apresentado em Saraus, livrarias e praças públicas, minha principal escola de poesia foram os ônibus de Salvador. Foi nas subidas e descidas desses coletivos, entre as diversas paisagens da cidade, que percebi uma arquitetura da dor. Um público negro e determinado cruzava diariamente as fronteiras da existência em busca de uma vida digna. Encontrei uma diversidade de reações: indiferença, observação, aplauso e, sobretudo, incentivo. Movida pela paixão e pelos desafios financeiros, continuei a levar minha voz às ruas – que considero a principal cena poética da cidade, onde "O Museu é a Rua e a Rua Não Morre" – como canta o coletivo de artes, *A Pombagem*. Foi na vivência da rua – entre a dureza e a leveza – que comecei a escrever poemas com pauta racial. Nesta escola conheci pessoas e histórias que se entrelaçavam com a minha trajetória. Também foi nas diversas Batalhas de Mc's com a *Sena de Quadra*, que aconteciam as quintas-feiras, no São Caetano, que me reconheci nos olhares atentos e na poesia preta dos artistas do meu território.

Sempre fui uma criança inquieta, tecida nas encruzilhadas da vida. A poesia corre no meu sangue: ela me atravessa corpo, voz e memória. Parafraseando Nego Bispo, é ela quem me conduz a começos, meios e novos começos.

Sendo a cidade mais negra fora da África, Salvador ainda carrega as marcas de segregação e violência racial. É um espaço de constante disputa pelo poder. Seus bairros são divididos por um metrô que reflete essa desigualdade: de um lado, um denso aglomerado de casas, afastado do centro da cidade, privado de acessibilidade e serviços de saúde de qualidade; do outro, uma pequena elite que concentra propriedades e grande parte do capital.

Nesta Salvador desigual, os bairros periféricos, que abrigam majoritariamente a população de baixa renda, guardam memórias da população negra historicamente criminalizada pela guerra às drogas e alvo da violência policial. Salvador também é território de resistência e expressão cultural. Jovens negros ocupam as praças das periferias com seus recitais de poesia, transformando a palavra em um poderoso instrumento de aprendizado, crescimento e luta. O papel, a caneta, o livro, as ruas, as praças e os coletivos urbanos tornam-se palcos onde a poesia se mistura com a performance, promovendo cultura e esperança. Na poesia, surgem narrativas de dor e denúncia: do racismo estrutural, do machismo, do sexismo e das políticas de extermínio. Mas, ao mesmo tempo, emerge o acolhimento – a consciência de uma rede de cuidado ancestral que sustenta o debate racial.

A força poética das periferias também ressoa no Centro Histórico de Salvador, onde a presença negra resiste e reinventa um território que, em outros tempos, lhe foi sistematicamente negado. O Pelourinho – espaço simbólico e palco cultural ancorado na herança barroca, com suas igrejas suntuosas banhadas a ouro e casarões coloniais – guarda, em cada esquina, a ancestral poesia do Candomblé. Nos quintais dos sobrados, nasciam Terreiros de Axé, onde espiritualidade e resistência dançavam juntas. Hoje, esse território de memórias e tensões se reinventa como um lugar de reconquista e ressignificação para o povo negro. O *Sarau Bem Black*, nascido no coração do Pelourinho, consolidou-se como um espaço de fortalecimento de poéticas negras, ocupando o território com voz, corpo e alegria. Já o *Slam das Minas BA*, originado nas periferias de Salvador, trouxe sua força para o Centro Histórico em edições pontuais, ampliando os horizontes da palavra e reocupando espaços historicamente marcados pela exclusão. Também foi no Pelourinho que *o Bloco Afro Olodum* se firmou, com o samba reggae, o batuque e a poesia.

O excesso luminoso do barroco nas igrejas dialoga poeticamente com a exuberância das performances dos artistas negros da Bahia. Essa estética da ressignificação se manifesta também na poesia têxtil de Sonia Gomes – em seus tecidos, trançados e dourados que remetem ao "barroco, mesmo", como ela própria define –, nas obras atemporais de Juarez Paraíso, mestre das artes visuais baianas, cuja produção atravessa décadas de crítica social, e espiritualidade afro-brasileira, e na poesia de ferro de Jayme Fygura, artista que circulava pelo Centro Histórico de Salvador, moldando o ferro armaduras que transformam o corpo negro em arte viva. Em Sonia, Juarez e Jayme, o sagrado e o ancestral cruzam-se em uma arte que grita o que muitos preferem silenciar.

Ao abordar os *Saraus de Poesia* e o *Poetry Slam*, é fundamental compreender suas origens e transformações. Os Saraus surgiram na Europa como encontros de artistas, intelectuais e amantes da arte, realizados em espaços como bibliotecas, cafés e teatros. Estes eventos eram frequentados por um público branco com elevado capital cultural, econômico, simbólico e social. A comunidade negra, historicamente marginalizada, passou a construir seus próprios territórios poéticos. Criados como espaços de acolhimento dentro das próprias comunidades, esses saraus também foram fundamentais para o surgimento do *Poetry Slam,* atuando como lugares seguros de afirmação e expressão por meio da performance poética.

Ao me deparar com o *Sarau da Onça* – fundado em 2011 por Sandro Sussuarana, Evanilson Alves, Maiara Guedes e Omael Vieira – reconheci ali um espaço de ruptura de estereótipos sobre a periferia urbana. Sua potência atravessa fronteiras, levando a arte local a eventos nacionais e internacionais, como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e festivais na África, Europa e Estados Unidos. O *Sarau da Onça* é denúncia, memória e afeto através das rimas. Um território de reflexão em que a palavra atua como instrumento de reconstrução. Nele, recitei meu poema *"Protesto"*, marcado pela denúncia do racismo no Brasil.

Durante essa fase da minha juventude, percebi que falava principalmente das dores de ser uma pessoa negra em Salvador. Isso me levou a refletir sobre outras formas de resistência: os afetos possíveis, o riso, a ancestralidade e o amor em comunidade. Então, escolhi direcionar minha fala para o amor, compreendendo que a experiência negra não se limita às tristezas da sociedade. Também existem muitas histórias de beleza e celebração da vida, que compõem minha trajetória como artista.

No caminho do amor, conheci o *Slam das Minas BA* – coletivo de poesia baiana que revoluciona a presença das mulheres, especialmente mulheres negras, na cena poética, ao reivindicar caminhos para a equidade de gênero. Apesar de ser criado para evidenciar o protagonismo feminino, o movimento também acolhe públicos diversos como idosos e crianças, homens inclusive. A primeira edição, da qual participei, aconteceu na praça do Conjunto ACM, no Cabula, e reuniu mais de quinhentas pessoas. Embora eu não seja uma pessoa competitiva, notei que recitar naquele palco de resistência poética me acendia enquanto artista da palavra. Para mim, o *Slam das Minas BA* é um espaço de expressão das dores das mulheres negras feridas por machismo, sexismo e outras violências que atingem os corpos pretos na sociedade. No entanto, quando subia ao palco, eu não queria falar de violência. Meu desejo era falar de amor.

No *Slam das Minas BA,* alcancei o primeiro lugar em uma batalha de celebração aos cinco anos do coletivo com o poema-canção *Mergulho*, que mais tarde conquistaria o *Prêmio Luiz Melodia de Canções Afro-Brasileiras,* da *Fundação Cultural Palmares*. Além disto, também performei meu poema *"Travessia"* no *Enu Podcast.*

O *Sarau da Onça* e o *Slam das Minas BA* são dois importantes coletivos da poesia baiana, pautados no conceito de *Spoken Word*. Segundo Roberta Estrela D'Alva (2014), foi em 1986, no *Green Mill Jazz Club*, que o operário da construção civil e poeta Marc Kelly Smith, juntamente com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, criou um "show-cabaré-poético-vaudevilliano"

chamado *Uptown Poetry Slam*, considerado o primeiro *Poetry Slam*. O *Poetry Slam* constitui-se como um espaço de reexistência e expressão de grupos marginalizados, movimentando o social, cultural e artístico, sendo celebrado em todo o mundo.

No Brasil, o movimento surge em 2008, em São Paulo, por meio do *Movimento Hip-Hop* e do *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos*, espalhando-se, em seguida, por diversas cidades e formando uma rede de movimentos poéticos e culturais. Entre as iniciativas de destaque, está o *ZAP – Zona Autônoma da Palavra*, o primeiro *Poetry Slam* brasileiro, idealizado pela poeta Roberta Estrela D'Alva, que também organiza o *Slam BR – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada.* O *Slam BR*, maior campeonato de poesia falada da América Latina, reúne poetas de todo o Brasil, e o vencedor representa o país na *Copa do Mundo de Slam*, cuja última edição se deu na França.

O Slam segue crescendo. Floresceu novamente em São Paulo, em 2012, na estação Guilhermina-Esperança, onde surgiu o *Slam da Guilhermina.* Criado pelos poetas Emerson Alcade, Vander Ache, Cristina Assunção e Uilian Chapéu, o evento acontece na última sexta-feira de cada mês, na praça da estação, na zona leste de São Paulo.

Em 2015, em Brasília, a poeta Tatiana Nascimento idealizou e fundou, ao lado de Val Matos, o *Slam das Minas DF*, iniciativa que fortaleceu o protagonismo das vozes femininas no cenário poético do Distrito Federal. Segundo Tatiana, a proposta surgiu no início daquele ano, e, em maio, foi realizada a primeira batalha de poesia. Ela relata ter participado de diversos coletivos poéticos e destaca a criação do *Sarau Zami* de Lésbicas Negras, além de ter concebido, junto com Luedji Luna, um festival nacional de música e poesia protagonizado por artistas negras.

Em 2016 o *Slam das Minas* chegou a São Paulo com as poetas Luz Ribeiro, Mel Duarte, Pam Araujo e Carol Peixoto, tornando-se a primeira batalha poética da cidade com recorte de gênero. Na Bahia, o *Slam das Minas* nasce em março de 2017.

A iniciativa foi idealizada pela poeta NegaFyah e construída em parceria com Ludmila Singa, Drica Silva e Jaqueline Nascimento. Juntas, elas deram forma a um movimento pautado no "*protagonismo, acolhimento e potência nas rimas*[2]*"* das mulheres negras baianas.

Além do *Sarau da Onça* e do *Slam das Minas BA*, Salvador abriga uma intensa cena poética, composta por diversos movimentos que integram o tecido artístico e social da cidade, como por exemplo: *Sarau Bem Black, Sarau do Jaca, Sarau do Agdá, Sarau do Cabrito, Sarau de Se7e, Sarau da Resistência, Slam dê Ideia, Grupo de Arte A Pombagem,* entre outros. Todos esses movimentos celebram e reivindicam, por meio da poesia, a visibilidade e o fortalecimento da cultura negra na Bahia.

Giovane Sobrevivente, poeta e cineasta de Salvador, reflete sobre as contranarrativas negras ao afirmar: *"A poesia marginal não é poesia preta, mas a poesia preta é poesia marginal."* Sua trajetória é marcada pelo uso da palavra como ferramenta de transformação, tanto dentro quanto fora das periferias soteropolitanas. Como poeta negro e morador da periferia, Giovane enxerga sua missão na valorização do coletivo e no fortalecimento de novos poetas, e destaca as periferias como territórios pulsantes de produção literária e saberes diversos. Um exemplo disso é o poema *"A Revolta de Tia Nastácia"*, frequentemente recitado em saraus e transportes públicos, que se tornou símbolo da potência e do alcance da poesia preta na cidade. Sua obra transita por múltiplos espaços: está presente no cinema, no teatro, no rap, em videoclipes, na televisão, em artigos, coletâneas, TCCs, dissertações e teses acadêmicas.

Recentemente, lançou seu segundo livro, *Revivente*, do qual dois poemas estão sendo adaptados em documentários filmados na comunidade de San Martins, reafirmando a presença viva e transformadora de sua poesia no território.

[2] "Protagonismo, acolhimento e potência nas rimas. Slam das Minas" – Slogan do coletivo Slam das Minas.

> Se apropria do meu cheiro e me transforma em ninguém, fiquei de fora sou homem invisível, vítima do epistemicídio, e o meu cidio se faz cânone e o meu cheiro te faz rosa... (Trecho da poesia Perfume Roubado autoria Giovane Sobrevivente, livro REVIVENTE página 62).

Pensando nas diversas formas de genocídio contra o povo negro, Giovane Sobrevivente enfrenta o epistemicídio com a criação da *Editora REVIVENTE*. O projeto nasce com o propósito de publicar obras de pessoas negras, moradoras de periferia, que muitas vezes não têm acesso a meios para lançar seus livros e são vítimas de um apagamento histórico que as mantém à margem de sua própria intelectualidade e riqueza cultural.

Ao dar visibilidade a essas vozes silenciadas, a editora atua como uma ferramenta de reparação simbólica e de valorização dos saberes periféricos e ancestrais, propondo uma insurgência literária que confronta a lógica do esquecimento.

> Falar de poesia nas periferias da cidade de Salvador é importante, mas é preciso registrar que a poesia não chegou a todas as periferias. A única política pública que posso afirmar que chegou a todas as periferias foi a "polícia". Precisamos chegar antes das balas, ou então vamos apenas contar cadáveres. (Poesia "13 Pretos, Faixa 13" do CD Melanina, de Giovane Sobrevivente).

Para Sobrevivente, ser preto, poeta, morador ou não da periferia, é saber que sempre seremos marginais. Sempre estaremos à margem da nossa própria pele e da nossa própria riqueza. Ele afirma: *"somos o centro em qualquer lugar, seja no morro ou no asfalto."*

Sued Hosana celebra sua experiência como poeta periférica e trans. Sua poesia, segundo ela, é visceral, marcada por sua vivência como pessoa negra, periférica e de comunidade de terreiro. Em seu depoimento ela revela como, aos nove anos, come-

çou sua produção literária e fala do impacto dos *"Poetas de Buzu"* em sua formação. O encontro com o *Sarau do Jaca* e o *Coletivo Pés Descalços* a levou ao *Poetry Slam*. Lá encontrou um espaço para expressar sua poética que, segundo ela, é marcada por uma encruzilhada de símbolos e vivências de resistência. Sued Hosana foi premiada no *Slam das Minas Ba* e compartilhou seu poema no *Enu Podcast*, destacando sua importância como um instrumento de denúncia e afirmação da identidade periférica e trans.

Anne Heru*,* poeta, cantora, professora de inglês e produtora cultural, teve o seu primeiro contato com o Slam no ano de 2023, quando se apresentou em dois Saraus de Poesia: um na Chapada Diamantina e outro em Salvador. Após essas experiências, conheceu o *Slam das Minas BA* através das redes sociais e, no dia do seu aniversário, decidiu presentear-se participando do evento. Segundo Heru, o *Slam das Minas* foi essencial para desenvolver suas habilidades em performance poética. Desde então, já conquistou o terceiro, o segundo e o primeiro lugar nas batalhas do coletivo. Afirma que sua maior motivação sempre foi transmitir suas mensagens, e que subir ao pódio foi consequência – uma escada simbólica para o sucesso.

Heru enfatiza que seu aprendizado não vem de métodos acadêmicos, mas da prática: frequentar Slams, estudar, assistir e vivenciar o movimento poético, ajudaram-na a se conhecer melhor e a aprofundar sua compreensão sobre escrita e performance. Para ela, o *Slam das Minas BA* é um espaço de autoconhecimento além de ser uma importante ferramenta de incentivo à cultura. Embora ela se tenha afastado temporariamente do movimento devido às demandas do dia a dia, um reencontro no Pelourinho, na *Casa do Reggae*, marcou seu retorno. Ela recebeu um convite de Má Reputação (poeta integrante do *Slam das Minas BA*), para participar de um Slam que a levaria ao campeonato estadual. *Para ela,* a poesia tem um valor espiritual e coletivo, e saber que suas palavras tocam outras pessoas é o impulso para continuar escrevendo.

Anderson Shon, poeta e quadrinista de Salvador, iniciou sua trajetória literária nos tempos do Orkut, onde compartilhava seus primeiros poemas e recebia retornos positivos da comunidade. Em 2013, lançou seu primeiro livro, "*Um Poeta Crônico"*, pela *Editora Vento Leste*, com lançamento na *Livraria Leitura*, em uma época próxima à *Bienal da Bahia*. Sua obra percorre a passagem do tempo, as marcas da vida e a busca por uma leitura do futuro, reconhecendo a poesia como instrumento de sobrevivência. A escrita de Shon também é profundamente enraizada na realidade das periferias de Salvador, refletindo as lutas e resistências desse território. A partir do seu trabalho, Shon teve contato com os bastidores da produção editorial e, em diálogo com a Editora Vento Leste, encontrou orientação para concretizar seu projeto literário. Movido pela crença no poder da palavra, ele chegou a decorar longos poemas de seu livro como estratégia para impulsionar suas vendas e se aproximar do público.

Ludmila Singa, poeta, cantora e produtora cultural, iniciou sua jornada poética em 2016. Ela conta que seu contato com a poesia surgiu ao frequentar Saraus e descobrir o Slam – movimento que a impulsionou a levar seus versos para as ruas e até mesmo para os ônibus de Salvador. Antes disto, sua conexão com a arte se dava pelo grafite, onde desenvolveu uma relação forte com a Arte Visual. Sua relação com a poesia, no entanto, remonta à infância, quando já registrava o diário com histórias e contos. A prática artística, movida pelo prazer de criar, se consolidou como um princípio fundamental de sua trajetória. Para ela, a periferia é o seu lugar de origem e pertencimento.

Singa é uma das fundadoras do *Slam das Minas BA*, uma iniciativa que nasceu ao acompanhar a trajetória de NegaFyah, vice-campeã do *Campeonato Brasileiro de Poesia Falada* em São Paulo. Após o retorno de NegaFyah a Salvador, surgiu a ideia de, juntas, criar um espaço dedicado à poesia das mulheres da periferia. Antes disso, Singa já conhecia o *Slam das Minas* no cenário nacional,

tendo se inspirado na obra de Tatiana Nascimento. Sua poesia se expandiu para diferentes formatos e plataformas, sendo apresentada em festivais literários, nas ruas, na publicidade – ao se associar a uma marca de chocolate nacional –, na mídia, com uma entrevista para a revista *Glamour*, onde compartilhou sua vivência artística e ampliou o alcance de sua poesia, e também em livros. A fusão entre poesia e música se concretizou na canção *"Ela é o Som"*, que, por meio das plataformas de streaming, atingiu um público ainda mais diversificado. Sua trajetória, iniciada nas ruas de Salvador, hoje ultrapassa fronteiras físicas e digitais, com sua voz expandindo-se por múltiplos contextos, alcançando novos públicos e abrindo caminhos para a poesia.

NegaFyah é escritora, poeta, performer e produtora cultural. Desde a infância, cultivava a escrita em diários e, aos 16 anos, teve seu primeiro contato com o *Sarau de Poesia,* participando do *Sarau Bem Black*. Em seguida, conheceu o *Sarau da Onça* e passou a frequentar diversos saraus em Salvador, como o *Sarau do Jaca*. Em 2015, ingressou no movimento de Slam, competindo e representando a Bahia nesse cenário. Em 2016, destacou-se como a primeira mulher negra nordestina a competir no *Campeonato Brasileiro de Poesia Falada*. Sua relação com o Slam das Minas BA é profunda, pois é idealizadora e uma das fundadoras do coletivo. O Slam surgiu após seu retorno do Campeonato Brasileiro, motivada pelo desejo de criar um espaço de *Poetry Slam* com protagonismo feminino em Salvador. Hoje, administra o *Slam das Minas BA* ao lado de Ludmila Singa, Má Reputação e Sofia Senne, desempenhando funções como Slam Master, Diretora Criativa, Diretora de Arte e Produtora Cultural.

A poesia de NegaFyah é conectada à periferia e reflete vivências marcadas pela realidade do Arraial do Retiro, bairro onde cresceu em Salvador. Sua escrita parte do pertencimento ao território. Quando lançou seu primeiro livro, *Fyah: Do Ódio ao Amor* – de poemas e contos autorais –, apresentou aos leitores um cenário que muitos desconheciam. Semifinalista do Prêmio Oceanos,

sua poesia percorreu palcos e eventos em diversas cidades brasileiras, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro e Maranhão, por meio da turnê *Diáspora*, título de um de seus poemas. Além disso, NegaFyah integrou diversas antologias e participou do lançamento da sua antologia poética Querem Nos Calar, na FLIP, no Rio de Janeiro, evento que contou com a presença de Conceição Evaristo.

Ser uma poeta negra em Salvador é saber que, entre a dor e o amor, o canto e o silêncio, a poesia e a prosa, escolho seguir escrevendo. Escrevo porque aprendi que o silêncio também fala – e palavra é movimento. Nas curvas da poesia, o Slam se ergue: inventa linguagens, desenha cotidianos, propõe futuro. É resistência e amor. Ao ocupar praças, movimentar bairros, ativar economias locais e permear escolas e universidades, o Slam rompe com a ideia de que a arte é inacessível. Torna visível o que muitas vezes é silenciado. Ao longo deste projeto – sob orientação de Ordep Serra – me dediquei a investigar como o Slam tem contribuído para o fortalecimento da identidade negra de Salvador, com foco em coletivos como o Sarau da Onça e o Slam das Minas BA. Ambos foram fundamentais na minha construção pessoal e literária. No Poetry Slam as vozes negras não se calam: mergulham, curam, se atravessam e assim, reconstroem o mundo.

REFERÊNCIAS

BISPO, Antonio. Colonização, quilombos. Modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

JULIETA, Amanda. Tem Poeta na Casa? Mulheres Negras, Poetry Slam e Insurgências. Salvador, 2023.

LIRA, Aline Juliana Vargas. O Slam como prática discursiva: a poesia falada e o desenvolvimento da oralidade para a apropriação dos espaços públicos da fala. Recife, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. Revista USP, no 68, São Paulo, dez/fev/2005/2006. p. 46-57.

NEVES, Cynthia Agra de Brito, SANTOS, Sostenes Renan de Jesus Carvalho; HOLANDA, Maria Fabiana Medeiros. Poetry Slam invade escolas de periferias paulistanas: eventos e práticas de letramentos literários no VIII Slam Interescolar de São Paulo. In: Rev. Bras. Ling. Apl., Belo Horizonte, v. 23, n. 3, 2023.

VOLMER, Lovani, SOUZA, Suzana da Silva, CONTE, Daniel. "Slam" é a voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 57-77, jan./abr. 2020.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Uyara Nayri Batista de Almeida é poeta, cantora e artista multidisciplinar brasileira. Pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), dedica-se às relações entre palavra, corpo e cena em contextos afro-latino-americanos, com ênfase nas poéticas periféricas de Salvador. Idealizadora da performance poético-musical Eu Quero Falar de Amor, tecida em residências do programa Iberescena, e autora do livro homônimo, refundado sob orientação do professor doutor Ordep Serra, na Academia de Letras da Bahia.

IA COMO PHARMAKON E FORÇA NORMATIVA E O HORIZONTE DO PORVIR

Paola Cantarini

O presente texto trata das temáticas de Governança de IA, o papel dos Observatórios de IA e da Educação em termos de uma economia do conhecimento, quando a imaginação humana impulsiona o progresso coletivo e por meio de insurreições cognitivas indivíduos reimaginam instituições sob novas roupagens (UNGER, 2019; 2020; 2025), além de destacar a importância de uma abordagem crítica, holística e interdisciplinar, saindo de uma chave distópica (tecnofobia) e utópica (tecnosolucionismo ou dataismo), em uma verdadeira ideologia do Vale do Silício, como expõe Evgeny Morozov (MOROZOV, 2013) ao denunciar a tirania da eficiência, pois ao se priorizar apenas o que é mensurável, perdemos tudo o que não pode ser medido. Seguindo esta última abordagem considera-se a eficiência e a inovação como um fim em si mesmo, sem uma reflexão ética sobre os fins que realmente importam. Busca-se, pois, alcançar um meio termo mais balanceado para as análises acerca da IA ("metron"), olhando para os desafios e as oportunidades, e saindo da chave reativa para a proativa. Aproximamo-nos da abordagem de Yuk Hui (HUI, 2020) com os conceitos de *cosmotécnica* e tecnodiversidade. Tecnologias não são neutras universais – estão inseridas em contextos culturais e ontológicos que produzem modos de existência técnica diversos. Assim fugimos da hegemonia ocidental (Silicon Valley) por meio da busca de caminhos autóctones, proativos, plurais, apostando em uma pluralidade de caminhos tecnológicos contra um único modelo hegemônico ocidental (e.g., Silicon Valley).

Encontramo-nos em um ponto de inflexão de um debate que ultrapassa o domínio técnico da Inteligência Artificial (IA) para adentrar a esfera da filosofia política, da teoria da agência e da epistemologia das sociedades digitais. Em tempos de sistemas autônomos generativos e agentes artificiais dotados de crescente capacidade decisória, o eixo central desloca-se da mera eficiência computacional para a problematização da agência, da responsabilidade e da governança em contextos sociotécnicos complexos. Ampliando-se o olhar acerca do conceito de IA é ultrapassada a consideração de ser mera tecnologia de propósito geral e modelo probabilístico para se chegar a uma concepção de ser uma força ontológica (FLORIDI, 2019; 2020), ou com status normativo, ao ser considerada como Constituição Material (BALAGUER, 2023), como instituição com poder de criar normas formais e informais acerca de relações sociais (ALMEIDA, MENDONÇA, FIGUEIRAS, 2023) ou relacionada com o conceito de governamentalidade algorítmica (ROUVROY, 2013) sendo (a) normativa, mas nem por isso havendo anomia, porque se mantém uma ordem funcional.

Analisando-se a temática à luz das disciplinas clássicas da sociologia, como sociologia das desigualdades, a IA redefiniria os mecanismos clássicos de exploração, dominação e estratificação, reverberando nas teorias de K. Marx (mais valia e fetichismo da mercadoria) (**MARX,** 1867), de Weber (ápice da racionalização instrumental) (WEBER, 1999) e de Bourdieu (violência simbólica) (BOURDIEU, 1986), podendo ser considerada nos termos de Marcel Mauss como fato social total e de E. Durkheim como fenômeno sociológico total, por mobilizar todas as dimensões da vida social de forma simultânea (MAUSS, 2003; DURKHEIM, 1895).

A velocidade das mudanças e do desenvolvimento tecnológico é demonstrada com o conceito de dromologia de Paul Virilio (VIRILIO, 1995), em suas palavras, "tempo sem tempo", em uma aceleração que contrai espaço, reduz experiência ao instante estatístico. A IA preenche o possível com previsibilidade,

eliminando risco – e sem risco, nietzschianamente, nenhum pensamento seria possível, apenas processamento. Agora com a IA *agentic*, não mais apenas uma entidade computacional que reage a estímulos ou otimiza recompensas, mas um nó ontológico entre o humano e o artificial, entre o cálculo e a intenção, sua possível protoagência desafia o conceito de IA e de ser humano segundo Aristóteles – *zôon lógon échon*, já que além de delegarmos a linguagem instrumental estaríamos abdicando cada vez mais da tomada de decisões. Resta questionada a própria fronteira entre sujeito e sistema, entre ação e automatismo.

Por outro lado, parte-se de um conceito alargado de governança, o qual não seria mero sinônimo de regulação, mas em uma chave multicamadas, é entendida como não um problema administrativo, mas uma questão de soberania cognitiva demandando uma análise sóciotécnica (ALMEIDA, GASSER; 2017; OXFORD, 2024). A emergência de agentes artificiais autônomos – capazes de gerar conteúdo, interagir em mercados, influenciar deliberações e produzir decisões – reconfigura as condições de possibilidade da própria democracia liberal. Ao se adotar, portanto, um conceito amplo de governança, envolvendo diversas camadas interligadas em uma proposta modular e *multistakeholder*, entende-se que a governança de IA não deve ser apenas tecnocrática, mas deve incluir uma abordagem sóciotécnica, envolvendo legitimidade, accountability e deliberação pública, contrastando com modelos de autorregulação centralizada por *Big Techs*, demandando a elaboração de indicadores quantitativos e qualitativos, com rigor metodológico, robustez de dados e transparência. Daí se falar em governança baseada em evidências como a governança necessária da era pós-digital.

Por sua vez entendendo-se a inteligência artificial como *pharmakon* ou *daimon*, remédio ou cura a depender da dose, ou seja, do uso, olhamos para o conceito de mediador ou anjo técnico com base em M. Serres e B. Stiegler, o homem como técnica, e a técnica como possibilidade do homem já que em razão do

esquecimento (Epimeteu) precisaríamos da memória protética, a técnica, pois, nos co-constituiria e nos procederia, se revelando como condição de possibilidade humana (SERRES, 1994; STIEGLER, 1994).

Em última instância, o que está em jogo não é o avanço da IA, mas o sentido do humano. Somos ainda os guardiões do *logos* ou apenas resíduos de linguagem deixados por máquinas que nos aprendem? Heidegger lembraria que a essência da técnica não é técnica, mas um modo de desvelamento do ser. O perigo maior não é a singularidade, ou que a IA torne-se senciente e criadora, mas que paremos de pensar – delegando o juízo ético e decisões fundamentais ao cálculo, a política à gestão, e ética à métrica, quando se daria o apogeu da autoimunidade do sentido, seguindo-se os desenvolvimentos de Derrida (HEIDEGGER, 1954; DERRIDA, 1996).

O desafio ético e político é reocupar o espaço do pensamento antes que ele se torne definitivamente automatizado. Entre o cálculo e o porvir, resta-nos a tarefa mais difícil e mais bela: continuar humanos e reaprender a perder tempo – reintroduzir a demora, o silêncio, o mistério, o resto, a inoperosidade.

A diferença ontológica entre o homem e a máquina não está na sintaxe, mas na experiência: nós falamos porque existimos; a IA fala porque processa. O humano carrega o peso da finitude, da dúvida, do erro – e é justamente nesse intervalo imperfeito que reside a criação. A IA elimina o erro como ruído, e, com isso, elimina o imprevisto, o novo, o não calculável. O risco é que, ao substituir o sentido pela previsibilidade, a dúvida pela certeza, seja anulada a própria condição do pensamento.

A criatividade, outrora exclusivamente humana, é desafiada por GPT-5, Gemini, Claude e Midjourney ao produzirem síntese, remix, estética emulada. Mas, em devir deleuziano, não cria; recombina o imaginário coletivo codificado. Se criatividade é recombinação técnica, a IA substitui; se ato ético-transcendente, permanece insuperável.

O digital dissolve a experiência no fluxo, homogeneizando o porvir – a *différance* derridiana resta perdida no hiato presença-ausência. Perdemos o intervalo, o *différance* que permitia ao sentido se formar no hiato entre presença e ausência. A IA, ao preencher todo o espaço do possível com previsibilidade, elimina o risco que dá origem à criação. E sem risco, não há pensamento – apenas processamento. Pensar é interromper a máquina do tempo; é dizer "não" à evidência; é, como em Nietzsche, criar novos valores no abismo do nada ao invés de substituir o "porquê" das coisas, embriagados pelo "como" fazê-las.

Ao invés de olharmos, contudo, em termos de trade off necessário, e adotando-se a multiplicidade, chegamos ao conceito de sustentabilidade da competição, quando o desenvolvimento econômico se liga à justiça social, e inovação e equidade são considerados não opostos, mas complementares. É o que propõem os autores Daron Acemoglu e Simon Johnson em "Power and Progress: Our Thousand-Year Struggle Over Technology and Prosperity" analisando mil anos – arados medievais à IA e ao afirmarem que o progresso técnico não garante social; requer instituições redistributivas (ACEMOGLU, JOHNSON, 2023).

A sustentabilidade da competição se baseia em alguns valores centrais: inovação compartilhada, eficiência-justiça, progresso-redistribuição. A trajetória da inovação e do desenvolvimento econômico é moldada por escolhas políticas-sociais, considerando-se a inovação e a prosperidade como construção moral. O caminho da inovação é, pois, socialmente construído e o progresso é uma construção política e moral. Ou seja, quando falamos do futuro da IA, este não se limita a um futuro calculado e predeterminado pela técnica, mas moldado por decisões éticas, políticas, civilizatórias, o futuro em aberto e múltiplo, como porvir heideggeriano-derridiano, e como aponta o Relatório PNUD "A Matter of Choice" (PNUD, 2025): o futuro é uma escolha, não um destino.

Diante da morte da política e da crítica, da crise de significações imaginárias sociais de que fala Rouvroy a partir da governamentalidade algorítmica, a resposta não virá dos algoritmos, mas das instituições humanas e das escolhas humanas, e é quando pensamos em novas possíveis resistências, a partir da crítica, da recuperação da imaginação social, do negativo (silêncio, pausas, inoperosidade) no excesso de positivo da sociedade do cansaço de que fala Byung-Chul Han (HAN, 2015), em termos de biopolítica afirmativa de Roberto Esposito (ESPOSITO, 2010) (recuperação do comum, da partilha, da presença), de biopolítica menor para Giorgio Agamben (AGAMBEN, 1996) (novas formas de subjetivação a partir do resto, do inassimilável), das linhas de fuga e proatividade de Deleuze e do cuidado de si, autogoverno e *parresia* de Foucault (DELEUZE, GUATTARI, 1996; DELEUZE, 1968).

O futuro da IA, portanto, é o futuro da própria humanidade – um espelho de nossas escolhas éticas, culturais e políticas, sendo um futuro, sobretudo, em aberto, como porvir, múltiplo como é próprio do ser humano. A questão não é *se* usaremos a IA: é *como* usá-la e governá-la, para quem e segundo quais valores. Exige que recusemos a tentação de confundir cálculo com pensamento, eficiência com verdade, conexão com comunidade.

Hannah Arendt em "A Condição Humana" (ARENDT, 2007) enfatiza que o avanço técnico amplifica necessidade de pensamento crítico-ético ao contrário de eliminar este, urge um salto quântico peirceano por meio do qual novas hipóteses via abdução são geradas, e é quando recuperamos o imaginário social soterrado e aspectos humanos eclipsados – o sensível, o mágico, o imprevisível, o erro, a dúvida, o não calculável, o prazer do processo da descoberta do conhecimento (*Eros*). Para Peirce o conhecimento avança não pela certeza, mas pela falibilidade, sendo necessária a dúvida como base para o pensar, ao que corrobora G. Bateson (BATESON, 1972) ao considerar que os sistemas que eliminam o erro eliminam a aprendizagem.

OBIA: Observatórios de IA como ágoras e centros de metarreflexão

Os Observatórios de IA – OBIA, AI Watch, OECD.AI, IRCAI, GPAI, OBVIA, e outros – poderiam ser retratados poeticamente como pausas no fluxo, espelhos autocríticos no espelho técnico, como uma nova Ágora onde a razão coletiva encontra um novo espaço, recuperando-se o espaço público reduzido e valores fundamentais do Estado Democrático de Direito ameaçados, tais como a transparência informacional, a confiança, a pluralidade e alteridade, contribuindo para a diversidade epistêmica e para o diálogo pluriversal.

O OBIA como pilar do PBIA – Plano Brasileiro de IA (PBIA/MCTI, 2021) ligado ao Eixo 5 (Apoio Regulatório-Governança), não teria um papel meramente passivo, podendo ser considerado como uma interface técnico-política do PBIA e exercendo um papel de justiça cognitiva ao valorizar as epistemologias Sul Global, ao apontar para os problemas e características socioculturais do país, e com isso contribui para a ampliação do papel do Brasil no cenário internacional. Ao monitorar os impactos econômicos-sociais-institucionais da IA por meio da produção de dados quantitativos e qualitativos de qualidade, com expertise, neutralidade, independência e rigor metodológico, promove transparência-ética-inclusão-inovação responsável. Ao promover a diversidade epistêmica, seguindo-se também a estrutura de *multistakeholder* fortalece o espaço público, ao reduzir desigualdades digitais e desinformação, bem como incrementa a transparência e a confiança. Ao se falar em diversidade e multiplicidade de pontos de vista, falamos de diversidade epistêmica que é fundamental para se alcançar a justiça epistêmica, e ao se observar uma chave interseccional entre as diversas justiças, colabora-se para a realização de todas estas: justiça de dados, algorítmica, epistêmica, ambiental e social (Linnet Taylor, Gargi Sharma,

Aaron Martin, Shazade Jameson), sendo um antídoto à assimetria de poder e informacional e à extração assimétrica do big data, ou nas palavras de Ulises Mejías e Nick Couldry contribui para questionar o colonialismo de dados e de carbono (COULDRY & MEJÍAS, 2019; PARSONS, 2023; CRAWFORD, 2021).

Ao se falar em especial quanto à justiça de dados e algorítmica (Linnet Taylor, Gargi Sharma, Aaron Martin, Shazade Jameson) relacionando-se à temáticas como da redistribuição de poder, reconhecimento das desigualdades estruturais e fortalecimento das vozes historicamente marginalizadas somos remetidos a alguns questionamentos, quanto ao modelo dominante profundamente assimétrico da extração de dados base para o big data, como bem aponta Crawford, o "progresso algorítmico" do Norte Global sustenta-se em exploração assimétrica, corporações e governos centralizam capacidades analíticas enquanto comunidades afetadas não participam dos benefícios. E daí restam as perguntas: Quem tem acesso aos dados? Quem os controla? Quem se beneficia de sua monetização? Trata-se de uma perspectiva que parte da premissa de que os sistemas algorítmicos e plataformas digitais são estruturas de poder e, como tais, devem ser analisadas sob as lentes da justiça distributiva, em uma chave interseccional. Haveria uma assimetria de poder, especialmente em contextos de baixa regulação como no Sul Global, onde populações inteiras se tornam fonte de extração de valor sem participar dos benefícios gerados.

Os Observatórios de IA como OBIA, IRCAI, OECD.AI, AI Watch, GPAI, OBVIA trazem o pluralismo institucional e buscam um equilíbrio entre *comprehensiveness-depth*, rigor-acessibilidade, epistemologias diversas, independência-relevância.

Cada vez é mais urgente a necessidade de transparência, dados robustos e metodologias rigorosas para se medir e observar os impactos sociais da IA, já que há uma opacidade dos sistemas (black box) e uma perda da confiança, substituída pelo controle (Byung-Chul Han). É o que aponta o Relatório do MIT "AI agents" (2025)

afirmando que a maioria das empresas publica documentação técnica, mas menos de 20% divulga suas políticas de segurança, e menos de 10% fazem avaliações externas – trazendo risco de gaming com o sistema. Corrobora tal perspectiva o artigo do AI Now Institute apontando para a precariedade pesquisa crítica, diante de pressões e influência corporativa ("Algorithmic Accountability: Moving Beyond Audits", https://ainowinstitute.org/publications/algorithmic-accountability), *in verbis*: "(...) essas propostas devem ser lidas no contexto de um ambiente cada vez mais precário para a pesquisa crítica sobre responsabilização tecnológica, no qual pressões econômicas deixam pesquisadores acadêmicos cada vez mais expostos à influência indevida de atores corporativos".

A neutralidade e independência da pesquisa são fundamentais a fim de evitar captura ideológica por trás de discursos aparentemente imparciais, como podemos observar a exemplo do Report da Microsoft "AI in Education" (2025) por trazer opacidade quanto a metodologia e dados empregados, e possível viés mercadológico (Azure, Copilot), enfatizando apenas a eficiência da tecnologia, em um possível viés seleção, não sendo certo se a simples automatização de atividades repetitivas iria liberar o professor para tarefas mais importantes e humanas, como mentoria, mais estudos, e se apenas com o simples uso de IA os alunos teriam todas as competências mencionadas alargadas, como pensamento crítico, criatividade, imaginação, soft skills, adaptabilidade.

O OBIA é um verdadeiro think tank *multistakeholder*, um hub conectando diversos atores, do Norte e Sul Globais, fortalecendo o Brasil internacionalmente, permitindo uma melhor comparação *cross-country* e diálogos inclusivos, contribuindo para a consecução de uma "IA para Bem de Todos", nos termos do PBIA, com foco no bem-estar, sustentabilidade, diversidade, ética, superação desafios sociais, além da concretização dos ODS.

Portanto, o OBIA (Observatório Brasileiro de Inteligência Artificial) é um pilar fundamental do PBIA instituído pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) em 2021. Segundo o PBIA, o OBIA tem a missão de monitorar, analisar e avaliar os impactos da IA na economia, na sociedade e nas instituições, promovendo transparência, ética, inclusão e inovação responsável. São objetivos principais do OBIA: mapear o ecossistema nacional de IA, identificando iniciativas, centros de pesquisa, startups e políticas públicas; acompanhar o uso ético da IA por órgãos públicos e privados; desenvolver indicadores e metodologias de avaliação de impactos sociais; fomentar práticas de governança e regulação baseadas em direitos humanos; articular-se com observatórios e organismos internacionais, especialmente no âmbito da OCDE, da UNESCO, do IRCAI e do GPAI. Pode-se afirmar que o OBIA é, portanto, a interface técnica e política do PBIA.

Seu papel é tanto epistêmico (gerar conhecimento público sobre IA) quanto institucional (fortalecer a capacidade estatal e social em termos de democratização da IA e de soberania informacional), cumprindo com uma função democrática fundamental já que por meio de suas iniciativas ajudaria no fortalecimento do espaço público informado, na deliberação pública e no debate democrático reduzindo desigualdades digitais e práticas de desinformação, e em última análise contribuindo para o incremento da confiança social na inovação tecnológica.

Por fim fala-se em uma função de legitimação regulatória por fornecer evidências baseadas em dados quantitativos e qualitativos robustos e metodologias rigorosas, além de pensamento científico, interdisciplinar e holístico, sendo um eixo chave de uma infraestrutura epistêmica para futuros democráticos, ou seja, parte-se do reconhecimento que propostas regulatórias e políticas públicas demandam *intelligence* contínua, monitoramento constante dos impactos sociais, em uma governança da inovação da era pós-digital baseada em evidências. Ao produzir evidências sobre

riscos e benefícios de IA, sobre *effectiveness* de intervenções políticas, e sobre comparações internacionais de abordagens regulatórias, fornece justificações técnicas para escolhas políticas substantivas. Essa função é verificável, por exemplo, de forma particular no AI Watch europeu, cuja produção de conhecimento articula-se diretamente com implementação do AI Act e monitoramento do Coordinated Plan on AI.

Destarte, os Observatórios fazem parte de uma infraestrutura crítica para futuros tecnológicos democráticos, como uma experimentação institucional crucial na construção de infraestruturas epistêmicas adequadas para governança de tecnologias transformadoras. Sua emergência responde a reconhecimento crescente de que regulação efetiva de IA requer não apenas normas substantivas e *enforcement mechanisms*, mas fundamentalmente capacidades robustas de *intelligence*: compreensão continuada de desenvolvimentos técnicos, monitoramento sistemático de impactos sociais, avaliação comparativa de abordagens políticas, e facilitação de aprendizado coletivo através de compartilhamento de conhecimento.

A Governança da Inovação na Era Pós-Digital traz a necessidade da governança baseada em evidências. Em um cenário de inovação disruptiva e acelerada, onde a assimetria informacional entre os desenvolvedores (*Big Tech*) e os reguladores pode comprometer a estabilidade socioeconômica e a justiça algorítmica, os Observatórios de Inteligência Artificial (OIs) emergem como instituições cruciais, fortalecendo o pluralismo saudável. Estes observatórios, concebidos em nível de excelência acadêmica funcionam como a infraestrutura informacional e epistêmica necessária para a formulação de políticas públicas robustas, para projetos de leis embasados em evidências, alinhados com os princípios de transparência, equidade e desenvolvimento sustentável.

Sua função, pois, seria central como um verdadeiro "Centro de Metarreflexão" sobre os impactos da IA, com rigor metodológico, multidisciplinaridade e independência. Os observatórios são,

portanto, infraestruturas cívicas da era digital, mediando os mundos da técnica, do direito, da ética e da sociedade.

Educação como Devir-Porvir: Salto Quântico no Imaginário

Há, pois, um destaque acerca do papel da educação relacionada à IA, e daí postulamos: além do letramento digital em direção ao quântico-imaginal, onde a educação e o conhecimento são os pontos centrais na Economia do Conhecimento (Mangabeira Unger), com base na imaginação e na criatividade.

Apesar dos diversos benefícios da IA na parte educacional, a exemplo da personalização do ensino, mais rápido *feedback* quanto às necessidades específicas dos alunos, caminhando em direção a um Sistema de Tutoria Afetiva (Affective Tutoring System – Hasan et al., 2020), mais cursos online abertos e em massa (MASSIVE OPEN ONLINE COURSES – MOOCS), com criação de conteúdo baseado no consumo do usuário, maior tempo disponível ao professor para se dedicar não a tarefas administrativas e repetitivas, mas há algumas questões que não estão sendo observadas de forma mais cuidadosa, senão vejamos.

Recente relatório do MIT, de junho de 2025, intitulado "Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task" representa uma contribuição seminal ao debate sobre a integração de Large Language Models (LLMs) em ambientes educacionais, ao fundamentar as implicações comportamentais em evidências neurofisiológicas de alta resolução. Traz a definição de "Dívida Cognitiva" conceito que transcende a noção de *offloading* cognitivo momentâneo (a descarga de esforço mental para uma ferramenta) e postula um custo de longo prazo. A dívida cognitiva sugere que a substituição repetida de processos cognitivos internos por sistemas externos, como LLMs, leva a uma atrofia ou deficiência na rede neural responsável pela integração

e raciocínio complexo. Os achados sugerem que o déficit cognitivo persiste mesmo após a remoção da ferramenta, confirmando o custo de longo prazo da dependência.

A análise pode ser um potente instrumento para se analisar de forma crítica o paradoxo da performance vs. aprendizado levantando a questão de que a métrica de sucesso em ambientes de aprendizado (*scores*) pode estar se dissociando da métrica de aprendizado (*engajamento neural* e *retenção de memória*). O LLM é um mecanismo de eficiência que permite a alta performance em um tempo limitado (20 minutos), mas ao custo do desenvolvimento de habilidades. O relatório do MIT menciona que a dívida cognitiva se manifestaria como uma redução na conectividade neural funcional, que persiste após a remoção da ferramenta e está correlacionada com uma perda de agência cognitiva e uma homogeneização do pensamento.

O desafio que o estudo impõe aos sistemas educacionais não é se o LLM deve ser usado, mas como. A ferramenta é excelente para performance em curto prazo, mas parece ser um obstáculo para o aprendizado profundo (aquisição de conhecimento e formação de esquemas mentais robustos). O futuro da pedagogia em um mundo com LLMs exigirá um foco explícito no design de tarefas que exijam o engajamento neural pleno e a síntese ativa, tornando o *offloading* cognitivo inviável, transformando a Dívida Cognitiva em um custo não compensatório.

Portanto, quando falamos no papel da educação, da construção do conhecimento científico não bastaria, ao que parece focarmos apenas em habilidades técnicas, ou seja, em letramento digital. Um ponto sempre de destaque na maioria dos relatórios sobre o impacto da IA na área do trabalho é em uma dupla perspectiva: precisamos de habilidades técnicas, mas também de pensamento crítico, imaginação, criatividade, adaptabilidade, soft skills, resolução de problemas, ou seja, habilidades que complementam e não que concorram com as máquinas, como podemos observar dos relatórios da Unesco, OCDE, entre outros.

Por meio de uma análise holística do processo de transformação digital e capacitações necessárias para a era da IA, verifica-se que não apenas habilidades técnicas são necessárias e urgentes, mas também o estímulo de criatividade, imaginação, re-sensibilização, e o enfretamento de problemas de base no setor educacional no país, por meio de propostas concretas, a exemplo da valorização do professor, do ensino, da filosofia, da ética, do pensamento crítico, da autonomia de pensar por si só e não depender do direcionamento de outrem, tal como era o mote original da época do iluminismo, *sapere aude* (KANT, 1985) e após foi desvirtuado na modernidade, com o distanciamento de si, das experiências vivenciadas, do sensível, coletivo, comunitário, com a separação crescente das disciplinas, do mundo objetivo e do mundo sensível. É o que apontam Luis A. Warat, Maffesoli, Castoriadis, Adorno e Horkheimer, Guattari, entre outros. Há uma crise das significações imaginárias sociais modernas, e toda a capacidade crítica, a possibilidade de autodeterminação, autonomia, emancipação restaram bloqueadas diante da razão instrumental e da reificação da ciência a partir do século XVIII, atrofiando-se nossa capacidade crítica e adestrando nossos corpos para serem passivos e adormecidos.

Talvez, então seja necessário darmos alguns passos atrás para depois avançarmos melhor e mais rapidamente na forma como se daria a necessária produção do pensar mais adequado à rapidez dos desenvolvimentos tecnológicos no sentido de um salto quântico no modelo de pensamento e educação para fazer frente a tais desafios, exigindo a construção de um outro imaginário social, recuperando-se tais aspectos da experiência humana que foram soterrados. Isto porque segundo Peirce a capacidade de gerar uma hipótese verdadeiramente nova para se explicar algo se daria por meio de um salto e não por processos de dedução e indução.

Daí se dizer que teríamos que sair do modelo de ensino passivo, da educação bancária (Paulo Freire) (FREIRE, 1970),

e no sentido de uma educação como empoderamento (Mangabeira Unger) (UNGER, 2019), de educação *hands on*, baseada em projetos, educação como experiência, *learning by doing* (John Dewey) (DEWEY, 1938), em um choque do futuro, com ênfase ainda na capacidade de aprender, desaprender e reaprender (*life-long learning* – Alvin Toffler) (TOFFLER, 1970).

Com isso teríamos a recuperação de dimensões da experiência humana cuja relevância pelo desencantamento do mundo apolíneo, foram subestimadas e soterradas. Isso importa na construção do novo, de novas teias de sentido e significado para a existência, para o homem, a reinvenção do mundo e do homem, por meio da recuperação do sensível, do mágico, do imprevisível, fissuras no muro do instituído, do real. Segundo Guattari estas fissuras de dariam pelas revoluções moleculares, a partir do ser, da subjetividade, produzindo-se novas subjetividades. Deve-se reativar os territórios do desejo por meio da criação de novas significações imaginárias sociais, abrindo-se a novas possibilidades e potencialidades, com foco na sensibilidade, na relação com o outro, criatividade, e desejo, por meio de uma cartografia sentimental e corporal (Guattari, 2005, 1981), por meio da liberação prévia da energia do desejo e da imaginação. Isso seria possível a partir de um novo paradigma estético (Caosmose – Guattari), quando se passaria da concepção racional, cientificista e apolínea para a estética, dionisíaca e surrealista/carnavalizada. Recupera-se o que a ciência moderna eliminou, a intuição, o senso comum, a sensibilidade, o mítico, onírico, intuitivo, lúdico, a ingenuidade radical, a improvisação, o ilógico, o absurdo, o acaso, o erotismo do conhecimento (CANTARINI, 2017). A reconexão com a vida, com seus mistérios, com o corpo, quando seria possível o reencantamento do mundo. Maffesoli em "Elogio da razão sensível" fala da razão erótica, de um pensamento erótico, um saber dionisíaco, relacionado à sensibilidade e aos afetos, e Warat propõe a erotização do conhecimento e da vida (WARAT, 2004) por meio de uma epistemologia carnavalizada e da complexidade,

colocando corpo em movimento, em um abandonar-se diante do lúdico, quando teríamos o reencantamento do mundo a partir da liberação prévia da energia do desejo e da imaginação.

É o que destaca o relatório "Imagination Unleashed: Democratising the Knowledge Economy", coautorado por Roberto Mangabeira Unger em colaboração com a Nesta (fundação de inovação sediada no Reino Unido) e retomando ideias centrais das obras *The Knowledge Economy* (UNGER, 2019) e *The Self Awakened* (UNGER, 2007) apostando no experimentalismo pragmático com a ênfase em ecossistemas de inovação, *testbeds* e impacto social. Critica-se o confinamento dos métodos de produção avançada, propondo reformas estruturais ao longo das instituições econômicas, educacionais e sociais, e vislumbrando um futuro em que a imaginação humana impulsiona o progresso coletivo. A análise se ancora em evidências empíricas de dados da OCDE, estudos de caso (por exemplo, a economia circular da Finlândia, agendas de pesquisa holandesas) e paralelos históricos (por exemplo, respostas às revoluções industriais). As implicações se estendem à educação (reorientação para o aprendizado ao longo da vida, experimental), à inovação no pensamento (estímulo ao pragmatismo radical e à experimentação institucional), à democratização econômica (ampliação do acesso a capital e conhecimento) e à transformação social (superação da desigualdade e do desencanto). Aponta ainda que do ponto de vista espacial, a inovação se concentra em "metrópoles em ebulição" como o Vale do Silício ou Shenzhen, deixando regiões periféricas "presas". Do ponto de vista social, isso fomenta um divisor entre os "rápidos" (trabalhadores do conhecimento) e os "isolados". O destaque principal foca no papel da imaginação: humanos se destacam em tarefas imaginativas (antecipação, visão), enquanto máquinas lidam com a repetição. A economia do conhecimento materializa "conjecturas e experimentos", alinhando o trabalho à criatividade humana. Quanto à implicações para a inovação no pensamento destaca-se o estímulo a "insurreições cognitivas", por meio das quais indivíduos reimaginam instituições.

Segundo tais premissas a educação precisa fomentar imaginação e confiança. O elemento central da transformação da educação, da formação e da proteção social está na premissa de se observar a educação como chave para a inclusão. Aposta-se na migração da educação padronizada para um aprendizado ao longo da vida, experimental, que cultive imaginação e adaptabilidade, quando a educação deve preparar para um mundo em que o trabalho do conhecimento é central, fomentando capacidades de cooperação e inovação.

O advento das inteligências generativas, baseadas em arquiteturas de grandes modelos de linguagem, marca um ponto de inflexão civilizatório. O pensamento, antes movido pelo tempo da dúvida e do erro, passa a ser mediado por respostas instantâneas. Surge, como propomos o que se denomina de *Cognição Erótica Algorítmica (CEA)*, uma mutação do desejo epistêmico: o prazer da descoberta cede espaço à gratificação imediata. O saber deixa de ser caminho de incerteza e torna-se consumo de certezas probabilísticas. Essa transição altera não apenas a forma do conhecimento, mas a própria energia que o sustenta – o *eros* do pensamento. A dúvida, força vital da investigação e da criação de sentido, é substituída por uma confiança estatística, e a imaginação abdutiva, descrita por Charles Sanders Peirce como a centelha do insight, cede à automatização do raciocínio.

O conceito de Cognição Erótica Algorítmica (CEA) que desenvolvemos parte da premissa de que todo ato de conhecer é também ato de desejo – movimento de tensão entre falta e forma, incerteza e sentido. A IA generativa altera essa estrutura erótica ao *preencher o intervalo* onde o desejo habita, oferecendo respostas antes que o sujeito elabore plenamente a pergunta. Surge, assim, mutação epistemológica: o prazer de saber desloca-se da descoberta (*eros* do processo) para a resposta (dopamina do resultado).

Esta mutação não é meramente psicológica, mas semiótica. Peirce distingue *semiose genuína* – onde cada interpretante

gera novo signo, ad infinitum, em processo criativo aberto – de *semiose degenerada*, que termina sem produzir insight. A IA opera em terceiridade degenerada: produz signos que *simulam* significado sem *interpretação* genuína. Como demonstra Santaella (2001), a experiência humana de conhecer é triádica (signo-objeto-interpretante em relação mediada), enquanto a IA funciona em relações diádicas (*input-output*, estímulo-resposta).

A abdução peirceana é central aqui. Não se trata de "inferência para a melhor explicação" (*sensu* Lipton), mas de *salto criativo* que não segue regras dedutivas ou indutivas. Peirce afirma: "abdução é o único tipo de argumento que introduz ideias novas" (CP 5.171). Esta capacidade depende de *instinto racional* enraizado na continuidade evolutiva entre mente e natureza—o que Ivo Ibri (IBRI, 1992) denomina *participação na Mente Universal* (sinequismo peirceano). A IA estatística não pode realizar abdução genuína: LLMs interpolam padrões em dados de treino, mas não geram hipóteses que transcendam seu *corpus*. Esta distinção é epistemologicamente crucial para compreender a dívida cognitiva.

Em Peirce, o processo da abdução genuína – esse salto criativo que permite formular hipóteses novas – é a expressão do impulso erótico do pensamento, movido pela tensão entre ignorância e descoberta. Gregory Bateson (BATESON, 1972), ao elaborar a *ecologia da mente*, mostra que o conhecimento emerge de relações de diferença que fazem diferença: o pensamento é um sistema vivo, uma rede de interações entre o biológico, o simbólico e o técnico. António Damásio, por sua vez, revela em *O Erro de Descartes* (DAMÁSIO, 1994) que emoção e razão não se opõem, mas constituem um *continuum* cognitivo: a consciência nasce do corpo sentiente, e a razão é modulada pela emoção. A IA, ao interpor uma camada algorítmica entre estímulo e resposta, tende a romper essa integração corpo-mente, deslocando o *locus* da experiência para fora do sujeito, instaurando o que se denomina como "dívida epistêmica": a perda gradual da autonomia cognitiva e da fruição estética do saber.

Nessa nova condição, o aprendizado humano é transformado em um processo de *offloading cognitivo*: a externalização de funções mentais para sistemas técnicos. O recente relatório do MIT (2025), *Your Brain on ChatGPT*, demonstra neurofisiologicamente o custo dessa delegação: a repetição de interações com modelos generativos reduz a conectividade neural associada ao pensamento abstrato e à metacognição. O que antes era esforço intelectual converte-se em passividade assistida. Essa "dívida cognitiva" é a contrapartida invisível da eficiência. O sujeito ganha tempo, mas perde profundidade; ganha resposta, mas abdica da dúvida. Em termos semióticos, a dívida cognitiva representa interrupção da cadeia de interpretantes. O signo gerado pela IA não é "meu" signo – não emerge de minha atividade interpretativa corporificada – mas é fornecido externamente. Isso atrofia a capacidade de gerar *interpretantes dinâmicos* (Peirce, CP 5.476-493) – signos que transformam hábitos e crenças, essenciais para aprendizado genuíno. Como Bateson (1972) demonstra, *deutero-aprendizagem* (aprender a aprender) é alterada por tecnologias que automatizam descoberta, resultando em perda de "flexibilidade epistêmica".

A Cognição Erótica Algorítmica propõe uma epistemologia do desejo frente à automação do pensamento. O *eros* do conhecimento é a força que mantém vivo o espaço da dúvida e do *disparate* – conceito que Simondon e Deleuze identificam como o motor da individuação: a tensão entre ordens heterogêneas de realidade que produz o novo. A IA, ao homogenizar padrões de linguagem e raciocínio, tende a suprimir o disparate, eliminando a heterogeneidade que torna o pensamento fértil.

Reintroduzir a pluralidade técnica significa reabrir o espaço da imaginação, reconhecer que há múltiplos modos de integrar tecnologia e vida. A IA, quando vista sob essa ótica, deixa de ser universal e torna-se situada: uma prática cultural de conhecimento.

Essa concepção converge com a CEA ao propor que o humano recupere a fricção do pensamento – o intervalo erótico entre a pergunta e a resposta — como ato de resistência à homogeneização algorítmica. Nesse contexto, a IA educacional se apenas limitada ao letramento digital corre o risco de transformar o aprendizado em simulação: o aluno aprende a performar o conhecimento sem vivê-lo. Contra essa tendência, a filosofia de Peirce e Bateson oferece uma alternativa radical: a aprendizagem como jogo de signos, como processo vivo de diferenciação e descoberta.

A IA, se projetada em complementaridade, e não em substituição, ela pode expandir o campo da consciência, tornando-se um mediador ecológico entre humano e ambiente. Essa leitura ecológica do pensamento conecta-se à semiótica filosófica de Ivo Ibri, para quem o cosmos é uma arquitetura de signos em processo contínuo de atualização. A IA, enquanto nova camada semiótica, modifica as relações entre signo, objeto e interpretante, alterando a pragmática do sentido. A abdução, motor da descoberta, depende do desequilíbrio entre o conhecido e o desconhecido; a automação tende a reduzir esse intervalo. Por isso, a defesa da autonomia epistêmica é, antes de tudo, uma defesa do tempo da dúvida, da experiência e da imaginação.

O desafio, então, não é *se* usar IA, mas *como* desenhar ecologias pedagógicas que resistam à dívida cognitiva. Isto pode envolver "motores de fricção" que deliberadamente introduzem atrasos, ambiguidades e questionamento socrático; "espelhos epistémicos" que visualizam em tempo real o grau de delegação cognitiva; ou "laboratórios de prompt quântico" que geram múltiplas respostas divergentes, forçando síntese ativa em vez de aceitação passiva. O objetivo é preservar o que Peirce chamou de *abdução genuína* – a capacidade de gerar hipóteses genuinamente novas, o salto criativo que não pode ser reduzido a indução ou dedução.

A proposta educacional deve também reativar territórios do desejo (Guattari, 1992): recuperar o sensível, mítico, onírico,

lúdico – dimensões soterradas pelo "desencantamento do mundo apolíneo". Warat propõe *erotização do conhecimento* através de epistemologia carnavalizada e da complexidade, reconectando pensamento com corpo, afeto e surpresa. Maffesoli (*Elogio da Razão Sensível*) fala de *razão erótica* – saber dionisíaco relacionado à sensibilidade. Este é o espaço que a IA não pode colonizar: o espaço da possibilidade ainda-não-calculada, do *disparate* simondoniano – a tensão pré-individual entre ordens heterogêneas de realidade que impulsiona individuação genuína.

Diante do avanço na produção de Papers, mas não e papers de ruptura (Nature, e Revista USP) talvez seja necessária uma *virada poética* – uma mudança cultural, uma reorientação ontológica, o cultivo do *ainda-não-pensável*. O *eros* do pensamento é o que nos torna humanos, e é ele que a CEA busca reintroduzir – não como romantização da irracionalidade, mas como reintegração do sensível no ato de conhecer.

Em termos metodológicos, a CEA propõe que os sistemas de IA sejam desenhados para preservar a fricção cognitiva – um design da dúvida. Interfaces que introduzam atraso, reflexão e escolha podem reeducar o olhar e o gesto cognitivo. Trata-se de substituir o paradigma da eficiência pelo paradigma da consciência. A técnica deixa de ser instrumento de aceleração e passa a ser mediadora do pensar. Essa é a pedagogia do disparate: ensinar a habitar o intervalo entre o saber e o não saber. A crise contemporânea da atenção e da imaginação é, portanto, também uma crise da temporalidade. A IA, se bem compreendida, em um sentido de co-construção poderia ser reformatada para ajudar a criar espaços de lentidão, de escuta e de elaboração.

A Cognição Erótica Algorítmica é um convite a recuperar a dimensão erótica, dionisíaca do conhecimento: o espanto diante do real, a alegria da descoberta, a humildade do não saber. A tarefa dos Observatórios, das universidades e dos pensadores é garantir que essa comunidade permaneça viva, plural e aberta

– uma comunidade erótica do conhecimento, onde o desejo de compreender continue sendo o motor da história e onde a IA é reconstruída e repensada como um espaço de coevolução, e não de submissão e substituição.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, Daron; JOHNSON, Simon. *Power and Progress: Our Thousand-Year Struggle Over Technology and Prosperity*. New York: PublicAffairs, 2023.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Torino: Einaudi, 1996.

AI NOW INSTITUTE. *Algorithmic Accountability: Moving Beyond Audits*. New York: AI Now Institute, 2024. Disponível em: https://ainowinstitute.org/publications/algorithmic-accountability

ALMEIDA, Virgílio; GASSER, Urs. *A Layered Model for AI Governance*. IEEE Internet Computing, v. 21, n. 6, p. 58–66, 2017.

ALMEIDA, Virgílio; MENDONÇA, Ricardo; FIGUEIRAS, Fernando. *Governança Algorítmica e Poder Institucional*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. (Original: *The Human Condition*, 1958).

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1991.

BALAGUER CALLEJÓN, Francisco. *La Constitución del Algoritmo*. Zaragoza: Fundación Manuel Giménez Abad, 2023.

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1986.

BYUNG-CHUL HAN. *Sociedade da Transparência.* Petrópolis: Vozes, 2015.

BYUNG-CHUL HAN. *Sociedade do Cansaço.* Petrópolis: Vozes, 2015.

CANTARINI, Paola. *Filosofia da Inteligência Artificial com Base nos Valores Construcionistas do "Homo Poieticus"*. Lumen Juris Direito. 2023.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COULDRY, Nick; MEJÍAS, Ulises A. *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRAWFORD, Kate. *Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence.* New Haven: Yale University Press, 2021.

DAMÁSIO, António. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Différence et Répétition.* Paris: PUF, 1968.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.* Tradução: Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1996. (Original: *Mille Plateaux*, Paris: Éditions de Minuit, 1980).

DERRIDA, Jacques. *A Universidade sem Condição: O Porvir da Profissão.* São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Foi e Fé: As Duas Fontes da "Religião" nos Limites da Simples Razão.* Tradução: Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. (Original: *Foi et Savoir*, 1996).

DEWEY, John. *Experience and Education.* New York: Collier Books, 1938.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico.* São Paulo: Martins Fontes, 1895.

ESPOSITO, Roberto. *Immunitas: Proteção e Negação da Vida.* Rio de Janeiro: Edições 70, 2010.

FLORIDI, Luciano. *The Ethics of Artificial Intelligence.* Oxford: Oxford University Press, 2020.

FLORIDI, Luciano. *The Logic of Information: A Theory of Philosophy as Conceptual Design*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Original: *L'Herméneutique du Sujet*, Paris: Gallimard, 1982).

FOUCAULT, Michel. *O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Original: *Le Courage de la Vérité*, Paris: Seuil/Gallimard, 1984)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *Revoluções Moleculares: Pulsões Políticas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.(Original: Müdigkeitsgesellschaft, Berlin: Matthes & Seitz, 2010).

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017. (Original: Transparenzgesellschaft, Berlin: Matthes & Seitz, 2012).

HASAN, Mahmudul A. M. et al. *A Survey on Affective Tutoring Systems*. IEEE Access, v. 8, p. 187785–187807, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: Ensaios e Conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001. (Original: "Die Frage nach der Technik", em Vorträge und Aufsätze, Pfullingen: Neske, 1954)

HUI, Yuk. *Art and Cosmotechnics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.

HUI, Yuk. *Technodiversity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: A Arquitetura Metafísica de Charles Peirce*. São Paulo: Loyola, 1992.

KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?* Tradução: Raimundo Vier. In: *Textos Seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIPTON, Peter. *Inference to the Best Explanation*. 2. ed. London: Routledge, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017. (Original: *Das Kapital*, 1867).

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. (Original: *Essai sur le Don*, 1925).

MICROSOFT. *AI in Education Report*. Redmond: Microsoft Research, 2025.

MIT MEDIA LAB. *Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, jun. 2025.

MIT. *AI Agents: Capabilities, Risks, and Governance*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2025.

MOROZOV, Evgeny. *To Save Everything, Click Here: The Folly of Technological Solutionism*. New York: PublicAffairs, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. Leipzig: Naumann, 1889.

PARSONS, Laurie. *Carbon Colonialism: How Rich Countries Export Climate Breakdown*. London: Manchester University Press, 2023.

PBIA. *Plano Brasileiro de Inteligência Artificial*. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), 2021.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*. Cambridge: Harvard University Press, 1931–1958.

PNUD. *A Matter of Choice: Human Development Report 2025*. New York: United Nations, 2025.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. *Gouvernementalité algorithmique et perspectives d'émancipation: le disparate comme condition d'individuation par la relation?* Réseaux, n. 177, p. 163-196, 2013. Paris: La Découverte. DOI: 10.3917/res.177.0163

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*: Sonora, Visual, Verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SERRES, Michel. *O Terceiro Instruído.* Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. (Original: *Le Tiers-Instruit*, Paris: François Bourin, 1991).

SIMONDON, Gilbert. *Du Mode d'Existence des Objets Techniques.* Paris: Aubier, 1958.

STIEGLER, Bernard. *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus*. Stanford: Stanford University Press, 1998. (Original: *La Technique et le Temps 1: La Faute d'Épiméthée,* Paris: Galilée, 1994)

TAYLOR, Linnet; SHARMA, Gargi; MARTIN, Aaron; JAMESON, Shazade. *Data Justice and Power.* London: Sage, 2020.

TOFFLER, Alvin. *Future Shock*. New York: Random House, 1970.

UNESCO. *AI and Education: Guidance for Policy Makers.* Paris: UNESCO, 2024.

UNGER, Roberto Mangabeira. *The Self Awakened: Pragmatism Unbound.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

UNGER, Roberto Mangabeira. *The Knowledge Economy.* London: Verso, 2019.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Imagination Unleashed: Democratising the Knowledge Economy* (com Isaac Stanley, Madeleine Gabriel e Geoff Mulgan). London: Nesta, 2019.

VIRILIO, Paul. S*peed and Politics: An Essay on Dromology*. New York: Semiotext(e), 1986. (Original: *Vitesse et Politique*, Paris: Galilée, 1977; nova edição traduzida por Mark Polizzotti, Semiotext(e), 2006).

WARAT, Luis Alberto. *Manifesto do Surrealismo Jurídico.* Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva.* Brasília: Editora UnB, 1999. (Original: *Wirtschaft und Gesellschaft*, 1922).

Paola Cantarini Guerra é doutora em direito (PUCSP), doutora em filosofia (PUCSP) e doutora em filosofia do direito (Univ. Salento/Unisalento-It.), voltado para pensamento crítico, análise interdisciplinar e holística, fundamentos da democracia, direitos humanos e fundamentais, impactos da tecnologia; possui 10 pós-doutorados em Direito, em Filosofia, Sociologia e em Inteligência Artificial em diversas instituições nacionais e internacionais de renome, com supervisores tais como Boaventura de Souza Santos, Oswaldo Giacoia e Slavoj Zizek, (EGS/Suíça, Univ. Coimbra, PUC SP – TIDD, USP /IEA – Cátedra Oscar Sala); coordenadora acadêmica do CEADIN/USP/RP. Membro da Rede constitucionalismo latino-americano; membro da Society For Philosophy and Technology.



Poesia

QUATRO SONETOS

Florisvaldo Mattos

QUANDO A HORA É DA RAZÃO

Sofrer também é merecimento
Cada um tem seu momento
Quando a hora é da razão.
Alguém vai sambar comigo
E o nome eu não digo
Guardo tudo no coração.

(Hora da Razão, canção de Batatinha
(Oscar da Penha, 1924-1997)

I

Aguardo-me perdido de mim mesmo,
Como sombra de um tempo sem memórias.
Sou o que pousou a magra mão a esmo,
Num teclado, a correr, contando histórias.

Sem lobos a me perseguir, na mata
De signos e sonhos, em tudo ardentes,
Caminhei, maturei e sempre à cata
Do que me enfeitiçava um mar de gentes.

Eram dias de sol, de sons nervosos,
Um rio de palavras, cujas águas
Tingem os que se vêem maravilhosos.

Escrever é uma estrada para poucos,
Os que, na vida, não escondem mágoas,
Remando por um pantanal de loucos.

II

A tarde, quando desce na avenida,
Deixa a gente sorrindo a noite inteira.
Como se o mar levasse-a da ribeira,
Diz-se até que a tristeza foi banida.

Com o melhor gesto e da melhor maneira,
Com que, de manhã, parto para a lida,
Percebo que (o melhor de toda a vida),
Mais me conforta um peso na algibeira.

Saio e vou à pastagem mirar a ema,
Aproveitando o que me induz o céu,
E perguntar-lhe se é hora de fanfarras.

Subo a ladeira e vou para o cinema;
Ao clube, não. Como posso ir às farras,
Com os cinco mil réis que meu pai me deu?

(Salvador-BA, 03 e 06/08/2025)

SONETO QUASE PARÁFRASE DE CAMÕES

Para Vera Pessoa

Alma minha gentil que me chegaste,
Tão cedo nesta vida descontente,
Brilharás junto a mim, eternamente,
Enquanto o amor nos seja sólida haste.

A vida é quase sempre um poço fundo,
Onde nós mergulhamos doidamente,
Mas abriste ao meu coração e mente
Um céu de esperanças maior que o mundo.

De Borges, só me fiquem bons conselhos,
Sem cá da vista os duros aparelhos,
Que ao mar lançam as nossas ilusões.

Que haja um deus a nos dar tantos ardores,
Como os que havia na Ilha dos Amores,
Pra onde um dia nos levará Camões!

(Savador-BA, Jardim Armação, 16.03.2025)

SONETO NOVO EM RITMO DE FOLIA

Para Carol Neta, João Paulo Cruz e Carol Filha

Sob nuvens de frescor à beira-mar,
Fixo os olhos num quadro de Pancetti,
Eu e Momo sambamos devagar,
Com o sol, perto de nós, pintando o sete.

Que mais posso fazer, se é Carnaval,
Se tudo é sonho e, ali, na geladeira,
Há uma Ninfa, bem mais do que especial,
Que vai me acompanhar a noite inteira?

"Haja amor!" (Obrigado, Luiz Caldas,
Por este som que encanta e invade o mundo,
Mesmo que eu venha adormecer de fraldas).

Se um dia eu viesse para cá de jipe,
Buscando um canto de prazer profundo,
Nada melhor que Barra do Jacuípe!

(Salvador-BA, Camaçari, Barra do Jacuípe, 04/03/2025, Carnaval).

Florisvaldo Mattos, natural de Uruçuca, é poeta, jornalista e ensaísta; professor aposentado da UFBA; ocupou cargos em vários jornais; tem vários livros publicados de poesia e ensaios, sendo os dois últimos *Academia dos Rebeldes e outros exercícios redacionais (2022)* e (1953-2023). Desde 1995, ocupa a Cadeira nº 31, da Academia de Letras da Bahia.

QUATRO POEMAS

Fernando da Rocha Peres

JORGE MÁRIO BERGOGLIO

Vou tentar
escrever
um poema
para este
homem
representativo
que é
tão grande
O FRANCISCUS
Papa
missionário
humanista
jesuíta,
mediador
da paz
neste
mundo,
que está
dormitando

com *Bernini*,
na *Basílica*
de Santa
Maria Maggiore
na cidade
Vaticana
em *Roma*.

MUJICA

José
evolou
homem guerrilheiro
tupamaro
torturado
e depois
angélico,
ex-florista
na sua
fazendinha.
Político
que iluminou
humanismo
exemplar
e sério
no agir
com a coisa
pública

o *Pepe*
que nasceu
neste mundo
latino
e vizinho
de fronteira
no país *Uruguai*
que governou
com respeito
e deu lições,
de humanidade
civilidade
socialismo.

ENCONTRO

Tinhas
um nome
que não sabia
quando te vi.
Daí foi
foi um passo
para sabê-la
Urania,
e para
enamorar-me.
Deu-se
o encanto
o dar de mãos,
e aqui
estamos
envelhecidos
e juntos
em maio
de 25
desde 1964.

NOTURNO

E o amor
quando
envelhecemos
é tão necessário
como um copo
de água
fresca
se há calor.
E o amor
é carinho
maior
do aqui
e agora,
de mãos
dadas
e tateantes,
aos corpos
deitados
e rostos
virados

um ao
outro,
olhares
abertos
até
a chegada
do prazer
e sono.

Fernando da Rocha Peres é poeta e historiador, foi Diretor da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Pro-reitor de Extensão da UFBA e Diretor do Segundo Distrito do IPHAN (Bahia-Sergipe). Tem vários livros publicados, entre os quais: *Poemas bissextos*, *Horta de Poesia* (Poemas Portugueses), *Gregório de Mattos: O Poeta Devorador, Memória da Sé, Salvadolores e Cantorio & Antigos poemas*. É professor emérito da Universidade Federal da Bahia. Desde 1998 ocupa a Cadeira nº 25 da Academia de Letras da Bahia.

TRÊS POEMAS

Ruy Espinheira Filho

DE UM LONGO ADEUS

Para
Paulo Ormindo de Azevedo,
defensor e amante maior
da Bahia.

Neste instante, sem lei, nem rei, nem Deus
me despeço de velhos sonhos meus.

Não de você, leitor: é despedida
de quando foi contente a minha vida

numa Bahia bela, azul, cheirosa,
e em todas as suas almas amorosa,

que era de muitas almas embaladas
em ritmos de canções apaixonadas.

Bahia antiga que não mais existe
e que por isso me tornei tão triste.

Foram prefeitos, administradores
em sua estupidez, fazendo horrores

de uma Bahia que era fabulosa,
iluminada e cariciosa,

da minha juventude de alegria
com virtudes que tanto conhecia.

E quando desta história vejo o fim
choro aqui grandes lágrimas de mim

pela cidade que partiu assim
e não mais tornará a nós, enfim.

Dói-me a memória, já velha canção,
adeus ao que era música e paixão.

É despedida de alma enlutada
sobre a bela cidade assassinada.

Adeus à vida que me comovia,
adeus aos sonhos feitos de harmonia!

Que também parto eu no que havia,
em ti, fábula amada, onde eu vivia

amplamente feliz, na poesia
do generoso coração que ardia

na antiga Cidade da Bahia.

DO AMOR ETERNO

(A partir de uma leitura de *Da morte e do amante,* de Sextus Propertius).

Não há amor eterno, é o que eu ouço dizer.
Mas eu não digo nada. Como posso crer

que todas as histórias são a mesma história
de só vulgaridade extrema, sempre inglória?

Difícil, sim, saber aquilo do mistério
que talvez nos aguarde além do cemitério.

Mas Propertius viu claro, em clima bem distante,
do que seria capaz um jovem morto amante,

no Estige ainda, porém de alma consolada,
pois haveria retorno ao som da voz da amada

a chamá-lo na brisa. E então, sim, irá voltar,
para com seu amor ainda mais amar.

Intimorato e belo se levanta e vem,
pela senda proibida das sombras do além.

E eu aqui, hoje, tantos séculos depois,
recordo a lua brilhando sobre nós dois

e prometo que quando chegar ao outro lado
irei buscar na brisa o teu doce chamado.

SONETO NOTURNO

Penso na noite como um rio profundo
e lembro coisas deste e de outro mundo.
Outros mundos, aliás, que a vida é vasta
como diversa. E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas
nas nuvens da alma, e que nos são vividas
com tanta força quanto as outras mais,
em seus sonhos de agora e de jamais

(ou melhor: com mais força, pois que estamos
ainda mais vivos no que nos sonhamos).
Penso na noite como um mar sem fim

quebrando sombras sobre o cais de mim.
E, enfim, sem esperanças e sem prece,
pressinto a noite que não amanhece.

Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor da Universidade Federal da Bahia, graduado em jornalismo, mestre em Ciências Sociais e doutor em Letras pela UFBA, autor de dezenas de livros de poesia, ficção e ensaios, com diversos prêmios nacionais. A sua poesia reunida encontra-se no volume *Estação infinita e outras estações* (2012). Desde 2000 ocupa a Cadeira nº 17 da Academia de Letras da Bahia.

POESIA DE BOLSO

Cyro de Mattos

Salinas

No sempre
do vento,
no agora
do silêncio,
iluminado
em solidão.

Ó Lua

Desde que te vi
houve beijos,
cantigas loucas.
Olhos translúcidos
sob luz tão pura
onde me perdi.

Escritor

O sapo pula,
o pássaro voa,
o sol brilha.
Eu escrevo
para iluminar a parte
escura do que sou.

Ventilador Mínimo

Repare
o beija-flor,
de Deus
aviãozinho,
frescurinha
de ventilador.
No corrupio,
no frufru,
alegrinho
quando vê
a suave flor,
como a dizer
para mim e você,
amar e beijar
essa a vida do ar.

O Pato

Na lagoa sereno,
de um lado a outro
sabe a pescaria.
A natureza permite
que engula o peixe
e a vida pescada
conte mais uma
de suas histórias.

Invenção do Mar

Ouvido na concha
fingindo ser mar
enquanto lá fora
alagado de azul
fazendo chuáááá.
Incrível bailarino
não para de rolar.

Cantiga de Rosa

Suspiros, fragrâncias,
no encanto traduz a cena
quanto mais olhamos.
O mundo feio seria,
se não fosse a rosa.
Sem acenar na aurora,
sem manhãs com ternura,
o sonho não sobreviveria.

Margarida

Ave, sol.
Radiante
transluz
abelhas
de ouro.
Da aurora
ao arrebol
iluminuras.
Dentro da mão
quanta solidão!

Passarinhos

Pepitas na penca dos galhos,
passarinhos como meninos,
impacientes na gritaria,
bicando setembro maduro.
Cada minuto termina afoito,
cada disputa onde termina
a animação de cada bicada
antes que acabe o dia.

Cantoria

A florzinha da caatinga
gosta bastante da menina,
toda vez que diz a ela,
estou pronta, vou embora,
ela fica triste e chora.
A mãe se decidiu
pra menina ir pra escola
pra aprender a ler,
ela fugiu, saiu pelo mundo,
aprendeu outro abecê,
sua mãe agora chora,
a florzinha também ora,
pede a Deus que consinta
que ela encontre a menina.[1]

Cyro de Mattos é autor de 72 livros pessoais, de diversos gêneros. Editado também em Portugal, Itália, França, Espanha, Alemanha e Cuba. Premiado no Brasil e exterior. Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz. Conquistou o Prêmio Literário Casa das Américas 2023 com o livro Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias. Desde 2016 cupa a Cadeira nº 22 da Academia de Letras da Bahia.

QUATRO POEMAS

VERA DUARTE

A FLOTILHA DA *LIBERTAD*

Na faixa de Gaza habita um povo
Que ano após ano
Minuto após minuto
Vive a sangrar
Resistindo à atroz agressão
Infligida por espúrio colonialismo

Na faixa de Gaza habita um povo
Que sangra dia e noite
Vive entre escombros e silêncios
No bolso a pedra lisa de um menino
Guardada como amuleto contra o medo

Enfrentando as mais desumanas violências
Físicas psicológicas morais
O povo palestino afirma com denodo
Seu direito histórico a existir
E resistir face ao inclemente invasor

Só se sente
Só se ouve
Só se vê
O pó no pão o eco em cada prato
E nomes interrompidos à porta
Trevas sem claridade
Muros que se fecham sobre a esperança

Um monstruoso sionismo
E seus acólitos
Cavam um abismo insuportável
De dor e sofrimento para todos
Cada dia mais profundo
Enquanto pesadelos denunciadores
Canibalizam nossos sonhos

De cada casa destruída ecoa um grito
As crianças perguntam sem resposta
As mães rezam sobre sombras partidas
E no ar paira o peso das barbáries antigas
Feridas que trazem memórias de outrora

Só se ouve o choro da terra
Só se sente o peso da noite
Só se vê o medo que se instala
Mas no peito resiste a lembrança
Que o mar também traz promessas

E *hélass*
Um clarão rasgou a densa escuridão
Que teimosamente cobre os céus de Gaza
E acendeu um raio de esperança
No coração da humanidade

Eis que surge ao longe uma flotilha
Barcos pequenos luzes como clarões
A rasgar a noite do Mediterrâneo
Susan, Sofia, Duarte, Mariana, Greta
Nomes costurados nas velas
Mulheres que trazem pão água e canto

Sim a flotilha da *libertad*
Já sulca os mares do mediterrâneo
E navega com destemor
Em direção à terra prometida
E seu povo sob ocupação

Os olhos do mundo acompanham
Os destemidos tripulantes humanitários
Para pôr fim à horrorosa mortandade
Da guerra injusta e criminosa
Que acontece a céu aberto
Na martirizada faixa de Gaza

Em genocídio anunciado
Famílias são destroçadas
Na busca de alimentos
Milhares de crianças mortas
Como se fossem coisa nenhuma
E mulheres exauridas
Sucumbem com seus filhos nos braços

Os homens são abatidos
Sem dó nem compaixão
E só se ouve
    Só se sente
        Só se vê
O horror das ações demoníacas
Dos invasores ignóbeis predadores

Dos escombros erguer-se-á o lume das casas
E Gaza então renascerá
A bandeira costurada em mãos de sal
Tremulará sobre a terra fértil
O mar testemunha e abrigo
Devolverá às margens o direito de existir

Pois *hélass* um clamor
Cortou a densa escuridão
Que por tempos insuportáveis
Vem pairando sobre Gaza
Destroçando a humanidade
Com amargor
    Revolta
        Vergonha
            Dilaceramento

É a flotilha da *libertad*
Carregada de esperança
Que navega em direção a Rafah
Afrontando sem vacilar
Os que vivem da mortandade

Gaza então renascerá dos escombros
E a bandeira da Palestina
Tremulará com esplendor
Sobre a martirizada terra prometida

(1 Setembro 2025)

O BOM GIGANTE
(mulher bomba)

Basta, basta, basta
Quero ser uma mulher bomba
Para estilhaçar em mil pedaços
Os algozes de serviço
E sequer um átomo reste
Da sua miserável existência

Que seja este o estertor final
Do racismo abominável
Do terror vagabundo
Dos ódios e das ku klux klans

Basta, basta, basta
Quero um levante mundial
Que dê o golpe mortal
De negros linchados
Em árvores dependurados

E o ciclo infernal do ódio e da infâmia
Se extinga para sempre…

EU AFRICANA ME CONFESSO

Eu africana me confesso
Ave de raízes enterradas no vento
Tronco de barbatanas em pétalas
Flor rubra nascida no charco
Gritando em pleno deserto
A canção do mar das ilhas

Eu africana me confesso
Mulher de imponderáveis errâncias
Num mundo de distopias
Trilhando rotas de desespero
Derrubando todos os sofrimentos

Eu africana me confesso
Mulher do mundo e de paixões desenfreadas
De irredutíveis amores
Inconsequente e destemperada
Mas sempre de punhos cerrados
Resiliente no deserto da esperança

Eu africana me confesso
Visionária e idealista
Procurando por oásis
Sonhando uma África livre
Sem povos martirizados
Nem gente em convulsões
Eu africana me confesso…

NAÇÃO CRIOULA

De alma agrilhoada
Oiço a música em liturgia
Da minha África mãe
Em guerras e ódios amordaçada

E oiço Dino d' Santiago
Num grito evocando mestiçagens
Rezando por esta nação crioula
Que é minha, dele e de todos nós

Beberei no Banto e no Mandinga
Os sons que me apaziguam
Ouvirei o vento acariciando
Os Tuaregs dos meus desertos

Mas serei sempre essa entre-mundos
Entre-sítios, entre-povos,
entre os destinos que habitam

a minha alma crioula

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina é natural de Cabo Verde, Juíza Desembargadora, poeta e escritora, membro das Academias Caboverdiana de Letras, de Ciências de Lisboa, Gloriense de Letras. Recebeu prêmios e condecorações. Seus livros mais recentes: *Cabo Verde um roteiro sentimental viajando pelas ilhas da sodad do sol e da morabeza* (prosa, 2019), *Naranjas en El Mar* (poesia, 2020), *Contos Crepusculares - metamorfoses* (prosa, 2020), *A vênus crioula* (romance, edição brasileira, 2025).

POETRIX: UMA PROPOSTA LITERÁRIA PARA ESTE MILÊNIO

GOULART GOMES
(Organizador)

O *poetrix* é um subgênero literário criado pelo escritor baiano Goulart Gomes, que tem como marco inicial o lançamento do seu livro *Trix Poemetos Tropi-Kais*, na Bienal do Livro da Bahia, em 1999. Definido como um terceto com um máximo de trinta sílabas e título, desde a sua origem conquistou dezenas de autores do Brasil e de Portugal, país onde é publicado o único periódico com uma coluna dedicada exclusivamente ao poetrix, intitulado "...*lavra*", editado por Eduardo Roseira. Para a propagação do poetrix foi implantado o MIP – Movimento Internacional Poetrix, em 2000, com representantes em inúmeros estados do Brasil, em Portugal e EUA. Em 2020 o MIP cedeu lugar à AIP – Academia Internacional Poetrix, que conta com 40 cadeiras gradativamente ocupadas por escritores que possuem relevante contribuição para a propagação do poetrix. A obra *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, escrita por Ítalo Calvino, na década de 1980, é a principal fundamentação teórica do poetrix, cujos princípios *Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multiplicidade e Consistência* tornaram-se elementos constitutivos requeridos para a adequada elaboração deste terceto contemporâneo.

Pela sua brevidade e concisão, características típicas da comunicação através dos ambientes virtuais e redes sociais, o poetrix logo conquistou centenas de adeptos. Apenas em uma plataforma internáutica existem, hoje, mais de 300.000 poetrix

postados. Ao longo dos seus 26 anos de existência, o MIP/AIP organizou nove coletâneas de poetrix, realizou dez concursos, implantou o Prêmio AIP de Literatura (Jabutrix) para livros de poetrix e a Revista AIP, para textos acadêmicos sobre o poetrix. Acompanhando a produção literária poetríxtica, a AIP registra a publicação de 106 livros de poetrix, com mais de 57.000 exemplares impressos, até o presente momento. Também temos registrado uma crescente utilização do poetrix em salas de aula, como promotor de um primeiro contato dos alunos com a literatura e a criação literária, através da realização de inúmeras oficinas em escolas de Norte a Sul do país.

Para exemplificar a expansão internacional do poetrix apresentamos, a seguir, uma pequena amostra com poetrix de autores de diversos países.

Goulart Gomes nasceu em Salvador, Bahia, em 01/05/1965. Mestre em Museologia (UFBA), pós-graduado em Comunicação (ESPM) e Literatura Brasileira (UCSAL), graduado em História (UFBA) e Adm. Empresas (UCSAL). Criador do poetrix. Tem doze livros publicados e trabalhos divulgados em vários países. Integra a Academia Internacional Poetrix.

CINCO POETRIX

António Agostinho Luamba

POETA MAIOR
Uma caneta preta na mão
escreveu os versos do submundo
Man-Nguxi, o incomparável

BERÇO DA HUMANIDADE
Pês sobre o solo oprimido
pátria mãe, eterna África
54 filhos mesclados

A BANDEIRA DE ANGOLA
Também é tricolor
catana anticolonial
tem a boca estrelada

ESTAÇÃO DE CACIMBO
Chacoalham os ventos defuntos
folhas esfomeadas a voarem
cessou a chuva serôdia

PLANTA
Raiz quadrada na folha
clorofila dos quartos perfeitos
Paredes verdejantes

António Agostinho Luamba nasceu em Angola, na província de Malanje, em 26/10/1991. É professor de matemática e membro da Academia de Literatura e Poesia 3D, onde ocupa a cadeira Nº 15. É colaborador da Editora Alvorada.

CINCO POETRIX

GOULART GOMES

A$$ALARIADO
vende a vida inteira
pelo pão de cada dia
a liberdade boia, fria

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO
passa o carrinho
sejam doces ou salgadas
pipocam saudades

BA(le)LA
tortura, fogo e bala
milhares de desaparecidos
sem caixão, choro nem vela

POR ESSES TEMPOS
a vida tem sido breve
seja leve
se não vai lhe ferir, releve

ABLUÇÃO
a água nos dissolve
1
meu corpo e teu corpo são

Goulart Gomes nasceu em Salvador, Bahia, em 01/05/1965. Mestre em Museologia (UFBA), pós-graduado em Comunicação (ESPM) e Literatura Brasileira (UCSAL), graduado em História (UFBA) e Adm. Empresas (UCSAL). Criador do poetrix. Tem doze livros publicados e trabalhos divulgados em vários países. Integra a Academia Internacional Poetrix.

CINCO POETRIX

Martinho Branco

peixe de Picasso
de aço,
traço, amasso
faço e asso

No Imponderável Respirar
[os olhares confinados] Nas ruas vazias de gente
[sem carnaval] as máscaras
não sorriem

[Entre Paredes Confinados] Inseguros
Uma eternidade a cada instante
O assombro persiste
Na incerteza dos dias [r]existir

Astroamantenauta
Em demanda do Paraíso...
Novo ser, cosmo, preciso.
Vou a Marte, sim, com todos os sentidos...

Sonhos etéreos
Passam barcos no olhar
Mar de palavras [infindo
Por navegar

Martinho Branco nasceu em Ribatejo, Portugal. Professor e radialista, publicou três livros de poesias (ambos premiados) e participou de 27 antologias em diversos países. Ocupa a cadeira 16 da Academia Internacional Poetrix.

CINCO POETRIX

Saulo Pessato

Síndrome de Estocolmo
Domingo me sequestra
Cativo em cativeiro
Defendo o bandido

Camuflagens
O grilo gagueja em pulos e
dança, se esconde na grama
feliz, cri-cri-ança!

Vislumbre
em voo pleno, passarinho,
graveto no bico, aeroplanejo:
toda nuvem ninho vejo

Papelão na calçada
O Sol reclama
o mendigo desperta, parte,
não arruma a cama

Última tela
incêndio no ateliê
vapor de tinta o céu atinge
tinge o crepúsculo

Saulo Pessato, natural de Brasília, DF, tem 47 anos e é formado em Letras pela PUC Campinas. É autor de quatro livros, sendo dois em verso (*No Jardim das Borboletas* e *Verso entre virilhas*), dois em prosa (*Diálogos de Olhos* e *Laranja com Papaia*) e coautor em duas coletâneas (*Aglomerados* e *[R]Existir*). Atualmente reside em Pescara, Itália.

CINCO POETRIX

Ximo Dolz

UM, ÚNICO
sopro primeiro
ser que desperta
tempo se abre

DOIS, ENCONTRO
eco de opostos
olhares que se cruzam
chama que dança

TRÊS, HARMONIA
triângulo sagrado
criação que se une
o outro em nós

QUATRO, ESTRUTURA
pilares firmes
terra, água, fogo, ar
equilíbrio pulsa

CINCO, LIBERDADE
corpo e sentidos
arte que transforma
a vida se move

Ximo Dolz é o pseudônimo de poetrixta de Joaquim Dolz (Morella, 1957), professor e pesquisador hispano-suíço, professor honorário da Universidade de Genebra, especializado em didática das línguas e formação de professores. Autor de livros e artigos de referência sobre ensino e escrita, com reconhecimento internacional. Une a pesquisa acadêmica à criação literária no Poetrix.



Ficção

DUAS HISTÓRIAS E UMA CIDADE

Carlos Ribeiro

I

A CIDADE REVISITADA

Para Vasconcelos Maia,
in memoriam

O homem de óculos e roupas surradas retorna a Salvador após dez anos de ausência. Ainda no avião escuta o aviso de que pousarão, dali a alguns minutos, no Aeroporto 2 de Julho. Sorri, intimamente. O fato de terem devolvido ao aeroporto o seu nome original soou-lhe como uma luminosa saudação de boas-vindas. "A nossa Soterópolis ainda tem salvação", pensa. "Ela não precisará ser eliminada sob uma combinação nausea-bunda de gases do Polo Petroquímico; nem submersa por uma enchente do Rio das Tripas, ou qualquer outra dessas tragédias absurdas, com as quais coroamos nossa impotência e profunda frustração", diz o homem de óculos e roupas surradas para si mesmo. Olha, pela janela, com satisfação, o cordão de areias, coqueiros e o mar.

A história se encarregará de colocar os pingos nos is. Lembra a frase do seu velho pai, há muito tempo morto. Ele era um conservador, mas tinha lá os seus lampejos, reflete. Seja como for, o que mais importa para ele, naquele momento, é que esteja retornando, aos 67 anos de idade, à sua cidade, naquela manhã ensolarada de agosto do ano de 2031.

Toma um táxi (ainda existem táxis) para o centro da cidade. Pede ao motorista que vá devagar, que deixe o carro deslizar mansamente pelas ruas e avenidas; que o deixe recuperar o que é seu. Olha pela janela as imagens que parecem fazer parte de uma outra vida: o túnel de bambus, agora mais verde e encorpado; a avenida Dorival Caymmi, com sinalização e pavimentação surpreendentemente boas; os bairros de São Cristóvão, Nova Brasília e Itapuã, que, segundo informa-lhe o motorista, um senhor de meia idade, com orelhas pequenas e um espesso bigode branco, contam com um serviço de saneamento básico satisfatório, ruas limpas e um policiamento digno e eficiente.

O índice de criminalidade baixou 95%, diz o motorista, com ar jovial e despreocupado. O homem de óculos e de roupas surradas havia adquirido o hábito de reagir com cinismo a todas as boas notícias que lhe davam. Difícil mudar um hábito arraigado, como aquele, mas, tudo o que via, ao seu redor, parecia confirmar o que o homem dizia. A pobreza, ali, apresentava-se numa embalagem simples e digna, bem diferente da miséria com a qual havia sido obrigado a conviver desde o explosivo processo de inchamento verificado em Salvador, a partir dos anos 60 do século passado.

E o céu? – Ah, ele continua o mesmo, pensa, baixando o vidro da janela e colocando a cabeça para fora. Deixa que o vento agite os cabelos, àquela altura bastante grisalhos. Ele continua "rutilantemente azul" – como dissera, muitos anos antes, o escritor Vasconcelos Maia, num de seus contos –, estendido como um manto acima dos verdes coqueirais que abrem "copas para o céu". E o mar... pode vê-lo, neste exato momento, à sua frente, por trás da "estátua" da sereia, representada, agora, por um engenhoso holograma.

Lá está ele, o mar da Bahia, com seu azul profundo e as "praias cor de mel, praias infindáveis, que agora se estendiam à sua esquerda, largas e solitárias, batidas por ondas enormes. Ondas que desfaleciam em espumas". Como a personagem da história de Vasconcelos,

ele também "respirou com prazer o ar fortemente impregnado de salitre", e os "seus olhos, dantes frios e impessoais, banharam-se de emoção".

Surpreende-lhe a intensidade da sensação. A consciência plena de que ainda pertence àquela terra é, entretanto, atropelada pela de que ela jamais pertenceria a ele, novamente. Um grande vazio ocupa o seu espírito. Uma dor se superpõe à alegria, que, por sua vez, se superpõe à dor, sucessivamente. Sente-se como um pai, que retorna ao lar, após longo período de ausência, encontrando o filho forte, crescido, saudável, mas estranho a ele. O filho está bem, e isso é bom, mas ele não fizera nada para que isso acontecesse. O filho está bem, *independente* dele, ou pior, *apesar* dele. Mas preferiria que estivesse mal? Que dissesse: Pai, finalmente você voltou, ou qualquer outra dessas frases convencionais? Oh, que pensamento ocioso, pensa, sentindo um desconforto que ameaça a sua gélida paz interior. Sente medo. Não está acostumado a sentimentos assim, tão explícitos. Tenta fugir disso, olhando mais uma vez pela janela.

– Não há crianças...

– O quê? – pergunta o motorista, voltando o rosto para ele.

– Não há crianças nas sinaleiras. Não há meninos pedindo esmolas. Não há pedintes nas ruas. Não há esgotos nas praias, nem barracos, nem invasões...

– Há muito tempo não se vê essas coisas – diz o motorista. – Não me leve a mal, mas faz muito tempo que o senhor não vem aqui, não é?

Ele não responde. O motorista liga o rádio. Ele observa que, no noticiário, as ruas da cidade, citadas pelos locutores, haviam recebido de volta seus nomes originais – poéticos e sugestivos – que haviam sido substituídos, ao longo dos anos, por insípidos nomes de políticos e personalidades públicas. Cacimba, Olhos D´Água, Tamarineiro, Penedo, Jenipapeiro, Porto de Cima, Porto de Baixo, Areias...

Enquanto está mergulhado nesses pensamentos, a paisagem luminosa mostra, lá fora, os bairros que se sucedem e sobre eles se sobrepõem imagens do passado: Piatã, com seus coqueirais agitados por um temporal, em 1968; a Boca do Rio, com suas comunidades alternativas plantadas sobre as dunas, nos anos 70; a Pituba, com suas ruas monótonas e civilizadas, onde viveu por 20 anos, com mulher e dois filhos, e escreveu seus livros, hoje esquecidos; Amaralina, onde os velhos canhões marcavam a paisagem pacífica, habitada por ondinas invisíveis; o Rio Vermelho, onde se deflagrou a inútil batalha pela preservação da fábrica de papel, nos anos 70, e em cujas ruas andava com a vaga sensação do tempo perdido; Ondina, que abrigou, durante muitos anos, no seu Parque Zoobotânico, um velho urso solitário e dois leões tristes; a Barra, à qual ia todas as sextas-feiras, ver o sol se pôr, docemente, no farol; o Campo Grande, onde participou de heroicas passeatas, contra o Governo Militar, no final dos anos 70, e no qual circulava, sob as árvores frondosas, lendo os vigorosos romances de Hemingway; a praça Castro Alves, onde deleitava-se, no Cine Guarany, quando, na abertura das sessões, as cortinas se abriam solenemente ao som da ópera de Carlos Gomes; e o Centro Histórico, onde...

São tantas lembranças, pensa o homem, confuso, enquanto pede que o táxi pare em frente ao Elevador Lacerda, na Praça Municipal. Paga a corrida, despede-se do motorista, que lhe deseja "um boa noite" e tem, à sua frente, a surpreendente visão.

Peço licença, agora, ao leitor, para descrever, em poucas palavras, o que o homem de óculos e roupas surradas vê. Lá está o palácio Rio Branco, a Câmara Municipal e o Elevador, da mesma forma que os deixara, há tantos anos. Mas, no local onde ficava a prefeitura, encontra-se agora um jardim, com fontes de águas luminosas, cercado por requintadas plantas ornamentais tão viçosas e irreais que pareciam ter saído de uma visão de Baudelaire. No centro dele foi erigida uma torre, sobre a qual instalaram um observatório, com painéis explicativos sobre todos

os monumentos turísticos que podiam ser vistos num ângulo de 360 graus. E potentes telescópios, que permitem ao público apreciar e estudar os astros, nas noites estreladas da Roma Negra.

Do alto, pôde ver o Forte de São Marcelo – transformado num centro cultural. Os antigos e cinzentos edifícios do Comércio haviam sido totalmente reformados, compondo um conjunto arquitetônico que ultrapassava, em requinte e funcionalidade, até mesmo algumas áreas mais avançadas de Manhattan.

"Mal posso acreditar", pensa o homem de óculos e roupas surradas, debruçando-se sobre a amurada. Todo o conjunto – os prédios, o museu e o forte – contrasta extraordinariamente com os casarios coloniais do Centro Histórico, que permanecem, mais do que nunca, preservados em suas características originais. E, o que é mais importante, com sua população – expulsa anos antes por uma intervenção urbanística violenta, injusta e multiplicadora dos seus graves problemas sociais – reintegrada, através de ações sociais e educativas, e, sobretudo, com opções dignas de emprego para seus moradores. A cidade moderna alimenta a cidade antiga, ambas convivendo, em perfeita harmonia, no espaço ideal da memória e da afetividade.

O homem de óculos e roupas surradas desce o elevador, toma um barco e, finalmente, pisa as pedras frias do forte de São Marcelo. Tira os sapatos para sentir melhor o chão sob os pés. É sexta-feira. O sol desce no horizonte, banhando as águas da Baía de Todos os Santos, e os barcos, e todas as memórias salgadas da baía, com sua delicada e suave luz dourada. Como na bela canção de Jerônimo, *toda a cidade de Oxum irradia magia*, e o homem, finalmente reintegrado à sua paisagem afetiva, sente, no fundo do seu coração, um vago receio de que tudo aquilo não passe de um sonho.

II

O GRANDE IRMÃO

Foi no inverno de 1963, disse o pai ao menino. Foi no inverno de 63 que o vi pela primeira vez. Eu tinha cinco anos de idade. Descia a ladeira do Pelourinho, à noite, de mãos dadas com meu pai. Ventava muito, o largo estava deserto, a janela de um sobrado batia intermitentemente. Pude perceber o vulto dele, recostado na parede lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Vestia um casaco marrom surrado, como os daqueles sujeitos mal-encarados que perambulavam pelo Centro Histórico, no século passado. Mergulhado na sombra, olhava enviesado para um ponto indefinido do casario cinza e triste ou para além das torres da Igreja do Passo, que se erguem acima dos sobrados. Voltei o rosto, para vê-lo melhor, mas meu pai mandou que eu olhasse para a frente, e o perdi de vista.

No ano seguinte, comecei a estudar na escola Santa Tereza, da professora Almerinda, no Carmo. Era uma manhã chuvosa aquela em que, segurando a mão da minha prima Lurdes, eu atravessava o largo, em direção à escola, enfrentando as rajadas fortes do vento, como um explorador que luta contra as intempéries em direção ao Polo Sul. A praça parecia deserta, mas pude ver, através da cortina d'água, que me empapava o casaquinho de estudante, o homem, agora mais gordo, na janela de um dos sobrados. Quis mostrá-lo à minha prima, mas, no momento exato em que pensei isto, a janela fechou-se. Ainda fiquei alguns segundos com os olhos suspensos, mastigando minha curiosidade, em segredo.

Por volta de 65, mudamo-nos do apartamento, no Taboão, localizado na rua Silva Jardim, 34, no segundo andar de um prédio antigo, em frente ao edifício conhecido como "A bola verde", para Itapuã, então um sossegado bairro de veraneio. Era uma tarde fria de agosto, quando o vi pela terceira vez, parado, ao lado da antiga casa de pedra, localizada na praia de Armação...

– Casa de pedra?

– Sim. Ela era usada pelos pescadores para guardar mantimentos. A casa ainda está lá, mas quase ninguém repara nela, hoje.

Mas, enfim, o homem falava com alguém, que não pude ver. Gesticulava muito, como se estivesse zangado. O vento, como se lhe acompanhasse o humor, soprava forte sobre os coqueiros, varria as dunas, que se estendiam por toda a região, sacudindo as palhas como grandes cabeleiras. Olhei-o de longe, pela janela do ônibus, que deslizava, lentamente, na avenida beira-mar. Fiquei em pé, no banco, mirando-o, com um olhar comprido, até que a imagem se dissolveu no ar impregnado de maresia.

Antes que entrasse pela adolescência, deixando para trás, derrotados, como num campo de batalha, os meus últimos sonhos infantis, pude vê-lo mais uma vez. Eu brincava de picula, com alguns amigos, no areal localizado em frente à minha casa, na avenida Otávio Mangabeira, em Itapuã. Havia, naquela época, poucas construções no local: meia dúzia de casas sobre dunas e brejos, cercadas de coqueiros, cajueiros, mangabeiras e pitangueiras. Pude vê-lo, do galho mais alto do cajueiro, sobre a duna, elevando minha cabeça acima da copa da árvore sacudida pelo vento. Ele atravessou a estrada e entrou num aero willys azul, que estava parado no posto de gasolina da Nova Conquista, na época também conhecida como Cuba. Não pude saber o que fazia ali, mas, de longe, seu olhar pareceu-me duro, ou triste, não sei, quando um último raio de sol daquela tarde iluminou-lhe o rosto.

Em 68, quando a ditadura militar eliminava pessoas, nas paisagens sépias do Brasil sitiado, vi-o, de relance, num automóvel preto que cruzou com o dekavê do meu pai, na Bahia-Feira. Foi rápido. Um militar ia ao volante. Tive a impressão de que ele sorria, mas era um sorriso de escárnio. No ano seguinte, quando meu irmão servia ao Exército, no 19-BC do Cabula, e Lamarca

aterrorizava os quartéis com seus assaltos-relâmpagos, cruzei com ele, na Praça Castro Alves. Meu pai me levara para assistir a uma comédia de Jerry Lewis, no cine Guarani. Na saída do cinema, ao passarmos em frente ao prédio de A TARDE, vi-o parado, próximo à estátua do poeta, estendendo o olhar sobre as águas azuis da Baía de Todos os Santos. Por alguns segundos, pela primeira vez, pareceu-me que eu podia vislumbrar seu pensamento. Foi quando tive, por um rápido momento, a impressão de que ele também me via. Assustado, indaguei se alguém percebia sua existência, mas foi inútil. Todos o ignoravam, ou fingiam ignorá-lo.

Os anos 70 escorreram-se, em meio aos acordes carnavalescos de Armandinho e Moraes Moreira; nas noitadas no bar Quintal do Raso da Catarina; nos encontros na Literarte; nas passeatas no Campo Grande; nas canções de Diana Pequeno, Taiguara e Ednardo; nos momentos mágicos passados nos cines Tupy, Bahia, Liceu, Capri, Popular, Excelsior e Politeama onde assisti, fascinado, a filmes como *O Destino do Poseidon*, *O Ovo da Serpente*, *Um Dia de Cão*, *Maratona da Morte* e *O Homem Que Queria Ser Rei*, entre tantos outros; nas danças psicodélicas dos coqueiros em Berlinque; nos duelos (quase fatais) na academia de Hap -Ki-Do, de Jung Duck Lim, na Carlos Gomes; nas competições de atletismo, sob a batuta do grande Bento, na Fonte Nova. Vez ou outra o via, sempre ao longe, de relance, como a um fantasma, sem jamais poder fixá-lo ou alcançá-lo. E, assim, ele entrou, pelos anos 80 e 90, pairando, cada dia mais, sobre a Bahia, como um sol enganador, apertando seus tentáculos, como aquele grande polvo das 20.000 Léguas Submarinas, lembra-se?

– Lembro.

– Como um fantasma que todos, isto é, quase todos, temiam, e do qual ninguém, isto é, quase ninguém, queria falar...

O menino, mergulhado debaixo dos lençóis, arriscou mais uma pergunta.

– Ele era o diabo?

– Não – disse o pai, rindo. E, vendo que o filho estava assustado, ajuntou – Ele não era o diabo. Era, apenas, o nosso Irmão. O nosso... *Grande Irmão*. Mas nada dura para sempre. Um dia, ele sumiu. Percebi isso há muitos anos, numa tarde de sexta-feira, em que, ao passar em frente ao elevador Lacerda, na Praça Municipal, senti, pela primeira vez, que ele, finalmente, desaparecera. O ar estava mais limpo, havia uma estranha fragrância no ar. Eram seis horas da tarde quando ouvi um ruído estranho, como se os sinos das igrejas e os atabaques dos terreiros tocassem ao mesmo tempo. Mas, nada mais havia, ao meu redor, que o costumeiro ruído dos carros, das buzinas, dos murmúrios das pessoas. Naquele momento, pareceu-me ouvir alguém, longe, bem longe, cantando o hino do Senhor do Bonfim.

*

Publicados originalmente no livro ***Contos de Sexta-Feira e duas ou três crônicas****, em 2010, pela Assembleia Legislativa da Bahia. Republicado em 2024, no livro* ***Contos selecionados****, de Carlos Ribeiro, em convênio da ALBA com a Academia de Letras da Bahia.*

Carlos Ribeiro é jornalista e escritor, autor de livros nas áreas de ficção, a exemplo de *Aventureiros do Apocalipse*, *Contos de sexta-feira*, *Abismo*, *Lunaris* e *Fazedores de tempestade;* reportagens, entrevistas, ensaios e resenhas literárias incluindo *À luz das narrativas*: escritos sobre obras e autores (Edufba, 2009) e *Caminhos do comércio em Salvador*: *Do Brasil Colônia à segunda década do século XXI* (P55 Edição, 2020), além de três estudos sobre a obra do cronista Rubem Braga. É professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Desde 2007 ocupa a Cadeira nº 5 da Academia de Letras da Bahia.

ELIOT EM NOVA YORK, TREZE ANOS DEPOIS

Armando Avena

"Os salgueiros encurvados e os espinheiros em flor – Eis o que alguém procura para abrigar-se de um aguaceiro." Em Nova York, as marquises se tornam salgueiros para abrigar-nos da chuva e foi numa delas que encontrei o poeta T.S Eliot. Naquele dia eu precisava de um poeta, mas nunca pensei que seria Eliot, afinal, quem traz na alma a melancolia portuguesa prefere, no mais das vezes, a companhia dos poetas cuja dor, de tão grande, já não carece de explicações ao pé da página e a paixão, de tão exasperada, não se presta a tradução. Pus-me então a decifrar os motivos de tão improvável companhia e imaginei que a solidão do poeta encontrava naquela marquise encurvada a solidão da metrópole, afinal, Nova York é, como nenhuma outra, uma cidade que dá o direito à solidão, o direito de ser apenas mais um entre todos.

"Mas nenhum homem é uma ilha", pensei, olhando para Eliot que a meu lado esperava silencioso a chuva estiar, ou pelo menos assim disse outro poeta, John Donne, que veio do passado para me encantar com sua poesia, e, talvez por isso, estejamos a andar, juntos, por essa imensa e solitária ilha. Sim, Manhattan é uma ilha e as ilhas perdem o homem. E assim, meio perdidos, seguimos, eu e o poeta, a observar a metrópole. Vejo-a render-se incondicionalmente a Wall Street e aquela bandeira imensa que cobre a fachada da New York Stock Exchange é como um paramento litúrgico que não deixa dúvida sobre qual o deus que se venera, mas no Central Park, lembra Eliot,

próximo ao Belvedere Castle, uma bela senhora de corpo esbelto solfeja uma ária de Puccini e no pequeno Arco do Triunfo, na Washington Square, uma menina toca Let It Be ao violino, enquanto roda um bambolê colorido na cintura.

É um consolo, poeta, mas os homens e mulheres dessa cidade parecem desolados quando seguem pelas ruas sem saber onde querem chegar, ou quando erguem um monumento em honra dos seus mortos, que assim o foram, talvez pela intolerância de um país que nunca se espelhou na tolerância da sua grande cidade. Sim, admite o poeta, mas não é abril, e, ainda que "germinem lilases da terra morta" , na Broadway misturam-se "memória e desejo avivando agônicas raízes com a chuva da primavera" e à desolação sobrepõe-se a música de Gershim, vinda do Harlem para um palco qualquer da 46th Street, enquanto na 52nd Street a pressa prostra-se resignada diante da força da velha ópera rock que transformou Cristo num superstar.

Eliot, meu poeta, que seria de mim em Nova York sem sua poesia? "Há vento, chuva e muito sol" e os homens não se apercebem, estão muito ocupados em acumular o dinheiro que será inútil, quando eles forem inúteis. E que faremos, poeta, quando já não for possível "lavar essa lama das rugas do rosto" e quando Webster estiver a contemplar "o crânio por debaixo da pele"?

Não faremos nada, eu sei, mas somos livre na prisão. Nada impede que se vá dançar no Midsummer Night Swing ouvindo o jazz maravilhoso de Meschiya Lake, ou que se veja "A Midsummer Night's Dream" no Lincon Center, para constatar, meio surpreso, que o ballet é um belo espetáculo. Ou então pode-se ir ao Central Park SummerStage para assistir um documentário sobre Raul Seixas, que inexplicavelmente estava lá, e sair com os olhos mareados, jurando nunca mais ficar na sala de um apartamento esperando a morte chegar. Eliot parece concordar comigo, mas sussurra: "Peço-te, pelo menos, que não babes em minha sopa". E, contra minha vontade, muda o poema e ressuscita

Donne para, resignando-se à "volúpia dos sentidos", recorrer a Grishkin, com seu olho russo e seus seios generosos, lembrando-me que mesmo a macia onça-pintada brasileira pode manter acessa a metafísica.

E assim seguimos, eu e o poeta, a passear por Nova York. Era um dia de sol, mas de vez em quando a chuva caía intermitente e fazia escorregar os pensamentos. Num desses tropeços, olhei para ele e disse, à espera de uma glosa: "É o dia de lavar a roupa dos mendigos". Há vento, chuva e muito sol e os homens não sabem o que procuram. Eliot sorriu, mas não disse nada, apenas seguiu seu caminho pelas ruas de Manhattan.

Pus-me a olhar o poeta indo embora devagar e deixei o tempo passar, para reencontrá-lo treze anos depois, saindo emocionado do Met Opera, onde assistia embevecido ao Turandot de Puccini.

Entendo sua emoção, poeta. Turandot fala à nossa alma e traz esperança, a esperança de que o amor vença o ódio, de que a vida supere a morte.

A princesa Turandot odeia os homens e tem suas razões; por isso, estabelece que só se casará quando um deles for capaz de resolver três enigmas, mas aquele que se propor a isso perderá a vida se não souber respondê-los. E quantos saberão dizer que é a Esperança, que nasce a cada noite e morre a cada aurora; que é o sangue, o que cintila como a chama, mas não é fogo; e que o gelo que te dá fogo, o fogo que congela, é a própria princesa, ansiosa à espera do homem que a faça confiar novamente nos homens. E quando isso acontece, é ao som da maravilhosa música de Pucini, Nessun Dorma, uma elegia ao poder do amor.

Eliot não diz nada, mas uma lágrima desce lenta em sua face. Chovia e, como antes, ele estava novamente protegido por uma marquise, a ovalada marquise do Metropolitan Opera House, quase uma extensão do arco de vidro da fachada, e eu lhe pergunto por onde andou durante esses anos. Ele olha para mim, e seu olhar parece dizer que esteve onde sempre esteve:

"Eis-me aqui, um velho em tempos de seca,
Um jovem lê para mim, enquanto espero a chuva.
Jamais estive entre ígneas colunas
Nem combati sob as centelhas da chuva."

Eu também estou velho, poeta, ainda que não me sinta assim, e aborrece-me parecer ancestral à jovem de cabelos louros que passa por mim e prefere a chuva à nossa companhia. Aborrece-me também ver os amigos irem embora, sabe-se lá para onde, e a sensação persistente e inabandonável de que, em breve, estarei trilhando o mesmo caminho.

Eliot faz pouco dos meus medos e diz, declamando: "O cadáver que plantaste no ano passado em teu jardim / Já começou a brotar? Dará flores este ano?"

Não sei, poeta, temo que sim. Chega um tempo em que os homens passam a colecionar cadáveres, como a se preparar para tornar-se um deles. Quando se perde um amigo, e eu já perdi muitos, é preciso arranjar um lugar para ele em nós mesmos, em alguma parte da nossa existência. Lembro da sua dor ao saber da morte de Jean Verdenal, e de como você o colocou em The Waste Land para assim jamais separar-se dele. E, mais tarde, como deve ter doído saber que Virginia, que publicou o poema na sua Hogarth Press, caminhou sem pressa até o rio Ouse, encheu os bolsos do casaco de pedras, e simplesmente saiu da vida. E que dizer da morte de Ezra Pound, o amigo que estruturou e editou A Terra Desolada, para que assim fosse publicado?

Eliot olha para o nada, como a procurar o amigo, e diz que Pound foi morto e enterrado no St. Elizabeths Hospital, após ser considerado traidor da América, e que ele o visitou muitas vezes. Mas, quando ele mesmo deixou este mundo, Ezra Pound ainda escrevia poemas em Rapallo, na Ligúria.

A chuva passa e o poeta começa a andar em direção ao Central Park. A água refrescou a noite e seguimos juntos em busca

de algum restaurante no Upper West Side. O poeta diz não ter fome e prefere parar num bar onde se possa conversar e apreciar o movimento no final da noite. Os bares estão em toda parte e Nova York ainda vibra em cada esquina, mas há certa melancolia na metrópole e, embora a cidade esteja a preparar-se para o Natal de 2025, paira no ar a sensação de que estão podando as liberdades e que a coesão cultural de todos os povos, que define a cidade cosmopolita, está se fragmentando.

"Mas o que queria você?", indaga-me o poeta e diz que o fim de um tempo é sempre assim: um declínio lento e melancólico, marcado pela guerra, pela alienação e pela desespiritualização dos homens. E, divagando, afirma que o fim do indivíduo é quase sempre dramático, mas o fim de uma era ou de uma civilização nunca o é; no mais das vezes, é apático, desencontrado, fragmentado, marcado pela alienação e pela descultura. "É assim que o mundo termina / Não com uma explosão, mas com um gemido", sentencia Eliot.

É verdade, poeta, por momentos senti nesta cidade, no coração pulsante do Império, o que deve ter sentido um poeta romano tardio, às vésperas das invasões bárbaras: uma certa nostalgia do tempo que se foi, quando era possível acreditar no futuro e necessário mais do que cento e quarenta caracteres para exprimir os pensamentos.

Mas ainda é cedo para supor que tudo está desmoronando, diz-me o poeta, lembrando que a charada de Puccini nos faz acreditar naquilo que nasce a cada noite e morre a cada aurora. E que, mesmo na terra morta, florescem lilases, memórias e desejos se agitam, e raízes opacas se agitam com a chuva da primavera.

É, o poeta tem razão, há algo mais forte que o desamparo e o desencanto pairando sobre as nuvens em Nova York e, na terra, um vate de Itabira, mais próximo de mim, diz-me que, apesar de tudo, uma flor desbotada nasceu na rua "Furou o asfalto, o tédio, o nojo e ódio. É feia. Mas é uma flor".

*A primeira parte desse texto foi escrito em 2012 e publicado no livro "Dia de Lavar a Roupa dos Mendigos".

Armando Avena é escritor, jornalista e economista, tem 12 livros publicados, com destaque para os romances Luiza Mahin, O Evangelho Segundo Maria, Recôncavo e O Afilhado de Gabo. Seu livro, O Manuscrito Secreto de Marx, publicado em 2011, foi um dos finalistas do Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional. Recentemente lançou o livro A Modernidade caiu na Rede, sobre a arte e a cultura no mundo da Inteligência Artificial. É doutor em Ciências Sociais, professor da Universidade Federal da Bahia e assina coluna semanal no jornal A Tarde de Salvador. Desde 2005 ocupa a Cadeira nº 38 da Academia de Letras da Bahia

MEU PRIMO DO BENIM

Marcia Camargos

"Meu primo do Benim" foi publicado em dezembro de 2025, pela Editora Expressão Popular. Está prevista uma edição em francês, com tradução de Dominique Stoenesco. Abaixo publicamos os capítulos 1 e 7 retirados do livro.

&

"Bom dia! Sou Uebajá Souza Costa e tenho doze anos. Você ainda não me conhece, mas estou escrevendo aqui de Benim porque acho que somos parentes". Essa mensagem inesperada recebida por Francisco, um garoto de Salvador, dá início a um diálogo recheado de informações históricas e culturais sobre ambos os países. Instigado, o menino aprende que, no passado, Benim foi o principal ponto de embarque dos africanos escravizados trazidos ao Brasil. O diálogo vai num crescendo, culminando com a ida de Chico a Cotonou, encontrar o "primo", em uma viagem repleta de aventuras e descobertas.

Capítulo 1
ÓKAN[1] – OS AGUDÁS

"Bom dia! Sou Uebajá Souza Costa e tenho doze anos. Você ainda não me conhece, mas estou escrevendo aqui de Benim porque acho que somos parentes".

[1] Ókan : palavra yorubá que significa "um"

Francisco fez uma pausa para entender se aquelas palavras eram mesmo para ele. Daí continuou a ler, mordido por uma mistura de curiosidade e desconfiança.

"Meu pai disse que temos primos no Brasil, talvez na Bahia, e eu resolvi arriscar. Então procurei na internet garotos da minha idade com sobrenome parecido com o nosso e achei o seu perfil. Espero que me responda, pois eu gostaria de fazer contato e conhecer mais sobre você e o lugar onde mora. Quem sabe ainda acabamos virando amigos?"

Francisco leu pela terceira vez na tela do computador e coçou a cabeça. Ele não sabia o que pensar nem o que fazer. Nunca tinha recebido nada parecido e por isso ficou totalmente sem ação. Que coisa mais esquisita! Um menino escrever assim de tão longe, e ainda por cima de um país sobre o qual nem sequer tinha ouvido falar…

Deu uma pesquisada nas redes sociais e achou a página dele, mas se decepcionou, porque ali não tinha muita informação. A foto do perfil indicava um menino de olhos escuros, que devia ter mais ou menos a sua idade, e a pele bem mais escura do que a sua própria. Nada relevante. Com certeza, era novo por ali, decerto criou seu perfil justamente para poder localizar "primos" mundo afora.

Aliás, onde ficava esse tal de Benim? Francisco tirou os óculos como se as lentes atrapalhassem seu raciocínio. Colocou de volta e tudo pareceu mais nítido. A primeira providência seria procurar alguma informação sobre aquele lugar que parecia de outro planeta. Já tinha estudado vários continentes na escola, mas não conseguia se lembrar de nada parecido.

Levantou-se, foi até a estante no corredor, onde seus pais mantinham a biblioteca da casa. Desde que se entendia por gente, preferia consultar os livros, em vez de sair procurando *online*. Embora não abrisse mão do seu computador, super potente, e bem configurado, ele experimentava um prazer especial ao virar as páginas, tocar a capa e as folhas de um exemplar de verdade.

Por causa disso, na classe, tinha recebido o apelido de "intelectual". Achava gozado, sentia-se até meio importante, e aquilo ainda ajudava a impressionar as meninas. Uma delas, chamada Liz, ficava procurando desculpas para entrar no grupo de estudos junto com dele, vinha oferecer uma barra de cereal na hora do recreio e de vez em quando mandava umas mensagens pelo celular. "O que você vai fazer depois da aula? Quer ir ver um filme na minha casa?". Ele inventava uma desculpa esfarrapada e recusava o convite. Seus colegas comentavam que ela estava a fim dele, mas Chico fingia que não ligava, que tinha coisas mais urgentes para se preocupar. Gostava de meninas, mas na verdade não sabia direito como se aproximar delas, por pura falta de coragem. Na hora de puxar um papo, ficava meio sem graça e as palavras, justo seu ponto forte, sumiam do cérebro.

Então Francisco, o intelectual, esticou o braço e alcançou a prateleira mais alta para pegar o maior atlas que encontrou. Estava velho e desbotado, de tanto ser usado pela mãe, professora de uma escola pública num bairro próximo, mas ainda dava para o gasto. Antes de mais nada, foi com o dedo indicador checando todo o índice, sem nada achar. Depois, passou a olhar página por página, também sem sucesso.

- Será que foi um trote? – Francisco perguntou a si mesmo, em voz alta. – Vai ver, o país não existe e o tal Uebajá está querendo me zoar... – concluiu.

Neste exato momento, a mãe dele passava por ali, também atrás de um livro para as lições no dia seguinte.

- O que houve, agora deu para falar sozinho? – ela perguntou, com um sorriso nos lábios. – Isso pra mim é novidade...

- Ah, mãe, ainda bem que você chegou. – disse ele, mais animado. – Não sei o que aconteceu, mas não estou conseguindo encontrar um país aqui neste atlas. Acho que fui enganado....

A mãe pegou o volume para dar uma espiadela.

- Que país você está procurando?

- Benim. – ele respondeu.

- É para um trabalho da escola?

- Não! Não... – o garoto gaguejou – Depois eu explico. – Engoliu em seco e refez a pergunta:

- Por que eu não acho Benim neste atlas?

- Simples. – disse a mãe, que de países, continentes e cidades sabia quase tudo, porque ensinava geografia havia anos.

Ela abriu a página de rosto do atlas, que é aquela onde entram os créditos dos livros, com o nome do autor, local e a data em que foi publicado, e disse:

- Veja. – e apontou com o dedo indicador. – Este atlas é de 1966. Nesta época, o país se chamava Daomé. Só em 1975 virou Benim!

- Ah! – exclamou Francisco. – Nunca que eu ia encontrar...

A mãe ficou achando aquilo tudo muito estranho. O filho fazendo pesquisa sem mais nem menos, sem nenhuma lição de casa, era algo raro.

- Você ainda não me contou por que tanto interesse...

- Ah, mãe, eu disse que depois explico. Mas preciso de informações sobre este país que não está nos atlas mais velhos.

Mariana, a mãe dele, soltou um suspiro. Sabia que o filho era igualzinho ao pai. Quando cismava com uma coisa, não havia quem o fizesse mudar de ideia. Por isso, mesmo com a pulga atrás da orelha, resolveu ajudar. Foi até a sala, onde ficava o computador, consultou a Wikipedia, a biblioteca aberta da internet, e chamou o filho. Francisco veio correndo.

- Preste atenção. – disse ela, apontando para a tela. – Benim é o antigo Daomé, um reino africano, que foi invadido e anexado pela França. Isso, até reconquistar a independência, em 1960.

O menino viu aquele pedaço de terra banhado pelo oceano Atlântico na ponta de baixo.

- Por aqui é que os africanos escravizados saíam nos navios negreiros rumo ao Brasil. – disse a mãe, apontando o porto

ao sul de Benim. – Pessoas da Nigéria e de outras regiões vizinhas também vinham acorrentadas até o mercado de Uidá. Dali eram conduzidas até a praça dos leilões e vendidas aos traficantes europeus.

- Eu sei... A tragédia dos nossos antepassados. – lembrou o garoto. – Gente comprada que nem mercadoria...

- É mesmo algo vergonhoso, uma catástrofe que nasceu no coração da África. – respondeu a mãe, com a voz meio trêmula. – Os moradores dos vilarejos eram caçados e levados até o mar, assim que escurecia.

- Por que na calada da noite? – Francisco quis saber.

- Para evitar o calor fortíssimo do dia e, ao mesmo tempo, para eles não aprenderem o caminho e fugir.

A mãe tirou os óculos e limpou as lentes com um paninho especial, que pegou no estojo.

- O pior é que morriam de cansaço e desnutrição, pois durante o trajeto comiam apenas os frutos colhidos na floresta…

- Bom, pelo que eu sei, valia mais a pena morrer antes de alcançar a praia. – Francisco falou. – Os navios negreiros eram o pior pesadelo do universo.

- Isso é verdade. Embora o pesadelo já começasse em terra firme. – Ela mencionou, quase num sussurro, como se tremesse ao escutar o som das próprias palavras. – Antes de embarcarem, eram mantidos nos entrepostos Zomaï, uma espécie de antecâmara, bem escura, onde não penetrava um fiapo de luz.

- E dentro dos navios muitos morriam de fome, sede e doenças... – Francisco completou sério, como se recitasse uma lição que sabia de cor.

- É mesmo… – Mariana concordou, em tom baixo, feito um lamento. – Não houve nada mais cruel e desumano do que a escravidão africana!

Ambos ficaram em silêncio por alguns instantes, a meditar sobre os horrores que famílias inteiras enfrentavam naqueles verdadeiros cemitérios em forma de embarcação. Nem animais

mereciam este tipo de tratamento. Não foi à toa que receberam o nome de tumbeiros... Eram autênticas tumbas carregando seres humanos, enterrados vivos, em condições difíceis sequer de imaginar. Após alguns minutos, a mãe continuou.

- Afinal, por que essa obsessão pelo Benim? Que bicho te mordeu?

Francisco então explicou sobre a mensagem recebida. A mãe, entre pasma e intrigada, ficou ainda mais curiosa e incentivou o filho a responder.

- Mas você acha que somos mesmo primos, como ele diz?

- Pode até ser... – ela cogitou.

- Mas como, se vivemos tão distantes um do outro, e nunca estive na África?

- Isso é uma longa história.... – e a mãe calou-se.

- Então conta, por favor! – o garoto pediu.

Com um suspiro, Mariana sentou-se na almofada no chão e colocou a cabeça do filho no colo. Apesar de já ter feito 12 anos, Francisco era ainda o seu menininho querido. De vez em quando ele aproveitava para se fingir de criancinha e sentir os dedos da mãe passeando pelos seus cabelos crespos, fazendo um cafuné tão gostoso, que dava vontade de ficar deitado ali para sempre.

- Depois da abolição, muitos dos escravizados libertos pela Lei Áurea voltaram à terra dos seus ancestrais. – ela disse, num ritmo pausado. – Também foram para Daomé os comerciantes baianos, que levaram com eles costumes e nomes bem brasileiros.

- Como Souza Costa?

- Isso mesmo. – disse Mariana. – E sabe como estes descendentes dos retornados, que têm sobrenome de origem portuguesa como Bajá, são chamados no Benim?

Os olhos do garoto faiscaram.

- São conhecidos como "agudás".

- Que legal! – Francisco exultou. – Preciso urgentemente responder a esse tal Uebajá! – levantou-se num pulo e saiu, para sentar diante da tela do seu próprio computador. Estava ansioso para conversar com aquele menino desconhecido, que morava a milhares de quilômetros de distância.

Capítulo 7
ÈJE[2] – COMÉRCIO TRANSATLÂNTICO

No dia seguinte, ainda se refazendo das festividades de Iemanjá, Chico levantou-se e, antes de se arrumar para a escola, abriu o computador. Estava ansioso para contar sobre a solenidade, pois queria saber se no Benim existia algo parecido, já que tanta coisa tinha vindo de lá. E teve a agradável surpresa de encontrar outra mensagem de Bajá, e se pôs a ler, motivado.

"Bom dia, primo. Vou agora falar mais sobre o meu país, que virou República de Daomé em 1960, com a independência. Daí veio a fase da revolução anticolonial, e nos tornamos República Popular do Benim".

- Puxa vida – fez o garoto. – E prosseguiu com a leitura.

"Antes disso, no passado distante, existiam três reinos principais criados pelos fons, cada qual com a sua cultura. Só que uma dinastia tentava dominar a outra. A população era formada por guerreiros, agricultores e artesãos. E também existiam pessoas escravizadas".

Nesse trecho, Chico ficou com a pulga atrás da orelha. Ele pensava que a escravidão só tinha começado quando os europeus desembarcaram na África e inauguraram o tráfico transatlântico. Apertou os olhos, como se não tivesse lido direito, mas a palavra estava lá, com todas as letras: escravizadas.

[2] Èje : palavra yorubá que significa "sete".

- Não estou entendendo nada, vou ter que perguntar para a minha mãe. – ele se conformava. – Que complicação!

"Foi quando os holandeses, dinamarqueses, ingleses e franceses instalaram suas feitorias aqui, ao longo da Costa dos Escravos".

- Affff – fez Chico, coçando o couro cabeludo. – Cada vez entendo menos…

"Ouidah, por exemplo, era um dos maiores centros de carregamento de escravizados de toda a África. Nossos antepassados ficavam agrupados numa das praças da cidade onde eram comprados, depois ainda eram obrigados a percorrer quilômetros a pé até a Porta do Não Retorno. Ali os barcos aguardavam a sua preciosa carga humana".

Chico sacudiu os ombros, para espantar o calafrio que percorreu sua espinha. Era mesmo horripilante. Seus pensamentos voaram para longe, em direção àquela estrada fatal. Podia imaginar os homens, mulheres e crianças andando de cabeça baixa, muitos caindo mortos na beira do caminho, de pura exaustão. Era como se escutasse o som metálico das correntes e sentisse o desespero e a angústia dessa gente.

"Os portugueses vieram em 1752. Eles escolheram Xogbonou, que depois batizaram de Porto Novo". Então seu primo revelou que, durante o reinado de Bajá, desenvolveu-se o cultivo do dendê, usado em inúmeros pratos. E brincou:

"E vocês nos imitaram, né?"

Essa notícia aliviou um pouco a tensão de Chico, que não conseguia tirar da cabeça a situação tenebrosa dos escravizados. Com essa montanha de informações fervilhando no cérebro, ele mal conseguiu engolir o café da manhã. Estava distante, a mente a léguas de distância. Sua mãe nem estranhava mais aquelas "ausências" do filho. Sabia que ali tinha coisa. Estalou os dedos diante do rosto dele.

- Alô, alô, câmbio, o Francisco pode aterrissar de volta na Terra?

Com um susto, o menino viu as imagens evaporarem, flop! Como se sua mãe tivesse furado uma bolha de sabão que pairava no ar. Ele logo se recompôs. Precisava tirar aquilo tudo a limpo, e o mais rápido possível. Então saiu atirando pra todo lado, feito uma dessas metralhadoras de um jogo de videogame, ratatatá.

- Mãe, o que é colonização? E revolução anticolonial? E resistência contra os opressores? E...?

- Calma, calma. – fez sua mãe, pousando a xícara de café que ia levar aos lábios. – Devagar com o andor, que o santo é de barro…

"Lá vem ela com essas expressões bizarras", ele murmurou. Mariana e a mãe dela, avó de Chico, tinham mania de usar esses termos esquisitos. Por que não falar, simplesmente, "Pega leve", "Vai com calma"? Sem esforço, ele lembrava dúzias de termos, que as duas costumavam usar. Para inglês ver; dar bom dia a cavalo; um no prego, outro na ferradura; comprar gato por lebre; quando a esmola é muita, o santo desconfia; quem tem boca vai a Roma; o traje não faz o monge; amigo da onça; perder as estribeiras; não dar ponto sem nó; pôr as barbas de molho, e assim por diante. Mas ele não se deu por vencido.

- Por que existiam escravizados na África antes dos *yovos* chegarem e fazer todo aquele estrago?

- O quê? – indagou Mariana, diante daquela palavra desconhecida.

Contente de pelo menos uma vez na vida poder explicar algo para a sua mãe sabichona, Chico contou que era assim que chamavam os brancos, os estrangeiros, no Benim. Tinha usado de propósito, só pra impressionar. E deu certo!

- Ah… – fez sua mãe, com uma pontada de orgulho. – Quanta coisa você está aprendendo com o Bajá!

- Mas então. – insistiu o menino. – Por que? Eu achava que tinham sido os europeus que escravizavam…

Mariana respirou fundo. Aquela questão remetia ao surgimento do capitalismo enquanto sistema, precisava refletir sobre cada palavra, para esclarecer um assunto tão complexo.

- Escuta, está quase na hora de sair para a escola. Prometo que na volta eu te explico, tim-tim por tim-tim.

- Mas mãe!…

- Eita, larga de ser birrento. Pegue seu lanche na geladeira e vamos embora!

Contrariado, Chico reuniu o material e saiu. Entraram no carro e Mariana foi guiando devagar. Durante a semana seu pai ia para o trabalho de ônibus, e deixava o carro para eles se locomoverem com mais facilidade. Era velho, mas dava para o gasto. Só que naquela manhã se depararam com um congestionamento gigantesco.

- Droga. – queixou-se Mariana. – Vamos chegar atrasados.

- Então temos tempo para você me responder!

Mariana consultou o celular. Naquele passo, levaram mais de meia hora. Podia aproveitar para conversar com o filho sobre todas aquelas questões. Estava cansada de saber que quando ele encafifava com algo, não desistia nunca. "Cópia xerox do pai', pensou. Que remédio? Assim, resolveu explicar bem didaticamente, como fazia com seus alunos.

- Sim, é verdade que havia escravizados entre os africanos, bem antes dos europeus aparecerem. – ela limpou a garganta, como se tentasse clarear as ideias, e insistiu.

- Primeiro, a escravidão não existia apenas na África, mas em praticamente todas as culturas, nacionalidades e religiões. Na Europa, no Japão, na China, ou em qualquer outro lugar. – Ela parou para recuperar o fôlego.

- Desde os tempos antigos até hoje em dia. Toda hora lemos nos jornais sobre grupos localizados pela polícia em fazendas de vinho no Rio Grande do Sul, por exemplo, em situação análoga à escravidão.

- Mas por que? – Chico não se conformava com a ideia medonha de um ser humano virar dono de outro. Como quando a gente tem um cachorro. Ou um gato. Que absurdo!

- É um jeito fácil e eficiente de enriquecer, explorando outras pessoas, né?

- Como tinham coragem? Não tem desculpa…

- É que… – Mariana hesitou, antes de seguir. – Alguns escravizados eram inimigos, prisioneiros de guerra. Em outras regiões, condenavam à escravidão quem tinha dívidas impagáveis. E às vezes, filhos de escravizados automaticamente viravam escravos.

No interior do carro reinava o silêncio. Mariana retomou o assunto.

- Dentre vários povos, a escravidão era uma punição temporária e o escravo podia até trabalhar para comprar a sua liberdade.

- Sei… – fez Chico, desconfiado.

- Mas daí veio a reviravolta.

- Por causa dos *yovos*? – arriscou Chico.

- Exato. Com a entrada dos europeus na jogada, o que antes ocorria em menor escala, entre famílias ou cidades adversárias, que guerreavam entre si, virou um negócio colossal. Foi o primeiro empreendimento significativo do capitalismo europeu, que estava nascendo. Eles inauguraram o comércio transatlântico de escravizados, e promoveram o tráfico em proporções jamais vistas.

- E construíram os navios negreiros. – arrematou Chico. Na sua mente iam desfilando aquelas imagens revoltantes, enquanto sua mãe continuava.

- A influência da religião era bem forte, e o cristianismo, obviamente, proibia esse tipo de transação.

- Porque todos os homens são iguais. – apressou-se o menino.

Mariana arregalou os olhos. De vez em quando seu filho surpreendia com sua esperteza. Daí perguntou:

- Sabe qual a justificativa que usaram? A desculpa esfarrapada?

Chico balançou a cabeça.

- Adivinha!

- Num tenho ideia, mãe. Diz logo, vai!

- Saíram alardeando que os africanos escravizados não tinham alma, por isso podiam ser tratados como mercadoria, vendidos e comprados.

Ela esperava uma reação do filho, mas Chico estava mudo e calado.

- Ou seja, devido à cor da pele, eles eram tratados como raça inferior, praticamente animais. Colocaram a palavra "negro" quase como sinônimo de escravo.

Mariana não expressou o que ia pela sua mente, mas para ela, aquilo ajudou a estabelecer o racismo.

Nesse momento um automóvel buzinou. Ela olhou através da janela e percebeu que o trânsito estava fluindo. Engatou uma terceira e aumentou a velocidade. Agora deslizavam com rapidez, e ela preferiu terminar o que havia começado.

- Essa mão-de-obra gratuita para tocar as plantações nas colônias, mundo afora, caiu do céu. – Nesse ponto, ela recordou de um texto lido na faculdade, que apareceu como se fosse uma projeção de cinema.

"Foi a escravidão que deu valor às colônias; as colônias criaram o comércio mundial, e é daí que vêm as fábricas modernas do capitalismo. Sem a escravidão não teria algodão; sem o algodão não teria indústria. É evidente o notável papel econômico da escravidão."

Mariana franziu a testa. No passado, aquela indústria tétrica sugava até a morte, e prossegue explorando os trabalhadores no presente...

- No Brasil, eles iam direto para os engenhos de açúcar, né? – a pergunta arrancou-a das suas reflexões, trazendo-a de volta para o diálogo que mantinha com o filho.

- Isso. – respondeu Mariana. – Não demorou, e o suprimento de prisioneiros de guerra, de cidadãos indesejados ou de devedores caloteiros, esgotou-se. Por outro lado, crescia a demanda por mais e mais escravizados.

- E como resolveram isso? – perguntou Chico. Queria usar a palavra "déficit", mas achou desrespeitoso, pois eram seres humanos, ainda que na época fossem tratados como mercadoria. Fazia questão de guardar algumas "pérolas" para soltar no meio das conversas. Era uma de suas maneiras de manter a fama de "intelectual".

A mãe sorriu e, antes de retomar a narrativa, indagou a si mesma se não estaria despejando coisa demais na cabeça do filho. Logo refletiu que as crianças eram seres inteligentes e capacitados a apreender o mundo à sua volta, com toda a carga de informações nele contida. Relaxou.

- Então, usando força militar e muita crueldade, os europeus esmagaram os líderes e os guerreiros que resistiam. E incentivaram figuras corruptas a tomar o poder, fornecendo armas de fogo, óbvio.

- Não existiam na África?

- Ainda não. – replicou Mariana. – Esse comércio virou um negócio super lucrativo, e aumentava o poderio militar do sistema colonial, incentivando a venda dos escravizados em maior quantidade.

Escutaram outra buzina. Mariana reduziu a velocidade, estavam quase chegando. Rodaram uns minutos até encontrarem uma vaga. Estacionaram e, antes de descer, ela concluiu o relato. Contou que, naquela estratégia esperta de dividir, para melhor explorar, os *yovos* desorganizaram todo o continente, que virou uma bagunça, com os africanos lutando uns contra os outros.

- Pronto! Estavam criadas as condições para que os europeus dominassem e colonizassem toda aquela região, alguns anos depois.

Com essa frase, ela desceu do carro. Chico vinha atrás, carregando não apenas o material escolar, mas um universo inédito de informações, dados e conceitos. Agora iria procurar classificar aqueles elementos, um a um, como se estivesse organizando um novo arquivo, para guardar nos registros da memória. Porque ele sabia ser fundamental decifrar o passado para entender o presente. Pelo menos era o que a sua avó nunca se cansava de repetir. "Menino, quem não conhece a história do seu povo, do seu país, no presente, arrisca acabar cometendo os mesmos erros no futuro".

Escritora e jornalista com pós-doutorado em História pela USP, Marcia Camargos tem 37 livros publicados, entre ensaios, biografias, romances e infanto-juvenis, alguns dos quais receberam prêmios literários como o Jabuti, Livro do Ano, APCA e FNLIJ. Seus títulos para o público jovem abordam temas complexos como a guerra síria, a ditadura brasileira, os imigrantes bolivianos, haitianos e palestinos, os trabalhadores ruais sem-terra, e o genocídio em Gaza, mas também falam da Semana de 22, da mitologia nacional e da história de São Paulo. O "Haiti é aqui" (bilíngue) foi incorporado à biblioteca da ONU, por contribuir no combate às desigualdades sociais. Mudou-se para a França em 2016, onde concluiu um segundo pós-doutorado na Sorbonne sobre os modernistas em Paris nos anos loucos (Sesc Edições). É membro fundadora da UEELP (União Europeia dos Escritores de Língua Portuguesa), criada para valorizar e promover as literaturas lusófonas no exterior.

Discursos I

HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE MARIA STELLA DE AZEVEDO SANTOS (MÃE STELLA DE OXÓSSI)



ODÉ KAYODÉ, CEM ANOS

Muniz Sodré

Em *A Transparência do Tempo*, o cubano Leonardo Padura faz o protagonista falar sobre a santeria, sistema religioso semelhante, embora não correspondente, ao nosso candomblé: "religião africana pragmática capaz de resistir a todos os embates do cristianismo colonial, da moral burguesa republicana e, nos últimos quinquênios, à ofensiva marxista-ateísta".

Isso se refere a Cuba. Entre nós, a pressão civilizatória exercida pelas elites de pele clara, isto é, a pressão eurocêntrica, foi sempre contrabalançada no nível das classes subalternas pela pressão civilizatória afro. Oficialmente, tentou-se esconder a força civilizatória dos negros por argumentos de subalternidade cultural (ausência de escrita, domínio irregular da língua portuguesa, suposta inaptidão técnica, rejeição da cultura capitalista do trabalho, outras crenças religiosas etc.) e também pela ideologia fascista da eugenia. No começo do século 20, higienistas e antropólogos brasileiros previam a extinção dos negros num prazo de cem anos.

Subestimou-se, assim, a força de vida presente no paradigma civilizatório herdado da África e aqui reinterpretado pelas novas condições territoriais. Na verdade, são muito fortes os princípios simbólicos constituídos pelos orixás, voduns, inquices, encantados e caboclos. Não são meros objetos santificados de crenças, mas princípios de territorialização e afirmação da continuidade da existência. Diz-se em iorubá: "bibi lo bi wa", isto é, o renascimento do nascimento, a que a filosofia ocidental (Nietzsche) chamou de "eterno retorno". É a vida que sempre retorna.

Esse é o contexto em que reverenciamos Stella dos Santos, Odé Kayodê. No orum, onde hoje está, contempla os descaminhos e os absurdos que pontuam o ayê, o mundo. E mundo, diz um dos maiores pensadores do século passado, "é tudo que é caso", ou seja, o que acontece. Ela viu certamente o dono de uma cabeça carente de "bori", de alimentação espiritual restauradora, chamado Trump, incluir numa lista proibida as palavras "feminino", "pessoas grávidas" e "história".

Isso ocorre em outra terra, outra nação, mas tão comprometida quanto a nossa com o flagelo histórico do escravagismo, de que sempre foi ciente e consciente Odé Kayodé, zeladora de Oxóssi, um princípio cosmológico imprescindível nos tempos cinzentos para a Grande Mãe-Terra, que parecem prenunciar o fim de um mundo. É um princípio, o orixá de mira tão aguçada que apaga o sol com sua flecha e leva filhos a compor versos de canção como "acinzentaram a minha alma /mas não cegaram o olhar" (Hermínio Belo de Carvalho e Dona Ivone Lara). Gente preta. Isso que o grego antigo chamava de *eustochia*, a mirada certeira e penetrante numa situação crítica. É também o olhar perscrutante de Oxóssi, que agia através de Odé Kayodê.

Oshotokan shosho!

Mas por que relacionar Mãe Stella a palavras temidas por um energúmeno? Delas, a mais abrangente é história. A prospecção do passado pode cavar um buraco sem fundo no solo em que se assenta o autocrata, expondo as suas mitificações. Na arqueologia que fazemos da ialorixá, no entanto, história, entendida como geração de estados sucessivos, é só uma das faces da ancestralidade, o princípio bioético da continuidade humana.

Nessa temporalidade, não é a data que importa, e sim a narrativa de uma experiência existencial veiculada por famílias, vizinhos, conhecidos, toda a gente afim a uma comunidade. Na historiografia oficial da nação brasileira, figuras como Martiniano Bonfim, Mãe Aninha, Mãe Senhora, Agenor Miranda Rocha, Mestre Didi, Mãe Menininha, Mãe Stella e tantas outras personalidades

pertencem uma história paralela do país que apenas emerge, mas que ocupam um primeiro plano quando falamos de ancestralidade e ética social imediata.

Um plano em que o feminino é sagrado por sua gravidez, logo, pelo poder de assegurar o *continuum* da vida humana e a única acumulação realmente essencial, que é a acumulação de descendentes. De fato, no *continuum* da ancestralidade, o que entendemos como *ética* não é um conjunto codificado de regras de conduta (o ajustamento moral dos usos e costumes) em função de um Bem transcendente.

Ética implica toda a envergadura das realizações transtemporais de um grupo humano guiado pelo brilho de sua verdade própria e pelo apelo de sua *dignidade*, isto é, da regra ancestral instituída ao mesmo tempo em que se fundou o grupo. Não implica realmente nenhuma transcendência, nenhum "além", em matéria de valores e normas, e sim uma *imanência dinâmica* (uma coisa naturalmente inerente à convivência) comum a toda habitação humana num espaço determinado, ou seja, o que corresponde a *exigências radicais* da própria vida.

Explica Carneiro Leão: "A vida não se esgota com o que se manifesta no ser vivo. O homem é um ser vivo, mas o que o constitui como vivo está aquém ou além de tudo que perfaz a sua condição de sujeito, seja da consciência ou do inconsciente. Dito com outras palavras: Todo sujeito se sustenta pelo não nascido, pelo não constituído, pelo não existente em tudo que perfaz seu nascimento, sua constituição, sua existência".[1]

Isso não tem a ver com política, nem com história, mas com ética. A ética é precisamente o movimento de escuta grupal dessa dinâmica abrangente, maior do que os limites da subjetividade instituída, mas imanente – quer dizer, inerente ou "natural" – a todo e qualquer modo de existir. Se fizermos essa escuta no contexto da vida comum nacional, vamos verificar

[1] Cf. notas de curso na ECO/UFRJ a propósito do mito de Midas.

que as palavras "feminino" e "pessoas grávidas" são fundacionais na dinâmica de existência e de fé dos terreiros litúrgicos, os candomblés.

Mãe Stella visava ao exercício livre da fé. Sua visão era ao mesmo tempo intelectual e sensível, enquanto intelectual orgânica do povo de santo. Arrisco-me à repetição, mas me sinto fortemente compelido a dizer o que entendo por essa organicidade. É muito comum observar que o intelectual se construa como sujeito de um conhecimento notável. Uma diferença, entretanto, nos é cara: conhecimento não é necessariamente o mesmo que cultura. O enciclopedismo estéril, entendido como acúmulo autocentrado de conhecimentos, não é geralmente culto.

Imaginemos o conhecimento como um mar em que se deve navegar: a cultura é um mapa, uma carta de navegação, com balizas e faróis. Antes mesmo que apareça o conhecimento, ela já se faz presente como uma matriz de orientação para fazer diferenças e estabelecer critérios, mas também como um mapa da memória do saber pertinente à reprodução da consciência moderna

Mãe Stella era organicamente culta. E punha seu conhecimento a serviço de sua comunidade, na forma branda da transmissão oral e escrita, mas também em formas de militância litúrgica. Assim é que o sincretismo na Bahia durou muitos anos, até que um dia, Stella —ou terá sido Oxóssi? — pôs fim a essa prática. Por um manifesto, que teve a adesão de todas as ialorixás de Salvador, os orixás africanos deixaram de ser relacionados com os santos da igreja católica.

À primeira vista, pareceria um movimento de oposição à Igreja Católica. Mas da parte do povo de santo, essa não é uma questão simplesmente teológica, é principalmente ético-política. O sincretismo, tão louvado na perspectiva, digamos, água com açúcar da cultura nacional, deixa perder de vista a força simbólica e original de elementos sincretizados pela forma hegemônica. No processo sincretista, elementos vitalistas acabam convertendo-se

em referências pitorescas num mapeamento cultural lido como itinerário turístico. Esse era, portanto, um movimento que se atinha à ética como imanência dinâmica, ou seja, levar em conta a capacidade histórica de uma comunidade de enxergar um destino comum fora dos efeitos de realidade produzidos pelos poderes constituídos.

A comunidade de que falamos pode ser a nossa, modesta, do povo de santo, mas também uma comunidade nacional poderosa como aquela atualmente regida pelo desatino, ao modo de um elefante que não simboliza Oxalá, e sim algo formidável em colapso. Por isso, citamos Trump, um agente de destruição política por meio do abandono de todo princípio ético. O que se vem chamando de crise moral ou crise da ética não é a simples violação de valores e regras instituídos (a corrupção, a violência institucional, a indiferença do Estado), mas é o obscurecimento do destino comum, esse destino para o qual parecem cegas as elites políticas, burocráticas, científicas, tecnológicas, enfim, as elites de poder que nunca puderam rever o peso do fardo histórico e psicológico da colonização.

O princípio denominado Oxóssi, a mirada certeira, é o avesso dessa cegueira supraliminar. Oshotokan shosho! Toda colonização é brutal e inflexivelmente masculina, fálica. Figuras femininas como Stella de Oxóssi obrigam a rever a história nacional porque apontam para outras possibilidades existenciais que, se não estão expressas, estão sonhadas. Aqui, eu me permito enfatizar que se há para mim um título de contentamento continuado é o de Obá do Axé Opô Afonjá: Obá Aressá, no lugar que foi ocupado por Camafeu de Oxóssi. Fui o primeiro obá confirmado por Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayodé, a quinta ialorixá do Axé Opô Afonjá.

Numa visita à casa de Mãe Stella, quando ela estava em processo de escrita de um livro sobre folhas, lembro-me de ter perguntado sobre uma folha específica, se existia por aqui,

e recebi uma revelação singela: "Não sei onde encontrar, mas deve existir, porque sonhei com ela".

Sim, vamos sonhar juntos com Odé Kayodê.

Muniz Sodré é graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (1964), tem mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1967) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), é Livre-Docente em Comunicação e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi Presidente da Fundação Biblioteca Nacional de (2005 -2011). Possui cerca de 40 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº 33 da Academia de Letras da Bahia.

MÃE STELLA DE OXÓSSI, DEFENSORA DA LIBERDADE RELIGIOSA

Edvaldo Brito

Direitos Fundamentais!

É um tema que comporta uma análise crítica, especialmente, acerca de sua *efetivação* como prerrogativa invocável pelo homem.

Direitos fundamentais são prerrogativas *inatas* do ser humano.

Há *absurdos*, contra essa *efetivação*, que necessitam ser afastados:

> *um deles* é a ideia de que *direito fundamental*, somente, o é se estiver positivado na Constituição política de um Estado.

Absurdo, porque, assim, somente, o seria aquela prerrogativa inserida no texto constitucional, ao bel prazer dos membros da sociedade política de plantão.

Por isso, *direito fundamental* é, *efetivamente*, uma prerrogativa *inata* do homem, que cumpre ao Estado *observar* e *proteger*.

Observar significa que todos os atos estatais, apenas, legitimar-se-ão quando praticados sob a bitola do *direito fundamental*.

Proteger, quer dizer, que o Estado existe para assegurar o *direito fundamental*, inclusive, nas relações privadas, isto é, dos indivíduos, entre si.

> *um outro absurdo* é a dicotomia que alguns sustentam entre *direito fundamental* e *direitos humanos*.

Absurdo, porque, todo direito é, tecnicamente, humano, considerando que, assim se entende, a conduta humana quando está na sua interferência intersubjetiva.

Neste sentido, não se deve falar em *direito do animal*, uma vez que o *homem* é, também, um *animal* e, então, melhor é se reconhecer duas categorias *animais*, a *humana* e a *não-humana*, inserindo naquela, a *humana*, o dever de proteção a esta, a *não-humana*, como um ser senciente e essencial à sobrevivência daquele, por integrar o meio ambiente que se busca seja, ecologicamente, equilibrado.

Basta lembrar, hoje, esses dois *absurdos* para ponderar como, ontem, os defensores – mesmo de modo inconsciente e involuntário – da liberdade religiosa – um dos mais destacados *direitos fundamentais* – devem ser cultivados como heróis.

Contingente expressivo desses defensores é o das mulheres iyàlorisas, as famosas "*mães de Santo*", como Maria Escolástica da Conceição Nazaré, a lendária Mãe Menininha do Gantois[1] que, com altivez, enfrentou as baionetas da, historicamente, conhecida *polícia de Pedrito Gordilho*; como Stella de Azevedo Santos, *Mãe Stella de Oxóssi*, nossa confreira nesta Academia e, agora, tão, justamente, homenageada, nesta Sessão Solene de Comemoração do seu Centenário de Nascimento.

Presidi a *II Conferencia Mundial de Tradição das Orixás e Cultura Africana*, realizada em Salvador, nos idos de junho de 1983, durante sete dias que embelezaram a Bahia; nessa oportunidade, Mãe Stella, destacou-se na defesa da natureza religiosa do culto aos orisás ao reafirmá-lo como um sistema cujos elementos são o ritual, isto é, uma liturgia peculiar, os dogmas, a fé, a doutrina, estabelecidos mediante uma estrutura organizacional duradoura capaz de envolver significativos número de seguidores que observa uma tradição teológica.

[1] - Ìyálorisa que liderou, por quase 70 anos, o Ilè ìyá Omi Àsé Ìyámasè, o Terreiro do Gantois, em Salvador e a ela se devem fatos em defesa da diversidade religiosa no Brasil, como o final das restrições ao culto, impostas, na Bahia, pela Delegacia de Jogos e Costumes, mesmo ao arrepio das normas constitucionais.

Essa fé é transcendente à natureza de um pequeno grupo fechado, porque a História, mesmo longe de um amplo contingente de adeptos, caracteriza-a como uma *religião*.

É *direito fundamental* a liberdade de consciência e de crença.

Mas, não se condiciona ao absurdo de estar positivado na Constituição política do Estado brasileiro, até porque, dentre as sete que foram promulgadas, a partir de 25 de março de 1824[2], na qual nem se dispunha sobre a matéria, senão o privilégio da religião católica apostólica romana[3].

As demais constituições republicanas, em número de seis[4], dispuserem sem a nitidez dessa última (a de 1988), porque essa não deixa dúvida se *culto* é *religião* ou não, uma vez que determina a inviolabilidade da liberdade de consciência e de *crença*, assegurando o livre exercício dos *cultos religiosos*, garantindo a proteção aos *locais* de culto e a suas *liturgias*[5].

A dúvida era tanta, que, na Bahia, era necessária a licença para professar a *religião dos orisas*, requerida e concedida pela Delegacia de Jogos e Costumes, cuja competência era a de exercer a *polícia*, relativamente, às *ilicitudes*, sob a condição de concluir a *liturgia* às 22h00, ou que não contrariasse a *ordem pública* e os *bons costumes*[6] que são dois conjuntos de *signos* de *imprecisas significações*.

A dúvida, na Bahia, acabou com o Decreto nº25.095, de 15 de janeiro de 1976, do governador Roberto Santos[7], proposto pelo autor deste discurso, seu Secretário de Justiça.

---

[2] - cf. Constituição Política do Império do Brasil

[3] - cf. art.5º: a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.

[4] - cf. 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 (com a Emenda nº1/1969) e 1988.

[5] - cf. inciso VI, do art.5º da Constituição de 1988.

[6] - cf. §5º do art.153 da Constituição de 1967, com a redação da Emenda nº1/1969.

[7] - Ocupante da Cadeira 26 da Academia de Letras da Bahia, falecido em 09 de fevereiro de 2021.

O *culto religioso* aos orisas, até então, era *ilicitude*, tão ao gosto da Constituição do Império que só permitia as outras religiões em culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo[8] e tão ao gosto das demais constituições, mesmo republicanas, porque os seus dispositivos sobre a liberdade de consciência e de culto não conduziam a uma interpretação compatível com um Estado Democrático de Direito.

Essa circunstância é bem a prova de que é necessária uma *jurisdição constitucional*, a exemplo do Supremo Tribunal Federal, no Brasil, cujo modelo de atribuição precípua é a *guarda da Constituição*, categoria jurídica que, somente, ficou consolidada depois da segunda guerra mundial, período em que as mais destacadas democracias europeias seguiram as lições de Kelsen[9], contrárias às de Schmitt[10], no sentido de ser essencial instituir um *órgão* próprio para a *guarda da Constituição*, isto é, interpretá-la conforme as tendências sociais contemporâneas, de modo a manter a Constituição, sempre, atualizada ou, como querem os juristas norte-americanos, "uma Constituição viva, um corpo normativo que (ao contrário das leis normais) cresce e muda de tempos em tempos, de maneira a encontrar as necessidades de uma sociedade em transformação"[11].

As obras literárias da confreira Maria Stella de Azevedo Santos são decisivas na solidificação dos supra referidos elementos conceituais da *religião dos orisas* — *local* e *liturgia* — e um testemunho

---

[8] - cf. seu art.5º, transcrito na nota de rodapé supra.

[9] - cf. Hans Kelsen. *Jurisdição constitucional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.119 e segs.

[10] - cf. Carl Schmitt. *O guardião da constituição*. Belo Horizonte: Del Rey, 2007, o qual defendeu a titularidade dessa atribuição ao presidente do Reich (Reichspräsident), que era o chefe de Estado da Alemanha, inclusive, em boa parte do período nazista.

[11] - cf. Antonin Scalia. *Uma questão de interpretação: os tribunais federais e o direito*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris. 2021, p.52; 61; 62. Barack Obama. *A audácia da esperança: reflexões sobre a reconquista do sonho americano*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. p.105. Konrad Hesse. *La interpretacion constitucional*. In. Escritos de derecho constitucional (selección). Madrid. Centro de Estudios Constitucionales. 1983, p.39.

insuspeito encontra-se no livro do Desembargador Lidivaldo Britto, intitulado "*A proteção legal dos terreiros de candomblé*"[12], que conta a história da repressão policial e a do reconhecimento do patrimônio histórico-cultural, construído por essas citadas mulheres.

Mãe Stella, como sacerdotisa, compõe uma linhagem de uma descendência nobre, a partir de Mãe Aninha, Obá Biyi, Eugênia Anna dos Santos; passando pelas outras antecessoras de Mãe Stella: Mãe Bada, Mãe Senhora e Mãe Ondina.

Mãe Stella honra a tradição de integração do negro na sociedade de classes de que fala Florestan Fernandes, pois ela abriu as portas do Afonjá[13] à sociedade brasileira, sem devassar os necessários segredos rituais.

Segue, neste ponto, Mãe Senhora que instituiu os *obás* de Xangô – os *otun* e os *ossi* – ampliando-os para 36, cujo órgão teve renomados filhos da Bahia como Jorge Amado, Carybé, Dorival Caymmi, Antonio Olinto, Camafeu de Oxóssi e Miguel Santana.

Mãe Stella enveredou pelo caminho das letras e se credenciou ao ingresso nesta Academia.

Era inusitado uma mulher, negra e crente da religião dos orisas ter admissão nesta Casa de cultivo das boas letras. Foi, sempre, tradicional espaço para homem, tanto que, para 193, nesses 100 anos de existência, apenas, ocorreu o ingresso de 15 acadêmicas, a partir de Edith Mendes da Gama e Abreu, a primeira, em 09 de novembro de 1938.

Mas, negra e filha de orisá, somente, STELLA.

Declaradamente, aqui, está o segundo crente dessa religião a conseguir essa proeza: sou tão negro quanto STELLA. Sou o *Baba Egbé* do *Ilé Iyá Omi Àse Ìyámásé*, o Terreiro do Gantois, "*raspado e pintado*" por MÃE MENININHA.

---

[12] - cf. Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto. *A proteção legal dos terreiros de candomblé: da repressão ao reconhecimento como patrimônio histórico-cultural*. Salvador (BA): Kawo-Kabiyesile, 2016.

[13] - Ilé Àsé Opô Afonjá

Os orisas têm suas tessituras, as quais são perceptíveis, apenas, por quem os cultua.

A organização que Eles constroem, para os iniciados na Sua adoração, independe da vontade humana, por isso, o meu ingresso nesta Casa teria de ser em outra vaga, que não a dela, porque Eles queriam que a grandeza de Sua filha, STELLA, fosse, repetidamente, enaltecida.

E aconteceu, assim: o sucessor da memória ilustre de STELLA cumpriu as regras da Casa e louvou essa memória em seu discurso, de posse ocorrida em 31 de outubro de 2019, como ocupante da Cadeira 33.

E este acadêmico, que vos fala, também, fê-lo, trinta dias depois, 29 de novembro de 2019, ao tomar posse na Cadeira 3.

É um *encanto*.

Primeira negra e mulher, entre as 15, aqui, ingressadas; abriu caminho para o segundo homem negro da Academia.

O primeiro foi o Monsenhor Gaspar Sadoc da Natividade, Cadeira 10; e o segundo membro, também, iniciado na religião dos orisas, aqui, está.

Confrade, presidente, ilustre acadêmico, Aleilton Santana da Fonseca:

Esta homenagem não pode cessar nesta solenidade.

Assim, *requeiro* a Vossa Excelência submeter aos órgãos superiores desta Casa a *proposta* que, agora, formulo, oficialmente, a de perpetuarmos essa memória benfazeja, instituindo um "*Prêmio Anual de Literatura Mãe Stella de Oxóssi*", para o melhor trabalho sobre as civilizações africanas nas Américas, especialmente, no Brasil, incluindo estudo das línguas e das religiões africanas.

O resto é, no melhor estilo Yorubá, concluirmos com festa, saudando Oxóssi.

Arolê
Kô pê nïn lódé
Kô pê nïn lódé

Onipapô
Odé arolê pé awó ré ékim ôssô
Awó ré kô ô
Kô pê nïn lódé
Onipapô
Kô Pê nïn lódé

O bom caçador, Oxóssi, matou a onça e traz a pele a tiracolo.

Viva Stella de Oxóssi!

Salvador, 02 de maio de 2025.

Nota: Discurso proferido, no dia 02 de maio de 2025, na Sessão Solene da Academia de Letras da Bahia, realizada para comemorar o centenário do nascimento de Maria Stella de Azevedo Santos, "Mãe Stella de Oxóssi", que ocupou a Cadeira 33.

Edvaldo Pereira de Brito é advogado e político. É Doutor em Direito e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). É jurista com inúmeros livros e diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus, dentre outras entidades do gênero. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº 3 da Academia de Letras da Bahia, da qual, atualmente, é o Vice-Presidente.

MÃE STELLA:
UMA VIDA, UMA LUZ

Adriano de Azevedo Santos Filho

Boa noite a todas as pessoas. Como sou uma pessoa religiosa, peço a bênção à Ancestralidade desta casa e de todos aqueles que vieram antes de nós. A bênção aos meus mais velhos e aos meus iguais, e, saúdo meus mais novos, porque o futuro a eles pertence.

Para quem não me conhece, sou Adriano de Azevedo Santos Filho, porém, muita gente me conhece como Adrianinho. Sou sobrinho de Mãe Stella de Oxóssi e Obá[1] de Xangô do Ilê Axé Opô Afonjá[2] há 34 anos – iniciado por ela – Mãe Stella, sendo hoje o terceiro Obá Abiodun da história do Opô Afonjá – Presidente emérito e chefe do Corpo de Obás.

Antes de iniciar minha breve fala, gostaria de pedir licença e saudar também a Ancestralidade desta Venerável Academia de Letras, a minha Ancestralidade – em especial meu pai Adriano e tia Stella. E saúdo também todos os Orixás. Meu agô[3] e mojubá![4] Saudando agora os deste plano, começo com o Presidente desta confraria, Aleiton Fonseca, que nos recebeu com muito carinho e respeito.

---

[1] Título honorífico criado por Eugênia Anna dos Santos – fundadora do Opô Afonjá e Martiniano Eliseu do Bonfim, seu conselheiro, em 1936.

[2] Casa de Força Sustentada por Afonjá – Terreiro fundado em 1910 por Eugênia Anna dos Santos.

[3] Palavra de origem iorubá, utilizada para pedir licença.

[4] Palavra de origem iorubá, utilizada para saudações.

Saúdo também as autoridades religiosas e civis aqui presentes. Saúdo os amigos, irmãos e parceiros que aqui se encontram presentes e aqueles que não puderam comparecer, mas que sei do apoio a esse projeto. Boa noite a todos!

Quando cheguei neste mundo, tia Stella já era Iyalorixá[5]. Nasci e fui criado dentro do Ilê Axé Opô Afonjá. Tive a honra e privilégio de ainda poder ter conhecido a velha guardar do Terreiro – aqueles lá de 1910, ano da fundação. Aos 11 anos de idade fui iniciado para o Orixá Ogun, e, tia Stella acumula mais uma função: a tia querida se torna também minha Mãe de Santo. Ser sobrinho de Mãe Stella sempre foi um desafio, e ainda continua sendo. Não é Mãe Suely? Ser religioso nos dias atuais requer determinação, resiliência e sabedoria na condução social e religiosa.

Estamos aqui reunidos para que possamos comemorar os 100 anos de nascimento de uma das mulheres mais emblemáticas que conheci. Enfermeira de formação, Iyalorixá por competência, ativista do movimento antirracista, escritora e Imortal. Maria Stella de Azevedo Santos foi tudo isso e muito mais.

Condutora da vida espiritual de centenas de pessoas ao longo de sua atuação religiosa, minha tia sempre prezou por uma atuação prestimosa, silenciosa (na maioria dos casos) e assertiva em suas falas públicas e defesas veementes. Lutou pelo fim do sincretismo, não aceitando que Ogun fosse associado ou comparado com São Jorge, ou que Oxun seja Nossa Senhora da Conceição, por entender que na época da escravização nossos Ancestrais não tiveram outra opção a não ser esconder o tesouro de nossa fé. Esse tempo passou, e, precisamos seguir sabendo quem são os Orixás e o que eles representam para nós, sem utilizarmos de subterfúgios. Essa foi umas das maiores batalhas que tia Stella protagonizou.

[5] Título máximo destinado a mulheres – Mãe de Santo.

Além dessas e outras lutas a favor do povo preto, ousou escrever. Produziu 08 livros durante sua vida e tornou-se Imortal desta Academia de Letras da Bahia, sendo a primeira Iyalorixá a compor o quadro de Imortais da Bahia.

Por toda essa trajetória e por entendermos a importância do legado e da força dessa mulher, que eu, amigos e parceiros decidimos construir o projeto 100 ANOS DE MÃE STELLA – UMA VIDA, UMA LUZ! idealizado por mim em parceria com Mãe Suely Melo e nossos parceiros. O ano comemorativo do centenário que começa hoje, 02 de maio de 2025 a 02 de maio de 2026, nos possibilitará ter tempo e condições para executar nossa programação. Dito isto, declaro publicamente aberto o ano comemorativo ao centenário de nascimento de Mãe Stella de Oxóssi.

Já me aproximando do fim desta fala, é importante informar a todos, e, à sociedade baiana e brasileira que o constitui, com irmãos, parceiros e admiradores, que, o INSTITUTO MÃE STELLA DE OXÓSSI, também idealizado por mim, tem por objetivo a preservação do legado desta personagem da história da Bahia e do Brasil, defendendo o que ela acreditava e propiciando a manutenção do seu pensamento crítico, salvaguardando o que ela nos ensinou, por meio de ações com parceiros e admiradores. Aliás, nosso Instituto já nasce com a parceria da Academia de Letras da Bahia, com a qual assinaremos em instantes, um protocolo de intenções para a realização de ações em parceria e apoio mútuos. O Instituto Mãe Stella de Oxóssi, será um espaço aglutinador, sem distinção de qualquer natureza, objetivando ser o executor de ações para o desenvolvimento do pensamento humano, da melhora da qualidade de vida e do desenvolvimento sociocultural de todos os atendidos por nossos objetivos sociais. Todas e todos são e serão eternamente bem-vindos nessa caminhada que nasce hoje, mas que nasceu do pensamento e das ações de tia Stella e que hoje continuará com a nossa condução coletiva e plural.

Finalizando, gostaria de agradecer a minha genitora, Nivalda Silva de Azevedo Santos, que me consolou e me acalmou nos momentos de angústia, pois para chegar até aqui foram muitas lágrimas derramadas; a Mãe Suely pela parceria e aprendizado. Nada disso seria possível sem sua habilidade e conhecimento técnico. Mãe Suely em parceria com Exu conseguia transformar o caos em ordem; meu agradecimento cheio de afeto a Isaura Genoveva. O instituto surgiu a partir dos nossos longos papos – obrigado por fazer parte deste momento da minha vida; a mulher que se intitula filha de Iansã. E se assim for, é a filha de Iansã mais "arretada" que conheço. Tudo em que ela coloca a mão se transforma em coisas boas – dona Alessandra, minha mentora na FB Comunicação (criadora do podcast Podomblé – Conexão e Saberes, do qual sou apresentador), meu muito obrigado! Dr. Francisco Bastos, obrigado pelo apoio e confiança. Sua serenidade me trouxe equilíbrio; muito obrigado a Dr. Gama Neto, Dr. Cássio Mendes e toda equipe da F.Bastos Assessoria Jurídica; a meu neto de Axé, Otávio César, Tavinho. Você também faz parte dessa história. Se não fosse através de você, talvez jamais tivesse conhecido a dona Alessandra e a FB Comunicação; muito obrigado ao Professor Ordep Serra pelo carinho e acolhimento; meu tio-amigo-irmão Roberto Rodrigues, muito obrigado; aos Diretores do Instituto Mãe Stella de Oxóssi, obrigado pela confiança: Andreia Azevedo, Robertinho, Andreia Almeida, Elque Conceição, Antônio Dimas (Pai Dimas de Oxóssi), Eduardo Sérgio (Guelê), Maria do Carmo Neta – minha tia materna; a toda família Azevedo: Thomázia, Tânia, Telma, Thereza, Maria Helena, José Jr., Fábio Francisco, Bárbara Fernanda, Reina – minha filha e Miguel – meu neto amado; aos irmãos do Ilê Axé Opô Afonjá e a toda equipe técnica da Academia de Letras da Bahia – ALB, meu muitíssimo obrigado pelo acolhimento e parceria.

É importante também agradecer a todos que reconheceram a importância desse centenário, que acreditaram ser possível realizar esse projeto e que apoiaram nossa construção. Nenhum de nós estará aqui para comemorar o bicentenário do nascimento de tia Stella, mas deixaremos um legado para as futuras gerações. Estamos escrevendo a história desse legado e comemorando com chave de ouro.

Salve Mãe Stella de Oxóssi, uma vida, uma luz!
Okê Arô!

Salvador, 2 de maio de 2025.

Adriano de Azevedo Santos Filho é músico-percussionista; artista plástico; publicitário; produtor cultural; educador; colunista do portal Farol da Bahia; apresentador do podcast "Podomblé – Conexão e Saberes", reunindo os mais diversos Saberes materializados em conjunto com seus entrevistados. Obá Abiodun, é presidente do Instituto Mãe Stella de Oxóssi, Instituição sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, assistencial, sem cunho político ou partidário, voltado a projetos sociais, educacionais, ambientais e culturais contribuindo para a promoção e melhoria da qualidade de vida da pessoa humana, salvaguardando o legado de sua patrona.

VIDA LONGA AO INSTITUTO MÃE STELLA DE OXÓSSI

Suely Melo

Boa noite a todos.

Sou Suely Melo, formada em gestão pública, produtora cultural e Yalorixá de meu pequeno universo chamado ILÊ AXÉ IYÁ OMI OMO N´ILA. Tenho 36 anos de iniciada, sendo filha de minha mãe Iyá Edeuzuita de Oxaguian, filha de santo de minha avó Mãe Menininha do Gantois.

Por ser religiosa inicio minha fala pedindo a bênção à ancestralidade desta casa, cujas ações nos permitiram hoje estarmos nessa comemoração singular. Peço a bênção a meus mais velhos, cumprimento meus iguais e saúdo os mais novos, pois o futuro terá o comando deles.

Saúdo os integrantes da mesa, na pessoa de meu dileto amigo Professor Aleilton Fonseca.

Antecipadamente agradeço a presença de todos!

Vim a esta nobre tribuna com o objetivo de falar do INSTITUTO MÃE STELLA DE OXÓSSI.

No entanto, antes falar dessa instituição preciso voltar no tempo e falar da pessoa humana, da enfermeira, da yalorixá, da militante da defesa dos direitos do povo preto, da escritora e imortal, MARIA STELLA DE AZEVEDO SANTOS – Mãe Stella de Oxóssi.

Nascida em 02 de maio de 1925, nossa personagem se destaca no tempo espaço, construindo uma trajetória de mais de 4 décadas à frente de um dos maiores terreiros da Bahia, substituindo Mãe Ondina de Oxalá, falecida em 1975.

Em 1976 ocorreu a posse dessa que se tornaria um ícone para a religião, para o povo preto e um farol a ser seguido por muitos. Reservada, de pouca publicidade (até porque naquela época não existiam as tão faladas redes sociais), mãe Stella aos poucos atraiu pessoas que passaram a frequentar a religião e a comunidade do São Gonçalo do Retiro. Com seu jeito de caçador implantou no terreiro ações importantes dentro de sua extensa visão de mundo: criou, em 1978, a escola MINICOMUNIDADE OBÁ BIÍ, que era uma creche que atendia crianças até 4 anos de idade. Atualmente a escola foi municipalizada e atende 250 crianças do 1º ao 4º ano, e se chama ESCOLA EUGÊNIA ANA DOS SANTOS. Seguindo em sua atuação social e antirracista, Mãe Stella se posiciona com veemência sobre o sincretismo religioso, conclamando o autodenominado "povo de santo" a se distanciar da história de que São Jorge é OGUN, que Nossa Senhora da Conceição da Praia é OXUM e assim por diante. Segundo Mãe Stella: "... a mistura de religiões, como a associação de orixás com santos católicos, dilui a identidade e a força do candomblé."

É importante frisar que se posicionou publicamente dessa forma em um momento no qual o silêncio do povo preto era uma realidade e os terreiros eram classificados por alguns como locais de aglomeração de pessoas desprovidas da capacidade de liderar extramuros, com pouca ou nenhuma atuação fora do campo religioso.

Em 1988, em parceria com Iyá Cléo Agbeni Martins, lança seu primeiro livro *E DAÍ ACONTECEU O ENCANTO***.** Em 1991 lança *MEU TEMPO É AGORA*, um marco para a cultura afro. Em 2006 *Òsósi – O Caçador de Alegrias*. Em 2007 *Owé – Provérbios***.** Em 2009, *Epé Laiyé – terra viva* e *Opinião* (um compilado dos textos de sua autoria publicados no jornal *A Tarde)*. Já consagrada como escritora sobre a vida religiosa e social, Mãe Stella tomou posse na Academia de Letras da Bahia no dia 12 de setembro de 2013, ocupando a cadeira de número 33, que tem como patrono o Poeta Antônio de Castro Alves. Aqui é necessário fazer uma pausa nessa narrativa para falar do ineditismo dessa ação. Eleita com 22 dos 39 votos possíveis,

Mãe Stella foi comunicada de sua vitória pelo então Presidente da Academia de Letras da Bahia, Sr. Aramis Ribeiro Costa. Nessa comunicação informou que ela ocuparia a vaga deixada pelo falecimento de nosso saudoso Professor Ubiratan Castro. Um profundo conhecedor da vida e das centenas de histórias e bastidores da política baiana. Que me chamava de POLISTA e me tratava como uma aluna dedicada, me ensinando durante vários anos de convívio semanal. Percorremos 96 anos entre a fundação da Academia até a posse de Mãe Stella. Anos de luta e de resistência do povo preto, do povo de santo, até conseguirmos a representatividade necessária para que uma Yalorixá, mulher, negra e escritora fosse admitida no seleto grupo dos imortais baianos. Uma mulher muito além de seu tempo, com uma visão de mundo que extrapolava os ditames da época e que acreditava piamente na liberdade plena do povo preto. Voltando à Família Azevedo é necessário falar de Adriano Azevedo ou Adrianinho, como é conhecido. Sobrinho de mãe Stella, foi iniciado por ela e posteriormente empossado como OBÀ de XANGÔ (cargo vitalício) dentro do Ilê Axé Opô Afonjá. Adrianinho é formado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade, percussionista, músico, artista plástico e apresentador do Podcast PODOMBLÉ – CONEXÕES E SABERES, além de colunista e parceiro da FB Comunicação.

Um dos líderes da família Azevedo, Adrianinho se destaca nesse centenário liderando um grupo de pessoas para a criação do projeto MÃE STELLA DE OXÓSSI – UMA VIDA, UMA LUZ!, e a criação do Instituto Mãe Stella de Oxóssi, esse sim o grande legado do centenário e que defenderá os princípios que nortearam a vida sociocultural de Mãe Stella: defesa dos direitos dos povos de terreiros, melhoria da educação, da qualidade de vida, tendo o livro e a leitura como elementos aglutinadores dos saberes e fazeres desse público alvo. Sobre o projeto do centenário Adrianinho poderá discorrer com maior ênfase. A mim coube falar sobre o legado do centenário: O Instituto.

Nascer no ano do centenário tem não apenas um simbolismo inigualável, nascido do amadurecimento de uma realidade familiar, espiritual e social, que reconhece em Mãe Stella a mulher negra gigante e única em seus afazeres sociais: militante contra o sincretismo (em uma época em que os terreiros não podiam se posicionar sobre a vida fora da religião), escritora e a primeira Yalorixá imortal de nosso país.

A Bahia é um Estado que tem o pioneirismo escrito em sua história: primeira capital do país, primeira faculdade de medicina, e a primeira Academia de Letras a ter uma Yalorixá em seus quadros. Essa representatividade reflete a importância e o respeito à religião de matriz africana, na cidade mais negra fora de África. Para além dessa realidade, é necessário reconhecer a coragem, a busca pela pluralidade e o respeito pelo povo preto de nossa cidade, seja ele religioso ou não. O instituto atuará nas áreas de cultura, livro e leitura, literatura, saberes e fazeres das comunidades tradicionais, com a MISSÃO de ser um instrumento de aglutinação dos saberes e fazeres das comunidades tradicionais em busca da melhoria da qualidade de vida de seus atendidos, em todos os aspectos do conhecimento humano. Sua VISÃO é ser reconhecido como um mecanismo parceiro da produção cultural dos povos tradicionais e de todos os atendidos. Finalizando reitero a importância da existência do Instituto Mãe Stella de Oxóssi como um instrumento de atuação na cultura e na sociedade baiana e brasileira, mantendo o legado construído por Mãe Stella de Oxóssi, respeitando e preservando sua história, sua militância social e cultural, deixando para as novas gerações a certeza de que uma mulher preta, enfermeira, Yalorixá, escritora e imortal causou uma revolução em seu tempo, em nosso tempo e no tempo daqueles que virão.

É necessário agradecer a esta Casa pela coragem e pioneirismo. À equipe dessa casa cultural pelo apoio e carinho. A Adriano Azevedo pela determinação em transpor montanhas e efetivar essa criação. A nossos queridos amigos e parceiros,

por sonhar e realizar conosco e todos os presentes por integrarem as comemorações do centenário de Mãe Stella e festejarem conjuntamente a criação do Instituto.

VIDA LONGA AO INSTITUTO MÃE STELLA DE OXÓSSI.

Salvador, 02 de maio de 2025.

Suely Melo, mulher preta, é Yalorixá, formada em gestão pública, militante da cultura e dos movimentos antirracistas há mais de 20 anos.

Discursos II

ENTREGA DA MEDALHA ARLINDO FRAGOSO AO ATOR OTHON BASTOS

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

[Projeção da cena em que se beijam Rosa e Corisco, personagens do filme "*Deus e o diabo na terra do sol*", ***dirigido por Glauber Rocha.]***[1]



[1] Durante a cerimônia, foram exibidas duas cenas de filmes. Aqui, elas foram substituídas por fotos.A primeira corresponde a um momento do filme *Deus e o diabo na terra do sol*, cuja fotografia foi entregue a Waldemar Lima. A segunda remete ao filme *São Bernardo* e, consequentemente, à arte de Lauro Escorel.

Cumprimento o Presidente Aleilton Fonseca, os demais componentes da mesa, todas as autoridades presentes e representadas. Muito especialmente, cumprimento o nosso homenageado: Othon Bastos. Boa tarde a todos que aqui estão!

*

Acabamos de ver o beijo mais significativo da história do cinema! A cena é plena de sentido! Não sei se todos reparam, mas o cenário de fundo movimenta-se em uma direção, enquanto o homem e a mulher que se beijam giram em sentido oposto. Assim, no beijo de Rosa e Corisco, fica concentrada a natureza de todas as paixões, sempre contrárias ao movimento de um mundo que costuma ser hostil com os apaixonados...! Indo contra o mundo, as paixões são também contrárias ao movimento do tempo, pois, se o tempo é o senhor da razão, a paixão tem o domínio do instante e dele se assenhora. Na cena marcada por desejo e emoção, é a paixão quem se contorce, recusando-se a entregar o instante que é seu a uma fluência que arrasta todas as coisas. Para discursar sobre a força passional tão intensa nesse beijo, Glauber Rocha contou com o movimento de sua própria câmera e com o deslocamento dos corpos de dois atores: Yoná Magalhães e Othon Bastos.

Não por acaso, o filme *Deus e o diabo na terra do sol* é evocado no título da peça que, escrita por Flávio Marinho e publicada pela Editora Cobogó em 2025, tem, como matéria, a trajetória do ator Othon Bastos. Verso da canção que acompanha a perseguição a Corisco e a sua decisão de resistir à prisão, as palavras "Não me entrego, não" funcionam como uma senha que pode ser atribuída a todas as vozes apaixonadas. No meio desse coral, quero hoje distinguir a voz de um homem cuja vida é um beijo ardente dado no corpo da arte. Existem décadas que são muito densas; são décadas tão intensas que valem por um só instante. Vou tentar girar dentro do instante de um beijo que envolve Othon Bastos e a sua arte; o gesto amoroso já ultrapassou sete décadas de duração.

*

Em 23 de maio de 1933, nascia na cidade de Tucano, na Bahia, Othon José de Almeida Bastos, neto do Senhor de Engenhos e de Almas, um fazendeiro que costumava reunir a família para rezar, agradecendo a Deus, quando havia chuva sobre o sertão. Não vou me deter na cronologia das realizações de Othon Bastos, porque ela está magistralmente contemplada na peça que, durante a semana, vamos ter o privilégio de ver no Teatro Sesc Casa do Comércio. Digo apenas que seguir os caminhos do ator é percorrer a história do teatro e do cinema brasileiros. E também é circular pela história da televisão e por nossa própria história. Afinal, um ator e seu público andam lado a lado e, muito frequentemente, se abraçam, girando num largo instante. No percurso de um ator que abraçamos, há muito de nós mesmos. Estando vinculada a uma trama que, envolve teatro, cinema e televisão, vou destacar apenas alguns momentos. Declaro que carrego comigo esses momentos, como uma espécie de bagagem interior. Falo de mim, sabendo que falo por muitos e, especialmente, falo por minha geração. Mas também advirto que a seleção foi feita em acordo com um gosto pessoal e com as marcas que, desde "Pluft, o fantasminha", em montagem dirigida por Ecchio Reis, ficaram impressas em minha alma.

*

Começo o meu giro pelo teatro.

Othon Bastos estreou como ator no início dos anos 50. Antes de montar, junto com Martha Overbeck (a talentosa e bela atriz baiana que tem sido sua companheira de vida e de palco por mais de 60 anos), a *Othon Bastos Produções Artísticas*, o nosso homenageado já tinha uma carreira consistente, iniciada com Paschoal Carlos Magno e nutrida por estudos feitos na Inglaterra. Em 1973, ele me fez conhecer um homem chamado Augusto, personagem de *Um grito parado no ar*, do genial

Gianfrancesco Guarnieri. O texto de Guarnieri é um marco na cultura de resistência. O público via, no palco, atores fictícios ensaiando uma peça de teatro que não chegava a conhecer. Tratava-se de teatro sobre teatro. Mas, como o Brasil passava por repressão e censura, Guarnieri mostrou as carências e as numerosas dores vividas pelo teatro brasileiro do período, mostrando também a potência do teatro, a sua intensa magia. E como falo em magia, devo lembrar que, diante de meus olhos, Othon Bastos transformava-se em Augusto (que era, no plano da ficção, um ator) e Augusto transformava-se em Justino, um homem coagido pela violência. Jovens e assustados com o contexto opressivo que nos envolvia e recebia, meus companheiros de geração e eu achamos, naquele palco, uma promessa. Afinal, um pássaro detido em seu voo ainda tem asas. Parado no ar, um grito continua sendo um grito.

No entanto, a despeito de tudo que tentava nos deter em pleno ar, Othon Bastos prosseguiu no palco e nós (eu e meus amigos) prosseguimos na plateia. Por isso, poucos anos depois de *Um grito parado no ar*, me juntei a um grupo que se dirigia ao Teatro Municipal de São Paulo, para ver *Ponto de Partida*; novamente um texto de Guarnieri encenado por Fernando Peixoto. A Secretaria de Cultura havia concedido, aos melhores espetáculos do ano, direito de apresentação naquela casa, durante uma semana. No dia em que *Ponto de Partida* seria encenada, havia uma promessa de manifestação. Nós sabíamos que, centrado na morte de um poeta, o texto de Guarnieri era uma parábola, denunciando o fato de que o jornalista Vladimir Herzog não cometera suicídio, mas tinha sido torturado até morrer. Tínhamos acabado de vencer as escadas do Municipal, quando, num mecanismo de intimidação, a cavalaria da polícia nos cercou. Pensamos que não haveria espetáculo, mas houve e, assim, eu, que tremera pouco antes na porta do teatro, tive oportunidade de vivenciar um bom tremor, quando estive diante de Dom Felix, figuração do poder, cujo caráter sombrio era grifado pela dicção

adotada por Othon Bastos. (Abro um parêntesis para dizer que se, em São Paulo, Dôdo, o pastor de cabras presente em *Ponto de Partida*, foi vivido por Guarnieri, aqui, em nosso Teatro Vila Velha, ele teve o rosto de Waldemar Nobre, amigo querido, a quem aceno com admiração e saudade.)

Vieram muitas outras peças, de forma que o nosso universo – o horizonte que era meu e de meus amigos – foi-se ampliando com a ajuda desses encontros sucessivos com Othon Bastos. Representando todos os demais, vou mencionar meu contato com Lopakhin, uma das criaturas de Tchekhov. Aconteceu no Rio; foi lá que conheci a figura complexa do novo rico que compra a propriedade onde o avô fora escravizado. Definitivamente, aquela figura fascinava; sendo a fonte energética da peça, surgia no palco para destruir o jardim das cerejeiras. No meu palco secreto, Lopakhin vive até hoje, com a força e a face de Othon Bastos.

Continuo girando, mas agora abraço
o meu ator no cinema.

Como todos sabem, Othon Bastos fez muitos filmes. Tudo começou com *Sol sobre a lama*, dirigido por Alex Viany, em 1963. Figura emblemática do cinema novo, o nosso homenageado foi, em 1964, Corisco, o homem que beija Rosa, em *Deus e o diabo na terra do sol*. Em *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), deu vida a um professor. Como não posso citar mais de oitenta filmes, esclareço que, das cinco produções brasileiras indicadas a receber o Oscar de filme estrangeiro, nosso ator atuou em três: *O pagador de promessas* (1962), adaptação da peça do saudoso baiano Dias Gomes, *O que é isso companheiro* (1997) e *Central do Brasil* (1998).

No cinema, a sua criação mais impactante foi Paulo Honório, em *São Bernardo*, filme que Leon Hirszman dirigiu em 1972. Em leitura crítica do livro de Graciliano Ramos, João Lafetá afirma que Paulo Honório é, no início, uma espécie de dínamo voltado à conquista da fazenda São Bernardo. Acontece que, depois de defrontar-se com o enigma representado por Madalena,

o dínamo emperra, argumenta Lafetá.[2] Essa modulação de uma personalidade – que vai da atividade máxima à inércia da depressão – constitui, com certeza, um desafio para qualquer ator. E, no entanto, Othon Bastos consegue, de modo impressionante, mostrar a mutação interna da sua personagem. Nos momentos finais do filme, ele permanece diante de uma vela a apagar-se, enquanto diz as palavras precisas de Graciliano Ramos, escritor que está hoje aqui representado por sua neta, Elizabeth Ramos. Trata-se de uma das cenas mais fortes do cinema brasileiro.

[Projeção da última cena do filme São Bernardo]



Fato é que Othon Bastos deu vida a grandes personagens da nossa literatura. No filme *Capitu* (1968) – dirigido por Paulo César Saraceni, com roteiro de Lígia Fagundes Telles e Paulo Emílio Salles Gomes – ele criou um Bentinho até hoje não superado. Também foi Lula de Holanda, em *Fogo Morto*, de 1976, sob a direção de Marcos Farias. Vou agora dar um salto, para alcançar

[2] Refiro-me àquela que considero a mais importante leitura do romance de Graciliano Ramos: LAFETÁ, João. O mundo à revelia. In: **A dimensão da noite** (Org. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Editora 34/Duas Cidades,2004.p.72-106.

Othon Bastos, em 2018, quando me impressionou criando um comovente Tancredo Neves em *O paciente*. Em 2024, nosso homenageado iluminou as telas como o lírico Victor Falcão, em *O voo do anjo*, filme que constitui um grande elogio à amizade.

Quanto à televisão...

Othon Bastos atuou em numerosas novelas, em casos especiais, destacadamente em vários episódios da inesquecível série *Aplauso*. Houve uma época de teledramaturgia vigorosa, que contava com grandes nomes do teatro, como Othon Bastos e Ziembinski! Para não me alongar muito, vou destacar um único trabalho na televisão. Refiro-me à criação da personagem Júlio Abílio de Lemos, na novela *Éramos Seis*, que a SBT exibiu entre maio e novembro de 1994. Na adaptação de Silvio de Abreu e Rubens Ewald Filho (que muito fez crescer o romance de Maria José Dupré), o nosso ator esteve ao lado de Irene Ravache, criando um ser humano tão comum, quanto extraordinário.

*

Como já me encaminho para o final, desejo voltar ao meu ponto de partida: o beijo de Rosa e Corisco. Enlaçados e girando em sentido contrário ao da câmera de Glauber, as figuras dos amantes nos fazem lembrar que, sendo um contraponto ao ruído do mundo, a paixão é um canto. Para evocar a dimensão passional, que é traduzível apenas pelo beijo e pela música, Glauber recorreu a Villa Lobos. Na cena, áudio e vídeo entrelaçam-se, indicando um espaço longe das assimetrias sociais, longe de todas as opressões, longe dos desgastes impostos pela corrente impiedosa dos eventos. Esse espaço é o país da esperança, um país que sempre esteve nos caminhos de Othon Bastos e do seu público. Nesses caminhos, paixão e trabalho enlaçam-se num beijo ardente. Diante desse amoroso enlace, podemos pensar que, em meio à aridez, giram forças favoráveis à vida. E finalmente chego à saudação propriamente dita:

Othon Bastos,

A Academia de Letras da Bahia concede a Medalha Arlindo Fragoso[3] como um símbolo indicativo de distinção; e de um reconhecimento atribuído a pessoas que contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento da cultura e das artes. Você, Othon Bastos, está no auge de uma carreira longa e sólida cujo desenvolvimento teve etapas importantes realizadas na Bahia e na sua principal Universidade, a UFBA. Você habitou a Casa de Eros, pois assim a acadêmica Cleise Mendes chamou a nossa Escola de Teatro. Nome destacado no Cinema Novo, você fundou a Companhia Teatro dos Novos, em 1959, e esteve entre os criadores do Teatro Vila Velha. Sendo hoje um ator nacional e internacional, você não deixa de ser nosso, baiano, o menino que, nascido em Tucano e, rezando na varanda, já era potencialmente o Senhor de seu próprio Engenho, o Senhor de sua Arte. Em nome da Academia de Letras da Bahia, quero agradecer a sua presença. Receba a Medalha Arlindo Fragoso, como forma de reconhecimento e como agradecimento por tudo que já fez pela cultura da Bahia e do Brasil; e por tudo que certamente ainda fará.

Salvador, 19 de maio de 2025.

[3] Nascido em Santo Amaro no fim do século XIX, Arlindo Fragoso foi engenheiro, poeta e o fundador da Academia de Letras da Bahia.

Mirella Márcia Longo Vieira Lima é autora de sete livros, ensina literatura na UFBA, é pesquisadora do CNPq, Doutora em Letras pela FFLCH/USP, escreve poemas, contos, memórias e ensaios. Entre esses últimos, situa-se *Confidência Mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*, livro publicado pelas editoras Pontes e EDUSP. Desde2023 ocupa a Cadeira nº 16 da Academia de Letras da Bahia.

SESSÃO ESPECIAL DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA – HOMENAGEM A EDVALDO BRITO E ANTONIO BRITO

Ivana Bastos

Senhoras e Senhores, bom dia.

O peso desta Casa Legislativa hoje se eleva em grandeza. Ainda que eu tivesse páginas e páginas para escrever, não seria capaz de traduzir, em plenitude, a emoção de presidir esta sessão.

Nesta mesa de honra, sentam-se gigantes. Gigantes forjados não em berços de ouro, mas na dureza da vida, na força da fé e na grandeza do saber.

Homens cuja vida não é apenas biografia, mas legado imortal inscrito na própria história da Bahia e do Brasil.

Colunas vivas desta terra.

Estamos reunidos, neste plenário que hoje transcende sua função de Casa de Leis, para se tornar altar da memória.

E aqui celebramos aquele menino que descia à fonte dos padres para buscar as trouxas de roupa que sua mãe lavava.

Aquele que cresceu cercado de dificuldades, cuja maior distração era montar o presépio de Natal com latas e figuras de barro.

Aquele menino de uma infância dura, mas que o bom Deus, em sua infinita sabedoria, lhe presenteou com Dona Edite – sua querida mãe, que semeou no coração do filho a convicção de que o estudo era o caminho.

Ela sabia, como nos ensina a Escritura: *"Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele"*. (Provérbios 22:6).

E foi assim que Dona Edite, em sua sabedoria de mulher simples e firme, disse ao filho:

"Estude, Edvardo, porque você vai ser um grande homem."

Em seus relatos, sempre vinha também a verdade destemida dessa mãe de fibra, que um dia lhe disse:

"Agora é contigo, filho. Vai-te embora para a Bahia. Vai, meu fio. Porque fio macho no cós da saia de mãe não dá coisa que presta. Vai-te embora."

E ele foi. E venceu.

Feliz destino o de Dona Edite, que pôde ver aquele menino não apenas crescer, mas chamar outros para crescerem com ele.

Um homem que enfrentou o preconceito, mas que quando teve vantagem, respondeu com grandeza. Mostrou, com sua trajetória, que o saber liberta e transforma.

Edvaldo Brito não é apenas jurista, professor e intelectual. É patrimônio vivo da Bahia.

Um mestre que demonstrou, com a própria vida, a máxima do filósofo Sócrates: *"A educação é a melhor provisão para a velhice."*

E provou, ainda, que a educação é também a melhor arma contra a desigualdade e o preconceito. Que precisamos ofertar oportunidades.

Meu pai, Fernando Bastos, teve a grata alegria de recebê-lo em nossa fazenda Guadalajara, em Guanambi.

E, celebrávamos não apenas a visita de um homem público, mas a honra de abrir as portas de nossa casa para alguém que carregava consigo a riqueza de uma vida íntegra, erguida no alicerce da ética, da inteligência e do exemplo.

Naquele período, minha mãe, Marília Bastos, artista de alma sensível e mãos cheias de ternura, sempre nutria encantamento por Edvaldo. Um dia, com o coração cheio de carinho, moldou em papel um Cristo, obra singela e profunda, e me pediu que o entregasse a ele.

Era o seu desejo que essa imagem sagrada fosse um sinal de proteção, para que Jesus o amparasse e o acompanhasse em cada passo de sua caminhada.

Hoje, ao receber a Comenda Dois de Julho e o Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, Edvaldo Brito sela um ciclo glorioso: o menino que nasceu entre dificuldades torna-se o símbolo vivo da força transformadora da educação e da fé.

E como se o destino tivesse preparado um gesto ainda mais grandioso, esta homenagem acontece justamente no dia do aniversário de Edvaldo Brito.

Não é apenas a Assembleia que o celebra: é a própria vida que o saúda, devolvendo em flores o que ele plantou em sementes de justiça, sabedoria e coragem.

Hoje, professor Edvaldo, a Bahia não lhe entrega apenas títulos e medalhas, mas lhe oferece também o presente mais nobre: a gratidão eterna de seu povo.

Que este dia, em que o senhor completa mais um ciclo de vida, seja marcado para sempre no coração da Bahia.

E a vida, em sua sabedoria, quis que esta sessão também celebrasse outro nome de peso: o deputado federal Antônio Brito, seu filho.

Casado com Leila, pai de dois filhos, filho de professores, Antônio Brito construiu uma vida pública marcada pela generosidade.

Ergueu a bandeira da assistência social. Liderou a frente das Santas Casas e da saúde filantrópica. Foi voz firme em defesa das populações mais vulneráveis.

Em Brasília, sempre mostrou equilíbrio, capacidade de diálogo e compromisso inabalável com os mais simples.

Antônio Brito é homem de fé, homem de família, homem de princípios. Como disse: adora descansar em Jequié, terra que lhe renova a força.

É admirado não apenas pelo cargo que exerce, mas pelo coração com que exerce.

Quem convive com Antônio Brito sabe de sua humildade genuína, de sua escuta atenta, do carinho com que trata cada pessoa.

Seu maior título não está nos registros oficiais, mas no afeto que conquistou junto ao povo.

Hoje, ao receber também a Comenda Dois de Julho, Antônio Brito une sua história à do pai, nesta sessão que não é apenas uma homenagem, mas um selo de eternidade.

Pai e filho, dois nomes que a Bahia ergue em altar, não apenas pela trajetória política, mas pela essência de suas vidas: o compromisso de servir ao próximo.

Quero, neste instante, reconhecer os deputados que propuseram estas honrarias.

O deputado Euclides Fernandes, que honra esta Casa Legislativa e a tradição da firmeza, e soube transformar em proposição aquilo que já era consenso na alma baiana.

O deputado Marquinho Viana, herdeiro de uma história política de serviço ao povo, mostra com este gesto que a boa política é também memória e reconhecimento.

E o deputado Patrick Lopes, cuja juventude parlamentar traz o vigor da renovação, inscreve seu nome neste momento como quem perpetua valores que são eternos.

Professor Edvaldo Brito. Deputado Antonio Brito.

A Bahia vos reverencia.

Esta Casa Legislativa, que hoje tenho a honra de presidir como a primeira mulher em 190 anos de história, vos concede honrarias que não são apenas medalhas ou títulos.

São o manto da Bahia, que vos envolve e consagra como parte viva de sua identidade.

E, para que este momento seja completo, invoquemos também a proteção maior desta terra: Que o Senhor do Bonfim cubra-os com suas bênçãos.

Que Santa Dulce dos Pobres, com sua ternura e compaixão, vos acompanhe em cada passo.

E que o Axé da Bahia, força que une fé, cultura e esperança, esteja sempre presente em vossas jornadas.

Muito obrigada.

Salvador, 3 de outubro de 2025

Ivana Bastos é Deputada Estadual, graduada em Administração, pertence ao PSD, é presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, exercendo o seu 4º mandato parlamentar.

DISCURSO EM AGRADECIMENTO ÀS COMENDAS RECEBIDAS, COM O DEPUTADO FEDERAL ANTONIO BRITO, NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA, EM 03 DE OUTUBRO DE 2025[1]

Edvaldo Brito

Uma légua de ladeira separa Muritiba de São Felix; em seguida a ponte de 365 metros de comprimento, para alcançar Cachoeira; isto, de segunda a sexta-feira, por quatro anos, foi o caminho palmilhado, entre os 12 e 15 anos de idade, às vezes, sem uma alimentação adequada, por aquele ginasiano negro, magérrimo e pobre, aluno do "ginásio da cachoeira".

– Edvardo, tú vai para sarvador, estudar, meu fio (filho).

– Pé que não anda, não dá topada.

Disse-lhe, D. Edite, uma mulher semi-alfabetizada, mas, com a sabedoria que somente uma mãe tem; ela, então, com 50 anos de idade.

Passados 71 (setenta e um) anos, o melhor dos sonhos daquele menino, não lhe desvendaria a cena desta manhã de 03 de outubro de 2025, adentrado neste recinto, expressão maior da democacia e, assim, o é, porque acolhe a representação de todas as tendências da sociedade.

[1] Plenário da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em 03 de outubro de 2025, no aniversário de 88 anos de idade. Edvaldo Brito é ocupante da Cadeira 3 da Academia de Letras da Bahia.

A cena é esta solenidade, presidida por Vossa Excelência, senhora deputada Ivana Bastos.

Saúdo-a, agora, em primeiro lugar, envaidecido, diante da primeira mulher a dirigir esta casa; diante da lider que, em 2010, na minha tentativa de ocupar uma das cadeiras representativas da bahia, no senado federal, acompanhou-me, por várias cidades do sudoeste bahiano, a partir de Guanambi, avalizando, perante o eleitorado, o candidato, a ponto de ele ter obtido expressiva votação na região.

Não é só.

Estamos, aqui, diante da filha que permitiu o acesso do candidato à intimidade do lar dos seus pais, os meus queridos Marilia e Fernando, assegurando-lhe uma amizade que lhe enche de saudades, apenas, minorada a cada momento, como este, em que fita a obra de arte esculpida em papel, de um Cristo que lhe memoriza, prezada deputada Ivana, os instantes que, agora, propiciam a eterna lembrança de D. Marília[2].

Era 2020, a época da pandemia do coronavirus e ela, D. Marilia, vacinava meu espírito com o alento da figura de Cristo.

Eis, aqui, o símbolo do afeto que transforma a objetividade desta solenidade na mais subjetiva convivência.

Esta a razão, caros amigos, senadores Angelo Coronel e Otto Alencar, aos quais agradecemos, Antonio Brito e eu, as honrosas presenças; esta a razão porque lembro que nessa trajetória, há, exatamente, 40 anos pude ter, na minha companhia, em memorável campanha, nas eleições de redemocratização do país, a personalidade, também, cheia de afeto, de um jovem médico, Otto Roberto Mendonça de Alencar, formando a chapa que aspirava, respectivamente, os cargos de prefeito e de vice -prefeito de Salvador.

[2] Trata-se de uma imagem de Cristo, esculpida em papel, por Marília Bastos, mãe da Deputada Ivana Bastos, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, a qual foi a portadora do presente, logo, após a pandemia do coronavírus, em 2020.

Era 1985, início da carreira brilhante do nosso senador, presidente do PSD – Partido Social Democrático, que lidera, na bahia, a todos nós seus filiados.

O exposto demonstra que esta é uma festa de afeto que nos entrelaça.

Envolvendo a presença honrosa do Exmo. Sr. Vice-governador do estado, Geraldo Junior, ilustre representante do Excelentíssimo Senhor Governador Jerôniomo Rodrigues, aos quais, sempre, dediquei afeto paternal.

O governador Jerônimo Rodrigues não poderia brindar-me com melhor presente, nesta manhã, fazendo-o, querido Geraldinho, seu representante.

A mesa está repleta de afeto.

Já, alguém disse, com acerto: "o afetivo é o efetivo, na vida".

Por isso, saúdo com o mais profundo agradecimento a cada um dos seus componentes, com o carinho que merece.

Cito, por todos, o Exmo. Sr. Desembargador Nilson Soares Castelo Branco, ex-presidente, representando a Exma. Sra. Presidente, Desembargadora Cynthia Maria Pina Resende.

V. Excia., Senhor Desembargador, traz, também a dose de afeto por intermédio de sua Exma. esposa, a Desembargadora Suzane Faillace Castelo Branco, minha aluna, dentre tantos, que vislumbro neste plenário, também, ex-alunos: Mario Augusto Albiani Alves Junior, Rolemberg José Araujo Costa, Antonio Adonias Aguiar Bastos, Geder Luiz Rocha Gomes, Roberto Maynard Frank.

V. Excia. liderou o tribunal na outorga da comenda Ruy Barbosa, por iniciativa do Desembargador Lidivaldo Brito, outro querido ex-aluno.

A mesa, ainda, conta com a presença do meu estimado confrade Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia.

A mesa estendida compõe-se do Magnífico Reitor da UCSAL – Universidade Católica do Salvador, ontem meu aluno,

hoje meu chefe, professor Deivid Lorenzo e de sua vice-reitora, Germana Pinheiro; dos queridos ex-alunos: Ricardo Mauricio Freire Soares, presidente e dos demais confrades da Academia de Letras Jurídicas, Mônica Aguiar, repesentando o magnífico reitor da UFBA. E Dirley da Cunha Junior, desembargador do Tribunal Regional Eleitoral.

A festa, por ser, assim, de afeto, é de gratidão.

Gratidão, à família que construi com Reginalda — pessoa de méritos incontáveis, o maior deles, a solidariedade.

Uma convivência de 65 anos, de que resultam dois filhos, Edvaldo e Antônio, os quais nos deram, a mim e a Reginalda, cinco netos, queridos, amados, Felipe, Paula e Marina, do primeiro e, do segundo, Antonio Ali e Laila.

O conjunto forma-se com duas noras, adoráveis, Leila e Fabiana.

Completa-se com uma bisneta, de alguns meses, Antonella, presente de Felipe e Agatha.

Esta família consanguinea junta-se à memorável familia social dos amigos queridos que lotam esse recinto, afagando-me o coração de 88 anos, que pulsa forte, como se fosse adolescente, exatamente, porque é regado pelo sangue dos desejos incontáveis, que tem essa família afetiva, para o permanente sucesso deste amigo.

E a vida seguiu cheia de episódios: um dia de maio de 1976, um menino de 7 (sete) anos de idade, com olhar enigmático, assim, porque fitava – como se fosse um mistério – a figura do pai no deslumbramento do Palácio Rio Branco, na sua posse de Secretário de Estado da Justiça, no benfazejo governo de Roberto Santos.

É passado quase meio século.

É esse menino, o, hoje, deputado federal Antonio Brito, que tem o mérito de receber desta augusta Assembleia Legislativa, por iniciativa do Exmo. Sr. Deputado Patrick Gilberto Rodrigues Lopes, a Comenda 2 de julho, a mais alta honraria

concedida por esta casa, em reconhecimento a personaldades que contribuiram de forma significativa para o desenvolvimento político, social, cultural e econômico da Bahia.

Hoje, esse menino de ontem, aqui, agraciado, agradece, por intermédio deste pai, que é quem, agora, enigmatiza-se com a figura do filho que, para a satisfação dos seus pais e de sua família, projeta-se no cenário nacional, a ponto de ser legitimado a uma candidatura, quase vitoriosa, ao exercício do terceiro cargo mais importante da república, o de Presidente da Câmara dos Deputados.

Esta casa, assim, reconhece os seus méritos e ele, por intermédio deste pai, manifesta sua gratidão.

Grato, também, está o pai, a Marquinho Viana, o Exmo. Sr. Deputado Marcos Aguiar Viana.

Sua excelência lider inconteste na sua Chapada Diamantina, assemelha-se ao seu homenageado, por terem, ambos, exercido três mandatos de vereador; ele, na quase centenária Barra da Estiva, com legitimidade inconteste.

Ser vereador é receber uma autorização da comunidade, de que se participa, com maior proximidade, para a prática de atos em seu nome, até o de acreditar, para a obtenção dos seus votos, canditatos a outros postos eletivos.

Aqui, deputado Marquinho, está um homem agradecido: por suas mãos, sem que tivéssemos relacionamento subjetivo, este homem inclui no seu currículo a valorosa honraria, a qual carrega em seu nome, 2 de Julho, a simbologia da efetivação da independência do Brasil.

Evoca-se, através dessa honraria, a luta dos herois e heroinas que baniram do nosso meio o despotismo.

A justificativa para a sua concessão está no comportamento de quem se torna digno de recebê-la, compatível com os valores da democracia, da cidadania, no país; valores da cultura e do desenvolvimento econômico bahianos.

Ser digno, enfim, dessa honraria é manifestar o propósito de cultuar a força histórica do povo bahiano, traduzida na coragem

e no sacrifício do caboclo e da cabocla, dos negros, meus ancestrais e dos brancos, todos que garantiram, definitivamente, a liberdade da nação brasileira.

Muito obrigado, senhor deputado Marquinho Viana.

A casa não se fartou e acolheu a proposta do Exmo. Sr. Deputado Euclides Fernandes, o estimado Euclides Nunes Fernandes, que, nos primeiros anos de sua vida, saiu de Riacho de Santana, na terra potiguar, para descrever bilhante trajetória na Jequié de minha nora Leila e, hoje, terra da estima especial de Antonio Brito, onde conviveu com seus saudosos sogros, D. Zizete e Sr. Brahim Iossef.

O deputado Euclides Fernandes guarda, como este seu homenageado, a marca do educador.

Encontrei, meu caro deputado Euclides, o ponto que nos liga: o desempenho de educador; e V. Excia. cuidadoso com o seu povo, de quem tem recebido o reconhecimento.

Lider na sua terra de adoção, Jequié, Euclides exerceu 7 (sete) mandatos de vereador, continuamente, de 1973 a 2008, quando se elegeu para esta casa e onde se encontra desde 2006, com atuação destacada.

Sua excelência foi buscar no recôndito da Assembleia Legislativa da Bahia, no íntimo desta casa legislativa, a valorosa comenda "Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira".

As Sagradas Escrituras consignam, no Evangelho de Mateus (20;16), na parábola dos trabalhadores das vinhas, que os "ultimos serão os primeiros"; por isso, aqui se fala por derradeiro dessa honraria que, ao longo dos anos, desde a sua criação em 1993, trint'anos dessa parte, somente a receberam figuras de grande relevo para a Bahia, a citar Jorge Amado, Waldir Pires e Haroldo Lima, todos eles brasileiros que se dedicaram às causas humanas, sociais e de justiça, sempre, com pensamento na promoção da vida confortável das pessoas.

Entrar nesse rol é carregar o seu simbolismo da ajuda à consolidação da democracia, da justiça social, dos direitos humanos fundamentais e do desenvolvimento regional.

João Mangabeira, que inspira essa manifestação honrosa, é o professor, é o político de projeção nacional, é o jurista, grande modelo para este agraciado, que lhe guarda a marca do itimorato.

As nossas vidas identificam-se no ponto em que, ambos, sem causa, fomos vítimas do autoritarismo de governo ditatorial que alguns, na busca de benefício próprio, imaginaram reeditar, neste país, mas, graças a Deus, sem sucesso.

Somos itimoratos, sim, na medida em que, no caso do recebimento desse seu legado, assumo o compromisso de manter viva, aos 88 anos de idade, a chama do amor ao próximo, acesa em um homem que, há tanto tempo, não esquece as agruras das vidas infantil e juvenil, exibidas, aqui, mas, que delas se recorda, não para conformismo, e sim, para declarar que até o último seu momento vital lutará pelo bem-estar da população, a fim de que estas agruras não se repitam, mais, por muito tempo, entre os irmãos.

Frequentar, semanalmente, com essa idade, com o fulgor da mocidade, a sala de aula, onde está, há mais de 50 anos, somente, na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, é fazer o juramento de quem, a esta altura da vida, ainda, tem vigor para participar dessa luta.

Não foi em vão, excelentíssimos senhoras e senhores deputados que votaram em favor dessa homenagem, a mim e a Antonio Brito, para os quais, pedimos à Excelentíssima Senhora Deputada Ivana Bastos que seja a portadora dos nossos mais profundos agradecimentos.

Obrigado, em meu nome e no de Antonio Brito, aos excelentíssimos senhores deputados Patrick Lopes, Marquinho Viana e Euclides Fernandes e ao povo bahiano pelo apoio que, sempre, recebemos no desempenho de nossas tarefas sociais.

Obrigado aos nossos assessores, os quais colaboram conosco no desempenho das nossas tarefas.

Obrigado, enfim, a todos os amigos que, aqui estão, apoiando-nos.

Excelentíssima Senhora Deputada Ivana Bastos, a esta solenidade estão presentes D. Marilia e o deputado Fernando Bastos, jubilosos, por vê-la, sua filha querida, garbosa, presidindo esta sessão; e está, aqui, também, D. Edite agradecendo a todos pelo carinho devotado a este seu filho e ao neto, Tony.

Deus seja louvado.

Nota: Discurso proferido, no dia 03 de outubro de 2025, na Sessão Solene da Assembleia Legislativa da Bahia, realizada para outorga da "*Comenda 2 de Julho*" e do "*Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da justiça Social João Mangabeira*", por ocasião do aniversário de 88 anos de idade do acadêmico Edvaldo Brito.

Edvaldo Brito é advogado e político. É Doutor em Direito e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). É jurista com inúmeros livros e diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus, dentre outras entidades do gênero. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº3 da Academia de Letras da Bahia, da qual, atualmente, é o Vice-Presidente.

DISCURSO DE ABERTURA DO ANO ACADÊMICO – 2026

Aleilton Fonseca

Senhoras e Senhores:

A abertura do ano acadêmico é motivo de alegria e satisfação para todos nós que convivemos nesta Casa, acadêmicos e amigos frequentadores da instituição, contribuindo para manter e fortalecer o projeto e os ideais dos imortais fundadores da Academia de Letras da Bahia.

Com gratidão e reverência, dedico este discurso aos saudosos acadêmicos Claudio Andrade Veiga e Edivaldo Machado Boaventura, sábios presidentes que implantaram, consolidaram e renovaram a Academia neste Palacete. Ambos deixaram lições de liderança, cordialidade e convívio exemplares. Cito os seus sucessores na presidência da casa: Aramis Ribeiro Costa, Evelina Hoisel, Joaci Góes, Nelson Cerqueira, Ordep Serra. Peço licença para fazer uma homenagem justa e necessária. Reverencio a nossa primeira mulher presidente, professora e ensaísta Evelina Hoisel, que, com leveza e determinação, administrou a ALB, de 2015 a 2019, enfrentou desafios, cuidou da Casa, criou eventos, ampliou a parceria com as Universidades, e liderou brilhantemente as comemorações do nosso centenário em 2017.

A Academia de Letras da Bahia, fundada em 7 de março de 1917, é um marco histórico de 109 anos. Um sólido pilar da cultura baiana. Comemoramos hoje mais um aniversário, motivo de júbilo para todos e todas que a integram e a frequentam ao longo dos anos. Todavia, a alma desta instituição é ainda mais antiga do que sua idade. Recuando nos séculos, a sua aura original foi criada,

nesta cidade do Salvador, em 1724, com o nome de Academia Brasílica dos Esquecidos. Adormecido em 1725, o espírito acadêmico ressurge como Academia Brasílica dos Renascidos, em 1759. Novamente extinta por injunções e circunstâncias da condição colonial, a fênix das letras gestaria, pacientemente, a sua terceira e definitiva incorporação, com o nome de Academia de Letras da Bahia. Desde então, sua linha do tempo percorre onze décadas, constituindo uma trajetória coletiva de homens e mulheres dedicados à produção cultural, abrangendo a literatura (poesia, prosa e ensaios), as artes, a educação, as técnicas, as ciências e a política, como luminares representativos de várias gerações.

Cumprimos hoje um preceito da tradição. Todo ano aqui nos reunimos e realimentamos a tocha acadêmica que iluminará mais um ano de encontros, atividades e diálogos, no cumprimento de nossos objetivos fundamentais. Neste ato, a Academia procura refletir sobre a experiência do ano anterior e apresentar propostas e projetos para o novo ano.

De fato, 2025 foi um ano de muito trabalho. A ALB experimentou uma intensa movimentação de atividades literárias e de serviços de reforma da Casa. O desafio constante foi conciliar a dupla condição: o canteiro das letras, que se tornou também um canteiro de obras. Méritos para nossa equipe de base e nossa equipe técnica – funcionários e prestadores que juntaram boa vontade, talento e disposição para desenvolver suas atividades em ambientes impactados pelas reformas em andamento. Os canteiros de letras e de obras operaram em equilíbrio e os bons resultados tornaram-se números e imagens para nossa alegria e para a história da ALB.

Falemos do canteiro de letras, onde germinou um buquê de atividades que floriram o jardim de Academus da Bahia. A ALB realizou 178 atividades, sendo 86 presenciais e 92 on line. Citemos, então, as modalidades: cursos, encontros, mesas redondas, indicações de leitura, lançamentos de livros, palestras, conferências, programas na TV ALBA, publicações, reuniões, sarau,

recitais, leitura dramática, seminário, colóquio, visitas guiadas, visitas virtuais.

De fato, não podemos descrever aqui todas as ações desenvolvidas. Mas podemos destacar alguns exemplos. Uma das atividades mais importantes é o Projeto PESQUISA DOCUMENTAL E HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA COM FOCO NO ACERVO DE UMA INSTITUIÇÃO ACADÊMICA BAIANA E EM SUA PRODUÇÃO CULTURAL, dedicado ao rico acervo documental da Academia de Letras da Bahia e a sua produção. O projeto trouxe à tona, na sua primeira fase, preciosidades bibliográfico-documentais em seu acervo, que demandam um processo de trabalho bem detalhado para fazer face à preservação da memória de uma importante e centenária instituição.

Nesse sentido, o conjunto documental salvaguardado pela ALB torna-se importante fonte de consulta para os estudos literários, filológicos, históricos etc., fazendo-se necessário promover o acesso a esses conjuntos documentais, que representam o patrimônio cultural baiano e brasileiro. Os pesquisadores docentes e estudantes têm, por exemplo, como instrumento hábil de pesquisas sobre literatura e cultura, uma coleção de obras especiais em que figuram publicações como a Coleção Brasiliana, a Camiliana, revistas que tiveram importante papel na difusão cultural e hoje já não circulam, além de publicações importantes de escritores baianos como Castro Alves, Gregório de Mattos, Rui Barbosa, Afrânio Peixoto, Edith Mendes da Gama e Abreu, Cipriano Barata, Isaías Alves, Pedro Calmon, Manuel Querino, José Calasans, Luís Henrique Dias Tavares, Jorge Amado, Zélia Gattai, João Ubaldo Ribeiro etc. O Arquivo Renato Berbert de Castro encerra informações valiosas sobre os acadêmicos, e tem no seu acervo , além de biografias, epistolografia, fotografias, bibliografia, a coleção completa da Revista da Academia de Letras da Bahia, cujo primeiro fascículo data de 1930.

Em parceria com o IHAC/UFBA, e através de emenda parlamentar concedida pela Deputada Alice Portugal, o referido projeto está agora em sua segunda fase, 2025/2026 – de maio de 2025 a abril de 2026. A Equipe tem a Coordenação da acadêmica Profª Edilene Dias Matos, contando com os **b**olsistas docentes: Antônio Neves (Biblioteconomia), Arivaldo Sacramento de Souza (Instituto de Letras), Ivana Bittencourt Severino (Instituto de Ciência da Informação) e Mabel Meira Mota (Instituto de Ciência da Informação). São Bolsistas discentes: Anderson Cleiton Jesus de Queiroz (Arquivologia), Beatriz Silveira Santos Machado (Medicina), Camily Lopes Santos (Arquivologia), Emerson Dias Santos (Arquivologia), Fabiana da Silva Trindade (Biblioteconomia), Louise Gabrielle Souza de Jesus (Biblioteconomia), Luis Eduardo Carneiro das Mercês (Comunicação/Jornalismo), Wadson Argolo Barbosa (Arquivologia). Agradecemos muito à acadêmica Edilene Matos pela competente coordenação dessa pesquisa tão importante para a organização dos nossos documentos. Nosso agradecimento aos professores e aos estudantes pelo zelo com nosso acervo e pela colaboração no trato com as bibliotecas Álvaro do Nascimento e Jorge Amado.

É preciso notar que, no âmbito da perspectiva documental, o arquivo da ALB pode ser enquadrado como Centro de Documentação e Memória. Nos acervos são encontrados documentos diversos como: originais de livros, documentos pessoais, manuscritos, biografias, telegramas, correspondências recebidas e expedidas, recortes de jornais e fotografias, além da bibliografia dos acadêmicos que conta com livros autografados e com dedicatórias das principais personalidades da cultura baiana e brasileira. O acervo abriga raridades documentais que destacam a sua preciosidade.

Outra atividade continuada de grande relevância é o projeto Poesia na Academia, sob a coordenação da acadêmica e poeta Heloisa Prazeres. O PnA tem como um dos objetivos prestigiar

o trabalho de acadêmicos e acadêmicas da ALB, bem como de outras Academias da Bahia. O evento também se dedica à divulgação da poesia de poetas brasileiros e estrangeiros (em tradução). Lançado em 2022, o PnA já reuniu um total de 21 encontros, para um público de mais de quatro mil espectadores no canal da ALB no Youtube. O evento é aberto ao público e gratuito. Não sendo necessário fazer inscrição. Basta acessar a ALB no Youtube. Poesia na Academia tem como objetivo promover a aproximação das letras e artes com a sociedade, tornando acessíveis importantes obras e autores da literatura baiana, brasileira e mundial. Discutem-se textos dos autores e autoras, e são feitas observações sobre processos e operações de sua escrita. As sessões são realizadas bi-mensalmente, dominantemente on line, e transmitidas ao vivo pelo canal YouTube da ALB. A cada edição, convidados realizam uma intervenção crítico-informativa e leituras de poemas ou excertos de obras selecionadas. O projeto já celebrou a obra de autores como Clarice Lispector, Luís de Camões, Ildásio Tavares, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge Amado, Jorge de Lima e Gabriela Mistral. Participaram ensaistas, professores e pesquisadores como Mirella Márcia Longo Vieira Lima, Décio Torres, Rita Santos, Gildeci Leite, Wesley Correia, Ricardo Vieira Lima, Ruy Espinheira Filho, Marcelo Delacroix, .Raquel Rocha, Ricardo Vieira, Silmara Santos, Jorge Batista, Rita Aparecida Coelho Santos, Letícia Prata, Igor Buguelo e outros colaboradores.

Outro destaque a fazer é o Clube de Leitura Myriam Fraga, uma parceria com o Diretório Acadêmico de Letras Florentina Souza/UFBA e a Fundação Casa de Jorge Amado. Com a liderança de Marjorie Marques e Murilo Pereira, o clube promove sessões de leitura de livros de literatura baiana, reunindo estudantes de Letras. O Clube de Leitura é um espaço de discussão e compartilhamento de ideias, onde os participantes podem se conectar com outros leitores e aprofundar seu entendimento sobre as obras.

O Cineclube ALB é um destaque especial das atividades do ano, ao promover a exibição de filmes brasileiros e sobre temas brasileiros, sob coordenação dos escritores acadêmicos Carlos Ribeiro e Décio Torres Cruz, com debates com convidados, cinéfilos e diretores de cinema. A exibição de filmes brasileiros e sobre temas brasileiros é fundamental para promover a cultura e o gosto pela cinematografia nacional. Promove a visibilidade da produção cinematográfica brasileira, a discussão e o debate sobre temas relevantes, contribui para a formação de um público crítico e reflexivo, e fortalece a identidade cultural. A coordenação dos escritores acadêmicos Carlos Ribeiro e Décio Torres Cruz garante a qualidade e a relevância das escolhas, e os debates com convidados e diretores de cinema enriquecem a experiência e proporcionam um olhar mais profundo sobre as obras.

Os dois programas de entrevistas na TV, em parceria ALB/TV ALBA são de grande relevância cultural, pois alcançam um público amplo e diversificado, em diferentes regiões da Bahia. As entrevistas da série "Livros à mão cheia", com escritores baianos falando de sua trajetória e seus livros, conduzidas pelo escritor e acadêmico Marcus Vinicius Rodrigues, são importantes formas de divulgação de nossa literatura e novos autores. Já o programa "Papo das Artes", entrevistas magistrais com personalidades do mundo das artes, conduzido pela acadêmica Lia Robatto, é um excelente espaço de diálogo sobre questões estéticas, movimentos, processos de criação, ideias e experiências de arte.

Destacamos a Importância do encontro de professores e escritores de literatura africana de língua portuguesa das universidades baianas, realizado em parceria com a Cátedra Fidelino de Figueredo / Uneb, e coordenado pela Profa. Rita Santos, com a presença e palestras da escritura Cabo-verdiana Vera Duarte. Um encontro fundamental para promover a discussão e o debate sobre a literatura e a cultura dos países africanos de língua portuguesa, aproximando-os dos leitores brasileiros.

A comemoração do Centenário da escritora acadêmica e yalorixá Mãe Stella de Oxóssi foi um evento muito significativo para reconhecer e valorizar a contribuição da cultura afro-brasileira na Bahia. Ao homenagear a vida e a obra de uma figura importante da cultura baiana, marcou a importância do imaginário de matriz africana na cultura da Bahia, levando à reflexão e ao debate sobre a presença e valorização da cultura afro-brasileira e sua importância na formação da identidade baiana. Assim, a parceria estabelecida com o Instituto Mãe stella de Oxóssi, com o presidente Sandro Azevedo, somam esforços para fazer ações de promoção social das pessoas afrodescendentes na Bahia.

É importante mencionar o 2º ano do programa de mentoria da ALB, que selecionou dois estudantes, Adoniram Estrela Ribeiro Lopes e Natália Higino Bittencourt, jovens escritores, para usufruir e uma bolsa financeira e receber orientações de escritores acadêmicos, em poesia e ficção, para a elaboração de livro, sendo Orientadores Heloísa Prazeres e Nelson Cerqueira, aos quais agradecemos. A mentoria é uma oportunidade para esses jovens escritores desenvolverem suas habilidades e produzirem um livro de qualidade. A orientação de escritores experientes é um grande diferencial, pois eles podem compartilhar suas experiências e conhecimentos para ajudar os estudantes a crescerem como escritores.

Falemos um pouco da ALB canteiro de obras. O restauro de portas e janelas do Palacete Goes Calmon iniciou-se em maio de 2025 e foi concluído em dezembro do mesmo ano. O projeto foi criado, aprovado e aprovisionado na gestão do Prof. Ordep Serra, mediante a Lei Rouanet, pelo Ministério da Cultura, teve o patrocínio do grupo Caixa Seguridade, Caixa Vida e Previdência, Caixa Capitalização, Caixa Consórcio e Caixa Assistência, e foi executado nesta atual gestão. Foi um restauro providencial e inadiável. As portas e janelas, carcomidas pela ação do tempo e das intempéries, estavam ruindo, em frangalhos. Parabéns ao Presidente Ordep Serra e sua equipe, pelo esforço e pelo mérito do projeto.

Procuramos executá-lo com zelo, com a condução do arquiteto António Calazans, sob a supervisão do acadêmico Paulo Ormindo.

De fato, esta casa tem muitas portas e janelas que precisavam ser restauradas. E agora as contemplamos firmes e vistosas, com as suas características originais. Mas o prédio também clamava por cuidados com os telhados, as paredes, os banheiros, a cozinha, a biblioteca, o arquivo, as instalações elétricas e hidráulicas, as esquadrias de madeira, a estrutura dos balaústres, etc. Assim, ao lado do restauro de portas e janelas, implementamos uma reforma geral do Casarão, desde os telhados, passando por todos os recintos, culminando com a recuperação e pintura de muros e fachadas do prédio. Esta reforma geral está ainda em andamento, com 95% das obras já concluídas, em um ano de trabalho ininterrupto. Tocamos as obras, sempre em diálogo com os pares, sob a supervisão e aconselhamento do acadêmico Paulo Ormindo, que, renomado arquiteto e especialista em restauro, é o guardião da planta secular de nosso Palacete Góes Calmon. Pelo lado financeiro, com sua presteza e acuidade, o tesoureiro Nelson Cerqueira sempre acompanhando as providências necessárias às obras.

As nossas perspectivas para 2026 são muito positivas. Vamos dar continuidade ao fluxo de atividades consolidadas, e implementar ações pontuais ensejadas por temas e efemérides literárias relevantes. As parcerias serão mantidas e acionadas para atividades que contemplem os objetivos mútuos. A Academia pretende manter o programa de mesas internacionais on line, com a participação de escritores e intelectuais de diferentes países. Para isso contamos com a colaboração de Dominique Stoenesco (França), Antonio Maura (Espanha), Ricardo Cortes (Portugal), Amosse Mucavele (Moçambique), Vera Duarte (Cabo Verde), María Pugliese (Argentina) e Antonella Roscilli (Itália).

O Curso Castro Alves – Colóquio de literatura baiana continua sua trajetória de quase 50 anos, reunindo estudiosos, professores e estudantes em torno de temas, autores e obras

da literatura baiana, com uma grande produção de ensaios críticos. Ao lado disso, retomaremos o antigo Curso Jorge Amado, idealizado por Myriam Fraga – agora como um Colóquio de Literatura, abrindo o campo temático aos ensaios sobre diversos autores e obras. Vamos retomar o concurso literário da ALB, que este ano contemplará o gênero Poesia e homenageará a poeta Myriam Fraga. Vamos festejar o centenário do acadêmico Dr. Roberto Santos e celebrar o sesquicentenário do acadêmico fundador da Cadeira nº 25, o escritor Afrânio Peixoto, um precursor do moderno romance baiano. Teremos cursos, oficinas, palestras, lançamentos de livros.

Outro grande objetivo é continuar as ações da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA) , promovendo reuniões e saraus, planejando o próximo Colóquio das academias. Vamos continuar a nossa participação no Fórum Nacional das Academias Estaduais, a fim de compartilharmos ideias, conhecimentos e experiências, estimular a discussão e o debate em torno de ações de fomento às práticas de leitura e de escrita literária nas escolas e instituições. O 2º Colóquio das Academias de Letras da Bahia, realizado pela RICA/Academia de Letras de Ilhéus, em agosto, foi um passo adiante no movimento de aproximação das Academias dos municípios, em busca de metas e aspirações em comum. O Congresso das Academias Estaduais, realizado em João Pessoa, em outubro, sinalizou caminhos de integração nacional das letras. Há um movimento acadêmico em curso e a Bahia tem um papel a desempenhar.

Chegamos ao final, com palavras de gratidão a todos e a todas, especialmente às equipes de base e técnica que fazem esta casa funcionar.

Agradecemos aos confrades e confreiras pela confiança.

A Bruno Rosário, pelo Arquivo e a Ana Lucia Reis Fonseca, pela Biblioteca, sempre empenhados na preservação e organização do acervo da ALB, e no atendimento às demandas de leitores e pesquisadores.

A Augusto Barreto e a Valmiro Marques pelo trabalho e a dedicação à ALB, D. Valmira Jesus da Silva, D. Ninalva Alves Santos e Fernando Carmo dos Santos pelos serviços e cuidados que viabilizam as atividades da Casa:

Eliane Gomes, pela cuidadosa produção de eventos;

Nilma Gonçalves, pela divulgação impecável;

Marina Morena, pela organização das pautas e registros;

Tiago Rocha, pelos cards criativos e eficientes;

Ricardo Soares, pelo ótimo trabalho técnico de informática;

Patrícia Si Barreto pela assessoria e excelente coordenação dos projetos e convênios.

Caríssimas Acadêmicas e Caríssimos Acadêmicos, a tarefa é grande e valiosa. Como afirma Carlos Drummond de Andrade, no seu emblemático poema: "Vamos de mãos dadas".

Muito obrigado.

Salvador, 6 de março de 2026.

Aleilton Fonseca é escritor e professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, autor de livros de poesia, conto, ensaio e romance, como *O desterro dos mortos* (2001), *Nhô Guimarães* (2006), *O pêndulo de Euclides* (2009) e *O arlequim da Pauliceia* (2012). Alguns de seus livros foram traduzidos para outros idiomas, como francês, espanhol e italiano. Seu livro *A Terra em Pandemia* (Editora Mondrongo, 2020) foi traduzido na Itália como *La Terra in Pandemia* (Milano: Edizione WE, 2021). Recentemente publicou o livro de contos *Sonhos de viver* (Salvador: Caramurê, 2022). Pertence à Academia de Letras Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2005 ocupa a Cadeira nº 20 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu presidente no biênio março 2025/março 2027.

Diversos

Atividades Acadêmicas

Quadro Social

Endereço dos Acadêmicos

Atividades Acadêmicas 2025

Fevereiro

12 de fevereiro – 17:00 - 19:00 - Sede da ALB
Sarau das Estações: Narrativas de Verão.

13 de fevereiro – 19:30 - 20:30 - YouTube da ALB
Programa ALB EM PROSA.

27 de fevereiro – 19:30 - 20:30 - YouTube da ALB
Programa ALB EM PROSA.

Março

07 de março
Aniversário da Academia de Letras da Bahia.

10 de março – 19:00 - 20:00 - Sede da ALB
ABERTURA DO ANO ACADÊMICO: Posse da Nova Diretoria (Biênio 2025-2026).

11 de março – 11:00 - 12:00 - YouTube da ALB
Programa Palavra & Ponto: Reticências, com Marina Martinelli. Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

13 de março – 17:00 - 18:30 - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 01/2025
Sessão das Quintas: Palavra livre em homenagem a Castro Alves.

13 de março – 19:00 - 20:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Décio Torres.

18 de março – 17:00 - 19:00 - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Tudo acontece à nossa volta", de Letícia Prata.

19 de março – 17:00 - 20:00 - Sede da ALB
Cineclube ALB: Exibição de "Lamarca" (1994), de Sérgio Rezende.
Debate com Emiliano José e Carlos Sarno.
Mediação: Carlos Ribeiro e Décio Torres.

20 de março – 15:00 - Sede da ALB
Visita Guiada com Agentes Culturais da cidade de Antônio Cardoso/BA.

21 de março – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Fim", de Fernanda Torres, por Edilene Matos.

25 de março – 18:00 - YouTube da ALB
Programa Palavra & Ponto: Fyah, com Nega Fyah.
Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

27 de março – 17:00 - 18:30 - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 02/2025
Sessão das Quintas: Concessão da Medalha Arlindo Fragoso a Aleixo Belov.

27 de março – 19:00 - 20:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Edilene Matos.

28 de março – 14:30 - 17:00 - YouTube da ALB
Diálogos d'Além-mar: Literaturas lusófonas na Europa.
Tema: Poesia e ficção: migrações e identidades.
Participantes: Décio Torres Cruz (ALB), Marco Guimarães (UEELP), Nuno Gomes Garcia (UEELP).
Mediação: Dominique Stoenesco.

28 de março – 15:30 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Paisagens Interiores", de Décio Torres, por Aleilton Fonseca.

Abril

10 de abril – 14:30 - 16:00 - Sede da ALB
Visita Guiada do Diretório Acadêmico de Letras Florentina Souza (DALFS/UFBA) (Grupo 1 e 2).

10 de abril – 17:00 - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 03/2025
Sessão das Quintas: A recepção crítica de Jorge Amado, com Eduardo de Assis Duarte (UFMG).

10 de abril – 19:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Heloísa Prazeres.

11 de abril – 17:00 - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Narrador do Brasil - Jorge Amado", de Eduardo de Assis Duarte.

12 de abril – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Luz do querer", de Capinam, por Marcus Vinícius Rodrigues.

15 de abril – 17:00 - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Celebrações a Sapho Musa de Ilhéus", de Aleilton Fonseca e outros.

16 de abril – 16:00 - Sede da ALB
Cineclube ALB: Exibição de "Uma noite em 67" (2010), de Renato Terra e Ricardo Calil. Mediação: Carlos Ribeiro e Décio Torres.

23 de abril – 18:00 - Sede da ALB
Conferência: "A arte e a importância da diversidade cultural", com Rodney Saint-Éloi (Haiti/Canadá) e Lançamentos de livros de diversos autores.

24 de abril – 16:00 - Sede da ALB
Visita Guiada ao Palacete.

24 de abril – 17:00 - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 04/2025
Sessão das Quintas: Homenagem a Hélio Pólvora.

24 de abril – 19:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Emiliano José.

24 de abril – 17:30 - YouTube da ALB
Diálogos d'Além-mar: A Semana de Arte Moderna de 1922 e os Modernistas Brasileiros em Paris.

25 de abril – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "O Albatroz Azul", de João Ubaldo Ribeiro, por Antônio Torres.

26 de abril – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Navegação Errante", de Paulo Ormindo, por Aleilton Fonseca.

28 de abril – 14:00 - Sede da ALB
Lançamento do Clube de Leitura Myriam Fraga, com aula pública "A escrita como ato de resistência feminina e ancestralidade baiana".

29 de abril – 19:15 - YouTube da ALB
Lançamento da Revista da ALB Nº 63 (Online).

30 de abril – 19:00 - YouTube da ALB
Poesia na Academia ANO IV: Homenagem a CLARICE LISPECTOR.
Coordenação: Heloísa Prazeres.

Maio

02 de maio – 18:00 - 22:00 - Sede da ALB
Centenário de Mãe Stella de Oxóssi: Assinatura do Protocolo de Intenções do Instituto Mãe Stella.

03 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Karl Marx - Uma biografia", de José Paulo Netto, por Emiliano José.

04 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Rio Sangue", de Ronaldo Correia de Brito, por Marcus Vinícius Rodrigues.

05 e 06 de maio – Sede da ALB
IIº Encontro de Professores de Literaturas Africanas: A Literatura na Libertação Africana.
Palestrantes: Vera Duarte (Cabo Verde), José Luís Cabaço (Moçambique), Rita Chaves (Brasil).

06 de maio – 14:00 - YouTube da ALB
Ciclo África/Brasil: "O papel das Academias de Letras na Produção Literária e Cultural em Língua Portuguesa".
Participantes: Aleilton Fonseca, Amosse Mucavele, António Quino, Daniel Medina. Mediação: Rogério Faria Tavares.

07 de maio – 14:00 - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga – 1ª Sessão de Leitura.

07 de maio – 17:00 - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 05/2025
Sessão das Quintas, com a escritora Vera Duarte (Cabo Verde).

09 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Nova Antologia Poética", de Ruy Espinheira Filho, por Aleilton Fonseca.

11 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Sempre Paris", de Rosa Freire D'Aguiar, por Edilene Matos.

14 de maio – 14:00 - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "Nélida Piñon: os noventa anos de uma mestra na literatura".
Participantes: Ascensión Rivas Hernández, Antonio Maura.
Parceria: Instituto Cervantes.

14 de maio – 16:00 - Sede da ALB
Cineclube ALB: Exibição de "Encontro com Milton Santos" (2006), de Silvio Tendler.
Debate com Ordep Serra e Pedro Vasconcelos.
Mediação: Carlos Ribeiro e Décio Torres.

15 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Borrasca", de Rita Santana, por Aleilton Fonseca.

15 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Cachorros", de Marcelo Godoy, por Emiliano José.

15 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Narrador do Brasil", de Jorge Amado, por Aleilton Fonseca.

16 de maio – 17:00 - Sede da ALB
Lançamento do livro "Humor no Balai...", de Jorge Sampaio.

19 de maio – 17:00 - Sede da ALB
Concessão da Medalha Arlindo Fragoso ao ator Othon Bastos.
Discurso de homenagem: Mirella Márcia Vieira Lima.

21 de maio – 14:00 - Fundação Casa de Jorge Amado
Clube de Leitura Myriam Fraga – 2ª Sessão de Leitura.

23 de maio – 14:00 - YouTube da ALB
Diálogos D'Além-Mar: Literatura, emigração e viagens.
Participantes: Luiz Andrade Silva, Heloísa Prazeres.
Mediação: Dominique Stoenesco.

25 de maio – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Trilogia Brasil", de Antônio Torres, por Armando Avena.

29 de maio – 18:30 - Sede da ALB
Celebração do Centenário de Mãe Stella de Oxóssi.
Homenagens dos Acadêmicos Edilene Matos, Edvaldo Brito, Muniz Sodré e do Instituto Mãe Stella.

30 de maio – 17:00 - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Viagens e Travessias", de Décio Torres.

Junho

04 de junho – 14:00 - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga – 4º Encontro.

05 de junho – 16:30 - Sede da ALB / YouTube
Sessão Ordinária nº 06/2025

Sessão das Quintas: Lançamento da Revista ALB nº 63 e Palestra "Guardar Antônio Cícero", com Evando Nascimento.

07 de junho – 15:00 - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Catorze Janelas Abertas", de Florisvaldo Mattos, por Heloísa Prazeres.

10 de junho – 19:00 - YouTube da ALB
Poesia na Academia: Homenagem a Camões.
Coordenação: Heloísa Prazeres e Rita Santos.

11 de junho – 13:00 - YouTube da ALB
Ciclo África/Brasil: "Literatura(s) e diversidade linguística".
Participantes: Maria da Odete Soares Semedo (Guiné-Bissau), Maria Helena Miguel (Angola), Nataniel Ngomane (Moçambique).
Mediação: Aleilton Fonseca.

11 de junho – 16:00 - Goethe-Institut Salvador/ICBA
Cineclube ALB: Exibição de "O homem que engarrafava nuvens" (2008), de Lírio Ferreira.
Debate com Jackson Costa, Carlos Ribeiro e Décio Torres Cruz.

12 de junho – 19:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Aleilton Fonseca.

17 de junho – 14:00 - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "Os andaimes do Mundo: A poesia de Lêdo Ivo traduzida ao espanhol".
Participantes: Martín López-Vega, Juan Manuel Bonet, Antonio Maura.

26 de junho – 19:00 - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Yeda Pessoa de Castro.

27 de junho – 14:00 - YouTube da ALB
Diálogos D'Além-Mar: Literaturas lusófonas na Europa.
Participantes: João Melo (Angola), Vladimir Queiroz da Silva (Bahia).
Mediação: Dominique Stoenesco.

Julho

01 de julho – 19h15 - YouTube da ALB
Sessão Especial ALB/RICA - 2 de Julho: Aspectos históricos e culturais.
Homenagem à Independência da Bahia.

04 de julho – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "O dia em que o povo ganhou", de Joel Rufino dos Santos, por Aleilton Fonseca.

09 de julho – 14h - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga – 5º Encontro.

09 de julho – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Dramaturgias contemporâneas", de Cleise Mendes e Cássia Lopes.

10 de julho – 19h - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Paulo Ormindo.

11 de julho – 19h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Ainda (poesia)" e "Sobre Memória", de Cláudio do Carmo.

15 de julho – 14h - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "O Brasil no tempo de Felipe III".
Participantes: José Manuel Santos, Antonio Maura.

15 de julho – 19h - YouTube da ALB
Roda de Conversa: Movimento Alvorecer - Trajetórias e Perspectivas.
Participantes: Heloísa Prazeres e Rafael Gama.

16 de julho – 16h - Goethe-Institut Salvador/ICBA
Cineclube ALB: Exibição de "Cobra Verde" (1987), de Werner Herzog.
Debate com Wesley Correia e Cláudio do Carmo.
Mediação: Carlos Ribeiro de Décio Torres.

17 de julho – 19h15 - Google Meet
Sessão Ordinária nº 07/2025
Sessão das Quintas: Andamento das obras de restauro.

18 de julho – 14h - YouTube da ALB
Diálogos d'Além-Mar: "Poesia e ficção: migrações e identidades".

19 de julho – 14h30 - YouTube da ALB
Sarau das Academias – ALB / RICA: Poesia, prosa e música.

23 de julho – 14h - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga – 5º Encontro.

23 a 27 de julho – Canudos/BA
Feira Literária Internacional de Canudos – FLICAN.
Participação Institucional da ALB.

26 de julho – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Trilogia do Confinamento", de Aldri Anunciação, por Lia Robatto.

29 de julho – 18h - Sede da ALB
XIX Felisquié em Salvador: Lançamento oficial da IX edição da Festa Literária de Jequié.

30 de julho – 14h - Sede da ALB
Visita Guiada com alunos de Letras da UNEB (Caetité) e Curso Castro Alves.

30 de julho – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 08/2025
Sessão das Quintas: A obra de Fernando da Rocha Peres e lançamento de "Poemação em São Paulo".

31 de julho – 14h - Sede da ALB
Visita do escritor Krishnamurti Góes dos Anjos e doação da coleção da revista "A Luva".

Agosto

01 de agosto – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Na orla do acaso", de Ruy Espinheira Filho, por Heloísa Prazeres.

06 a 10 de agosto – Pelourinho, Salvador
Participação da ALB na FLIPELÔ 2025, com acadêmicos em rodas de conversa e mesas de debate.

07 de agosto – 19h - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Nelson Cerqueira. [Visualizações: 178]

11 de agosto – 14h - Sede da ALB
Visita Guiada com o escritor moçambicano Adelino Timóteo.

12 de agosto – 14h - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "Luis Gálvez: uma estrela solitária no Acre".

Participantes: Alfonso Domingo, Antonio Maura.

14 de agosto – 17h - Sede da ALB
Sessão das Quintas: Palestra "Memória de vida e literatura", com Ruy Espinheira Filho.

19 de agosto – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Helena Parente Cunha: escrita, ternura e compromisso", organizado por Aleilton Fonseca.

20 de agosto – 16h - Goethe-Institut Salvador/ICBA
Cineclube ALB: Exibição de "O dia que durou 21 anos" (2012), de Camilo Tavares.
Debate com Rafael Dantas e Arno Brichta.
Mediação: Carlos Ribeiro e Décio Torres.

21 de agosto – 19h - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Ruy Espinheira Filho.

26 de agosto – 14h - YouTube da ALB
Ciclo África-Brasil: "O lugar do escritor nos jornais africanos e brasileiros".

28 de agosto – 19h - YouTube da ALB
Poesia na Academia: Homenagem a Ildásio Tavares - "Lídia de Oxum: uma literatura de axé".
Coordenação: Heloísa Prazeres e Rita Santos.

29 de agosto – 14h - YouTube da ALB
Ciclo África/Brasil: "Escrita de Mulheres: Experiência e Resistência".
Participantes: Vera Duarte (Cabo Verde) e Rita Santana (Brasil).
Mediação: Aleilton Fonseca.

Setembro

03 de setembro – 16h - Goethe-Institut Salvador/ICBA
Cineclube ALB: Exibição de "A Revolta dos Búzios" (1798), de Antonio Olavo.
Debate com o diretor Antonio Olavo.

04 de setembro – 19h - YouTube da ALB
Programa ALB em Prosa: Entrevista com Fredie Didier Jr.

06 de setembro – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Minha Vida de Jasmin", de Dimitri Ganzelovith, por Paulo Ormindo.

11 de setembro – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 09/2025
Sessão das Quintas: Palestra "Santiago do Chile, impressões de viagem", com Paulo Ormindo.

15, 17 e 19 de setembro – 14h - 18h - Sede da ALB
Oficina Literária: Poetrix – Teoria e Prática, com Goulart Gomes.

16 de setembro – 14h - YouTube da ALB
Ciclo África/Brasil: "Poesia: palavra, imagem, universos – o poder de (re)existir".
Participantes: Hirondina Joshua (Moçambique), João Fernando André (Angola), Salgado Maranhão (Brasil).
Mediação: Amosse Mucavele.

18 de setembro – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 10/2025
Sessão das Quintas: Diálogo com João Carlos Salles sobre seu livro vencedor do Jabuti.

19 de setembro – 18h30 - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Sagittarius - Uma antologia", de Vladimir Queiroz.

21 de setembro – 17h - Sede da ALB
Encontro "Um Café na ALB, com Aleilton Fonseca".

23 de setembro – 14h - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "Histórias e futuro do brasilianismo europeu".
Participantes: José Manuel Santos, Bruno Inocencio, Antonio Maura.

23 de setembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Portas e Janelas: Geografias do imaginário", de Maria João Coutinho (Portugal).

24 de setembro – 14h - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga – 8º Encontro.

25 de setembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Raíz: o inconsciente, sempre", de Urânia Tourinho Peres.

26 de setembro – 14h - YouTube da ALB
Palestra: "IA responsável, inclusiva e sustentável", com Paola Cantarini.

30 de setembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Poemas APENAS poemas", de Antonia Torreão Herrera.

Outubro

01 de outubro – 17h30 - Sede da ALB
Palestra: "Academia dos Esquecidos: A primeira Academia de Letras do Brasil: Bahia, 1724", com Adma Muhana (USP).

07 de outubro – 14h-19h - Sede da ALB
Seminário "Belo Monte/Canudos: Perspectivas, Imagens e Narrativas".
Participação de diversos acadêmicos e especialistas.
Coordenação: Aleilton Fonseca.

10 de outubro – 19h - TV ALBA / YouTube
Programa Papo das Artes: Lia Robatto entrevista Denny Neves (dança).

14 de outubro – 14h - YouTube da ALB
Espanha/Brasil: "Adolfo Morales De Los Ríos - O Arquiteto Espanhol na Primeira República".
Participantes: Pablo González Velasco, Antonio Maura.

15 de outubro – 16h - Goethe-Institut Salvador/ICBA
Cineclube ALB: Exibição de "Castro Alves: Retrato falado do poeta" (1999), de Silvio Tendler.
Debate com Edilene Matos e Aleilton Fonseca.
Mediação: Carlos Ribeiro e Décio Torres.

21 de outubro – 14h - YouTube da ALB
Ciclo África/Brasil: "Escrever em língua portuguesa é construir afetos".
Participantes: Alzira Jotó Maembo, Rafael Machavane (Moçambique).
Mediação: Idmar Boaventura.

21 e 22 de outubro – 17h - YouTube da ALB
III Edição do Curso de Culturas Baianas.
Coordenação: Edilene Matos.

23 a 26 de outubro – João Pessoa/PB
Presidente Aleilton Fonseca participa do Congresso das Academias Estaduais de Letras (FALE BR 2025).

24 de outubro – 9h-16h30 - Sede da ALB
Oficina "O Corpo do Poema", com Nívia Maria Vasconcellos.

24 de outubro – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Sagittarius - Uma antologia", de Vladimir Queiroz, por Aleilton Fonseca.

24 de outubro – 18h30 - TV ALBA / YouTube
Programa Papo das Artes: Lia Robatto entrevista Irma Vidal (iluminação).

30 de outubro – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 11/2025
Sessão das Quintas: Diálogo sobre Roberto Santos, com sua filha Cristiana Santos e acadêmicos.

31 de outubro – 14h - YouTube da ALB
Diálogos D'Além-Mar: A África de expressão portuguesa no II Salão do Livro Lusófono de Paris.

31 de outubro – 19h - YouTube da ALB
Poesia na Academia: "Carlos Drummond de Andrade: 80 anos de A Rosa do Povo".
Intervenção: Ricardo Vieira Lima.
Coordenação: Heloísa Prazeres.

Novembro

03 de novembro – 15h30 - Sede da ALB
Semana Goethe: Palestra "O diabo em Fausto e na Mitologia grega", com Ordep Serra.

03 de novembro – 19h - Sede da ALB
Semana Goethe: Leituras dramáticas de textos de Goethe.

05 de novembro – 14h - Sede da ALB
Clube de Leitura Myriam Fraga.

06 de novembro
Presidente da ALB representa a instituição no jantar em homenagem ao presidente francês Emmanuel Macron.

07 de novembro – 18h30 - YouTube da ALB
Programa Papo das Artes: Lia Robatto entrevista Daniel Rangel (Curadoria Artística).

10 de novembro – 15h30 - Sede da ALB
Semana Goethe: Palestra com Ordep Serra.

11 de novembro – 17h - Sede da ALB
Centenário de Cid Teixeira: "A voz que fez história".
Homenagem com Décio Torres Cruz e Fernando Oberlander.

12 de novembro – 18h - Sede da ALB
Concessão da Medalha Arlindo Fragoso ao Maestro Carlos Prazeres.
Discurso em homenagem: Ordep Serra.

13 de novembro – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 12/2025
Sessão das Quintas: Diplomação de Rogério Faria Tavares.
Palestra sobre Dalton Trevisan e Lançamento de "Os elefantes viriam pela manhã".

14 de novembro – 14h-20h45 - Sede da ALB
Novembro Negro na ALB: Seminário "Ofá: Diálogos Profundos", em homenagem a Mãe Stella de Oxóssi.

17, 18 e 19 de novembro – YouTube da ALB
Curso Castro Alves 2025 – XVIII Colóquio de Literatura Baiana (etapa online).

21 de novembro – 18h30 - YouTube da ALB
Programa Papo das Artes: Lia Robatto entrevista José Dirson (Restaurador).

21 de novembro – 15h - Instagram da ALB
Projeto "E aí, já leu?": Indicação do livro "Geraes: Arte Barroca em Minas", de Angelo Oswaldo, por Rogério Tavares.

24 de novembro – 16h - Sede da ALB
Oyá das Letras: Lançamento do livro "Corpos de Encantamento Poético Ancestral", de Christiane Barroso.

25 de novembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "O fim da fome no Brasil" e "Renda Básica Viável", de Walter Barretto Jr.

26, 27 e 28 de novembro – Sede da ALB
Curso Castro Alves 2025 – XVIII Colóquio de Literatura Baiana (etapa presencial).

Dezembro

03 de dezembro – 09h - Sede da ALB
Cerimônia de premiação do Concurso ALB de Redação Criativa do Programa de Aproximação com as Escolas (ANO II).

04 de dezembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Verde rumor das estâncias", de Renato de Oliveira Prata.

05 de dezembro – 17h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Sersendo", de Maribel Barreto.

10 de dezembro – 18h - Sede da ALB
Livros na Mesa: Lançamento de "Ainda Tem Poema - Antologia Poética".

11 de dezembro – 14h - Sede da ALB
II Seminário Afrânio Peixoto: Arquivos de Escritores e Memória Literária (UEFS/ALB).

12 de dezembro – 17h - Sede da ALB
Sessão Ordinária nº 13/2025

Sessão Ordinária Especial com a presença de Rita Godet.

13 de dezembro – 09h - YouTube da ALB
IV Sarau Literário Virtual da RICA.

16 de dezembro – 16h - Sede da ALB
Visita Guiada e Cerimônia de Entrega da Obra de Restauro das Portas e Janelas do Palacete (PRPJ-PGC).

18 de dezembro – 17h - Sede da ALB
Confraternização de fim de ano.

Quadro social da ALB[1]

Cadeira 1
Patrono: Frei Vicente de Salvador
Fundador: José de Oliveira Campos
2º Titular: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto), fundador da Cadeira 25, por transferência consentida pela Academia.
3º Titular: José Wanderley de Araújo Pinho
4º Titular: Luís Henrique Dias Tavares
Titular atual:
Emiliano José da Silva Filho
(Emiliano José)
Posse em 19.03.2021
Saudação: Dom Emanuel d'Able do Amaral

Cadeira 2
Patrono: Gregório de Mattos e Guerra (Gregório de Mattos)
Fundador: Aloysio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola)
2º Titular: Luis Viana Filho
Titular atual:
Paulo Ormindo David de Azevedo
(Paulo Ormindo de Azevedo)
Posse em 20.06.1991
Saudação: Cláudio de Andrade Veiga

[1] O quadro dos titulares da Academia de Letras da Bahia foi originalmente elaborado pelo acadêmico Renato Berbert de Castro (1924-1999).

Cadeira 3
Patrono: Manuel Botelho de Oliveira
Fundador: Arthur Gonçalves de Salles (Arthur de Salles)
2º Titular: Eloywaldo Chagas de Oliveira
3º Titular: Anna Amélia Vieira Nascimento
4º Titular: Guilherme Radel
Titular atual:
Edvaldo Pereira de Brito
(Edvaldo Brito)
Posse em 29.11.2019
Saudação: Joaci Góes

Cadeira 4
Patrono: Sebastião da Rocha Pita
Fundador: Braz Hermenegildo do Amaral (Braz do Amaral)
2º Titular: João da Costa Pinto Dantas Júnior
3º Titular: Jayme de Sá Menezes
4º Titular: Geraldo Magalhães Machado (Geraldo Machado)
Titular atual:
Nelson Cerqueira
Posse em 11.05.2017
Saudação: Joaci Góes

Cadeira 5
Patrono: Luís Antônio de Oliveira Mendes
Fundador: Carlos Chiacchio
2º Titular: Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto (Barros Barreto)
3º Titular: Carlos Benjamin de Viveiros
4º Titular: José Silveira
5º Titular: Guido José da Costa Guerra (Guido Guerra)
Titular atual:
Carlos Jesus Ribeiro
(Carlos Ribeiro)
Posse em 31.05.2007
Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 6
Patrono: Alexandre Rodrigues Ferreira
Fundador: Manoel Augusto Pirajá da Silva (Pirajá da Silva)
2º Titular: Thales Olímpio Góes de Azevedo (Thales de Azevedo)
3º Titular: Lucas Moreira Neves (Dom Lucas Cardeal Moreira Neves)
Titular atual:
Cleise Furtado Mendes
(Cleise Mendes)
Posse em 15.04.2004.
Saudação: Guido Guerra

Cadeira 7
Patrono: José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru
Fundador: Ernesto Carneiro Ribeiro (Carneiro Ribeiro)
2º Titular: Francisco Borges de Barros
3º Titular: Aloísio de Carvalho Filho. Eleito para a Cadeira 26, permutou esta, obtendo acordo da Academia, pela Cadeira 7, com monsenhor Francisco de Paiva Marques, quando ambos ainda não empossados.
4º Titular: Nelson de Souza Sampaio (Nelson Sampaio)
5º Titular: Pedro Moacir Maia
Titular atual:
Joaci Fonseca de Góes
(Joaci Góes)
Posse em 24.09.2009
Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 8
Patrono: Cipriano José Barata de Almeida (Cipriano Barata)
Fundador: Luís Anselmo da Fonseca
2º Titular: Francisco Peixoto de Magalhães Netto (Magalhães Netto)
3º Titular: Adriano de Azevedo Pondé (Adriano Pondé)
4º Titular: Ary Guimarães
Titular atual:
Paulo Costa Lima
Posse em 17.12.2009
Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 9
Patrono: Antônio Ferreira França
Fundador: José Alfredo de Campos França
2º Titular: Edgard Ribeiro Sanches
3º Titular: Antônio Luís Machado Neto (Machado Neto)
4º Titular: Cláudio de Andrade Veiga (Cláudio Veiga)
5º Titular: João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (João Ubaldo Ribeiro)
Titular atual:
Antonio Torres da Cruz
(Antonio Torres)
Posse em 21.05.2015
Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 10
Patrono: José Lino dos Santos Coutinho
Fundador: Antônio Moniz Sodré de Aragão
2º Titular: Altamirando Alves da Silva Requião (Altamirando Requião)
3º Titular: Gaspar Sadoc da Natividade (Monsenhor Gaspar Sadoc)
Titular atual:
Fredie Souza Didier Júnior
(Fredie Didier)
Posse em 30.11.2017
Saudação: Paulo Furtado

Cadeira 11
Patrono: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha
Fundador: Antonio Ferrão Moniz de Aragão (Antonio Moniz)
2º Titular: Otávio Torres
3º Titular: Oldegar Franco Vieira
Titular atual:
Yeda Antonita Pessoa de Castro
(Yeda Pessoa de Castro)
Posse em 10.04.2008
Saudação: Consuelo Pondé de Sena

Cadeira 12
Patrono: Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes
Fundador: Miguel Calmon du Pin e Almeida
2º Titular: Alberto Francisco de Assis (Alberto de Assis)
3º Titular: Affonso Ruy de Sousa (Affonso Ruy)
4º Titular: Itazil Benício dos Santos
Titular atual:
Aramis de Almada Ribeiro Costa
(Aramis Ribeiro Costa)
Posse em 25.11.1999
Saudação: Hélio Pólvora

Cadeira 13
Patrono: Francisco Moniz Barreto
Fundador: Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)
2º Titular: Afonso de Castro Rebelo Filho
3º Titular: Walter Raulino da Silveira (Walter da Silveira)
4º Titular: Odorico Montenegro Tavares da Silva (Odorico Tavares)
5º Titular: Luís Fernando Seixas de Macedo Costa (Luís Fernando Macedo Costa)
6ª Titular: Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga)
Titular atual:
Edilene Dias Matos
(Edilene Matos)
Posse em 30.03.2017
Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 14
Patrono: Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço
Fundador: Bernardino José de Sousa (Bernardino de Sousa)
2º Titular: Alberto Alves Silva (Alberto Silva)
3º Titular: Edgard Rego Santos (Edgard Santos)
4º Titular: Raul Batista de Almeida
5º Titular: Carlos Vasconcelos Maia (Vasconcelos Maia)
6º Titular. Epaminondas Costalima
Titular atual**:**
Gláucia Maria de Lemos Leal
(Gláucia Lemos)
Posse em 21.10.2010
Saudação: Waldir Freitas Oliveira

Cadeira 15
Patrono: Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana
Fundador: Otaviano Moniz Barreto
2º Titular: Hélio Gomes Simões (Hélio Simões)
3° Titular: João Carlos Oliveira Teixeira Gomes Fonseca
Titular atual:
Lia de Carvalho Robatto
(Lia Robatto)
Posse em 17.03.2021
Saudação: Ordep Serra

Cadeira 16
Patrono: José Tomáz Nabuco de Araújo
Fundador: Eduardo Godinho Espínola
2º Titular: Orlando Gomes dos Santos (Orlando Gomes)
3º Titular: João Eurico Matta
Titular Atual:
Mirella Márcia Longo Vieira Lima
(Mirella Márcia)
Posse em 22.03.2023
Saudação: Edilene Matos

Cadeira 17
Patrono: Antônio Ferrão Moniz de Aragão
Fundador: Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Gonçalo Moniz)
2º Titular: Leopoldo Braga
3º Titular: Carlos Eduardo da Rocha
Titular atual:
Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho
(Ruy Espinheira Filho)
Posse em 15.09.2000
Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 18
Patrono: Zacarias de Góes e Vasconcelos
Fundador: José Joaquim Seabra (J.J. Seabra)
2º Titular: Augusto Alexandre Machado
3º Titular: Avelar Brandão Vilela (Dom Avelar Brandão Vilela)
Titular atual:
4º Titular: Waldir Freitas Oliveira
Titular atual:
Maria Bethânia Vianna Telles Velloso
(Maria Bethânia)
Posse em 03.05.2023
Saudação: Paulo Costa Lima

Cadeira 19
Patrono: João Maurício Vanderley, Barão de Cotegipe
Fundador: Severino dos Santos Vieira (Severino Vieira)
2º Titular: Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Fundador da Cadeira 41, criada em caráter provisório, transferiu-se para esta, após a morte de Severino Vieira, ocorrida a 27 de setembro de 1917, a fim de que fosse extinta a temporária.
3º Titular: Deraldo Dias de Morais
4º Titular: Guilherme Antônio Freire de Andrade Filho
5º Titular: Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (Godofredo Filho)
6º Titular: Cid José Teixeira Cavalcante
Titular atual:
Décio Torres Cruz
Posse em 14.04.2023.
Saudação: Evelina Hoisel

Cadeira 20
Patrono: Augusto Teixeira de Freitas (Teixeira de Freitas)
Fundador: Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro (Carlos Ribeiro)
2º Titular: Epaminondas Berbert de Castro
3º Titular: Lafayette Ferreira Spínola (Lafayette Spínola)
4º Titular: Ivan Americano da Costa
5º Titular: Joaquim Alves da Cruz Rios (Cruz Rios)
Titular atual:
Aleilton Santana da Fonseca
(Aleilton Fonseca)
Posse em 15.04.2005
Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 21
Patrono: Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra
Fundador: Filinto Justiniano Ferreira Barros
2º Titular: Estácio Luís Valente de Lima (Estácio de Lima)
3º Titular: Jorge Amado
4º titular: Zélia Gattai Amado (Zélia Gattai)
Titular atual:
Antonio Brasileiro Borges
(Antônio Brasileiro)
Posse em 10.06.2010
Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 22
Patrono: José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco
Fundador: Ruy Barbosa de Oliveira (Ruy Barbosa)
2º Titular: Ernesto Carneiro Ribeiro Filho
3º Titular: Aloísio Henrique de Barros Porto
4º Titular: Clóvis Álvares Lima (Clóvis Lima)
Titular atual:
Cyro Pereira de Mattos
(Cyro de Mattos)
Posse em 16.11.2016
Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Cadeira 23
Patrono: Antônio Januário de Faria
Fundador: João Américo Garcez Fróes
2º Titular: Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Jorge Calmon)
Titular atual:
Samuel Celestino Silva Filho
(Samuel Celestino)
Posse em 21.08.2008
Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 24
Patrono: Demétrio Ciríaco Tourinho (Demétrio Tourinho)
Fundador: Luís Pinto de Carvalho (Pinto de Carvalho)
2º Titular: Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro)
3º Titular: Renato Berbert de Castro
Titular atual:
Francisco Soares Senna
(Francisco Senna)
Posse em 27.04.2000
Saudação: Monsenhor Gaspar Sadoc

Cadeira 25
Patrono: Pedro Eunápio da Silva Deiró (Eunápio Deiró)
Fundador: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto). Com o consentimento da Academia, transferiu-se para a Cadeira 1 após a morte de seu fundador, José de Oliveira Campos.
2º Titular: Francisco Hermano Santana (Hermano Santana)
3º Titular: Raimundo de Sousa Brito (Raimundo Brito)
4º Titular: Luís Augusto Fraga Navarro de Brito (Navarro de Brito)
Titular atual:
Fernando da Rocha Peres
Posse em 16.06.1988
Saudação: Jorge Calmon

Cadeira 26
Patrono: Antônio de Macedo Costa (Dom Antônio de Macedo Costa)
Fundador: José Cupertino de Lacerda (Padre José Cupertino de Lacerda)
2º Titular: Alberto Moreira Rabelo (Alberto Rabelo), único membro da Academia que faleceu antes de tomar posse, sendo legitimado na Cadeira postumamente, por decisão da diretoria.
3º Titular: Monsenhor Francisco de Paiva Marques (Monsenhor Paiva Marques)
Eleito para a Cadeira 7, permutou esta pela Cadeira 26, com Aloísio de Carvalho Filho, quando ambos ainda não empossados.
4º Titular: César Augusto de Araújo (César de Araújo)
5º Titular: Roberto Figueira Santos
Titular atual:
Heloísa Prata e Prazeres
(Heloísa Prazeres)
Posse em 29.07.2021
Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 27
Patrono: Francisco Rodrigues da Silva
Fundador: Frederico de Castro Rebelo (Frederico Rabelo)
2º Titular: Antônio Gonçalves Vianna Júnior (Antônio Vianna)
3º Titular: Jayme Tourinho Junqueira Ayres (Jayme Junqueira Ayres)
4º Titular: Antônio Loureiro de Souza
5º: Titular: James Amado
Titular atual:
Ordep José Trindade Serra
(Ordep Serra)
Posse em 04.09.2014
Saudação: Luís Antonio Cajazeira Ramos

Cadeira 28
Patrono: Luís José Junqueira Freire (Junqueira Freire)
Fundador: Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo
2º Titular: Homero Pires de Oliveira e Silva
3º Titular: José Calasans Brandão da Silva (José Calasans)
4º Titular: Consuelo Pondé de Sena (Consuelo Pondé)
5º Titular: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Suzana Alice Cardoso)
Titular Atual:
Marcus Vinícius Rodrigues
Posse em: 04.04.2019
Saudação: Gláucia Lemos

Cadeira 29
Patrono: Agrário de Souza Menezes (Agrário Menezes)
Fundador: Antônio Alexandre Borges dos Reis (Borges dos Reis)
2º Titular: Manços Chastinet Contreiras (Manços Chastinet)
3º Titular: Colombo Moreira Spínola (Colombo Spínola)
4º Titular: Jorge Faria Góes
5º Titular: Hélio Pólvora de Almeida (Hélio Pólvora)
Titular Atual:
Gerana Costa Damulakis
(Gerana Damulakis)
Posse em 03.09.2015
Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 30
Patrono: Joaquim Monteiro Caminhoá
Fundador: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares). Permutou a cadeira com Roberto José Correia (Roberto Correia), titular da Cadeira 38.
2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia)
3º Titular: Alfredo Vieira Pimentel
4º Titular: Nestor Duarte Guimarães (Nestor Duarte)
5º Titular: Josaphat Ramos Marinho (Josaphat Marinho)
Titular atual:
Paulo Roberto Bastos Furtado
(Paulo Furtado)
Posse em 24.04.2003
Saudação: Gerson Pereira dos Santos

Cadeira 31
Patrono: Belarmino Barreto
Fundador: Ernesto Simões da Silva Freitas Filho (Simões Filho)
2º Titular: José Luís de Carvalho Filho (Carvalho Filho)
Titular atual:
Florisvaldo Moreira de Mattos
(Florisvaldo Mattos)
Posse em 23.11.1995
Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 32
Patrono: André Pinto Rebouças (André Rebouças)
Fundador: Teodoro Fernandes Sampaio (Theodoro Sampaio)
2º Titular: Isaías Alves de Almeida (Isaías Alves)
3º Titular: Zitelmann José Santos de Oliva (Zitelmann de Oliva)
4º Titular: Gerson Pereira dos Santos
Titular atual:
João Carlos Salles Pires da Silva
(João Carlos Salles)
Posse em 06.11.2014
Saudação: Paulo Costa Lima

Cadeira 33
Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves (Castro Alves)
Fundador: Francisco Xavier Ferreira Marques (Xavier Marques)
2º Titular: Heitor Praguer Fróes. Tomou posse em 15 de novembro de 1931, na Cadeira 34, transferindo-se para esta, após a morte de Xavier Marques.
3º Titular: Waldemar Magalhães Mattos (Waldemar Mattos)
4º Titular: Ubiratan Castro de Araújo (Ubiratan Castro)
5ª Titular: Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxóssi)
Titular atual:
Muniz Sodré de Araújo Cabral
(Muniz Sodré)
Posse em 31.10.2019
Saudação: João Carlos Salles

Cadeira 34
Patrono: Domingos Guedes Cabral
Fundador: José Virgílio da Silva Lemos (Virgílio de Lemos)
2º Titular: Heitor Pragues Fróes. Transferiu-se para a Cadeira 33, depois do desaparecimento de Xavier Marques
3º Titular: Adalício Coelho Nogueira (Adalício Nogueira)
4º Titular: Walfrido Moraes de Lima (Walfrido Moraes)
Titular atual:
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
(Evelina Hoisel)
Posse em 27.10.2005
Saudação: Myriam Fraga

Cadeira 35
Patrono: Manoel Vitorino Pereira (Manoel Vitorino)
Fundador: Antônio Pacífico Pereira
2º Titular: Afonso Costa
3º Titular: Rui Santos
4º Titular. Rubem Rodrigues Nogueira (Rubem Nogueira)
5º Titular: João da Costa Falcão (João Falcão)
Titular atual:
Luís Antonio Cajazeira Ramos
Posse em 02.08.2012
Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 36
Patrono: Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (Fernandes da Cunha)
Fundador: Afonso de Castro Rebelo
2º Titular: Monsenhor Manuel de Aquino Barbosa (Padre Manuel Barbosa)
3º Titular: Hildegardes Cantolino Vianna (Hildegardes Vianna)
Titular atual:
José Carlos Capinan
Posse em 17.08.2006
Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 37
Patrono: João Batista de Castro Rebelo Júnior
Fundador: Almachio Diniz Gonçalves (Almachio Diniz)
2º Titular: Edith Mendes da Gama e Abreu
3º Titular. Antonio Carlos Peixoto de Magalhães (Antônio Carlos Magalhães)
Titular atual:
Emanuel d'Able do Amaral
(Dom Emanuel d'Able do Amaral)
Posse em 28.05.2009
Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 38
Patrono: Alfredo Tomé de Brito (Alfredo Brito)
Fundador: Oscar Freire de Carvalho
2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia). Permutou sua cadeira com Prado Valadares, fundador da Cadeira 30.
3º Titular: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares)
4º Titular: Cristiano Alberto Müller (Cristiano Müller)
5º Titular: Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque (Wilson Lins)
Titular atual:
Armando Avena Filho
(Armando Avena)
Posse em 28.04.2005
Saudação: Guido Guerra

Cadeira 39
Patrono: Francisco de Castro
Fundador: Clementino Rocha Fraga Júnior (Clementino Fraga)
2º Titular: Edivaldo Machado Boaventura (Edivaldo M. Boaventura)
Titular atual:
Juarez Marialva Tito Martins Paraíso
(Juarez Paraíso)
Posse em 30.05.2019
Saudação: Paulo Ormindo de Azevedo

Cadeira 40
Patrono: Francisco Cavalcanti Mangabeira (Francisco Mangabeira)
Fundador: Octavio Cavalcanti Mangabeira (Octavio Mangabeira)
2º Titular: Manoel Pinto de Aguiar
3º Titular: Consuelo Novais Sampaio
Titular atual:
Urania Maria Tourinho Peres
(Urania Tourinho Peres)
Posse em 25.09.2014
Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Obs.:
Cadeira 41
Criada em caráter provisório para que Arlindo Fragoso, idealizador e organizador da Academia, não lhe ficasse de fora, devendo ser extinta com o falecimento de qualquer um dos 41 fundadores. Patrono: Manuel Alves Branco, *Visconde de Caravelas* (2º). Fundador Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Com a morte de Severino Vieira, em 27 de setembro de 1917, para a sua Cadeira, de número 19, foi transferido Arlindo Fragoso, e supressa a cadeira provisória.

Endereços dos Acadêmicos

Aleilton Fonseca
Rua Rubem Berta, 267, Edf. Iana, apto. 402, Pituba
Salvador - BA – 41.810-045
(71) 98876-1519
aleilton50@gmail.com

Antonio Brasileiro
Rua Alto do Paraná, 300, Sim
Feira de Santana - BA – 44.042-000
(75) 3625-8512
abrasileiro@live.com

Antonio Torres
Estrada da União Industrial, 12600
Condomínio Mirantes do Sol Nascente,
Casa 37, Itaipava
Petrópolis - RJ – 25.750-226
(21) 2222-4129
antonio@antoniotorres.com.br

Aramis Ribeiro Costa
Rua Piauí, 439, aptº 1103, Pituba
Salvador-BA – 41.830-280
(71) 3240 4969
(71) 99984 1165
aramisrcosta@gmail.com

Armando Avena
☎ (71) 3272-2960
(71) 9994-3000
✉ armandoavena@uol.com.br

Carlos Ribeiro
Rua do Timbó, 680
Edf. Villa Etruska, apto. 503, Caminho das Árvores
Salvador-BA – 41.820-660
(71) 99153-4908
✉ carlos.jribeiro58@terra.com.br

Cleise Mendes
Rua Marechal Floriano, 122,
Edifício Graciumilda, apto. 901, Canela
Salvador - BA – 40.110-010
(71) 99198-6165
✉ cleise.mendes@gmail.com

Cyro de Mattos
Travessa Rosenaide Guimarães, 40, apto. 101, Zildolândia
Itabuna - BA – 45.600-714
☎ (73) 3612-4197
(73) 98872-8830
✉ cyropm@bol.com.br

Décio Torres Cruz
Rua Afonso Celso, 185 apto. 701, Barra
Salvador - BA – 40.140-080
☎ (71) 3264 0865 /
(71)99188-4102
✉ deciotc@ufba.br

Dom Emanuel d'Able do Amaral
Largo São Bento, 01, Centro
Salvador - BA – 40.020-430
(71) 2106-5200
arquiabadeemanuel@gmail.com

Edilene Matos
Rua Rio de São Pedro, 26,
Edf. Varandas da Graça, apto. 701, Graça
Salvador - BA – 40.150 350
(71) 3334 6526
edilenediasmatos@gmail.com

Edvaldo Pereira de Brito
Rua Melvin Jones, 272, Jardim Armação
Salvador - BA – 41.750-010
(71) 3281-4900/3371-3225
cepeb.eb@gmail.com / escbrito@terra.com.br

Emiliano José
Rua Juruna, 312,
Condomínio Aldeia de Jaguaribe, Patamares
Salvador - BA – 40.613-116
(71) 9979-8635
emiljose@uol.com.br

Evelina Hoisel
Rua Mons. Gaspar Sadoc, 48, Jardim de Alá
Salvador - BA – 41.760-200
(71) 99968-7625
evelinahoisel@hotmail.com

Fernando da Rocha Peres
Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apto. 202,
Salvador - BA – 40.130-000
(71) 3336-3670
(71) 99956-7880

Florisvaldo Mattos
Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 91
Ed. Residencial Mar de Aruba, apto. 901, Jardim Armação
Salvador - BA – 41.750-090
(71) 99986-2848
florismattos@gmail.com

Francisco Senna
Rua Eng. Milton Oliveira, 73
Edf. Palazzo Anacapri, apto. 202, Barra,
Salvador - BA – 40.140-100,

Fredie Souza Didier Júnior
Largo da Vitória, 162/202, Vitória
Salvador - Bahia – 40.081-305
(71) 3114-5550
frediedidier@gmail.com

Gerana Damulakis
(71) 98894-2356
geranadamulakis@yahoo.com.br

Gláucia Lemos
Rua Ceará, 853, apto. 203 - Pituba
Salvador - BA – 41.830-450
(71) 3012-8468
(71) 98199-1803
glaucialemos9@hotmail.com

Heloísa Prazeres
Rua Pará, 446, apto. 1301
Condomínio Maison Lyon
Salvador - BA – 41.830-070
(71) 99989-9340
heloisa.prazeres@gmail.com

João Carlos Salles
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA)
Rua Professor Aristides Novis, 197, Federação
Salvador - BA - CEP 40.210-730
jcsalles@gmail.com

José Carlos Capinan
Rua Tamoios, 96, Rio Vermelho
Salvador - BA – 41.940-040
(71) 3345-2080
(71)99955-1410
jose.capinan2@gmail.com

Juarez M. T. M. Paraiso
Rua Praia de São Conrado, Quadra C1, Lote 7
Vilas do Atlântico
Lauro de Freitas - BA – 42.708-180
(71) 99988-6970
juarezparaiso@terra.com.br

Joaci Góes
Rua Alceu Amoroso Lima, 172,
Edf. Office & Pool, 8º andar, Caminho das Arvores
Salvador - BA – 41.820-770
(71) 3444-2308
(71) 98814-3631
joacigoes@uol.com.br

Lia Robatto
Rua Galdino de Magalhães Ribeiro, 94,
apto. 1602, Federação
Salvador - BA – 40.230-108
(71) 98817-2326
liarobatto@gmail.com

Luís Antonio Cajazeira Ramos
Rua Dr. Mário de Souza Dantas, 2
Caixa d'Água - Salvador - BA – 40.321-085
(71) 3345 6969 / 2109-4607
(71) 98135-2115
poetacajazeira@uol.com.br

Marcus Vinícius Rodrigues
@marcus.vinicius.rodrigues
(71) 99987-7136
marvin.mvr@gmail.com

Mirella Márcia Longo Vieira Lima
mimlvl@yahoo.com.br

Muniz Sodré
Rua Cosme Velho, 415, apto. 1104
Rio de Janeiro - RJ – 22.241-090
sodremuniz@hotmail.com

Nelson Cerqueira
Rua Alagoinhas, 47, Rio Vermelho
Salvador-BA – 41.940-620
☎ (71) 2107-8368
✉ nelsoncerqueira1@gmail.com

Ordep Serra
Rua Barão de Itapoan, 142, Edf. Barravento
apto. 202, Barra
Salvador - BA – 40.140-060,
☎ (71) 3331-1531
(71) 98869-1531
✉ ordepserra@gmail.com

Paulo Costa Lima
✉ paulocostalima@terra.com.br

Paulo Furtado
Av. Orlando Gomes, Condomínio Parque Costa Verde
Quadra H, Lote 3
Salvador - BA – 41.650-120
(71) 99158-3414
✉ prbfurtado@yahoo.com.br

Paulo Ormindo de Azevedo
Rua João da Silva Campos, 1132, Itaigara
Salvador - BA – 41.815-200
☎ (71) 3358-7571
(71) 98816-5262
✉ pauloormindo@gmail.com

Ruy Espinheira Filho
Condomínio Busca Vida – Rodovia BA, 099
Estrada do Coco, Km 08
Via Lobo Guará, 26, Lote 11
Camaçari - BA – 42.841-000
☎ (71) 3287 2225/99973-8711
✉ refpoeta@terra.com.br

Samuel Celestino
Rua do Ébano, nº159 - Edf. Henri Matisse
apto. 1301, Caminho das Árvores
Salvador - BA – 41.820-370
☎ (71) 3341-4485 / 3359-7741
✉ samuelcelestino@uol.com.br

Urania Tourinho Peres
Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apto. 202,
Salvador - BA – 40.130-000
☎ (71) 3336-3670
(71) 99956-7880
✉ utperes@terra.com.br

Yeda Pessoa de Castro
Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 61
Edf. Terreazo Del Mare, apto. 1140, Jd. Armação
Salvador - BA – 41.750-040
☎ (71)3461-9033
(71) 98138-4865
✉ yedapessoa@uol.com.br

Membros correspondentes

Alain Saint-Saëns
Direitor do Colêgio Francês Jules Verne,
Country Club Paraná,
Hernandarias, Paraguai
+225-07-100-77-203
+595-983-756-268
alainfrenchguy@gmail.com

Antonella Rita Roscilli
Roma/Itália
r_antonella@yahoo.it

Antonio Carlos Secchin
Av. Atlântica, 2112, apto. 801, Copacabana
Rio de Janeiro - RJ – 22.021-001
acsecchin@uol.com.br

Carlos Ayres Britto
Ayres Britto Advocacia e Consultoria – SHS,
Quadra 06, Conjunto A, Complexo Brasil 21
Bloco A, Sala 107
Brasília - DF – 70.316-102
(61) 3039-8088
contato@ayresbritto.com.br

Celso Amorim
Av Atlântica 1782, apto. 403
Rio de Janeiro-RJ – 22.021-001
celsoamorim42@gmail.com

Dominique Stoenesco
26 bis, allée Guy Mocquet 94170
Le Perreux-sur-Marne
França / France
(33) 06 84 44 02 71
dominique.stoenesco@orange.fr

Glória Kaiser
Dr. Robert Siegerst, 15
A 8010 – Graz
Áustria – Europa
gloria.kaiser@aon.at

Isa Maria Carneiro Gonçalves
Rua Milton Melo, 413, Santa Mônica
Feira de Santana-BA – 44.050-560
(75) 3625-2416
isa@gd.com.br

Jerónimo Pizzaro
Departamento de Humanidades y Literatura
Calle 18 A No. 0-03 Este Bloque Ñc Bogotá, Colombia
(571) 339-4949 – Ext. 4784
j.pizarro188@uniandes.edu.co

Jorge Raul da Silva Preto
Rua dos Sobreiros, 233 3º, D.t
Edifício Vistamar, Costa da Guia
2750611 Cascais – Portugal
☎ (00351) 214821717
✉ jorgerspreto@gmail.com

Maria Beltrão
Rua Prudente de Moraes, 1179, COB. 01, Ipanema
Rio de janeiro - RJ – 22.20-043
☎ (21) 2247-4180
✉ mcmcbeltrão@gmail.com

María Felisa Pugliese
Buenos Aires. ARGENTINA.
☎ +54 9 15 6022 1640
✉ maripugliese@hotmail.com

Paulo Fernando de Moraes Farias
136 Greenfield Road, Harborne, Birmingham B17 0EG
England, United Kingdom.
☎ 44 121 680 1399
✉ paulofarias@blueyonder.co.uk

Paulo Roberto Dias Pereira
✉ paulorobertopereira08@gmail.com

Rita Olivieri-Godet
24, Avenue Sergent Maginot
35000 Rennes FRANCE
☎ 02 99 67 35 02
✉ rita.godet20@gmail.com

Rogério Faria Tavares
Rua Santa Catarina, 1340, apto. 901, Lourdes
Belo Horizonte - MG – 30.170-081
(31) 98850-5924
rfariatavares@gmail.com

Membros eleitos ainda não empossados:
Darlene Sadlier
Miguel Monteiro







Presidente da ALB
Aleilton Santana da Fonseca

Vice-Presidente
Edvaldo Pereira de Brito

Diretor da Revista
Fernando da Rocha Peres

Conselho Editorial
Cleise Furtado Mendes
Mirella Márcia Longo Vieira Lima
Ruy Espinheira Filho

A revista da Academia de Letras da Bahia nº 64 foi publicada em abril de 2026, ano do centenário do acadêmico Luís Henrique Dias Tavares, que foi titular da Cadeira nº 1, do centenário do acadêmico Milton Almeida dos Santos, que foi membro correspondente, e o centenário do acadêmico Roberto Figueira Santos, que foi titular da Cadeira nº 26.

SEÇÕES:

ARTIGOS E ENSAIOS

POESIA

FICÇÃO

DISCURSOS

DIVERSOS

ISSN 1518-1766



ISSN 1518-1766

A Academia de Letras da Bahia é mantida com apoio
do Fundo de Cultura do Estado da Bahia

Patrocínio:

Lei Rouanet

CAIXA Vida e Previdência CAIXA Capitalização

CAIXA Consórcio CAIXA Assistência

Realização:

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO